



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
COORDENAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU – CPGSS
INSTITUTO GOIANO DE PRÉ-HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL**

CLÊIDNA APARECIDA DE LIMA

**OBJETOS BIOGRÁFICOS E NARRADORES DE HIDROLÂNDIA-GO:
RESSONÂNCIAS PATRIMONIAIS**

GOIÂNIA

2009

CLÉIDNA APARECIDA DE LIMA

**OBJETOS BIOGRÁFICOS E NARRADORES DE HIDROLÂNDIA-GO:
RESSONÂNCIAS PATRIMONIAIS**

GOIÂNIA

2009

CLÉIDNA APARECIDA DE LIMA

**OBJETOS BIOGRÁFICOS E NARRADORES DE HIDROLÂNDIA-GO:
RESSONÂNCIAS PATRIMONIAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão do Patrimônio Cultural, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre. Área de Concentração – Antropologia; Linha de Pesquisa: Saberes Tradicionais na Perspectiva Antropológica; da Universidade Católica de Goiás.

Orientador: Prof. Dr. Manuel Ferreira Lima Filho

GOIÂNIA

2009

CLÉIDNA APARECIDA DE LIMA

**OBJETOS BIOGRÁFICOS E NARRADORES DE HIDROLÂNDIA-GO:
RESSONÂNCIAS PATRIMONIAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão do Patrimônio Cultural, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre. Área de Concentração – Antropologia; Linha de Pesquisa: Saberes Tradicionais na Perspectiva Antropológica; da Universidade Católica de Goiás.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Manuel Ferreira Lima Filho (orientador)
Universidade Federal de Goiás

Prof(a) Dr^a. Cornelia Eckert
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof^a. Dr^a. Nei Clara de Lima.
Universidade Federal de Goiás.

Prof^a. Dr^a. Marlene Castro Ossami de Moura
Universidade Católica de Goiás

Goiânia, ____ de _____ de 2009

Escrita dedicada às mulheres e homens que me contaram suas memórias, histórias de vida, ensinando-me a ouvir a vida. Mostrando-me as várias faces do *ouvir* como um dos mais importantes saberes, necessários não só à prática educativa, mas, principalmente, ao diálogo com o mundo da vida.

AGRADECIMENTOS

REFAZENDO PERCURSOS: CONTEMPLANDO TEIAS DE CONTRIBUIÇÕES

Agradecer é refazer percursos, compartilhados com outros, e tecer novos fios e teias à luz de nossas memórias do vivido. Então, aprecio os fios, jogo a lançadeira e logo percebo que esse é um trabalho de muitas mãos.

Agradeço aos colegas de trabalho do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás, (CEPAE-UFG). Foi aí que a temática pesquisada me enlaçou, presente nas vozes das crianças e de suas histórias de família. Agradeço a todos pelas conversas férteis, principalmente fora das reuniões, os empréstimos de livros e, acima de tudo, os olhares e palavras de encorajamento nesse momento especial e delicado de nossa vida acadêmica. Apesar de Clarice Lispector já ter dito em sua escrita *“repito por pura alegria de viver: a salvação é pelo risco, sem o qual a vida não vale à pena”*, não me arrisco a citar nomes desses amigos sempre presentes na vida do trabalho. Cada um sabe o que representa pra mim, mas sempre procuro lembrar-lhes isso na vivência cotidiana com ações, palavras e silêncios.

Lembro aqui e agradeço a todos os professores do Mestrado em Gestão do Patrimônio Cultural. Não há como esquecer as orientações recebidas, em forma de aulas e conversas de orientação antes e durante a elaboração do projeto dessa pesquisa. Meus agradecimentos ao Dr. Roque de Barros Laraia, Dr. Luiz Eduardo Jorge, Dr. Manuel Ferreira Lima Filho, Dr^a. Marlene Castro Ossami de Moura, Dr. Paulo Jobim de Campos Mello, Dra. Sibeli Aparecida Viana, Dr. Benedito Rodrigues dos Santos e Dr. Emílio Fogaça.

Ao professor orientador, Manuel, começo agradecendo pelo empréstimo de livros, saberes e amizade nesse percurso. Só será possível devolver os livros. Os saberes compartilhados e a amizade ficam comigo. Difícil fazer “dizível” tudo que aprendi em nossos

encontros de orientação. Preciso dizer agradecidamente que sua competência profissional, sua sensibilidade e respeito para com todas as pessoas, os esforços para escolher as bancas de qualificação e defesa ligados ao tema dessa investigação e a confiança em mim depositada marcaram minha vida em forma das melhores lembranças que terei. Obrigada, Manuel!

Olho agradecidamente para todos os colegas que compõem a equipe do Programa Saudavelmente PROCOM/UFG. Sem o trabalho dedicado de vocês teria sido quase impossível chegar até esse exato momento. Meus sentimentos de agradecimento.

Obrigada à professora Nei Clara, primeira leitora dessa investigação quando ainda carecia de muitas releituras. Seu olhar antropológico, sua sensibilidade e suas considerações teóricas, durante a banca de qualificação, deram-me novos rumos e fortaleceram minha confiança de que servia possível ir muito além!

Obrigada ao Wesley Luis Carvalhaes por sua revisão cautelosa e pela disposição em aceitar, comigo, o desafio de intermediar o processo de comunicação escrita. Com suas releituras fortalecem-se as intenções de tornar esses escritos o mais próximo possível dos leitores que provavelmente os buscarão

Direciono meus agradecimentos, antecipados para um momento que ainda virá. O encontro com as professoras que, juntamente com o Prof. Dr. Manuel e Prof. Dr^a Nei, compõem a banca de defesa, Prof^a. Dr^a Cornelia e Prof^a. Dr^a Marlene. Obrigada por lerem meu trabalho e virem ao meu encontro possibilitando esse diálogo intelectual.

Ao continuar recorrendo às lembranças que permearam e possibilitaram esse processo investigativo, uma imagem é forte e com certeza permanecerá. As imagens de todas as pessoas que conheci no Centro de Convivência dos Idosos (CCI) em Hidrolândia-GO. Obrigada do fundo da alma pela acolhida carinhosa. Sempre me lembrarei das portas de suas casas abertas, do pão de queijo com café e, acima de tudo, da coragem e confiança de compartilharem suas memórias comigo. Desejo, agradecidamente, que nossa amizade se faça

presente por muito tempo.

Obrigada seria palavra insuficiente para agradecer ao meu Marco Antonio, esposo e companheiro de muitos percursos. Durante essa pesquisa, encontrou mais uma vez formas de dizer e exaltar o amor que nos une. Fez-se ouvinte crítico, motorista e fotógrafo em todas as etapas desde que o trabalho era um esboço. Obrigada sempre, amor!

À minha filha Esther por seu jeito de companheira-moleca e habilidade com recursos midiáticos. Ao meu filho Estevan que mesmo com poucos anos vividos, ou talvez só por isso, me aconselhou a relaxar nos momentos de escrita: contar-lhe histórias, dar-lhe abraços apertados, para só depois seguir em frente. Obrigada também ao Marquinhos, meu enteado-amigo, por seu interesse em meu trabalho e a disposição em ajudar, especialmente em assuntos ligados ao mundo virtual.

Agradeço aos meus irmãos: Cleiva, Clésio, Cleovan e Cláudio tão presentes em minha memória de infância e de outros tempos, companheiros de agora. Sempre família, sempre me incentivando a buscar novas luzes para iluminar caminhos. Aos vizinhos tão próximos e tão familiares, muitas vezes extensão do nosso grupo familiar, amigos de todas as horas.

Aos meus pais por me darem a possibilidade de existir. Especialmente à minha mãe, Inocência, contadora de histórias da vida imaginada e vivida na roça. Histórias de muitas vozes de Minas Gerais, de Goiás e, por isso, do mundo. Obrigada, mãe, memória de minha família, maior incentivadora de meus projetos de vida e de estudos.

Apreciando o tecido formado por essa teia de contribuições imensuráveis vejo que a presença do Sagrado, dentro e fora de mim, é acontecimento cotidiano nas diversas formas de viver e crer na vida.

Há alguns anos atrás estive em Chichicastenango, na Guatemala, uma aldeia nas montanhas, em meio a uma paisagem belíssima. Num sábado, quando caminhava entre as barracas de um impressionante mercado ao ar livre, percebi que um botão estratégico em minha blusa estava a ponto de cair. Bem perto havia um armarinho, e resolvi entrar, para comprar agulha e linha.

Tive de esperar para ser atendida, porque uma índia de meia idade acabara de entrar. Estava vestida com uma daquelas roupas bordadas, deslumbrantes, típicas do vestuário local. Para nós um belo traje, único e feito a mão – sem dúvida, uma obra de arte popular. Para eles, também, um banco de dados: o modelo do corte, o tema do bordado (flores, geometria, insetos, estrelas ou folhagens), a estilização do motivo, a gama de cores empregadas, o tipo de ponto usado, as dimensões do espaço preenchido frente ao vazio, enfim, cada um dos elementos tem um significado. Conta uma história – para quem sabe ler têxteis e bordados.

Na loja, a índia escolhia as lãs, pedia cores. A vendedora abria caixas e ia colocando novelos e meadas sobre o balcão. Vinte e tantos tons de azul, outros de rosa, inúmeras tonalidades de verde... A freguesa fez, primeiro, uma seleção rápida, eliminando vários. Mostrava que sabia exatamente o que queria. Em pouco tempo, reduzira suas opções a pouco mais de duas dúzias de cores diferentes, variadas e bastante descombinadas para um olhar ignorante como o meu – laranja, roxo, azulão, rosa-choque...

Começou, então, uma segunda etapa. Sem qualquer pressa, a mulher foi agrupando as lãs, trocando vizinhanças de cores, fazendo com que os diversos matizes influíssem uns sobre os outros, se corrigissem ou se sublimassem. E partiu para uma segunda seleção de tons. Como pintora, eu presenciava aquilo com crescente fascínio. O resultado era cada vez mais harmonioso. Sem dúvida, a tecelã tinha um projeto claramente desenhado em seu espírito. Sabia o que queria.

Quando pensei que ela havia terminado, veio uma terceira etapa: as quantidades. Poucas meadas de um tom, fartos novelos de outro, apenas uma pitadinha de outro fio... E ia arrumando todos sobre o balcão, às vezes atravessados e superpostos, num trabalho cuidadoso de composição. E percebi, então, que ela não estava apenas pintando, mas formando frases visuais, agrupando elementos díspares para fazer um todo que já contava uma história. Pelos palpites da vendedora, constatei que esta também lia perfeitamente aquele repertório em que eu era iletrada. Além de belo e pessoal, o têxtil era também um texto, com sua rica textura, seu avesso e direito, seus temas recorrentes, seus sentidos múltiplos, sua própria ordenação do caos inicial.

Nunca esqueci aquela cena. Entrei para comprar agulha e linha, e acabei assistindo a um espetáculo, presenciei a gênese de uma obra.

(...) Ana Maria Machado, 2001

RESUMO

LIMA, Clêidna Aparecida de. *Objetos Biográficos e Narradores de Hidrolândia-GO: Ressonâncias Patrimoniais*. 2009. Dissertação 239 p. (Mestrado em Gestão do Patrimônio Cultural). Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2009.

Esta pesquisa teve por objetivo investigar como a memória social e os objetos biográficos se fazem presentes na constituição das referências culturais e identitárias do sujeito narrador. Teve sua justificativa baseada na necessidade de intensificar as reflexões sobre a leitura e releitura de objetos biográficos, relíquias de família, e as histórias que estes objetos trazem em forma de lembrança. Teve como principal campo o Centro de Convivência dos Idosos (CCI), no contexto do Grupo de Fiandeiras e Tecedeiras de Hidrolândia-GO, comunidade representativa das referências culturais da região estudada. O campo etnográfico é composto por entrevistas abertas e orientadas tendo como foco os objetos biográficos e as narrativas orais. Recorro à perspectiva Antropológica e lanço mão de referenciais teóricos do método etnográfico para compreender um tipo de função social com aspectos culturais e identitários inerentes aos objetos biográficos narrados no contexto de histórias de vida. Busco compreender essas narrativas e interpretá-las no processo de construção de referências culturais e identitárias, partindo de referenciais teóricos propostos por: Halbwachs (1990) em seu conceito de memória coletiva; Bosi (1994) e os quadros sociais da memória dos velhos; Bachelard (1988) em sua noção espaço-temporal no que se refere à ideia de duração; Geertz (1989, 1997) e a interpretação na antropologia simbólica. Apresento quatro narrativas de vida e os respectivos objetos biográficos. Analiso e interpreto as memórias narradas em torno das categorias sociais: *infância; família; trabalho/ saberes e ofícios; fazenda/terra e herança*. Exploro ainda a presença destes objetos e memórias em obras etnográficas e literárias que favoreçam esta releitura e o diálogo com as “referências culturais” de cada pessoa – como produtora de bens culturais – e sua conexão com as identidades coletivas. Reconheço as narrativas orais de histórias de vida como patrimônio imaterial, instrumento de intercâmbio intersubjetivo entre - mundos.

Palavras-chave: Objetos Biográficos; Narrativas Orais; Ressonâncias Patrimoniais.

ABSTRACT

LIMA, Cléidna Aparecida de. Objects Biographics and narrators of Hidrolândia-GO: Ressonâncias Sheets. 2009. Dissertation 239 p. (Master in Management of Cultural Heritage). Catholic University of Goiás. Goiânia, 2009.

This research aimed to investigate how social memory and biographical objects are present in the formation of cultural references and identity of the person narrator. Its justification was based on the need to intensify the reflections on the reading and rereading of biographical objects, relics of the family, and stories that bring these objects as a remembrance. Had the main field of the Elderly Living Center (JRC), in the context of the Group of spinner and weavers of Hidrolândia-GO, community representative of the cultural references of the region studied. The ethnographic field is composed of open interviews with the focus and target biographical objects and oral narratives. Use of anthropological perspective and makes use of theoretical references of the ethnographic method to understand a type of social function with the culture and identity attached to objects in the context of biographical narrated life stories. Trying to understand these stories and interpret them in the construction of cultural references and identity from theoretical benchmarks proposed for: Halbwachs (1990) in his concept of collective memory; Bosi (1994) and the social frameworks of memory of old; Bachelard (1988) in their space-time concept as regards the idea of duration, Geertz (1989, 1997) and interpretation in symbolic anthropology. I present four narratives of life and their biographical objects. Analyze and interpret the memories narrated around the social categories: children, family, work / knowledge and crafts; Farm / land and inheritance / honor. Explore also the presence of these objects and memories in ethnographic and literary works that promote the reading and dialogue with the "cultural references" for each person - as producer of cultural - and their connection with the collective identities. I recognize the oral narratives of life stories as intangible assets, an exchange between intersubjective - worlds.

Keywords: Objects Biography; Oral Narratives; Resonances Property, Collective Memory

APÊNDICES

APÊNDICE A – Documento de anuência dos responsáveis pela Instituição onde se desenvolverá a observação e/ou coleta de dados da pesquisa

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e esclarecido

APÊNDICE C – Ficha Etnográfica

APÊNDICE D – Roteiro Geral – Entrevista

APÊNDICE E – Rol de Colaboradores -Entrevistas Realizadas

APÊNDICE F – Fichas Para Coleta de Informações – sobre objetos e fotografias

APÊNDICE G – Cronograma de Gravação das Entrevistas

ANEXOS

ANEXO A – Mapa da Capitania de Goyaz (1809) Divisão de Julgados

ANEXO B – Localidades Surgidas Durante a Ocupação Agrícola (1890-1930)

ANEXO C – Mapa do Estado de Goiás Década de 1920.

ANEXO D – Região Metropolitana de Goiânia Expansão Urbana (2000)

ANEXO E – Crônica – As Terras – José Saramago

ANEXO F – Conto – Mergulhada na Urbe – Marieta Telles Machado

ANEXO G – Textos Jornalísticos sobre Hidrolândia -GO

ANEXO H – Decreto n. 3.551, de 4 de agosto de 2000.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – Vista aérea da cidade de Hidrolândia-GO.....	17
Imagem 2 – Vista aérea da cidade de Hidrolândia-GO.....	18
Imagem 3 – Caminhada pela Rua Alan Kardec em Hidrolândia-GO.....	37
Imagem 4 – Mãos e gestos de fiandeiras e tecedeiras.....	61
Imagem 5 – Trajetórias em algodão.....	69
Imagem 6 - Objetos biográficos: Senhor Militino.....	83
Imagem 7 - Mãos trabalhando: Senhor Militino.....	102
Imagem 8 - Objeto biográfico: Dona Rita	103
Imagem 9 - Objetos biográficos: Dona Maria de Lurdes.....	132
Imagem 10 - Objetos biográficos: Dona Zilmar.....	143
Imagem 11 – Mosaico de objetos biográficos: histórias vividas.....	162
Imagem 12 - XIX Mutirão das Fiandeiras-2008.....	184

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CEPAE-	Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação
CCI	Centro de Convivência dos Idosos
CANG	Colônia Agrícola Nacional de Goiás
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
ICFG	Instituto Cultural Flávio Gutierrez.
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
IPHAN	Instituto do Patrimônio Artístico Nacional
MA	Museu Antropológico
MAO	Museu de Artes e Ofícios
MINC	Ministério da Cultura.
PNLD/2004	Programa Nacional do Livro Didático/2004
PNPI	Programa Nacional do Patrimônio Imaterial,
PROGRAD	Pró-reitoria de Graduação
PRONAF	Programa de Apoio à Agricultura Familiar
SEE – GO	Secretaria Estadual de Educação - Goiás
SPHAN	Secretaria do Patrimônio Artístico Nacional
SID -	Secretaria da Identidade e da Diversidade Culturais e o
TDC	Técnicas do Corpo
UCG	Universidade Católica de Goiás
UFG	Universidade Federal de Goiás.
UNESCO	Organização para a Educação, Ciência e Cultura das Nações Unidas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO – DESFIANDO MOTIVAÇÕES: ENOVELANDO LINHAS RUMO ÀS TRAJETÓRIAS DE PESQUISA.....	19
CAPÍTULO 1 – OBJETOS BIOGRÁFICOS E NARRATIVAS DE VIDA.....	38
1.1.Ressonâncias Patrimoniais: Repercussões culturais e identitárias.....	61
CAPÍTULO 2 – NARRATIVAS ORAIS: DOS FIOS AOS PONTOS.....	70
2.1 Fios da primeira história.....	84
2.1.1 “Eu só quero, da mamãe... essa panela!”.....	90
2.2 Fios da segunda história.....	104
2.2.1 “Bom, da máquina, começar da máquina, né?”.....	118
2.3 Fios da terceira história.....	133
2.3.1 “Minha mãe matou muito a nossa fome com a roda (...)”.....	140
2.4 Fios da quarta história.....	144
2.4.1 “Uma lembrança que minha avó me deu, era menina ainda”.....	152
2.5. Tramas: do terceiro e do segundo fios.....	155
CAPÍTULO 3 – ENTRE O ALGODÃO E O TEAR: HISTÓRIAS TECIDAS PARA SEREM OUVIDAS.....	163
CAPÍTULO 4 – DOS FIOS AOS PONTOS (VÍDEO DVD ROOM)	183
CAPÍTULO 5 – TECENDO CONSIDERAÇÕES.....	185
REFERÊNCIAS.....	195
APÊNDICES.....	204
ANEXOS.....	215

Imagem 1 - Vista aérea da cidade de Hidrolândia-GO



Fonte - Google Eearth 2009

Altitude 1640 m

Montagem - Marco Antonio

Imagem 2 - Vista aérea da cidade de Hidrolândia-GO



Fonte - Google Earth 2009

Altitude 817 m

Montagem - Marco Antonio

INTRODUÇÃO – DESFIANDO MOTIVAÇÕES: ENOVELANDO LINHAS RUMO ÀS TRAJETÓRIAS DE PESQUISA

Em minha história de leitora, do mundo e das letras, as metáforas sempre me possibilitaram ler nas entrelinhas, ir além dos limites das letras que formam uma palavra. Tanto que um diálogo entre *O Carteiro e o Poeta*¹ acompanha-me desde que assisti ao filme pela primeira vez. Quando o carteiro pergunta o que é uma metáfora Pablo Neruda lhe responde e continuam em diálogo²:

- Metáfora é quando fala uma coisa, mas compara com outra. Por exemplo, o céu chora o que quer dizer que está chovendo.
- E por que tem um nome tão complicado?
- O homem não tem direito sobre a simplicidade e a complexidade das coisas. Quando o carteiro pediu para que ele explicasse melhor, o poeta acrescenta:
- Quando tentamos explicar, a poesia se torna banal. Melhor do que qualquer explicação é a experiência das emoções que a poesia revela para uma alma disposta a compreendê-la.
- Mais tarde, o carteiro pergunta:
- Como me torno um poeta?
- Vá caminhando ao longo da baía e observe tudo.
- E vou aprender a criar metáforas?
- Certamente.

Algum tempo depois de gravar na memória esta cena do filme, deparo-me com o relato de outro diálogo sobre a narrativa e suas metáforas entre a autora Ana Maria Machado (2001) e Roland Barthes, à época seu orientador:

Com seu rigor crítico característico, Barthes observou o uso de metáforas culinárias em meu trabalho (eu falava em camadas de significado como mil-folhas ou em um texto feito de níveis distintos em torno de um eixo inexistente, como uma cebola). Mencionou que isso era muito interessante, porque várias das palavras que se usam para designar o texto e a escrita derivam de outro conjunto de atividades tradicionalmente femininas, a fiação e a tecelagem – que haviam chamado sua atenção nos últimos tempos, por ele ter se ocupado especialmente da moda como sistema de significação. Deu como exemplo a própria palavra *texto* (variante de *tecido*). Comentei com ele que, realmente, em português, ao tratarmos da narrativa, falamos em *trama*, em *enredo*, em *fio da meada*... Dizemos que ‘quem conta um

¹Filme dirigido por Michael Radford (1994) sobre a amizade entre o poeta chileno Pablo Neruda e um humilde carteiro que deseja aprender a fazer poesia. Baseado no livro *Ardiente Paciência* de Antonio Skármeta. O roteiro foi adaptado por Anna Pavignano, Michael Radford, Furio Scarpelli, Giacomo Scarpelli e Massimo Troisi que também interpretou o carteiro.

² Disponível em <http://www.espacoacademico.com.br> - acesso em 10 de fevereiro de 2009.

conto aumenta um ponto'. E temos as palavras *novelo* e *novela*.” (MACHADO, 2001, p.175)

Por intermédio da oralidade³ nos relacionamos com os outros definindo tramas e enredos narrativos e tecendo palavras que nos identificam perante o mundo e diante dos outros. No fio da meada, narrativa oral e tecelagem sempre estiveram juntas, desde os tempos mais remotos. Quantas histórias foram ouvidas enquanto toda a família, vizinhos e amigos se reuniam em um grande Mutirão⁴ para transformar o algodão em tecidos num tear! Buscar relação entre narrativa e o ato de tecer faz parte de uma tomada de consciência de algo já registrado e assimilado por nossa linguagem como criação anônima e coletiva da nossa cultura pelos séculos afora (MACHADO, 2001).

Os dois acontecimentos relatados acima não são anteriores a minha vivência de menina de fazenda que já presenciou inúmeras vezes esse ritual, tão familiar: a tecedura. Tanto de narrativas orais quanto de tecidos com seus novelos, tramas e fios da meada.

Quando busco a origem dos ensejos que me levaram a associar o estudo de oralidade, memória e aspectos identitários dos objetos, tidos como relíquia de família, ao trabalho das fiandeiras e tecedeiras vêm-me a mente as inúmeras vezes em que as palavras tecido, tecedura, tramas e fios, tão presentes no repertório das fiandeiras e tecedeiras, são associadas às narrativas orais ou escritas. Toda uma rede de relações vai sendo tecida ao encontro do arquétipo da atividade humana de transformar a natureza e conduzir o fio da vida aos seus destinos possíveis:

³ A opção metodológica pelo uso das terminologias: “oralidade” e/ou “narrativas orais”, aponta para a inadequação do termo “literatura oral”, no âmbito desse trabalho. Tal escolha deve-se à concordância com estudos de Lima (2003, p. 33-35), no que se refere à discussão crítica acerca do imperialismo da escrita sobre a oralidade. Utilizando-se dos estudos realizados por Walter Ong (1968, 1977), Jack Goody (1977, 1986) a autora enfatiza que o processo desagregativo é característico da escrita, enquanto que, na visão dos autores citados por ela, “a oralidade possui uma qualidade homeostática, ou seja, em sua relação com o passado ela o traz permanentemente para o aqui e o agora, mediante uma memória que filtra os acontecimentos relevantes e os integra no seu presente, esquecendo aqueles que não têm significação atual” (Idem, 2003, p.35).

⁴ Mutirão - Fenômeno universal, as diferentes formas de ajuda mútua no meio rural brasileiro são conhecidas pelo termo mutirão - do tupi motirõ. É um sistema cooperativo alternativo em que os próprios participantes são, ao mesmo tempo, trabalhadores e beneficiários do produto final. Souza (2004, p.598). Motirõ: reunião para fins de colheita ou construção (ajuda). <http://povodearuanda.wordpress.com/2006/12/02/mini-dicionario-de-tupi-guarani-letra-m/>> acesso em 10 fev. 2009.

O dom de tecer e fiar sempre inspirou os mais diversos mitos, as mais ricas narrativas. Há muito tempo atrás, os celtas e outros seguidores do culto da Grande Mãe ou da Grande Deusa, já atribuíam a ela o poder de determinar o destino dos mortais, tecendo os fios de suas existências, e de dispor de elementos naturais como as trevas e a luz. Na mitologia criada pelos gregos, Nix, deusa da Noite, uma das divindades primordiais, gera entre outras criaturas as tecelãs do destino: Cloto, Láquesis e Átropos, damas sombrias representadas na literatura, especialmente na poesia clássica, como mulheres de aparência funesta, desempenhando o terrível compromisso de elaborar, tecer e interromper o fio da vida de todos os seres; e nas artes plásticas retratadas como belas donzelas. Estas irmãs detinham um poder incontestável, ditando o destino tanto dos deuses quanto dos mortais, não sendo questionadas nem mesmo por Zeus, pois qualquer interferência de sua parte influenciaria na ordem natural do Universo.⁵

Há sempre um emaranhado de significados na composição da vida cotidiana. E é a partir da busca de interpretação e compreensão que se constroem os sentidos para o nosso estar no mundo, e se estabelecem laços sociais, políticos, econômicos e afetivos. Essa configuração de sentidos vai sendo tecida ou refeita com o fio tênue de vidas que compõe a trama sócio-cultural. Trajetórias de vida e morte são constantemente reconstruídas pelos discursos e ações das pessoas em seu contexto de vivências.

Nesse sentido, o interesse pelo tema proposto aqui como objeto de pesquisa foi sendo construído historicamente no contexto sócio-cultural de uma prática educacional iniciada em 1987. Desde então, olhares de diferentes lugares sociais e experiências profissionais, como a arte de contar histórias, integrando um grupo⁶ de contadores de histórias, configuraram uma motivação para tal pesquisa. Conseqüentemente, o caminho já percorrido, por sua vez, apontava para uma longa caminhada com seus labirintos e portas entreabertas, cujo processo se desenrola até esse momento, resultando em escrita de artigos, realização de mini-cursos e oficinas, participação em congressos e seminários, publicação de

⁵ Disponível em <<http://www.infoescola.com/mitologia-grega/moiras>> Acesso em: 10 fev. 2009.

⁶ O Grupo Gwaya – Contadores de Histórias/UFG foi registrado em Setembro de 1993, na Pró-reitoria de Graduação (PROGRAD) como Projeto de Extensão, pois, na época, funcionava na Universidade Federal de Goiás um Departamento de Extensão ligado àquela Pró-reitoria. Em 2006, passa a ser um programa envolvendo diversos projetos de literatura oral.

obra literária⁷. Neste processo de construção de conhecimentos acerca da temática desta investigação, cabe ressaltar que a memória individual e coletiva, a memória familiar, bem como a contação⁸ de histórias foram temáticas cada vez mais recorrentes.

No campo educacional, como professora de crianças e adolescentes de cinco a doze anos de idade, um olhar mais demorado para eixos temáticos como memória familiar e objetos biográficos estabelece um diálogo desafiante e instigador com a história de vida dos educandos e educadores. Acredito que a fertilidade de ideias suscitadas por esta experiência tenha sido decisiva para o aprofundamento de estudos e publicações⁹.

Como professora do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás, CEPAE-UFG, desde 1994, atuando no Ensino Fundamental e em projetos de Formação de Professores, a convivência com diferentes grupos familiares e suas diferentes concepções de educação, também suscitou interesse crescente pelo tema. Ao exercer função como parecerista na análise e seleção de obras literárias em Programas de Incentivo a Leitura¹⁰, estreitam-se os laços com o universo da literatura infantil e juvenil e ampliam-se as possibilidades de releituras que apontam para a necessidade de aprofundar conceitos como: identidade, memória, imaginário, e referências culturais na perspectiva antropológica.

Em 2007, uma das ações do Programa Gwaya¹¹ investigou como se dá a relação do aluno, com dificuldades de aprendizagem, com a obra literária e a contação de histórias.

⁷ Iluminando Histórias RHJ – 2000. Uma memória familiar sobre narrativas orais ouvidas em família. Selecionado para o Programa Nacional do Livro Didático/2004 (PNLD/2004).

⁸Contação – no entendimento do Grupo Gwaya: ato ou ação de contar uma ou mais histórias. Esta palavra, embora não esteja registrada em dicionário da língua portuguesa, é quotidianamente utilizada pelos integrantes do Gwaya, fazendo parte do vocabulário dos contadores de histórias.

⁹O artigo Memória familiar: nos objetos biográficos e nas obras literárias foi publicado pela revista – História & Ensino, Londrina, v. 7.p.33-45, out.2001.

¹⁰Cantinho de Leitura-SEE-GO 2000; Programa de Bibliotecas Públicas SEE – GO-2003; Congresso Pensar Educação-GO, 2004; Concurso de Contadores de Histórias na I Bienal do Livro de Goiás – 2004; I Salão do Livro Infantil do Estado de Goiás. 2008.

¹¹ O Programa Gwaya tem como metas principais: incentivar a leitura por meio da contação de histórias para públicos diversos em locais variados e formação de multiplicadores; promover estudos e pesquisas que viabilizem o aprofundamento teórico sobre a arte cênica essencial de contar histórias.

Tal ação demonstra a necessidade e o interesse acadêmico em investigações que objetivem novos olhares para os atos de ler/ouvir/contar e as formas de exteriorização da oralidade, sempre presente nas tradições culturais de todos os povos.

No mesmo ano, ingressei no programa de *Pós Graduação em Gestão do Patrimônio Cultural* da Universidade Católica de Goiás-UCG, e, paralelamente, participei do curso *Patrimônio Imaterial: Políticas e Instrumentos de Identificação, Documentação e Salvaguarda*¹². Esse momento foi fundamental na apreensão de suporte teórico e atividades práticas, que me levaram a construir uma concepção dinâmica de Patrimônio Cultural, compreendendo toda ação humana como fato social carregado de significações. Significações que devem ser interpretadas e compreendidas em seu contexto, dentro de sua própria lógica cultural (1988; MALINOWSKI, 1978; LARAIA, 1988; GEERTZ, 1989, 1997; BOAS 1896; DAMATTA, 1987; KUPER, 2002; e COHN, 2005).

Portanto, na medida em que se busca ouvir e dar voz aos atores sociais por meio de suas narrativas, a proposição específica é para uma reflexão de natureza sociológico-antropológica como sugerida por Gilberto Velho (2006) ao discorrer sobre a biografia individual no âmbito das Ciências Sociais e o crescente interesse em estabelecer relações entre as tramas cotidianas e os processos sociais mais abrangentes:

Se durante grande parte do século XX a área de conhecimento da psicologia e, especificamente, da psicanálise, muito marcou e influenciou o senso comum, percebemos que nas últimas décadas difunde-se mais a preocupação de estabelecer relações entre os maiores ou menores dramas do cotidiano e processos sociais abrangentes. Sem dúvida, a mídia e a literatura de divulgação têm um papel proeminente, mas o diálogo, em termos mais amplos e a comunicação direta e pessoal são fundamentais para esse crescimento da importância do social nas percepções e análises dos mais variados atores em grande parte do mundo. Essa dimensão sociológica é um dos elementos fundamentais para o desenvolvimento da reflexividade dos indivíduos no mundo contemporâneo, com conseqüências significativas para a sua ação pública (VELHO, 2006, p.4,5).

¹² Realização da UNESCO, coordenação geral da Comuna S.A como apoio IPHAN e SID - Secretaria da Identidade e da Diversidade Culturais e o Ministério da Cultura.

A consideração desta dimensão reflexiva e da comunicação direta e pessoal sobre os fatos cotidianos justifica meu interesse de pesquisa que permeia a seguinte questão: como a memória social e os objetos biográficos se fazem presentes na constituição das referências culturais e identitárias do sujeito narrador?

A narrativa oral tem se configurado como objeto de estudo de várias áreas do conhecimento científico que estudam também outras manifestações da oralidade em suas variáveis: contos, casos, anedotas, provérbios, adivinhas e lendas, entre outros.

Ao longo dos tempos, a função social da narrativa oral, o contar histórias, dentre outras formas de linguagens, possibilitou aos seres humanos a expressão e o estabelecimento da subjetividade, bem como a relativização de pontos de vista, a causalidade, a simultaneidade, e muitos outros conceitos essenciais à transmissão de toda sabedoria acumulada e vital para a preservação e expansão da espécie (MACHADO, 2001; LIMA 2003).

No Brasil, esta oralidade ressoa em interessantes contrastes regionais e similaridades universais. Um detalhe, de determinada narrativa, que a um primeiro olhar pode parecer contraditório é, na verdade, fruto da formação étnica e cultural do povo brasileiro. No entanto, nessa direção, será elucidativo ponderar com Octavio Ianni (2002) quando afirma ser o Brasil uma nação em busca de conceito o que faz com que as variadas interpretações de seu contexto sócio-cultural, surjam sempre acompanhadas de inquietações e interrogações.

Assim, a presença dos tipos e os mitos do pensamento e da cultura brasileiros “revelam muito do que são as configurações e os movimentos da sociedade, em diferentes perspectivas, em distintos momentos” (IANNI, 2002, p.6). A presença dessa coletânea de tipos e mitos, no enredo e na configuração das narrativas orais, não é, portanto, uma inocente

contradição.

Ainda de acordo com o referido autor, a perspectiva “tipológica” analisa a realidade social, ou a história do país, sobretudo nos aspectos culturais e com claros elementos psicossociais¹³.

Representa assim famílias ou linhagens de interpretações, com os quais se desenha e movimenta uma policrônica e polifônica cartografia do imaginário brasileiro:

Aí entram tradições indígenas, africanas e portuguesas, além de outras menos fortes, até fins do século XIX. São tradições, práticas, valores, ideais, mitos e fantasias muito presentes em uma sociedade em que se manifestam, desde os seus primórdios: o animismo, o fetichismo, a pajelança, o candomblé, a umbanda, a quimbanda, o espiritismo popular, o catolicismo rural e outros traços mais ou menos notáveis de origem não só indígena, africana e portuguesa, mas também ibérica e mediterrânea. (IANNI, 2002, p.3).

A função social da linguagem, implícita em todas as manifestações orais, beneficia-se desta mistura entre o regional e o universal na exploração das inúmeras versões das narrativas orais. Como representativas da vida social, pelo viés das produções e das expressões simbólicas, revelam em seu enredo: “uma *poética da vida social* que se origina e se sustenta da própria coletividade, num incessante movimento de interpretação das experiências coletivas por meio de alegorias e metáforas” (LIMA, 2003, p. 16, grifo meu).

A concepção de que compreender uma determinada cultura implica indispensavelmente em estudar e buscar compreender “um código de símbolos partilhados pelos membros dessa cultura” (LARAIA, 2006, p. 63) evidencia, dentre outras opções teóricas, a percepção de um estreito vínculo entre imaginário¹⁴ e referências culturais. A simbologia presente nas criações, representações e interpretações do imaginário social são definidas a partir de diferentes óticas, construídas no e pelo contexto sociocultural.

¹³“Há todo um vasto, complexo e mágico substrato cultural presente na formação da sociedade brasileira. Nesse sentido, tanto ‘Macunaíma’ como o ‘homem cordial’ podem pertencer à mesma ‘estirpe’. Podem ser fórmulas mágicas de exorcismo e sublimação, por meio das quais se decantam séculos de escravismo, castas e alienação” (IANNI, 2002, p.3). Remeto, também, o leitor a Holanda, (1999 p. 146-148).

¹⁴Para Durand, ex-aluno de Bachelard, o imaginário aparece como o grande denominador fundamental em que vêm se encontrar todas as criações do pensamento humano. É este “conjunto das imagens e das relações de imagens que constitui o capital pensado do *homo sapiens*” (DURAND, 2002 p. 18). Na concepção de Le Goff o imaginário é parte da representação, que é intelectual, mas a ultrapassa. Ou seja, está no campo das representações, não como uma tradução reprodutora, e sim, criadora, poética (LE GOFF, 1994).

Para melhor partilhar todas as etapas dessa investigação que ora apresento, é necessário esclarecer o contexto em que a pesquisa de campo foi realizada. Para se entender o mundo social, é preciso pensá-lo relacionalmente e analisar as instâncias que sustentam o mundo social: *habitus*¹⁵ e *campos sociais* (PIERRE BOURDIEU, 2007).

Na segunda metade do século XX, a região Centro-Oeste passa por significativas mudanças e, com estímulos do governo federal, surgem várias colônias agrícolas (LIMA FILHO, 2001). Esse processo de interiorização do Brasil ocasiona o deslocamento de migrantes e imigrantes dos grandes centros produtivos para as áreas ainda não inseridas na economia de mercado e com potencial produtivo.

Nesse sentido, cabe ressaltar que o território goiano foi construído pelas marchas¹⁶. Seu panorama espacial foi se delineando a partir das frentes migratórias de ocupação e expansão. Durante muito tempo, o Estado de Goiás destacou-se por suas atividades de pecuária e agricultura extensivas, além da atividade de mineração que influenciou o surgimento de muitas cidades goianas (RODRIGUES, 2006).

Essas mudanças ocorrem com maior intensidade a partir da década de 1930. Alguns marcos representativos devem ser ressaltados: a construção de

Goiânia (1933), consequência da transferência da Capital por decisão do Governo Estadual. A abertura de estradas, construção de novas redes viárias como a chegada da ferrovia em Anápolis em 1935 e a criação da Colônia Agrícola Nacional de Goiás (CANG) em 1942.

Um pouco mais tarde, em 1957, o “Marco Zero” para a Construção de Brasília (1960), com implantação de infra estrutura material, beneficia toda a região Centro-Oeste, ou

¹⁵Segundo Bourdieu, a sociedade é dotada de vários campos que são regidos por regras próprias, ainda que esses campos tenham relativa autonomia. O *campo* configura-se como um espaço de lutas culturais, disputas e jogo de poder, no domínio das relações entre grupos com distintos posicionamentos sociais. A maior parte das ações dos agentes sociais é produto de um encontro entre um *habitus* e um *campo cultural*. O conceito de *habitus* propõe identificar a mediação entre indivíduos e sociedade (Bourdieu, 2007).

¹⁶ “A marcha para o Oeste tinha como objetivos claros se traduzir por uma frente agropastoril” Lima Filho, (2001, p.22).

seja, transformações regionais significativas acompanhadas de todo um discurso de modernização, visando à inserção dessas áreas no cenário produtivo nacional. Nesse sentido, a cidade de Hidrolândia, solo desta investigação, está entre as localidades surgidas durante a ocupação agrícola (1890-1930) do Estado de Goiás (ANEXO A; ANEXO B; ANEXO C).

No que se refere à trajetória politicoadministrativa, Hidrolândia tem origem por volta de 1895, em terras doadas pelo senhor Manoel Pereira Cardoso; por sua esposa, Ana Ricarda de Jesus e por Maria Ignacia Pereira e Maria José da Conceição. Com a construção da capela dedicada a Santo Antônio, padroeiro da cidade de Hidrolândia, surge o arraial de Santo Antônio das Grimpas. Com a Lei Municipal de Pouso Alto (Piracanjuba), em sete de abril de 1896, o arraial foi elevado a distrito. Em decorrência de seu desenvolvimento e melhorias locais, o mesmo foi desmembrado do município de Pouso Alto e recebeu o nome de Hidrolândia (Decreto-lei nº 454, de 24 de novembro de 1930).

Com a transferência da nova Capital para Goiânia, em 1935, perdeu o município de Hidrolândia sua autonomia, voltou à condição de Distrito anexado ao município de Goiânia, com o nome de “Grimpas”. Cerca de treze anos depois, como resultado de constantes esforços de seus habitantes, foi votada a Lei nº 223, de cinco de novembro de 1948, criando o município, instalado no ano seguinte, com a definitiva denominação de “Hidrolândia”, localizado hoje a 35 km de Goiânia. (GARCIA, 1981; MIRANDOLA, 1993).

Segundo Rodrigues (2006), com institucionalização da Região Metropolitana de Goiânia, pela Lei Complementar nº. 027 de Dezembro de 1999, a cidade de Hidrolândia, juntamente com outros quatro municípios, passa integrar o grupo de municípios da Região Metropolitana Oficial de Goiânia (ANEXO D – Região Metropolitana de Goiânia Expansão Urbana -2000).

Chegando a Hidrolândia¹⁷ avista-se, às margens da BR-153, uma placa com os

¹⁷Hidrolândia possui hoje aproximadamente 15 mil habitantes, numa área de 108.400 km². No município,

dizeres: “Cidade das Águas e das Jabuticabas”. A cidade preserva e exhibe esses dois títulos. Na cidade, ainda é possível encontrar alguns casarões em estilo colonial brasileiro (Imagem 3 - Caminhada pela Rua Alan Kardec em Hidrolândia- GO). Também são características da cidade as festas populares e tradições como a das fiandeiras, sendo estas últimas os principais sujeitos da presente pesquisa.

Na realização da pesquisa, tive como principal campo o Centro de Convivência dos Idosos (CCI). Localizado em uma casa grande no fundo da sede da prefeitura de Hidrolândia à Rua Dirceu Mendonça, nº. 369, no contexto do Grupo de Fiandeiras e Tecedeiras de Hidrolândia -GO. Nesse grupo, se dão, às terças-feiras a fiação e a tecelagem, atividades desenvolvidas pelas fiandeiras que funcionam também como terapia ocupacional.

Com o projeto “Tecendo o futuro com os fios do passado”, a prefeitura de Hidrolândia – GO (re)inventou as antigas rodas de fiandeiras da região. O grupo de fiandeiras formado pelo CCI, já existe há dezenove anos e tem como objetivo preservar a tradição milenar da arte de transformar algodão em fios.

(...) O mutirão surgiu, e através do mutirão veio àquela idéia de formar o grupo. E ai como a gente tem mais é o algodão... então né, pra trabalhar tinha que ter um serviço! Precisava de alguma coisa que chamasse a atenção. E ai, começou. O forte sempre foi o algodão (entrevista de Célia Rosa Tolentino- Coordenadora do Grupo).

O grupo de fiandeiras é formado por pessoas idosas, embora a média de idade esteja em torno de 56 anos. Pessoas que re-encontraram na convivência social, no fazer artesanal, nos jogos de cartas e nas atividades de dança e canto sua alegria de conviver após sua aposentadoria ou a evasão de membros de sua família. Nesse contexto, nem todos os participantes do grupo desenvolvem as atividades artesanais de fiação e tecelagem embora a maioria participe dos mutirões.

existem atividades voltadas a criação de rãs e pecuária leiteira. Com relação ao turismo local, os principais atrativos são os recantos (ao todo dezesseis fazendas) voltados para o turismo ecológico.

Durante a prática do fiar e do tecer, transformam e dão continuidade a um ofício deixado pelos seus antepassados ritualizando este saber fazer, no espaço urbano, no circuito de convivência coletiva. Enquanto cantam e contam casos, os chamados “causos”, vão realizando passo a passo, o trabalho de descaroçar, cardar, transformar o algodão em pastas, em fios e levá-lo ao tear para ser transformado em colchas, cobertores, toalhas, tapetes e peças do vestuário.

O grupo de Fiandeiras e Tecedeiras passou a ser entendido, no contexto desta pesquisa, como uma comunidade representativa das referências culturais da região estudada. Uma comunidade de memória, no interior da qual as cantigas sertanejas e regionais (re)contam histórias de tempos idos em que a tecelagem artesanal reunia famílias inteiras em torno de um saber fazer vinculado ao cotidiano dos habitantes de fazendas de Hidrolândia, município que, até 1980, mantinha uma população rural significativamente maior que a urbana.¹⁸

Por influência dessas circunstâncias, busquei como colaboradores desta pesquisa pessoas idosas. O fato de reunirem-se em grupo, semanalmente, e serem idosos, não entra neste enredo por mero detalhe, uma vez que, nas lembranças grupais, apoiando-se umas nas outras, apresenta-se todo um sistema de valorização da substância social da memória.

Nas lembranças de pessoas idosas, é possível verificar uma história social ampliada pelas características marcantes de determinado tipo de sociedade, pois essas pessoas “já viveram quadros de referência familiar e cultural” (BOSI, 1994p. 60) e, por isto, ao olhar para experiências passadas, podem bordá-las, em sua memória atual, sobre uma tela com fundo mais definido. É diferente da memória de pessoas jovens, ou mesmo adultas que, de alguma maneira, ainda se encontram intensamente absorvidas pelas solicitações de um

¹⁸ De acordo com dados do IBGE, no ano de 1980 a população de Hidrolândia era de 8.559 habitantes e estava assim distribuída: 3.396 hab. no meio urbano e 5.163 hab. no meio rural. Só a partir de 1996 apresentou uma predominância maior da população urbana sobre a população rural.

presente repleto de embates e lutas cotidianas. Ao lembrar o passado, as pessoas idosas estão se “ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da vida vivida” (BOSI, loc.cit.). Diante disso, ressalta a autora: “Note-se a coerência do pensamento de Halbwaschs: o que rege, em última instância, a atividade mnêmica é a *função social* exercida aqui pelo sujeito que lembra” (BOSI, 1994p. 63). Há nessa evocação mnêmica um aspecto de cosmicidade, de busca do sentido originário, no retorno às experiências vividas, tendo como principal instrumento de socialização as linguagens expressas pela narrativa oral.

Antes de minha imersão no campo de pesquisa, ocorreu a aprovação do Projeto desta pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás CEP/UFG. Cabe ressaltar que a convivência com as pessoas do grupo foi iniciada três meses antes da realização das entrevistas realizadas de outubro a dezembro de 2008 (apêndice E), em encontros de três horas, em média. Nesse período, sete histórias foram ouvidas e registradas em gravador digital (Panasonic- RR-US430) e, posteriormente, transformadas em textos sobre os colaboradores, ou seja, foram textualizadas. Embora a opção metodológica desta pesquisa tenha sido prioritariamente o registro sonoro das entrevistas, optamos em alguns momentos por registros imagéticos¹⁹ parciais, dos colaboradores, em atividades coletivas e, também dos objetos biográfico.

As entrevistas seguiram um roteiro geral, aberto e orientado e abrangente, elaborado a partir das questões e objetivos levantados durante a elaboração do projeto de pesquisa constituindo-se em instrumento fundamental para orientar as atividades subsequentes, especialmente a elaboração de roteiros individuais. Foi solicitado que cada pessoa contasse a história de sua vida ou fato que julgasse significativo. A cada colaborador foi pedido que o objeto biográfico, fotos e qualquer outro suporte material de suas lembranças

¹⁹ Câmera fotográfica digital Olympus.

fossem trazidos para o primeiro encontro individual deixando claro que a opção de tê-los em mãos era exclusivamente dos colaboradores.

Foram entrevistados seis integrantes do Grupo de Fiandeiras e Tecedeiras de Hidrolândia – GO e uma artesã que produz miniaturas de tecedeiras em todas as etapas da cadeia operatória da fiação e tecelagem. Embora esta última pessoa seja a única entrevistada a não participar do CCI, a decisão de incluir seu relato entre os colaboradores da pesquisa deu-se após minha participação no XIX Mutirão das Fiandeiras na cidade de Hidrolândia, em junho de 2008. Com o tema “*Fiar e tecer – unindo fios, fazendo arte. Hidrolândia é assim*” (Imagem 4 - XIX Mutirão das Fiandeiras - 2008), foi realizado o mutirão do qual participam outros grupos de fiandeiras de cidades vizinhas, grande parte da população e vendedores de artesanato regional, além de vendedores de produtos como brinquedos roupas e acessórios industrializados em sua maioria importados.²⁰

As primeiras dificuldades ou facilidades encontradas no campo etnográfico fazem-se presentes em forma de reflexões referentes aos aspectos metodológicos mais adequados para relacionar o dito e ouvido, no contexto social, aos aportes teóricos eleitos para o diálogo entre pesquisador(a) e universo pesquisado. A relação pesquisador(a) e colaboradores de pesquisa é um dos pontos centrais desse itinerário. Não uma relação apreendida estritamente no âmbito pessoal e afetivo, mas uma relação fortalecida por atitudes de respeito e posicionamento ético diante das formas de participação de todos os envolvidos nesse processo.

Refletindo um pouco mais sobre o fazer etnográfico com Eckert e Rocha (2008),

²⁰ Entra aqui uma questão de juízo e valor atribuídos aos produtos ali comercializados pelos atores sociais. Um jogo de poder, simbólico, em que estão envolvidos interesses múltiplos. “A evolução de festas tradicionais, da produção e venda de artesanato revela que essas não são mais exclusivas dos grupos étnicos, nem sequer de setores camponeses mais amplos, nem da oligarquia agrária (...). Os fenômenos culturais *folk* ou tradicionais são hoje o produto multideterminado de agentes populares e hegemônicos, rurais e urbanos, locais, nacionais e transnacionais. Por extensão, é possível pensar que o popular é constituído por processos híbridos e complexos, usando como signos de identificação elementos precedentes de diversas classes e nações.” (CANCLINI, 2003, p.220).

fica claro que um aprendizado etnográfico tem como principal desafio a busca de compreensão e interpretação das modificações da realidade desde seu cerne. E, como toda produção de conhecimento circunscreve o trajeto humano,

Assim o ofício de etnógrafo pela observação participante, pela entrevista não-diretiva, pelo diário de campo, pela técnica da descrição etnográfica, entre outros, coloca o(a) cientista social, o(a) antropólogo(a), mediante o compromisso de ampliar as possibilidades de reconhecimento das diversas formas de participação e construção da vida social (ECKERT; ROCHA, 2008, p.18).

Baseando-se na experiência pessoal e na participação, o método etnográfico valoriza a descoberta do ponto de vista do “outro”. O estranhamento é forma primordial de compreender o outro no encontro, conflituoso, que envolve reconstrução de identidade e alteridade; pois “a capacidade de se surpreender que deve ser inerente ao trabalho do cientista, fica amortecida quando se propõe a fusão total do discurso do investigador com o do grupo investigado” (CARDOSO, 1986, p. 101).

Neste sentido, ao ser construído sobre a premissa da relativização, o método etnográfico propõe uma ética de interação, de intervenção e de participação, compreendido de forma dialógica, nesse encontro intersubjetivo²¹, nos termos definidos por Malinowski (1978), Eckert e Rocha (1998), Geertz, (1989, 1997), Cardoso (1986), Abreu (2005) e Cardoso de Oliveira (2006).

Assim, lanço mão da teoria do método etnográfico para compreender um tipo de função social com aspectos culturais e identitários inerentes aos objetos biográficos narrados no contexto de histórias de vida. Recorro a este referencial metodológico, considerando sua adequação para investigar as condições processuais de produção da memória coletiva dos

²¹ O reconhecimento dessa intersubjetividade é defendido por Cardoso de Oliveira (2006) como elemento articulador no processo da investigação etnográfica: “Entendo que para se elaborar um bom texto etnográfico, devem-se pensar as condições de sua produção a partir das etapas iniciais da obtenção dos dados – olhar e o ouvir –, o que não quer dizer que ele emaranhar-se na subjetividade do autor/pesquisador. Antes, o que está em jogo é a ‘intersubjetividade’- essa de caráter epistêmico - graças à qual se articulam, em um mesmo *horizonte teórico*, os membros de sua coletividade profissional” (Ibid, p.31, grifos do autor).

narradores de Hidrolândia – GO.

Para José Reginaldo (2007), o reencontro entre a antropologia e a museologia tem atualmente um caráter interdisciplinar. A partir das últimas décadas do século XX, a fertilidade de investigações conjuntas se manifesta na escolha de temáticas extremamente significativas para duas disciplinas como: objetos, coleções, arquivos, patrimônio cultural e a própria instituição dos museus.

As reflexões do autor entram em sintonia com este estudo, especialmente quando Gonçalves (2007) propõe que um dos caminhos para se pensar os patrimônios culturais pode ser compreendê-los enquanto discursos sociais que influenciam, respondem, silenciam e complementam outros discursos de autores posicionados socialmente. Acrescenta, ainda que determinados objetos, para serem considerados como um patrimônio, ou parte dele, devem ter ‘ressonância’ junto ao público. Esclarecendo melhor o conceito de ressonância, retoma a ideia de Stephen Greenblatt, que diz:

Por ressonância eu quero me referir ao poder de um objeto exposto atingir um universo mais amplo, para além de suas fronteiras formais, o poder de evocar no espectador as forças culturais completas e dinâmicas das quais ele emergiu e das quais ele é, para o espectador, o representante (GREENBLATT apud GONCALVES, 2007, p. 215).

Esse poder de ressoar e evocar no espectador as forças culturais reafirma o caráter dialógico do patrimônio no contexto cultural. Assim, a partir de objetos biográficos, bem como do universo plural das vidas ligadas a estes, utilizarei as narrativas, em suas sinuosidades, para buscar uma interpretação na perspectiva antropológica do grupo social, já caracterizado nos parágrafos anteriores, os narradores de Hidrolândia-GO.

Para melhor compreender as narrativas orais e interpretá-las no processo de construção de referências culturais e identitárias, partirei dos referenciais teóricos propostos por Halbwachs (1990) em seu conceito de memória coletiva; Bosi (1994) e os quadros sociais

da memória dos velhos; Bachelard (1988) em sua noção espaço-temporal no que se refere à ideia de duração; Geertz (1989, 1997) e a interpretação na antropologia simbólica.

No primeiro capítulo, apresento os referenciais teóricos e metodológicos utilizados no presente estudo com vista à compreensão de conceitos e categorias fundamentais para a realização deste estudo: objetos biográficos, narrativas orais, Memória e Identidade Social. Para iluminar conceitos e nortear reflexões e interpretações em torno de eixos temáticos vinculados às memórias narrativas de histórias de vida, os aportes teóricos estarão basicamente apoiados em estudos e pesquisas realizadas por Thompson, 2003; Bosi, 1994; Benjamin, 1994; Lima, 2003; Devos, 2002; Lima Filho, 2001, 2007; Eckert e Rocha, 1998, 2001, 2002; Alberti, 2004 e Pollak, 1992;

No segundo capítulo, são apresentadas quatro narrativas de vida e os respectivos objetos biográficos. Foram selecionadas entre sete histórias aquelas que despertaram intenções de releitura e que apontavam para algumas categorias de pensamento ligadas ao universo pesquisado. As narrativas que não foram escolhidas para composição deste trabalho revelam a mesma riqueza dos elementos compositivos de toda experiência humana em sua trajetória de vida e só não serão abordadas, de forma mais detalhada, nesse estudo, por limitações referentes aos prazos para a conclusão da dissertação.

A realização de transcrição dos depoimentos gravados foi composta de algumas etapas, desde a transcrição quase literal do dito e ouvido, conservando uma escrita apoiada na linguagem coloquial, até as reiteradas releituras do texto transcrito e audição das narrativas orais gravadas, que foram delineando possibilidades de adequação da narrativa oral para a narrativa escrita. Reconheço não ser uma tarefa simples a transposição do oral para o escrito, pois sua complexidade aponta para a identidade do falante e conseqüentemente do ouvinte. Há que se considerar, ainda, em nossa sociedade, a supremacia do escrito em relação à oralidade.

Procurando manter uma possível fidelidade aos discursos narrativos neste ofício de transcrição/tradução, além da leitura de outras etnografias (a de DEVOS, 2002 e a de LIMA FILHO, 2000) busco argumentos teóricos e metodológicos para esta empreitada em Lima (2003):

Devo, entretanto, registrar o meu desacordo com a maneira pela qual alguns escritores e folcloristas transcrevem o oral para o escrito: Ao procurarem manter certas formas do primeiro no segundo, terminam por tratar a linguagem oral – no caso em questão, a do sertanejo do interior do país – como um exotismo. Ressaltar, nesta linguagem, os itens que denotam o falar errado em relação à norma culta, como os erros de concordância, por exemplo, significa tão somente reafirmar a inferiorização da expressão oral em relação ao texto escrito (LIMA, 2003, p.23).

As narrativas orais foram registradas em sua versão escrita buscando-se o equilíbrio entre a transcrição do oral para o escrito visando a uma leitura prazerosa e eficiente uma vez que o momento da gravação jamais poderá ser reproduzido. Ainda no segundo capítulo, para análise, destacam-se algumas categorias presentes nos depoimentos ouvidos, interpretadas a partir da observação participante ou *participação observante* (Durham, 1986) e também de anotações em diários de campo, estudo bibliográfico da teoria antropológica e análises dos discursos narrativos. Além dos aportes teóricos já mencionados, recorro também a Brandão, 1986, 2006; Certeau, 2008; Cohn, 2005; Rocha, 1994; Jeudy, 1990; Canini, 2008; Gonçalves, 1988; Silveira e Lima Filho, 2005; Stallybras, 2003; Valdez, 2003; Vygotsky 1991.

Já o terceiro capítulo configura-se na busca de diálogo com algumas produções acadêmicas, científicas e literárias, já realizadas sobre o grupo, a região ou a cidade de Hidrolândia- GO, sobretudo aqueles estudos voltados para memória social e referências identitárias e culturais; saberes e fazeres e as suas configurações nas histórias de vida narradas em interconexões com o Patrimônio Imaterial.

As Considerações Finais, apresentadas no quarto capítulo, assinalam algumas possibilidades de ampliação da investigação, aqui realizada, no sentido de colaborar com

projetos culturais desenvolvidos no contexto social estudado. Além disso, propõe reflexões sobre pontos positivos e negativos, deste tipo de abordagem científica, avaliando sua relevância no Âmbito da Gestão do Patrimônio Cultural.

Imagem 3 - Caminhada pela Rua Alan Kardec em Hidrolândia-GO



Hidrolândia - GO
 Fotos - Marco Antonio 2008
 Montagem - Esther Moreno
 Acervo - Pesquisadora

CAPÍTULO 1 – OBJETOS BIOGRÁFICOS E NARRATIVAS DE VIDA

Ao focalizar o olhar, meticulosamente, direcionando ao lugar dos objetos, escolhidos por cada narrador ao compor sua história familiar nós os avistamos inseridos em um contexto socioespacial, instalados no cotidiano, participando, assim, dos processos de continuidades e descontinuidades das relações, daquele grupo de convivência. Desse modo, muitas vezes, várias gerações de uma mesma família, podem ser vistas a partir de versões variadas sobre um mesmo acontecimento.

A memória coletiva está, também, ancorada nos espaços e nos objetos que a compõem, pois eles trazem, ao mesmo tempo, a nossa marca e a dos outros. Se nos apegamos e desejamos que alguns objetos permaneçam em nossa companhia, sem mudanças, não o fazemos só por questões de estética ou de comodidade. A arrumação ou disposição dos móveis, de nossa casa, por exemplo, e “todo o arranjo das peças em que vivemos nos lembram nossa família e os amigos que vemos com frequência nesse contexto” (HALBWACHS, 2006, p.157).

Referimo-nos aqui àqueles objetos que vão além de qualquer valor monetário aos quais Violette Morin (apud Bosi, 1994) conceitua como objetos biográficos. São aqueles objetos que acompanham biografias e envelhecem com o possuidor. Por representar uma experiência de vida, mais que um sentimento estético ou de utilidade posicionam e identificam o seu possuidor²².

Ao ponderar sobre a diversidade de objetos que circulam significativamente em nossa vida social e cultural, Gonçalves (2007) os compreende dentro de um sistema

²²Janet Hopkins, antropóloga vinculada à universidade da Califórnia, também define o lugar do *objeto biográfico* enquanto expressão e instrumento de memória. (Ver a análise de Juniele Rabelo sobre a autora em “Objeto biográfico e performance narrativa: questões para história oral de vida”. Disponível em <www.fflch/dh/neho/forum>. Acesso em 28 junho 2009.

simbólico, a repercutir subjetivamente em cada um de nós. Esta vasta teia de objetos é exposta cotidianamente pela mediação de categorias culturais e sistemas classificatórios. Assim, os objetos não possuem apenas valor de uso, mas contribuem para o entendimento da organização da vida social e cultural.

Vistos a partir da perspectiva da antropologia simbólica, os objetos não seriam mais percebidos somente como parte de um contexto social e cultural, confundidos com a fronteira de uma determinada coletividade. Em sua materialidade, eles concentram uma rede de categorias de pensamento pelas quais nos compreendemos individual e coletivamente²³ (GONÇALVES, 2007, p.21).

No centro dos eixos temáticos das narrativas feitas pelos interlocutores dessa pesquisa, os objetos biográficos cumprem mais uma função social no campo da construção do conhecimento de si e do mundo nas dimensões temporais do vivido. Sua funcionalidade está aliada às várias linguagens e arranjos da vida social dos narradores.

Segundo Michel de Certeau (2008, p. 192), “o imaginário urbano, em primeiro lugar, são as coisas que o soletram. Elas se impõem. Estão lá, fechadas em si mesmas, forças mudas. Elas têm caráter.” Ou dito de outra forma, no cotidiano da cidade, esconde-se algo de fantástico nas coisas antigas, sempre a inquietar a ordem produtivista do espaço urbano.

Ampliando as fronteiras, focamos os objetos biográficos no contexto de um bairro ou de uma cidade. Exatamente onde estão encontraremos, segundo o autor, uma população de objetos “lendários”.²⁴ Objetos inanimados que assumem autonomia e transitam entre presente e passado; como heróis lendários, organizam em torno de si uma antologia de contos da cidade:

²³Nesse sentido, segundo Gonçalves (2007), os objetos poderiam ser compreendidos a partir da ideia de “fatos sociais totais” de Marcel Mauss, que problematizaria mais profundamente as categorias classificatórias usadas pelo observador.

²⁴ Em relação à terminologia “lendários”, a opção foi manter a mesma formatação da grafia usada por Certeau (2008).

A proa aguda de uma casa de esquina, um teto provido de janelas como uma catedral Gótica, a elegância de um poço na sombra de um pátio remelento: esses personagens levam sua vida própria. Assumem o papel misterioso que as sociedades tradicionais atribuíam à velhice, que vem de regiões que ultrapassam o saber (CERTEAU, 2008, p. 192).

Esses objetos e elementos arquitetônicos são testemunhas de uma história. Têm ecos de várias linguagens. Acatam outras versões, vindas da profundidade do momento presente. Os objetos lendários narram biografias, reconstróem lugares, geram relatos e re-encontram na aparente imobilidade do espaço uma infinidade de tempos. Os objetos produzem então, por meio das narrativas²⁵ daqueles que evocam suas memórias, paisagens culturais subjetivas a informar também coletividades.

Pressupõe-se que eles desempenhem, na paisagem da cidade, uma função similar àquela dos objetos biográficos na vida de seus possuidores. São companheiros e testemunhas de histórias de vida, arrimo de memórias biográficas: “Esses objetos selvagens, são para nós provenientes de passados indecifráveis, são para nós o equivalente do que eram alguns deuses da Antiguidade, os ‘espíritos’ do lugar” (CERTEAU, 2008, p. 192, grifos do original). No imaginário urbano ou em trajetórias de vidas, esse grupo de objetos com atributos bons ou ruins, pode despertar-nos para narrar fragmentos de nossa história individual e coletiva aparentemente adormecidos antes de nos colocarmos diante deles e restituir-lhes a vida através de uma história compartilhada. “Pensar é fazer abstração de certas experiências, é mergulhá – las voluntariamente na sombra do nada” (BACHELARD, 1988, p.23). Basta iniciar o gesto narrativo e a poética dessa experiência vai ensinando o pensamento a lidar com as temporalidades simultâneas. Nesse sentido, acreditamos que quando um objeto ancora memórias de uma biografia, essas memórias instigam performances narrativas ao sujeito recordador, situação em que os momentos diferem-se uns dos outros devido a sua

²⁵ Para Pierre Janet (Apud, LE GOFF, 1984, p.3), “o ato mnemônico fundamental é o ‘comportamento narrativo’ que se caracteriza antes de mais pela sua função social, pois que é comunicação a outrem de uma informação, na ausência do acontecimento ou do objeto que constitui o seu motivo [Florês 1972, p.12].” (LE GOFF, loc.cit., grifos do original).

fecundidade. Assim, para esse autor, em sua dialética da duração, a “memória é o tempo dramatizado pela narrativa” (Ibdem, 1988, p.47). O repertório dessas narrativas ultrapassa barreiras espaço-temporais.

A linguagem, o próprio meio através do qual a reflexão e a elaboração da experiência ocorrem, faz parte de um processo extremamente pessoal e ao mesmo tempo profundamente social. Na perspectiva vygotskiana, é no processo de interação com o mundo que o desenvolvimento e a aprendizagem se relacionam, ininterruptamente, do início ao fim da vida do ser humano.

A abordagem teórica e metodológica defendida por Vygotsky (1991) privilegia a mudança. Para ele, o mecanismo de mudança individual ao longo do desenvolvimento humano tem sua raiz na sociedade e na cultura. O autor vê a relação entre o indivíduo e a sociedade como um processo dialético que, tal como um rio e seus afluentes, combinam e separam os diferentes elementos da vida humana. O fator principal para o desenvolvimento está na apropriação, pelo sujeito, de novas formas de mediação, de novos signos, pois aprender, na perspectiva histórico-cultural, consiste na apropriação e interpretação da cultura, em movimento dialético e em contínua interação com o mundo cultural e o mundo subjetivo.

Ao abordar o domínio sobre a memória e o ato de pensar, Vygotsky reflete sobre a essência da memória e da civilização. Para ele, “A verdadeira essência da memória humana está no fato de os seres humanos serem capazes de lembrar ativamente com a ajuda de signos” (VYGOTSKY, 1991, p.58). No que se refere à civilização, continua o autor: “Tem sido dito que a verdadeira essência da civilização consiste na construção propositada de monumentos de forma a não esquecer fatos históricos” (VYGOTSKY, loc.cit.).

Ou seja, desde os pequenos gestos como amarrar uma linha no dedo, para não olvidar²⁶ um compromisso importante, até a necessidade de criar marcos, monumentos, e

²⁶ Inspirando-se nos estudos feitos por Leroi-Gourhan sobre a história da Memória Coletiva, Jacques Le Goff, também, divide seus estudos em cinco períodos. Abordando-os sucessivamente: 1) a memória étnica nas

(re)inventar tradições²⁷ criando ícones no itinerário urbano, os símbolos nascem como resultado da necessidade de comunicação acerca de objetos-referentes, em especial de objetos ausentes, com os demais.

Os gestos, os comportamentos corporais, mantêm engajamento ativo com tudo que se configura como a cultura material e articulam-se com as formas de representações do contexto sociocultural em que se vive. De acordo com Warnier (1999), as Técnicas do Corpo (TDC) suscitaram grande interesse em Mauss visto que expõem os princípios relacionados ao engajamento do corpo na relação entre o sujeito, aliás, homem total²⁸, e as representações entendidas como construções culturais:

Por isso a perspectiva maussiana sobre as condutas motoras conduz à recusa da etnologia generalizante (os Bombara fazem assim, os Bororo fazem assado) em favor de uma antropologia no singular que considera cada sujeito, em relação à singularidade de suas condutas motoras *mediatizadas pelos objetos*. O corpo efetivamente nos subjetiva tanto quanto nossos pensamentos. (WARNIER, 1999, p.24, grifo nosso)

Podemos trocar ideias ampliando reflexões ou mesmo trocar objetos uns com os outros. Mas o corpo é intercambiável e nos singulariza. “Ora o sujeito não ‘possui um corpo’. Ele é um corpo” (WARNIER, 1999, p.4). Assim, enquanto construção cultural é compreensível a habilidade de memorizar e incorporar todo um conjunto de ações motoras completas e perfeitamente acomodadas à dinâmica da relação com os objetos e com o meio.

No convívio comunicativo, vamos imprimindo nossas marcas em lugares, pessoas e objetos que intercedem nosso estar no mundo e deixam-nos seus vestígios. Passam a ser

sociedades sem escrita ditas “selvagens”; 2) o desenvolvimento da memória, da oralidade à escrita, da Pré-história à Antiguidade; 3) a memória medieval, em equilíbrio entre o oral e o escrito; 4) os progressos da memória escrita, do século XVI aos nossos dias; 5) os desenvolvimentos atuais da memória. (LE GOFF, 1984, p.4, grifos do original).

²⁷ Dando uma abordagem interdisciplinar ao tema da “A Invenção das Tradições”, Hobsbawm e Terence Ranger discutem o valor dos símbolos culturais dos povos, a influência de certas interpretações da história e dos costumes populares. Numa perspectiva intercultural problematizam os vínculos entre o mundo moderno e as tradições (HOBSBAWN; RANGER, 1997).

²⁸ “O ‘homem total’ é o sujeito individual em sua tripla dimensão, corporal, psicológica (inteligência e afetividade) e social, integrada pela aprendizagem em uma dada sociedade” (WARNIER, 1999, p.21).

sujeitos em nossa simbólica do cotidiano. Passam a figurar como um tipo de memória:

Ontem, mesmo, ainda tava lá... eles foram tudo lá pra casa. Que sempre tem um... dois que folga na segunda, aí eles foram lá pra casa e ficaram lá. Sentado num bancão antigo que eu tenho lá. Foi meu primeiro banco que eu possuí, na minha casa. Sofazinho que eu tive. Aí, eles sentava: Ô... mais esse banquinho velho num pode acaba com ele! E falando: Nossa, eu tem uma saudade do tempo que a gente trabaiava, sentava nesse banco, assistia televisão era sempre deitado nesse banco, sentado nesse banco, né? Aí, eles tava falando... tinha saudade demais no tempo que eles... porque agora já casou todo mundo. Mudou todo mundo, né? De vez em quando eles chega lá... deita lá no banco, lá. Aí fala: Ôoo... Tenho uma saudade desse... daquele tempo! (fragmento narrativo/2008 - Maria de Lurdes)

“Daquele tempo”, fica até hoje mais um dos suportes materiais a entalhar a memória de Lurdes e da família. Porque será que este objeto remete todo o grupo familiar às ações daquele tempo? Móvel da casa, um banco de madeira citado pela narradora, traz gravados em seu talhe vários pontos de histórias sobre trabalho, descanso, lazer ou encontros festivos. Sendo o primeiro “sofá” possuído pela família, acompanhou desde a origem esta história familiar: nascimento de filhos, os netos, a chegada da televisão, a saída dos filhos da casa paterna e a revelação dos costumes daquele e de outros tempos de convivência.

Realizando uma descrição minuciosa das roupas e de outros objetos como elementos que se moldam à memória, Stallybrass (2003) fala da relação das pessoas com as roupas e as coisas em geral. No domínio da vida social das coisas: “a roupa tende a estar mais associada à memória ou para dizer de outra forma mais forte, a roupa é um tipo de memória” (Ibid. 2003, p.18). Associada às histórias vividas, muitas roupas trazem em si o cheiro e as imagens de quem as usou. É o que acontece com duas camisas, de maneira comovente, em cenas do filme *O Segredo de Brokeback Mountain*²⁹ quando, ao final do filme, em visita ao quarto de infância do amigo morto, o companheiro encontra duas camisas³⁰ e, se lembrando

²⁹ *O segredo de Brokeback Mountain* narra a história de Jack Twist (Jake Gyllenhaal) e Ennis Del Mar (Heath Ledger), dois jovens vaqueiros que se conhecem e se apaixonam em 1963, enquanto trabalham juntos em um serviço de pastoreamento de ovelhas na fictícia montanha de Brokeback, no Wyoming. O filme documenta o complexo relacionamento emocional, sexual e romântico que eles passam a ter no curso de dezoito anos. Disponível em <http://www.scribd.com/doc/6568284/O-Segredo-de-Brokeback-Mountain> - acesso em 28/06/09.

³⁰ “ele apertou o rosto contra o tecido e respirou lentamente pela boca e nariz esperando sentir o cheiro doce e salgado de Jack, mas não havia cheiro algum, apenas a memória do mesmo, poder da montanha Brokeback

de uma situação em que ambos as usavam, abraça-as emocionadamente.

Refletindo sobre as relações complexas entre as coisas como objetos de uso, como sustentáculo das memórias e seu trânsito enquanto mercadoria, Stallybrass (2003) conta-nos, ainda as idas e vindas do casaco de Karl Marx – que era penhorado frequentemente – enquanto escrevia “*O Capital*”. Ao ser penhorado, o objeto é desnudado de sua memória desvinculando-se da particularidade histórica. Só assim poderá novamente se tornar uma mercadoria e um valor de troca. Por outro lado, o valor sentimental “é um valor que deve ser removido do objeto para poder ser “livremente’ trocado no mercado” (STALLYBRASS, 2003 p. 88).

A relação de intimidade partilhada vai justificando até algumas terminologias ligadas à vida social das roupas. Para as pessoas que trabalhavam com confecção e conserto de roupas no século XIX, “os puídos nos cotovelos de uma jaqueta ou numa manga eram chamados de “memórias.” Esses puídos lembravam o corpo que tinha habitado a vestimenta. Eles memorizavam a interação a constituição mútua entre pessoa e coisa.” (STALLYBRASS, loc.cit.Grifos do autor).

Segundo Arjun Appadurai (1986), os objetos, assim como as pessoas, têm vidas sociais. E é durante essa vida social que os objetos têm seu repertório construído de maneira incessante, com distintas direções. Appadurai propõe ao leitor de sua obra *The Social Life of Things (A Vida Social das Coisas)* uma série de indagações sobre o papel crítico de objetos e tecnologias particulares, e os processos de mediação das relações entre as subjetividades, objetos e a vida política. Falando a esse respeito em entrevista concedida a Vikki Bell (2001), o autor argumenta:

Para começar, eu diria que em *The Social Life of Things [A Vida Social das Coisas]* tentei, em meu próprio ensaio e, em certo sentido, em toda a coletânea, explorar a idéia de que precisamos esquecer as pessoas por um momento e pensar nas coisas mesmas, como se elas tivessem de certa maneira uma *vida*. E então transpor isso

mostrando que não havia mais nada a não ser o que ele tinha nas mãos” (PROULX, 2006, p.26).

para os contextos, agências, formas e socialidades humanas (APPADURAI Apud BELL, 2001, p.2).

Como portadores de um histórico social, os objetos situam-se em determinados posicionamentos, percorrem circuitos e seguem ritmos em relação ao consumo como um objeto de fetiche³¹ para determinados grupos.

Nesse sentido, os objetos biográficos e as narrativas de vida podem ser entendidos como elementos essenciais no aprendizado de aproximação das referências culturais daqueles que os possuem e os definem ao longo dos tempos.

As coisas nos falam, sim, e essa comunhão perfeita dispensa palavras. Será esse um dos motivos que nos levam a dividirmos as coisas em objetos de consumo e relíquias de valor incalculável:

Não só em sociedade dividimos as coisas em objetos de consumo e relíquias de família. Mauss encontra essa distinção em muitos povos: tanto entre os romanos como entre os povos de Samoa e Trobriand e os indígenas norte-americanos. Há objetos como os talismãs, cobertas de pele e cobres blasonados, tecidos armoriais que se transmitem solenemente como as mulheres no casamento, os privilégios, os nomes às crianças. Essas propriedades são sagradas, não se vendem, nem são cedidas, e a família jamais se desfaria delas a não ser com grande desgosto. O conjunto dessas coisas em todas as tribos é sempre de natureza espiritual (BOSI, 1994. p.442).

Ali cada uma dessas coisas preciosas tem, entre os trobriandeses, seu poder, sua individualidade, pois são entendidos como réplicas dos instrumentos inesgotáveis que os espíritos deram aos ancestrais.

Malinowski (1978) realizou uma experiência etnográfica densa. Ao viver por trinta e um meses nas Aldeias de Trobriand, ele inaugura o trabalho de campo e qualifica esta atividade com o intuito de conhecer o mundo do outro e não simplesmente visitá-lo. Suas investigações aprofundaram a noção de relativismo cultural iniciado por Franz Boas. Dito com suas palavras:

³¹ Entende-se aqui essa terminologia como a forma de culto aos objetos.

Cada cultura possui seus próprios valores; as pessoas têm suas próprias ambições. Seguem os seus próprios impulsos, desejam diferentes tipos de felicidade. Em cada cultura encontramos instituições diferentes, nas quais o homem busca seu próprio interesse vital; costumes diferentes através dos quais ele satisfaz às suas aspirações; diferentes códigos de lei e moralidade que premiam suas virtudes ou punem seus defeitos (MALINOWSKI, 1978, p. 34).

Nas Aldeias, ele se dedicou, entre outras tarefas, ao estudo das transações que mais caracterizavam o Kula, ritual caracterizado como um grande sistema de expedições marítimas, percorrendo todas as ilhas com tribos pertencentes ao sistema. A cada visita feita dentro do circuito, trocam-se presentes entre os homens que visitam, sem a participação das mulheres, e os habitantes da aldeia visitada. O Kula tem sido tema de inúmeros estudos, especialmente antropológicos. Aqui é retomado e descrito de forma sucinta por Rocha (1994), como uma festa:

Esta ‘festa’ chamava-se Kula e consistia muito simplesmente numa troca de presentes entre parceiros predeterminados, escolhidos de antemão, nas ilhas circunvizinhas. No círculo do Kula trocavam-se braceletes e colares que, para os parceiros, eram plenos de valor e significado. Os braceletes, feitos de conchas brancas, e os colares, de conchas vermelhas, são sempre mantidos no circuito de cerca de duas dezenas de ilhas e demoram de 2 a 10 anos para dar a volta completa e retornar ao ponto de partida. O ideal é que, no fim de cada ciclo os indivíduos participantes das trocas fiquem de posse dos objetos que tinham no início. Qualquer um que, neste processo tentasse obter mais do que aquilo que deu no início pagaria a pesa de uma desonra dura e definitiva. (ROCHA, 1994.p. 70, grifo do autor).

Esses objetos sagrados, assim como os objetos biográficos em foco nesse estudo, não têm caráter comercial. O sentido, o valor e a importância que passam a ter para alguém estão ligados ao sentimento afetivo e sociológico de possuí-los por evocarem histórias, feitos lendários, presenças sagradas, heróis e ressoarem nossas referências culturais, mesmo as mais longínquas.

Na circulação desses objetos, o seu sentido vai se transfigurando conforme o olhar de cada ator social. À medida que os significados “são atribuídos aos fazeres e aos objetos constroem camadas de sentido que não se opõem nem entram em conflito, apenas coexistem.” (CANINI, 2008, p.261). Como fonte de descobertas, os objetos têm significados instituídos e

compartilhados socialmente. Estes significados são apropriados e configurados por cada sujeito social a partir de suas próprias subjetividades. Ou seja, cada pessoa dá aos fazeres e aos objetos uma configuração de sentidos própria, sempre de um lugar social e em permanente processo de recriação.

Os narradores de Hidrolândia, apresentados no capítulo segundo desse trabalho, deixam clara sua ligação com a vida no meio rural. A cidade de Hidrolândia mantém em seu ritmo cotidiano marcas desse estilo de vida que “acomodam os jogos de memória de sua comunidade” (ECKERT e ROCHA, 2005 p. 30). As narrativas suscitam toda polifonia das paisagens culturais em seu repertório, ou seja:

A história de cada indivíduo na cidade é a história das situações que ele enfrentou em seus territórios, e é a ação desse sujeito nesses espaços que faz de um episódio banal uma situação, para ele, de reinvenção de suas tradições (ECKERT e ROCHA, loc.cit.).

Ao narrarem suas experiências vividas, cada pessoa coloca-se, assim, diante de um processo de reconstrução de sua identidade individual ou coletiva. Nessa trama narrativa, o lugar do objeto biográfico, incorporado das experiências de vida do seu possuidor, é concretizado como expressão e instrumento de memória social.

O significado biográfico atribuído ao objeto concretiza-se pela presença estável deste artefato do mundo material na vida de seus proprietários. Suportes materiais da memória individual e coletiva. Tal “presença” pode iluminar o processo de conhecimento de si e do outro:

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992, p. 204).

A identidade é culturalmente (re)construída, e, portanto, inerente às conformações que damos ao mundo exterior. As maneiras de se estar no mundo estão intimamente

vinculadas aos desejos e conflitos pessoais numa delicada ligação com a função social desempenhada em cada momento ou situação da trajetória humana. Assim, as narrativas biográficas são metáforas de sentimentos que tentam ser expressos, (re)construindo, via memória, uma rede de textos culturais. Uma memória, também (re)construída e, portanto, passível de negociações envolvendo a dimensão ética e estética que permeia os estudos da memória em relação a *valores, crenças, tradições, visões de mundo e estilos de vida diferenciados*³². Ressaltando neste aspecto que:

Habitar-se o espaço da memória é conviver-se com memórias coletivas, individuais e sociais negociadas, e não, simplesmente domesticar-se um território vazio e opaco, lugar de reativação de tradições perdidas ou da nostalgia do passado.(ROCHA e ECKERT, 2005, p. 117).

Entendida como um vasto território de símbolos e imagens, para essas autoras, “a memória faz parte do gigantesco patrimônio da humanidade” (ROCHA e ECKERT, loc. Cit.) uma vez que nesse e em outros tempos a memória autoriza a liberdade de criação humana; disponível a todos, permite trocas sociais e simbólicas.

Em uma análise da evolução do conceito de identidade, Stuart Hall (1998) mapeia as mudanças de sentido causadas pelo que ele considera uma ‘crise’ originada pela ação conjunta de um duplo deslocamento: a descentralização dos indivíduos tanto do seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos.

Enquanto Hall assinala o período em que vivemos como de ‘descentramento’ do sujeito; Rolnik (1997), por sua vez, chama de período de ‘identidades móveis’. Para a autora, subjetividade e cultura são indissociáveis. O sujeito pós-moderno vive um tempo de identidades móveis, não está mais ‘preso’ ao seu espaço geográfico, a comunicação em rede

³²Torna-se oportuno reler estudos das antropólogas Rocha e Eckert (2005) quando dizem que a consideração dessas dimensões conduz-nos a uma dialética *suis generis* de “pensar a sociedade contemporânea como reservatório concreto e efetivo de memórias coletivas e de vontades de indivíduos e grupos que, compartilhando um mesmo território plural de existência, agem em conjunto e reinventam quotidianamente a sua condição humana primordial, na busca de se eternizarem no tempo” (Ibid., p. 117) Tais colocações apresentam-nos o grande desafio da contemporaneidade.

traz consigo o contato com outras culturas e muitas possibilidades de identificação, ou não. As identidades e os papéis não são mais ‘estáveis’ ou ‘fixas’ embora mantenham um perfil cultural e subjetivo afetado pelo ambiente; no coletivo:

Não há subjetividade sem uma cartografia cultural que lhe sirva de guia; e, reciprocamente, não há cultura sem um certo modo de subjetivação que funcione segundo seu perfil. A rigor, é impossível dissociar essas paisagens. (ROLNIK, 1997, p. 29)

A impossibilidade de dissociar subjetividade e cultura direciona o estudo da identidade e memória social para o estudo da totalidade do ser. Segundo Jung, todo indivíduo possui uma tendência para a individuação ou autodesenvolvimento. Individuação significa tornar-se um ser único. Na medida em que por individualidade entendemos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que nos tornamos o nosso próprio si mesmo, no processo de individuação são tomados “em atenta consideração os componentes coletivos da psique humana (conteúdos do inconsciente coletivo) o que reflete nas relações interpessoais” (SILVEIRA, 1974, p.88).

Quando a vida é narrada na primeira pessoa e partilhada com outros no jogo interpretativo sugere-se também uma reapropriação de si por intermédio dos atos de troca presentes na dialética do processo comunicacional. Os enunciados narrativos estão repletos das vozes de outros. No jogo interpretativo das memórias de vida ouvidas em Hidrolândia, há, também, um desejo maior:

O desejo de produzir uma “história de vida” é também uma vontade de jogar com a interpretação. A memória de sua vida fica sendo uma das coisas de que o indivíduo não foi totalmente desapropriado. E a partilha eventual de seus relatos passa pelo jogo da interpretação que isoladamente, lhe permite um ato de troca. A forma de uma reconstituição de uma história pessoal projetada numa história coletiva une os estereótipos à subjetividade. (JEUDY, 1990, p. 123).

Quando a evocação da fala parte do fio da história vivida, de dentro de mim, as

histórias já mescladas compõem o mosaico narrativo do social. A variedade de pontos de contato entre as memórias dos outros e a lembrança que nos recordam é reconstruída sobre um alicerce social comum e pode ser reavivada no jogo interpretativo entre história de vida pessoal e coletiva.

Dialogando com as idéias de Bosi (1994), podemos entender o porquê de algumas histórias estarem em nossa memória há tanto tempo. A memória é seletiva e para o recordador “a função da lembrança é conservar o passado do indivíduo na forma que é mais apropriada a ele” (BOSI, 1994, p.68). O instante da lembrança é realidade. Ao contrário da história, a memória é subjetiva. No processo de reconstrução do passado, fundamentado em códigos maleáveis pelos quais nos identificamos e simbolizamos nossa leitura de mundo, há uma vinculação afetiva e efetiva com o presente.

Nos significados de “ser pessoa³³” atribuídos socialmente, está implícita toda variabilidade de potencializar as formas de tornar-se humano. No dizer de Da Matta:

Os homens se diferenciam porque tornaram-se homens, e tornaram-se homens porque responderam de modo específico a estímulos universais. Por isso é que o estudo de Antropologia Social será sempre o estudo das diferenças, plano efetivo e concreto em que a chamada Humanidade se realiza e torna-se visível. (DA MATTA, 1987, p. 34)

Para esse autor, a Antropologia Social, permite a descoberta das dimensões de cada cultura e sociedade como sendo um tipo de resposta reflexiva surgida de uma dialética complexa, em que é justamente a plasticidade humana que permite descobrir a sua variabilidade e a tomada de consciência de caminhos possíveis. Dessa forma, a coerência ou não de um hábito cultural só pode ser analisada tendo como parâmetro seu contexto originário. De acordo com Laraia (1988, p.87, “não passa de um ato primário de etnocentrismo tentar transferir a lógica de um sistema (cultural) para outro”. No livro *O*

³³ Remeto, também, o leitor a Geertz (1989) especificamente ao texto etnográfico: “Pessoa, tempo e conduta em Bali” (Ibidem, p. 149-185).

pensamento selvagem, Claude Lévi-Strauss (1989), contesta a abordagem evolucionista de que o pensamento mágico do qual as sociedades simples dispõem antecede o científico e que, portanto, lhe é inferior:

O pensamento mágico não é um começo, um esboço, uma iniciação, a parte de um todo que não se realizou; forma um sistema bem articulado, independente deste outro sistema que constituirá a ciência, salvo a analogia formal que as aproxima e que faz do primeiro uma expressão metafórica do segundo (LÉVI-STRAUSS, 1976, p.28).

Assim, nessa direção, Laraia (2006) reflete e argumenta que, na história da humanidade, em vez de um sistema consecutivo magia, religião e ciência, têm-se na verdade sistemas simultâneos. Trata-se, na verdade, de diferentes concepções sobre o universo.

Direcionadas para o campo desse exercício etnográfico, é possível que estas reflexões venham iluminar a importância de pequenos gestos durante o período em que se deram as interlocuções com as narradoras e os narradores de Hidrolândia -GO. Ali, as caminhadas pela cidade e conversa informal com moradores; as pausas para o café; os passeios pelos quintais; as demoradas despedidas na porta de casa; a colheita de manga e laranja no pomar e, na horta ao lado, de abóbora e cebolinha verde; a apreciação de seus animais de estimação e/ou acontecimentos inesperados após cada gravação das narrativas ou durante as sessões de fotos, foram e continuam sendo reveladores das práticas culturais daquelas pessoas e da região. O conceito de cultura é central para que se compreenda do ponto de vista antropológico, o que significa e como se atribuem sentidos a este estar no mundo, identificando-se como pessoa³⁴.

Mesmo considerando as divergências teóricas e a divisão de várias correntes de

³⁴De acordo com Roberto Da Matta, a frase “Você sabe com quem está falando?” expressa hierarquia e autoritarismo demarcando bem a distinção entre indivíduo e pessoa. Os seres humanos que se sentem autorizados a se dirigir dessa forma aos outros, colocam-se na posição de pessoas: são sujeitos de direito, assumem uma identidade no contexto social. Os seres humanos para os quais tal pergunta é dirigida são, para as pessoas, meros indivíduos, mais um número na multidão.

pensamento dentro da ciência antropológica, o que gera um diálogo produtivo do ponto de vista científico para esta e outras disciplinas, a antropologia, atualmente, parece distinguir e demonstrar que sociedades diferentes podem ter concepções de existência diversas, igualmente ricas e boas para cada uma. Esse perfil vai se delineando a partir dos séculos XV, XVI, XVII. Com a expansão marítima, o processo de colonização e o surgimento de frestas para o encontro com o Outro, vai se constituindo também num cenário propício ao “sentimento da Antropologia” (ROCHA, 1994, p.22). Nessa época, posterior ao século XV, as Grandes Navegações propiciam pela primeira vez a interligação de mundos até então desconhecidos. Nesse cenário, a ciência antropológica vai se delineando como instrumento para se pensar a diversidade no encontro como o Outro:

A Antropologia Social é uma ciência sobre a diferença entre os seres humanos. Ela, como de resto quase todas as atitudes que temos frente ao ‘outro’, nasceu marcada pelo etnocentrismo. (ROCHA, 1994, p.20, grifo do autor).

Desses encontros iniciais do ‘novo’ com o ‘velho’ mundo a perplexidade do choque cultural aos poucos vai cedendo espaço a tentativas de se pensar e compreender o diferente que, com o passar do tempo, vai assumindo formas diversas. Dentre os primeiros conjuntos de ideias a mais marcante para a teoria antropológica como disciplina científica é o evolucionismo³⁵. Assim, o espanto com a diferença dá lugar a uma explicação: o outro é diferente porque possui diferente grau de evolução (em padrões eurocêntricos).

A noção de evolução comprometida com o crescimento e a formação dos organismos tem no livro *Origem das Espécies*³⁶, de Darwin, publicado na metade do século XIX, sua formulação clássica e juntando-se aos pensamentos e discussões filosóficas dos iluministas resulta na permanência do etnocentrismo. No estudo da cultura, foi primordial a

³⁵Com o conceito de progresso presente no evolucionismo o fator tempo passa a ser bastante importante dentro desta teoria. O homem a caminho. No tempo cronológico. A direção é a de um estágio superior de civilização (ROCHA, 1994, p.38-41).

³⁶Propõe a teoria sobre a origem das espécies através da seleção natural ou a preservação de raças favorecidas na luta pela sobrevivência. Nesta perspectiva, os organismos vivos evoluem gradualmente.

derrubada da visão da natureza humana dominante no iluminismo (o constante, o geral, o universal). Sendo assim, traçar uma linha entre o que é natural universal e constante no homem implica em uma adulteração da situação humana ou, no mínimo, em interpretação equivocada

Malinowski e Franz Boas deram novos rumos à antropologia ao defender a importância de estudar as culturas humanas nos particulares, partindo da premissa de que o grupo produz, a partir de suas condições históricas, climáticas, lingüísticas etc., uma determinada cultura que se caracteriza, então, por ser única e específica.

A ciência antropológica dá um grande e decisivo passo para se afastar das idéias etnocêntricas, sustentadas por um parâmetro eurocêntrico de comportamento. Isso significou abandonar a simplificadora perspectiva evolucionista para a qual a existência social foi realizada em etapas: “primeiro o físico, depois o social, primeiro o grito, depois a fala; primeiro o indivíduo, depois o grupo.” (DA MATTA, 1987, p. 34).

Um dos desafios principais da antropologia moderna tem sido a reconstrução do conceito de cultura, superando ao mesmo tempo a fragmentação de reformulações anteriores. Laraia (2006) propõe-se a sintetizar as teorias modernas que buscam uma coerência conceitual do termo cultura utilizando-se do esquema elaborado por Roger Keesing (1974, *apud* LARAIA, 2006. p.59 *seq.*), onde as divide em dois grupos: as teorias que consideram cultura como um sistema adaptativo e aquelas teorias idealistas de cultura. As teorias Idealistas de cultura podem ser divididas em três abordagens: cultura como sistema cognitivo, cultura como sistemas estruturais e cultura como sistemas simbólicos.

Para melhor delimitar o propósito investigativo assinalamos aqui para diferentes possibilidades de articular e constituir campos dialógicos entre memória, objetos biográficos e as narrativas de vida, tendo como inspiração o referencial proposto pela perspectiva

antropológica de Geertz, ou seja, a “Antropologia simbólica”. Aqui o conceito de cultura “é essencialmente semiótico”. Nesta abordagem, compreende-se que na descrição etnográfica as ideias são expressas por intermédio da linguagem simbólica e o que se interpreta é “o fluxo do discurso social e a interpretação envolvida consiste em tentar salvar o ‘dito’ num tal discurso da sua possibilidade de extinguir-se e fixá-lo em formas pesquisáveis.” (GEERTZ, 1989, p. 15, grifo do autor).

Assim, a cultura sob a perspectiva semiótica é um conceito altamente interpretativo, pode ser lida como um texto que permite inúmeras interpretações e o conceito de cultura tem impacto direto no conceito que se tem de tornar-se humano:

Quando vista como um conjunto de mecanismos simbólicos para controle do comportamento, fontes de informação extra-somáticas, a cultura fornece o vínculo entre o que os homens são intrinsecamente capazes de tornar e o que eles realmente se tornam, um por um. Tornar-se humano é tornar-se individual, e nós nos tornamos individuais sob a direção dos padrões culturais, sistemas de significados criados historicamente em termos dos quais damos forma, ordem, objeto e direção às nossas vidas (GEERTZ, 1989. 37).

Todas estas interpretações se estabelecem por meio de símbolos e processos, como por exemplo, os rituais. Através deles os seres humanos estabelecem significados às suas ações. Decididamente, se trata de uma forma de linguagem. Segundo Geertz, em cada sociedade, o homem tem permanentemente a necessidade de obter o que ele chama ‘fontes de iluminação simbólica’ que lhe ajudam a realizar um completo sistema de significados. Para ele, todos nós nascemos com “um equipamento para viver mil vidas, mas terminamos no fim tendo vivido uma só!” A constatação desta amplitude de possibilidades pode ser, finalmente, “um dos fatos mais significativos que podemos constatar sobre nós” (GEERTZ, 1989, p. 61). Pela ótica do lugar social de quem vive e narra o vivido, cada narrativa biográfica reflete aceções singulares do imaginário humano:

(...) os produtos significativos da imaginação humana (uma saga islandesa, um romance de Austen, ou a cremação balinesa) são testemunhos igualmente poderosos

da crença reconfortante de que somos todos iguais e da desconfiança preocupante de que não somos. (GEERTZ 1997, p. 66).

E tem sido assim, utilizando-se destes vestígios resultantes dos produtos significativos da imaginação humana, que a cultura vem sendo dinamizada através das sucessivas gerações, entre conflitos, negociações e jogos de poder, sempre se renovando e se recriando num processo vivo e dinâmico, propiciando a cada grupo social romper (ou criar) barreiras espaciais e temporais na possibilidade de construir sua própria identidade.

Na trajetória histórica, a memória, além de já ter sido pensada como atributo individual, já foi associada aos deuses e às musas. Os primeiros documentos que servem de base para estudos acerca dos aspectos míticos da memória e do tempo são marcados pela divinização da memória.

Nos gregos Letes é uma divindade feminina que forma um par contrastante com Mnemosyne, deusa da memória e mãe das musas. Segundo a genealogia e teogonia, Lete vem da linhagem da Noite (em grego Nyx, Nox em latim), mas não posso deixar de mencionar o nome de sua mãe. É a Discórdia (em grego, *Eris*, em latim, *Discórdia*) o ponto escuro neste parentesco. (WENRICH, 2001, p.24)

Em Dante, na *Divina Comédia*, e em inúmeras obras literárias “Lete” (ele ou ela), um rio do submundo, reaparece e confere esquecimento às almas dos mortos. O pensamento filosófico da Europa, seguindo os gregos, procurou a verdade ao lado do não esquecer, portanto da memória e da lembrança, e só nos tempos modernos tentou mais ou menos timidamente atribuir, também, certa verdade ao esquecimento (WENRICH, 2001).

Em função de várias pesquisas interdisciplinares em torno da natureza e das funções da memória, longos percursos teóricos foram trilhados até os séculos XX e XXI, quando a memória passa a ser definida como fenômeno culturalmente constituído. Com base, nesta afirmação, este estudo procura compreender os elos entre memória e identidade nos

termos formulados por Pollak, ou seja, o entendimento de que a memória é um fenômeno construído:

Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros (POLLAK, 1992, p. 204).

Alguns elos conceituais entre memória e identidade são mais bem compreendidos com Le Goff (1984), quando ele aponta para a identidade coletiva do grupo como um dos três grandes eixos de interesse em termos de ordenação da memória:

Nas sociedades sem escrita a memória colectiva parece ordenar-se em torno de três grandes interesses: a identidade colectiva do grupo que se funda em certos mitos, mais precisamente nos mitos de origem, o prestígio das famílias dominantes que se exprime pelas genealogias, e o saber técnico que se transmite por fórmulas práticas fortemente ligadas a magia religiosa (LE GOFF, 1984, p.9).

Ao destacar os mitos de origem, as famílias e sua genealogia e saber técnico transmitido, o autor lança luzes para a compreensão de tais conhecimentos em torno deste processo histórico de formação e desenvolvimento do conceito de memória e demonstra sua estreita ligação com identidade individual e coletiva, grupos familiares e suas narrativas orais.

Ao abordar a questão da *autonomia das novas identidades coletivas*, Santos, (1998) situa a memória como o artefato indispensável nesse processo, construído no e pelo social:

O sentido de continuidade e permanência presente em um indivíduo ou grupo social ao longo do tempo depende tanto do que é lembrado, quanto o que é lembrado depende da identidade de quem lembra. Da mesma forma que a identidade, a memória também deixou de ser pensada como um atributo estritamente individual, passando a ser considerada como parte de um processo social em que aspectos da psique se encontram interligados a determinantes sociais (SANTOS, 1998, p.2).

Discorrer a respeito da memória e de suas funções é falar na importância de estudiosos como Henri Bergson e destacar seu empreendimento científico para dar a memória um estatuto espiritual diverso da percepção. No que se refere à natureza e a funções da memória, Bergson deixa claro que só poderão ser avaliadas quando “se interpenetram e se iluminam mutuamente os conceitos de ‘memória’, ‘tempo’, ‘devir’, ‘élan vital’” (Bosi, 1994, p.43, grifos da autora). Tais conceitos são importantes para melhor contextualização da obra deste autor. Para Bosi (1994, idem), “a rica fenomenologia da lembrança” é o seu principal interesse na obra desse autor. Por favorecer distinções de caráter analítico sobre a lembrança, os estudos de Henri Bergson (1999) mostram alguns pontos sugestivos para análise das narrativas biográficas ouvidas em campo. De acordo com esse autor:

As lembranças pessoais, exatamente localizadas, e cuja série desenharia o curso de nossa existência passada, constituem, reunidas, o último e maior invólucro de nossa memória. Essencialmente fugazes, elas só se materializam por acaso, seja porque uma determinação acidentalmente precisa de nossa atividade corporal as atraia, seja porque a indeterminação mesma dessa atitude deixe o campo livre ao capricho de sua manifestação (BERGSON, 1999, p. 120).

Conhecido como filósofo da intuição³⁷, ele entende a memória como a faculdade que permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. O seu cuidado maior é o de entender as relações entre a conservação do passado e a sua articulação com o presente, a confluência de memória e percepção.

Ao ponderar sobre memória e inconsciente, Bergson elege como seu questionamento central evidenciar a memória espontânea e livre em oposição aos esquemas mecanicistas que a abrigavam em determinado *canto escuro do cérebro*: “Ele quer mostrar que o passado se conserva inteiro e independente no espírito; e que o seu modo próprio de existência é um modo inconsciente” (Bosi, 1994, P. 51). Para Bergson (1999 p. 160), as

³⁷Bergson chama de “intuição” essa espécie de simpatia intelectual pela qual nos transportamos ao interior de um objeto para coincidir com aquilo que ele tem de único e, por conseguinte, de inexprimível

imagens passadas não interferem no presente, a esse respeito ele diz: “Meu presente é aquilo que me interessa o que vive para mim e, para dizer tudo, o que me impele à ação, enquanto meu passado é essencialmente impotente.”

As imagens passadas, reproduzidas tais e quais com todos os seus detalhes, e inclusive com sua coloração afetiva, são as imagens do devaneio ou do sonho; o que chamamos agir é precisamente fazer com que essa memória se contraia ou, antes, se aguce cada vez mais, até apresentar apenas o fio de sua lâmina à experiência onde irá penetrar (BERGSON, 1999, p. 121).

Na opinião de Gaston Bachelard (1988), “antes de Bergson, nunca se havia realizado tão bem a equação entre o ser e o devir.” (Idem, 1988, p.12). Nessa direção, esse autor, destaca assim a ideia fundamental do pensamento bergsoniano:

O ser, o movimento, o espaço e a duração não podem comportar lacunas; não podem ser negados pelo nada, pelo repouso, pelo ponto, pelo instante; ao menos essas negações estão condenadas a serem indiretas e verbais superficiais e efêmeras (Ibdem, 1988 p.16).

A conservação de um passado intacto implicaria em uma idéia de tempo contínuo. Do bergsonismo Bachelard, admite aceitar quase tudo, exceto a idéia de continuidade temporal. Uma vez que contrariamente, para ele, o tempo é fundamentalmente descontínuo e tem muitas dimensões, constituindo-se em um sistema de instantes e de intervalos.

O impacto dos conceitos revisitados e ampliados por Bergson e os debates suscitados em torno desta temática servem de base para a obra clássica de Maurice Halbwachs, o principal estudioso entre memória e história pública, em sua obra mais célebre: *Memória Coletiva* (1950; 1997) escrita a partir do olhar sociológico e antropológico do tema, cria o polêmico conceito de “memória social”, causando grande impacto nas últimas décadas do século XX.

Porém, de acordo com Abreu (2005), os primeiros esforços para delimitar o conceito de memória social como designações do caráter social da memória humana são feitos por Émile Durkheim. No contexto da Escola Sociológica Francesa, ele procurou mostrar como as representações sociais não poderiam ser reduzidas às representações individuais (ABREU,

2005). Tendo sido discípulo de Durkheim, a opção de Halbwachs foi a de ampliar o foco de investigação do objeto a ser apreendido. Além de estudar a memória como fenômeno social, refletiu, ao mesmo tempo, sobre as dimensões sociais e simbólicas da memória individual. Na perspectiva teórica de Halbwachs, a verificação das relações já não estará limitada “ao mundo da pessoa (relações entre o corpo e o espírito, por exemplo), mas perseguirão a realidade interpessoal das instituições sociais” (BOSI, 1994, p. 54). Nesse sentido, podemos dizer que nossas lembranças não são somente nossas e sim que dependem vitalmente dos grupos de nosso convívio e dos grupos de referência característicos a cada indivíduo:

Não é possível reter uma massa de lembranças em todas as suas sutilezas e nos mais precisos detalhes, a não ser com a condição de colocar em ação todos os recursos da memória coletiva (HALBWACHS 1990. p. 187).

Para Halbwachs, as relações entre imagens se dão no âmbito social. Para a potencialização dos recursos da memória coletiva, as situações de interação com as pessoas, ambientes e objetos tornam se essenciais.

Ao tratar da ligação entre memória e identidade social, sobretudo no âmbito das histórias de vidas, Pollak (1992), reforça a importância dos estudos de Halbwachs nos anos 20-30, para a compreensão da memória como fenômeno construído coletivamente e por isso sujeito a mudanças, flutuações e constantes transformações. De acordo com sociólogo, há que se considerar como elementos constitutivos da memória individual ou coletiva:

Em primeiro lugar, são os *acontecimentos* vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer (POLLAK, 1992, p.201).

Os acontecimentos vividos incluem as pessoas e/ou personagens evidenciados em nossa trajetória ou dos lugares onde vivemos e, portanto, também são constitutivas da memória. Sejam aquelas personagens que realmente foram encontradas no decorrer da vida ou

“personagens frequentadas por tabela” que, ao referir-se aos lugares da memória, conceitua-os como aqueles lugares que são particularmente ligados a uma lembrança.

Fazendo menção à lembrança pessoal, adverte que esta poderá não se apoiar no tempo cronológico. Seguindo a mesma linha de raciocínio, os três elementos (acontecimentos, personagens e lugares) podem ter sido conhecidos de forma direta ou indireta e dizer respeito aos elementos reais, estando edificados na experiência, ou seja, em episódios concretos. “Mas pode se tratar também da projeção de outros eventos” (POLLAK, 1992 p.201).

Imagem 4 –Mãos e gestos de fiandeiras e teceadeiras



Hidrolândia - GO
 Fotos - Marco Antonio 2008
 Montagem - Esther Moreno
 Acervo - Pesquisadora

1.1. Ressonâncias Patrimoniais: repercussões culturais e identitárias.

Uma vez que conceitos como memória e identidade social são construções coletivas e individuais, podem perfeitamente ser negociadas. E são fenômenos que não devem ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo. Tratando-se de fenômenos disputáveis e negociáveis pressupõem a presença do Outro. “O outro: esse difícil” (BRANDÃO, 1986b, p.3).

Mas o Outro é, também, aquele que influencia a construção da identidade social, imagem de si para si e para os outros. O Outro é a referência para construção de identidades como elemento que resiste ao indivíduo e, por extensão, ao grupo. “Ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros” (POLLAK, 1992, p. 204).

Tais disputas e negociações se tornam mais acirradas ao se tratar de memórias e identidades coletivas. No que se refere à fundamentação e elaboração de políticas públicas, ligadas às áreas educacionais e culturais, as situações conflituosas ampliam-se, consideravelmente, com o surgimento de interesses variados e outros conceitos na disputa tanto pela memória quanto pelo esquecimento coletivo.

Tratando de categorias inter relacionadas como Autenticidade, Memórias e Ideologias Nacionais, Gonçalves (1988), ressalta que “os ideólogos da ‘nacionalidade’ ou da ‘etnicidade’ dedicam especial atenção ao problema do patrimônio cultural” (Idem, 1988, p.266, grifos do original). Isso se dá certamente pelo fato de este campo apontar para a construção e comunicação de uma identidade nacional ou étnica, o que o constitui como cenário de lutas culturais envolvendo poderes e saberes.

Para o autor, é oportuno relacionar o valor documental, originário desse processo de objetificação do pensamento e dos grupos representativos das culturas, com a com a

polissemia inerente à noção de ‘patrimônio’ e todas as implicações relacionadas à conservação de determinados ‘bens culturais’. (Idem, 1988, p.265, grifos do original).

Para Gonçalves (1988), as categorias “sinceridade” e “autenticidade” estão ligadas às modernas ideias de indivíduo e sociedade. A esse respeito o autor cita e enaltece o estudo feito por Lionel Trilling sobre tais categorias na moderna história cultural do Ocidente:

A preocupação com a sinceridade corresponde a uma preocupação com a insinceridade nas relações sociais. Como saber, com certeza, que aquele que desempenha um papel social está sendo sincero e não está nos mistificando? Desse modo, sinceridade tem a ver com a maneira como apresentamos nosso *self* nas relações com o outro (Idem, 1988, p.264).

Gonçalves diz, ainda referindo-se ao ponto de vista de Trilling, que a sinceridade está assim ligada ao modo como apresentamos nosso *self* ao outro. No campo das relações sociais, sinceridade expressa a luta entre uma concepção de *self* determinada socialmente, em que ainda se preza a relação com o outro e as contemporâneas concepções individualistas do *self*. No contexto em que predominam as concepções individualistas do *self*, emerge a noção de autenticidade.

Ainda conforme Gonçalves (1988), nos últimos anos antropólogos e historiadores têm se dedicado a estudos sobre o valor simbólico dos objetos e das coleções em sua relação com a construção de identidades pessoais e coletivas:

Assim como a identidade de um indivíduo ou de uma família pode ser definida pela posse de objetos que foram herdados e que permanecem na família por várias gerações, também a identidade de uma nação pode ser definida pelos seus monumentos aquele conjunto de bens culturais associados ao passado nacional. Estes bens constituem um tipo especial de propriedade: a eles se atribui a capacidade de evocar o passado e, desse modo, estabelecer uma ligação entre passado, presente e futuro. Em outras palavras, eles garantem a continuidade da nação no tempo (GONÇALVES, 1988, p.267).

Dentre as políticas públicas, nosso interesse focaliza-se nas políticas patrimoniais. A partir do viés da perspectiva antropológica, a ideia de patrimônio está diametralmente ligada ao conceito antropológico de identidade. Portanto, são considerados como artefatos

sociais. O patrimônio precisa ser desnaturalizado e historicizado para uma análise crítica. O conjunto de bens tombados e em consequência reconhecidos como patrimônio nacional não são elementos naturais e sim produções culturais das práticas que os concebem. “Da mesma forma, na arte, no parentesco ou na religião os objetos são referências e, ao mesmo tempo, conseqüências da construção cultural” (SILVEIRA; LIMA FILHO, 2005, p.41). Os elementos constitutivos da memória, como acontecimentos, personagens e lugares e seus laços sociais tornam-se valores irrelevantes se comparados ao jogo de poder político e econômico que entra em cena quando um determinado lugar se transforma em patrimônio. Como se ocorresse uma “petrificação da memória” (Jeudy, 1990) numa representação daquilo que sobrevive a morte e ao esquecimento:

A gestão cultural das memórias destrói seu poder de singularidade familiar reconduzindo a troca intersubjetiva das imagens e das lembranças a uma ordem de reconhecimento objetivo, à monumentalidade de uma história reconstituída. (JEUDY, 1990, p. 131)

Para o autor, a petrificação suprime tempo e espaço para deixar o caminho livre rumo a uma memória imaginária e assim parece estimular a interpretação. Essa petrificação libera a palavra pelo jogo do comentário. A morte é aqui subtraída, a memória se atualiza. Tudo pode ser dito da coisa petrificada, o mistério e a descoberta não a maculam, pois sua integridade tornou-se atemporal. O social, enquanto objeto de museu, é ressignificado pelos discursos que não param de atribuir-lhe sentidos. Objetos e acontecimentos são reconstituídos pelo caráter imediato da memória e passam a ser palco do social.

A constituição do campo do patrimônio resulta, portanto, de discursos verbais e extra-verbais dos agentes oficiais culturais encarregados de instituir a memória coletiva. No Brasil, a preocupação com a valorização do patrimônio cultural brasileiro inicia-se com o movimento cultural denominado “Semana de 22”, organizado pelos intelectuais modernistas, destacando-se Mário de Andrade e Lúcio Costa, que exerceram papel determinante na criação

e funcionamento do SPHAN /IPHAN. Por intermédio de sua prática discursiva configurada por múltiplas linguagens, o Instituto do Patrimônio Artístico Nacional (IPHAN), criado pelo Decreto nº 25, de 30 de novembro de 1937, como um órgão federal de proteção ao patrimônio cultural, tem produzido ao longo de sua trajetória a noção de “patrimônio nacional” em seu trabalho de gestão, produção e imposição de bens culturais.

A “*Convenção Geral para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural*” – redigida em 1972 e homologada em 1985, na República Popular da China – por iniciativa da Organização para a Educação, Ciência e Cultura das Nações Unidas (UNESCO); estabelecia o tipo de locais classificados como patrimônio natural ou cultural a serem inscritos na lista de Patrimônio Mundial. Criou, ainda, o Fundo do Patrimônio Mundial e o Comitê do Patrimônio Mundial. Nos termos da legislação brasileira, em nível federal, Constituição Brasileira de 1988, (Decreto-lei 25/1937, Decreto 3551/2000), os critérios já estabelecidos para o reconhecimento oficial de um bem, ou seja, o tombamento é a sua inscrição em um dos quatro livros do tomo; de acordo com seu valor: arqueológico, histórico, artístico, etnográfico e paisagístico.

Na maioria das vezes, a gestão patrimonial, equivocadamente, tende a representar os interesses da elite que, utilizando-se de seu poder econômico e político, “protege” bens patrimoniais que simbolizam a memória de pequenos grupos sem levar em conta os vários pontos de vista da memória social em suas referências culturais e identitárias. Vale ressaltar, nesse sentido, que em seu artigo 216 a Constituição Brasileira de 1988 decreta:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira (Título VIII, Capítulo 3, Seção II, art. 216).

Assim decretando, ainda que muitas questões não se garantam por decreto, a legislação brasileira reconhece juridicamente o vínculo entre patrimônio cultural e diversos

grupos sociais (indígenas, quilombolas, imigrantes, ciganos e outros grupos) incluindo aqueles que lutam para reafirmar a própria identidade étnica e garantir direito a participação nas políticas públicas existentes no país.

Recentemente, no ano de 2003, a comunidade internacional adotou a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial³⁸ justamente por considerar sua natureza, vulnerabilidade e constante modificação ao perpassar por gerações. No caso do Brasil, as iniciativas de Salvaguarda datam de quatro de agosto de 2000, portanto na vanguarda, com O Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI) instituído pelo Decreto nº 3.551, que trata de viabilizar projetos de identificação, reconhecimento, salvaguarda e promoção da dimensão imaterial dos bens culturais³⁹.

De dentro do contexto sociocultural, podem surgir contribuições de campos ligados às ciências sociais (antropologia, direito, sociologia) e ciências humanas (filosofia, história e outras) para proteção e salvaguarda do patrimônio cultural, mas é também neste contexto social que equívocos podem fazer com que pessoas comuns se afastem de seus bens mais preciosos como tecer, bordar, dançar, cantar, cozinhar, modelar, festejar, contar histórias. Porque se as ações de salvaguarda, proteção e preservação se converterem em

³⁸ “A UNESCO define como Patrimônio Cultural Imaterial as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas e também os instrumentos, objetos, artefatos e lugares que lhes são associados e as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos que se reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. O Patrimônio Imaterial é transmitido de geração em geração e constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.”. Disponível em <http://portal.iphan.gov.br>. Acesso em 14/6/2009.

³⁹ “Os bens são agrupados por categoria e registrados em livros, classificados em: Livro de Registro dos Saberes, para os conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades; Livro de Registro de Celebrações, para os rituais e festas que marcam vivência coletiva, religiosidade, entretenimento e outras práticas da vida social; Livro de Registros das Formas de Expressão, para as manifestações artísticas em geral; e Livro de Registro dos Lugares, para mercados, feiras, santuários, praças onde são concentradas ou reproduzidas práticas culturais coletivas. Já estão registrados como Patrimônio Imaterial os seguintes bens brasileiros: Arte Kusiwa dos Índios Wajãpi; Ofício das Panelleiras de Goiabeiras; Samba de Roda no Recôncavo Baiano; Círio de Nossa Senhora de Nazaré; Ofício das Baianas de Acarajé; Viola-de-cocho; o Jongo no Sudeste; cachoeira de Iauaretê – Lugar sagrado dos povos indígenas dos Rios Uaupés e Papuri; Frevo; Tambor de Crioula; Matrizes do Samba no Rio de Janeiro: Partido Alto, Samba de Terreiro e Samba-Enredo; Modo artesanal de fazer Queijo de Minas, nas regiões do Serro e das serras da Canastra e do Salitre; Roda de Capoeira e Ofício dos Mestres de Capoeira e, mais recentemente, o modo de fazer Renda Irlandesa produzida em Divina Pastora (SE)”. Disponível em <http://portal.iphan.gov.br>>. Acesso em 14 junho 2009.

espetáculo, alguns atores sociais podem não se reconhecer no que antes era sinônimo de convivência social compartilhada e negociada em grupo.

Para iluminar determinados aspectos da vida social e cultural, a noção de patrimônio possibilita análises esclarecedoras a partir de suas ressonâncias e materialidades. Ao estabelecer uma ligação entre passado, presente e futuro, os bens culturais são essenciais ao processo de formação de subjetividades individuais e coletivas. Os objetos biográficos e sua presença constante no repertório das narrativas, que estarão em foco no próximo capítulo, configuram-se como uma estratégia de (re)leitura das referências culturais e identitárias de seus possuidores. A intenção é olhar para o processo de preservação do patrimônio dialeticamente, reconhecendo na diversidade cultural de cada cidade ou povoado a possibilidade de estabelecer um diálogo.

Quem sabe, por esse viés dialógico, os discursos e políticas voltados para a questão do patrimônio cultural possam ser reveladores das variações de significados nas representações sobre a categoria *patrimônio* entendida como parte e extensão da experiência de um maior número de pessoas.

No próximo capítulo, *Narrativas Orais – dos Fios aos Pontos*, são apresentadas quatro narrativas de vida de *Dona Rita*, *Sr. Militino*, *Maria de Lurdes* e *Zilmar*, respectivamente. Busco compreender um tipo de função social com aspectos culturais e identitários intrínsecos aos objetos biográficos narrados no contexto dessas quatro histórias de vida. Esclareço, no entanto, que a ordem dos fragmentos narrativos das histórias de vida serão apresentados ao leitor seguindo o mesmo percurso de organização feito pelo narrador. Dito de outra forma, ainda que contenham recortes feitos durante o processo de escrita e análise, em cada história lida estarão preservados os nódulos estruturais das memórias de vida e a sequência em que foram lembradas por cada recordador. Organizadas da seguinte forma: as duas primeiras narrativas (*Dona Rita* e *Sr. Militino*) são descritas e pensadas em momentos

distintos. Embora guardem uma forte proximidade no que se refere ao *saber fazer* (ofício) dessas duas pessoas. Já nas duas últimas (narradas por Maria de Lurdes e Zilmar) os fragmentos narrativos encontram-se descritos no mesmo formato das narrativas anteriores, diferenciando-se somente no momento de análise, ou seja, as considerações sobre as categorias presentes nessas narrativas são feitas conjuntamente.

Para análise, destacam-se as categorias: *infância; família; trabalho/saberes e ofícios; fazenda/terra e herança*. Categorias de pensamento representativas das configurações sociais e culturais dessas pessoas ao longo de seu tempo vivido, são, portanto, instrumentos de análise e reflexão desses aspectos no processo de construção sócio-histórico-cultural do movimento de conhecimento de si e do mundo.

Imagem 5 – Trajetórias em algodão.



Hidrolândia - GO
Fotos - Marco Antonio 2008
Montagem - Esther Moreno
Acervo - Pesquisadora

CAPÍTULO 2 – NARRATIVAS ORAIS: DOS FIOS AOS PONTOS

Ferro à brasa, máquina de costura, roda de fiar, outra roda de fiar, bodoque, banco de madeira, par de cardas, descaroçador, três cobertas tecidas no tear, panelinha de ferro, panelão de ferro. Nesse rol há uma variedade de características materiais. Uns feitos de ferro, outros de: madeira, alumínio, borracha, algodão. Compõem sua materialidade as cores e os tons em tintas naturais e/ou industrializadas. Muitos foram restaurados manualmente por seus donos para que continuassem a cumprir uma *função* utilitária no dia-a-dia. Mas vão além dessa função por serem objetos vinculados ao universo do vivido, ao contexto sócio-histórico-cultural.

O espaço de circulação desses objetos, surgidos durante a pesquisa de campo, revela pelas narrativas muito mais do que a matéria-prima da qual foram produzidos. Cada um deles circulou e circula por lugares e tempos múltiplos. E todas essas trajetórias são momentos que duram, às vezes, uma vida inteira ou perduram por gerações. Assim estão repletos de sentidos e a lógica social compartilhada é o fio condutor desses discursos narrativos.

Como enfatizam Silveira e Lima Filho (2005), os objetos e as coisas tornam-se elementos da paisagem porque sempre remetem a alguém ou a algum lugar. Nessa direção os autores argumentam:

É nesse sentido que é possível falar numa memória que impregna e restitui “a alma nas coisas”⁴⁰, referida a uma paisagem (inter) subjetiva onde o objeto (re) situa o sujeito no mundo vivido mediante o trabalho da memória, ou ainda, é da força e dinâmica da memória coletiva que o objeto, enquanto expressão da materialidade da cultura de um grupo social remete à elasticidade da memória como forma de fortalecer os vínculos com o lugar, considerando as tensões próprias do esquecimento (SILVEIRA e LIMA FILHO; 2005 p. 39).

Essa rede de significados e sentidos que o objeto espalha no mundo revela pontos

⁴⁰ De acordo com os autores estes termos referem-se a um fragmento da letra da música A Paixão de V Segundo Ele Próprio, de Vitor Ramil.

de vista da memória coletiva, fundamentais no processo de construção da tecelagem cultural como trama de relações (inter)subjetivas. As ações realizadas ou sofridas por cada pessoa, em interação com outros e com o mundo, em companhia de seus objetos biográficos, atualizam o perfil das representações simbólicas, delineando paisagens variadas de trajetórias biográficas como eixos temáticos de cada uma dessas narrativas de vida.

As inúmeras formas de ler e escrever esse texto cultural repleto de saberes e fazeres, apreendidos e (re)apropriados no contexto social cotidiano, são também elementos compositivos de cada uma dessas performances narrativas. Tudo depende de como se dá a relação pesquisador/universo pesquisado, a escuta dos narradores e suas histórias. Histórias de vidas vividas, reconstruídas dos labirintos da memória e da pluralidade destas memórias.

Nesta direção, pretende-se prioritariamente aprimorar os sentidos e os instrumentos de análise para que “a incrível abundância inventiva das práticas cotidianas” (CERTEAU, 2008, p. 342) possa ser interpretada na perspectiva de uma antropologia simbólica. Lugar teórico de onde o fazer etnográfico possibilita olhar e compreender as práticas cotidianas e todo potencial inventivo em torno delas, nossas ideias, nossos valores, atos e mesmo nossas emoções como artefatos culturais.

Com certeza, ressaltam-se, no depoimento individual, fundamentos do pensamento social internalizado e ressignificado presente no pensar de cada um dos membros da coletividade, como pensamento socialmente compartilhado (LEFEVRE, 2005). Colocando as reflexões suscitadas por cada narrativa ouvida diante da premissa de Durkheim de que o social não se explica pelo individual. Para ele:

(...) o fenômeno social não depende da natureza pessoal dos indivíduos. É que na fusão da qual ele resulta, todas as características individuais, sendo divergentes por definição, neutralizam-se e apagam-se mutuamente. Apenas as propriedades mais gerais da natureza humana sobrenadam; e precisamente por causa de sua extrema generalidade não poderiam explicar as formas muito especiais e complexas que caracterizam os fatos coletivos (DURKHEIM, 1970, p. 34).

Torna-se cada vez mais imprescindível a busca de um pensamento holístico ao

abordar temáticas ligadas à memória na vida social. Em sua teoria, Durkheim (1970), inclui a questão do espírito e da espiritualidade na construção das representações, ampliando a concepção de subjetividade. Dito com suas palavras, a “representação não se produz sem agir sobre o corpo e o espírito” (Ibidem, p. 26). Há, na constituição do ser, uma implicação de outras temporalidades em seu conjunto de relações na construção de representações presentes e passadas.

O estudo da memória ensina a todos que com ela operam uma repulsa a um pensamento que separa o “eu” que pensa da compreensão daquilo que é pensado, pois, no limiar da memória há, sempre e eternamente, uma elaboração ética progressiva da vida social e uma projeção da figura do homem (ECKERT; ROCHA, 2001, p. 13).

A construção de narrativas etnográficas, na produção de conhecimentos científicos, é, também, um exercício de leitura e (re)elaboração ética do processo social e não se constrói sem a vivência das tensões entre a experiência de campo e a experiência da escrita. É nessa lacuna espaço-temporal que a experiência do “eu” predomina como elemento de intercessão entre o “eu” que ouve e o “eu” que escreve. Ou ainda entre o “eu” que lembra e o que narra. Invocando a relevância do ato de lembrar, procurarei me esquivar dessas releituras dicotômicas que reduziriam a memória a um ato mecânico, fixando somente nos aspectos da competência técnica do lembrar, numa competência puramente abstrata, separando essa memória da vida vivida.

A memória, enquanto espaço de (re)construção de conhecimentos, apresenta-se como força interpretativa no reconhecimento e entendimento do contexto sócio-histórico-cultural em que se configura (ECKERT; ROCHA, 2001). Pensar os elementos constitutivos da identidade dessas pessoas⁴¹ (Militino; Rita; Lurdes e Zilmar) inseridas em seu contexto sócio-histórico-cultural é também buscar compreender a memória dessas pessoas a partir de

⁴¹ “Tomando a própria idéia de pessoa a partir de lenta sucessão de fatos históricos que demarcavam conquistas sociais – o Renascimento, a Reforma, a Revolução Francesa – a da reflexão que os antecede, acompanha ou sucede, a primitiva idéia cristã de pessoa como sujeito pessoal em sua essência, ao mesmo tempo humana e divina, evolui para a idéia de pessoa como consciência de si” (BRANDÃO, 1986b, p.26).

condutas e/ou categorias de pensamento.

Desse modo, à medida que as categorias de pensamento foram se esboçando no processo de leitura e interpretação de cada narrativa, o desafio passou a ser continuar o questionamento em direção à busca de compreensão do processo de construção de conhecimentos. Um discurso narrativo está sempre ancorado em funções sociais da linguagem⁴²: quem fala para quem se fala e com que intenção denota a importância do processo comunicativo. As referências culturais e identitárias do narrador/ouvinte de memórias afetivas suscitadas pelos objetos biográficos passarão a ser analisadas partindo da ideia de pessoa “como uma construção simbólica de significações que os homens fazem a respeito de si próprios” (BRANDÃO: 1986b p.45). Assim será possível pensar em identidade, não nacional, mas em torno de categorias sociais como: *infância; família; trabalho/saberes e ofícios; fazenda/terra e herança*, configurando-se como edificações culturais os processos ideológicos e as formas de representações sociais que envolvem essas categorias, bem como a amplitude de seus sentidos variam de sociedade para sociedade ou de época para época na história de uma mesma sociedade.

Na comunicação social, a palavra ocupa um lugar fundamental, como elemento fortalecedor dos argumentos em cada um dos campos do saber, portanto da vida cotidiana. Bakhtin (1981) trata a linguagem no âmbito da ideologia e das relações dialógicas⁴³. Para ele, o sentido da palavra é dado conforme o contexto em que surge. Dito pelo autor:

⁴² O filme brasileiro: *Narradores de Javé* pode ser um bom exemplo de tal característica presente nos discursos narrativos. *Narradores de Javé* conta a história de um povoado que, ao ver a iminência de ter seu vilarejo inundado pelas águas de uma represa, vê como único modo de impedir o acontecimento na transformação do local em um patrimônio da humanidade. Para isso, os moradores decidem passar para o papel todas as lendas sobre a origem de Javé. Como não sabiam escrever chamam o escrivão local para escrever um livro sobre o vilarejo. Surgem inúmeras versões cada morador conta uma história diferente, e sempre defendendo os interesses de seus antepassados.

⁴³ Bakhtin (1981) procura demonstrar ao longo de sua obra que essas relações fazem parte do fluxo histórico-dialético. Por isso sempre existirão relações dialógicas entrelaçadas com relações de sentido e as vozes do “Outro”.

Todas as manifestações da criação ideológica - todos os signos não verbais banham-se no discurso e não podem ser nem totalmente isolados nem totalmente separados dele. Isso não significa obviamente, que a palavra possa suplantar qualquer outro signo ideológico. Nenhum dos signos ideológicos específicos, fundamentais, é inteiramente substituível por palavras. (BAKHTIN, 1981, p. 38).

As narrativas orais, a serem apresentadas a seguir são lugares de palavra, portanto elementos essenciais para a compreensão dos aspectos culturais e identitárias dos narradores de Hidrolândia- GO, uma vez que as narrativas orais além de se aterem aos quadros sociais da memória oferecem minúcias do cotidiano da vida de seus narradores, a luz de aportes teóricos da antropologia interpretativa e do fluxo do discurso social no campo etnográfico.

Apresento, a seguir, ideias em torno de algumas concepções teóricas e do processo histórico pelo qual passou e continuará passando cada uma das categorias sociais analisadas. Tomo como objetivo deixar claro ao leitor, mesmo que em linhas gerais, sob que ótica será feita a abordagem dos discursos narrativos para reflexão e análise nesse estudo. Sem pretensão de aprofundar, nesse momento aspectos mais específicos de cada categoria fora do contexto das quatro narrativas.

- **Infância**

Pensar criticamente infância como categoria social é desmistificar um conceito único de infância atentando para o fato de que existem *infâncias*. É necessário considerar a diversidade de aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos do Brasil. “A ideia de infância moderna foi universalizada com base em um padrão de crianças das classes médias, a partir de critérios de idade e independência do adulto” (KRAMER, 2006, p.15). Entendidas como categoria social e como categoria da história humana, as infâncias são mais do que uma etapa da vida.

Arte literária de Cora Coralina⁴⁴ possibilita um olhar para a percepção do modo

⁴⁴ Cora Coralina (Ana Lins do Guimarães Peixoto Brêtas) – 20-08-1889/10-04-1985 – é a grande poetisa do Estado de Goiás. Em 1903, já escrevia poemas sobre seu cotidiano.

como a sociedade vê a infância no poema “Criança no meu tempo⁴⁵”: A criança faltosa, inconsciente, apanhada, destruída. Ré... ré... ré... De crimes sem perdão. E eles, enormes, gigantescos, poderosos, donos de todas as varas, aplaudidos (CORALINA, 2004, p. 135).

Aqui a poetisa fala de uma infância que existiu enquanto construção social de sua época. Ao longo do século XX, houve um esforço pelo conhecimento da criança, em vários campos do conhecimento. Desde que o historiador francês Philippe Ariès publicou, nos anos 1970, seu estudo sobre a história social da criança e da família, analisando o surgimento da noção de infância na sociedade moderna, ficou evidente que as visões sobre a infância são construídas social e historicamente. A inserção concreta das crianças e seus papéis variam com as formas de organização da sociedade. A ideia de infância não existiu sempre da mesma forma.

Para ajudar a compreender o significado ideológico da criança e o valor social atribuído a elas, Kramer (2006) ressalta as contribuições do sociólogo Bernard Charlot nos anos 1970. Para o sociólogo, a dependência da criança em relação aos adultos, é fato social e não natural. Também a antropologia⁴⁶ em seus estudos e etnografias favorece o conhecimento da diversidade das populações infantis, as práticas culturais envolvendo crianças e adultos, valores e significados presentes na historicidade de ser: criança, curumim, piá, moleque, guri, bebê, anjinho, diabinho, menino, bonequinha, etc.

Outra contribuição peculiar é atribuída aos estudos de Walter Benjamin⁴⁷ (1984)

⁴⁵ Segundo Darcy França Denófrío (2004, p.9-10), os poemas de Cora Coralina selecionados e organizados no bloco “Criança no meu tempo [...] tem o mérito de desvelar para o leitor a educação de um tempo arcaico, praticada não somente em Goiás, mas também, e certamente, em todo o Brasil provinciano da época, quando a criança não tinha voz nem vez”, configurando-se assim em depoimentos acerca dos direitos da criança naquele tempo.

⁴⁶ Ver a esse respeito o estudo da antropóloga Clarice Cohn, autora do livro *Antropologia da criança*. Este livro traz um mapeamento das várias abordagens antropológicas sobre o tema, além de uma discussão sobre os limites e as possibilidades de uma antropologia da criança. A obra mostra ainda como diferentes culturas lidam com a criança e o sentimento de infância. A autora oferece diversos exemplos vivenciados por ela durante o trabalho de campo realizado entre os Xikrin, no Pará.

⁴⁷ A essa capacidade que a criança tem de escolher e adaptar objetos multiformes como representação de sua fantasia e de sua auto-expressão é vista por Walter Benjamin (1984) “fazer história a partir do lixo da história” (idem, *ibid.*, p. 14).

sobre o universo da infância e da cultura infantil. Kramer (2006) propõe a reflexão de quatro eixos, baseando-se em Benjamin: a) A criança cria cultura, brinca e nisso reside sua singularidade; b) A criança é colecionadora, dá sentido ao mundo, produz história; c) A criança subverte a ordem e estabelece uma relação crítica com a tradição; d) A criança pertence a uma classe social.

Para esse autor, o sujeito infantil tem sua constituição e sua significação nas muitas práticas culturais existentes. Circulam infindáveis discursos sobre esse universo. Educadores, psicólogos, antropólogos, historiadores e outros estudiosos na contemporaneidade enfatizam as grandes mudanças no significado da infância⁴⁸, engendradas, justamente, pelas transformações tecnológicas e econômicas pelas quais toda a humanidade está passando. (Ibidem, p.34)

- **Família/ casamento**

Na década de 30 e 40, as pesquisas sobre a família brasileira foram realizadas no Brasil, inicialmente, por sociólogos e antropólogos. Trabalhos pioneiros como o de Gilberto Freyre – *Casa Grande & Senzala*⁴⁹ – e Oliveira Vianna⁵⁰ – *Populações Meridionais do Brasil*, foram de extrema relevância para compreensão da sociedade, sendo que “apresentaram novas perspectivas para a interpretação do passado brasileiro, identificando a relevância das funções sócio-econômicas, desempenhadas pela família desde o início do período colonial”

⁴⁸No Brasil, a Constituição Federal de 1988, no Art. 227, estabelece deveres da família, da sociedade e do Estado para com a criança e o adolescente. O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, sancionado em 1990, também menciona a criança cidadã. No Art. 3º define: “A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais, inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral do que trata essa Lei, assegurando-se-lhes por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental e moral, espiritual e social, em condições e dignidade”.

⁴⁹ Gilberto Freyre opta por uma narrativa detalhada de fatos do cotidiano segundo sua visão do Brasil patriarcal, da casa grande, das paixões e excessos, da senzala, da plasticidade cultural portuguesa valorizando e exaltando a identidade cultural dos senhores. Ao “divulgar uma só forma de estrutura familiar, condenou-se qualquer outra maneira de agrupamento em família à marginalidade, ou seja, de acordo com a idéia de Freyre, quando longe do patriarcalismo, o brasileiro estaria marcado pela indisciplina social, pela promiscuidade e pela dissolução dos costumes” (Figueiredo, 2004,49).

⁵⁰Oliveira Vianna busca fazer sua interpretação em uma perspectiva interdisciplinar: “Todo o meu intuito é estabelecer a caracterização social do nosso povo, tão aproximada da realidade quanto possível, de modo a ressaltar o quanto somos distintos dos outros povos, principalmente dos grandes povos europeus, pela história, estrutura e formação particular” (*Populações Meridionais do Brasil*, Prefácio).

(OLIVEIRA, 2005, p.19). A composição familiar, em seus processos de mudanças e continuidades ao longo dos séculos, implica diretamente nos conceitos de maternidade, paternidade e filiação.

Ellen Woortmann (1995) e outros autores (BRANDÃO, 1986; WANDERLEY, 2005) o casamento é considerado como uma das categorias culturais mais importantes para a análise do campesinato. A autora afirma que o casamento entre camponeses não é uma questão de escolha individual simplesmente: “a rigor, não são apenas dois indivíduos que se casam, mas duas famílias que entram em acordo. Trata-se de um *affaire de famille*” (WOORTMANN, 1995, p.157, grifos no original).

De acordo com a antropóloga Mariza Côrrea (apud FIGUEIREDO, 2004), “não podemos nem sequer imaginar a possibilidade de escrever a história da família brasileira, mas apenas sugerir a existência de um panorama mais rico, a coexistência, dentro do mesmo espaço social de várias formas de organização familiar, a persistência desta tensão revelando-se, não naquela ‘quase maravilha de acomodação’ que é para Gilberto Freyre o sistema da casa grande e da senzala, mas na constante invenção de maneiras de escapar, ou melhor, suportar aquela dominação” (CÔRREA, 1981, apud FIGUEIREDO, 2004, p.49, grifos do original).

Embora o modelo de família nuclear tenha sofrido inúmeras mudanças ao longo dos tempos tem-se nesse grupo (mesmo considerando suas diversas configurações) referências e suportes para a memória desde tempos remotos

A importância do grupo familiar como referência fundamental para a reconstrução do passado advém do fato de a família ser, ao mesmo tempo, o objeto das recordações dos indivíduos e o espaço em que essas recordações podem ser avivadas (BARROS, 1989).

- **Trabalho/ saberes e ofícios**

Não há dúvidas de que as situações e contextos de trabalho se encontram em processo de complexificação e diversificação. Apontando para a necessidade de uma análise

multidisciplinar, o trabalho efetivamente sobressai como tema significativo na memória do vivido⁵¹ quando se pretende estudar os referenciais identitários e culturais na vida das pessoas. O meio laboral⁵² apresenta-se então como lugar “concentrado” onde se detectam a alteridade e as ambivalências. As situações de trabalho perpassam todos os objetos biográficos aqui apresentados. É do trabalho cotidiano de Sr. Militino com o pai que ele apreende seu ofício⁵³ de carpinteiro, enquanto a mãe fazia sabão ou fervia água para preparar o alimento da família. Ou seja, as situações de compartilhamento dos saberes e ofícios entre pais, mães, filhos, filhas avós, avôs, netos, netas, bisnetos e até mesmo amigos e vizinhos, compõem o repertório biográfico desses objetos.

Na teoria sócio-histórica, o poder mediador do trabalho explica a diferença qualitativa entre o homem e o animal. Ao introduzir sua obra *Formação Social da Mente*, Vygotsky (1991) explica através de uma citação clássica de Karl Marx (1985) a ideia dessa experiência duplicada:

A aranha realiza operações que lembram o tecelão, e as caixas suspensas que as abelhas constroem envergonham o trabalho de muitos arquitetos. Mas até mesmo o pior dos arquitetos difere de início da mais hábil das abelhas, pelo fato de que antes de fazer uma caixa de madeira, ele já a construiu mentalmente. No final do processo do trabalho, ele obtém um resultado que já existia em sua mente antes de começar a construção. O arquiteto não só modifica a forma que lhe foi dada pela natureza,

⁵¹ Nesse sentido, remeto o leitor aos estudos realizados por Cornélia Eckert. A antropóloga focaliza suas atividades de pesquisadora em torno de temáticas como: Antropologia do Trabalho; Cultura Operária; Antropologia Urbana; Família; Memória e Identidade Social, Investigando, Os homens da mina: um estudo das representações e condições de vida dos mineiros de carvão de Charqueadas RS, no Mestrado em PPGAS UFRGS, em 1985. Bem como no Doutorado em Antropologia Social, 1992. Paris V - Sorbonne, Université Renne Descartes. Onde realizou a pesquisa intitulada Une ville autrefois minière: étude anthropologique La Grand-Combe France.

⁵² O Museu Antropológico da UFG apresenta desde em dezembro de 2006 a exposição de longa duração Lavras e Louvores. “Lavras e Louvores foi pensada para estimular a discussão sobre a região Centro-Oeste, da perspectiva da construção simbólica das identidades regionais [...] Lavras e Louvores apresenta dois aspectos interligados e alternados da vida coletiva: o trabalho e a festa, a lavra e o louvor. Suas curadoras, as antropólogas Nei Clara de Lima e Selma Sena, ressaltam que escolheram pensar a exposição por meio do trabalho e da festa, da lavra e do louvor por serem duas formas importantes das nossas representações identitárias.” Disponível em <<http://www.museu.ufg.br>> Acesso em: 10 jun. 2009.

⁵³ O Museu de Artes e Ofícios – MAO – em Belo Horizonte, “é um espaço cultural que abriga e difunde um acervo representativo do universo do trabalho, das artes e dos ofícios do Brasil. Um lugar de encontro do trabalhador consigo mesmo, com sua história e com o seu tempo. Iniciativa do Instituto Cultural Flávio Gutierrez – ICFG, em parceria com o Ministério da Cultura e a CBTU, Companhia Brasileira de Trens Urbanos, o MAO preserva objetos, instrumentos e utensílios de trabalho do período pré-industrial brasileiro.” Disponível em <<http://www.mao.org.br/port/institucional.asp>> Acesso em: 10 jun. 2009.

como também realiza um plano que lhe é próprio, definindo os meios, e o caráter da atividade aos quais ele deve subordinar sua vontade (MARX, 1985, p. 149/150).

À medida que analisamos a história das sociedades, percebemos a importância do social sobre o desenvolvimento do pensamento, as funções psicológicas e humanas. O sujeito é visto como ser de um contexto cultural dialético e histórico. É por sua (inter) ação que ocorrem as frequentes mudanças dos elementos culturais. As atividades ligadas ao trabalho em suas diferentes formas evoluíram a partir da utilização de instrumentos simples, por exemplo, varas e pedras, até a entrada dos instrumentos tecnológicos, computadores e robôs, instrumentos, ferramentas de trabalho que são resultados de situações ligadas à necessidade de sobrevivência e interação com o ambiente; mas são ainda construções cognitivas que se deram a partir da experiência histórica e cultural dos sujeitos mais experientes.

Os mutirões tantas vezes citados pelos narradores de Hidrolândia têm sua origem na forma peculiar de dividir e realizar o trabalho na vida rural, ritualizando uma situação de trabalho ou ofícios que foram e são significativos como lugar de pertencimento. Os modos de vida e de trabalho desenvolvidos no campo na época citada por esses narradores estão ligados a terra: plantar, cultivar, e colher; a criação de animais domésticos como porcos, galinhas. Um conjunto de ofício⁵⁴, um saber fazer que também os identifica e sobrevive no cotidiano da vida urbana que levam atualmente.

Analisando as narrativas de memórias vividas, na área da psicologia social, em um grupo de pessoas idosas, Bosi (1994) ressalta a força da memória da arte e do ofício desses recordadores no contexto de sua pesquisa. Segundo a autora, o trabalho manual, mecânico e intelectual tem para cada um deles uma dimensão dupla:

⁵⁴ Em certo sentido, o termo ofício se desvincula do termo trabalho. Pessoa (2005, p.7) fala da extensão do significado da palavra ofício e destaca duas dimensões importantes: "Primeiro, trata-se de algo que é muito bem feito, feito com maestria. Segundo, refere-se a algo que é feito não a partir de um conhecimento teórico, apreendido a duras penas, mas de algo que é feito a partir de um conhecimento vivencial, apreendido com a experiência de quem já o fazia também eximamente."

1) Envolve uma série de movimentos do corpo penetrando fundamente na vida psicológica. Há o período de adestramento, cheio de exigências e receios; depois, uma longa fase de praticas, que se acaba confundindo com o próprio cotidiano do indivíduo adulto.

2) Simultaneamente com seu caráter corpóreo, subjetivo, o trabalho significa a inserção obrigatória do seu jeito no sistema de relações econômicas e sociais. Ele é um *emprego*, não só como fonte salarial, mas também como lugar na hierarquia de uma sociedade feita de classes e de grupos de *status*. (BOSI, 1994.p.471)

Para a autora, essas duas dimensões repercutem tanto no tempo subjetivo como na sua realidade objetiva no interior da estrutura capitalista.

- **Herança**

Herança biológica, herança genética, herança cultural⁵⁵ (envolvendo uma variedade de recursos: patrimônio, crenças, valores, ambiente dentre outros) as formas de herdar e os conflitos em torno dessa temática permeiam o contexto social perpassando pelos tempos e gerações e é no grupo familiar que esses conflitos, característicos dos jogos de interesses múltiplos, se exacerbam e são simbolicamente representados em várias fases da vida.

De modo especial, o processo de sucessão e herança é um momento tenso dentro do grupo, uma vez que coloca em questão a existência da unidade familiar, o desejo de persistir através do tempo, o casamento e o processo de substituição de membros da velha geração, O processo de herança com ou sem partilha cria tensões no interior dos grupos familiares, pois sempre implica em tomadas de decisões.

Situando-se no campo de disputas e de lutas culturais, a memória sempre foi instrumento de poder. Como parte desse cenário, a memória familiar, muitas vezes gera conflitos ligados a herança. O sentimento de pertença ao grupo e os valores familiares são pontos centrais nesse cenário. Pollak assim coloca a questão:

Todo mundo sabe até que ponto a memória familiar pode ser fonte de conflitos entre

⁵⁵ Ressalto a importância dos estudos de cunho sociológico sobre Herança especialmente de Pierre Bourdieu sobre Herança Cultural.

peças. Por exemplo, todos os que fizeram pesquisas de história oral sobre as estruturas familiares nas classes populares, como já fiz na Áustria, puderam verificar o quanto um nascimento ilegítimo pode ser um ponto importante quando se trata de resolver litígios ligados a heranças. Não se trata apenas de herança no sentido material, mas também no sentido moral, ou seja, do valor atribuído a determinada filiação. Sabemos que a memória, bem como o sentimento de identidade nessa continuidade herdada, constituem um ponto importante na disputa pelos valores familiares, um ponto focal na vida das pessoas (POLLAK, 1992, p.204).

Como símbolo de poder, a herança familiar, na sociedade ocidental, evidencia-se tanto em sentido material quanto no sentido moral. Nas narrativas biográficas que se seguem todos os narradores falaram de herança abordando esses dois sentidos.

- **Fazenda/terra**

O poder simbólico da terra na vida de grupos familiares é visível nos depoimentos ouvidos na cidade de Hidrolândia- GO. A cidade sugere a vida ligada à fazenda, ao gado, ao plantio na roça. Ciclos da vida. Arquétipo da grande mãe. A força simbólica de vida que envolve a ligação dos grupos humanos com o desejo de ter *um pedacinho de chão*, atravessa os séculos e está ligada à dinâmica da vida familiar:

Na Roma antiga a terra pertencia para sempre à família que a cultivava, que nela enterrava seus mortos e erigia o altar dos deuses lares. Terra, família, religião comungavam no mesmo espírito. Na terra se cultivavam o alimento e a memória dos vivos e mortos. Chuvas, sementeiras, poda, colheita eram ciclos da faina agrícola, mas também marcavam as festas, o rejuvenescimento da comunidade. Se cada família não tem mais como na Roma antiga, seus cantos, preces, seu próprio culto, não se pode negar que tenha um espírito seu, uma maneira de ser, lembranças e segredos que não passam das paredes domésticas. E tem suas figuras exemplares, modelos, cuja fisionomia se procura reconhecer nos mais jovens; avós lendários ou vindos de país remoto que imprimem a todos os seus traço distintivo. Qualidades e defeitos são afirmados com satisfação: “temos mão-aberta em nossa família”. Ou: “somos distraídos e impulsivos”. A história da família é fascinante para a criança (BOSI, 1994 p.424).

Gerações reinventam cada uma em seu tempo e entrelaçando experiências de outros ritmos os saberes necessários ao seu estilo de vida. Em torno dos valores herdados, vão recusando, validando ou reformulando os traços marcantes daquele núcleo familiar.

Analisando as estruturas de produção em Goiás, Chaul (1988) constata que de 1930 a 1937 não sofreram grandes transformações. Ou seja: “A terra continuou como fonte de poder, prestígio e produção (...) o processo de acumulação permanece ligado intimamente a terra” (CHAUL, 1988, p.44).

Os estudos de Wanderley (2005) alertam para a necessidade de elaborar uma tipologia dos espaços rurais brasileiros. Para essa autora os principais “modelos” de espaços rurais, definidos em função das relações sociais predominantes, poderiam ser resumidamente:

a)- O espaço rural como produto de consumo da população urbana. b)- A perda de vitalidade social nos espaços rurais onde predominam as grandes culturas. c) - A agricultura familiar⁵⁶ que está no centro de uma vida social intensa. d) - Os efeitos devastadores do êxodo rural sobre áreas de agricultura familiar. e) - A construção do espaço nas áreas de fronteira agrícola: a vida social nas agrovilas. f) - Os assentamentos de reforma agrária: o retorno à vida rural. (WANDERLEY, 2005, p.6 seq.)

Na representação da condição camponesa na vida rural o *amor pela terra* constitui-se como o mais importante dos mandamentos:

Mas é sina dos homens, ao que parece contrariar as forças dispersivas que eles próprios põem em movimento ou dentro deles se insurgem. (...) E que a fraternidade renasce. E que os homens... recomeçam a aprendizagem dos nomes das pessoas e dos lugares e outra vez sentam em redor da fogueira, falando do futuro do que a todos importa. Para que nenhum deles morra em vão (SARAMAGO, 1992,p. 70).

A relação do homem com a natureza é baseada em uma troca respeitosa. Como expressa a fala do Sr. Militino, um dos narradores de Hidrolândia-GO, tudo que vem da terra: “*É que Deus dá né?*”. Para José Saramago (Idem, p. 69), a terra⁵⁷ é o principal alimento das cidades: “como um ser vivo, as cidades crescem à custa do que as rodeia. O grande alimento das cidades é a terra, que, tomada no seu imediato sentido de superfície limitada, ganha o nome de terreno (...).”

⁵⁶ O Programa de Apoio à Agricultura Familiar (PRONAF), implantado no Brasil nos anos 90, resguardadas suas limitações à sua efetiva adoção, constitui a expressão de uma mudança, ou seja, “pela primeira vez na história, a agricultura familiar foi oficialmente reconhecida como um ator social.” (WANDERLEY, 2005,p.9).

⁵⁷ Ver a respeito dessa reflexão ANEXO E – Crônica “As Terras”, de José Saramago.

Imagem 6 - Objetos biográficos: Senhor Militino



Hidrolândia - GO
 Fotos - Marco Antonio 2008
 Montagem - Esther Moreno
 Acervo - Pesquisadora

2.1 Fios da primeira história...

O trabalho/ saberes e ofícios

Eu vou lá pro C.C.I., porque eu gosto de lá né? E uma que... a gente panha muito conhecido e eu sou muito ganhado lá!

O povo gosta muito de mim! O povo gosta muito de mim, mas eu sou meio sistemático, eu sou muito descansado sabe? Num pode... não! Eu sempre gosto de ir lá pra tá junto com os amigos, jogar o truco. Dançar, eu num danço não. Dançar eu num danço não! Brinco com todo mundo, mas respeito sabe? Tem que saber brincar, né?

(...)

Ai, quando eles ‘afundaram’, esse C.C.I., a primeira coisa que eles lembrou, lembrou foi de mim! Veio cá, falou: “Ó, o senhor vai tomar conta das rodas. O senhor vai arrumar as rodas pra nós! Todas as vezes que nós vamos fazer o Muxirão o senhor tá na frente!” – arrumar as roda né? Arrumo tudo! –

E qualquer coisinha, elas sai gritando eu, também!(...) Arrumar as roda!

Ih! Tem quantos anos que faz isso, gente? Parece que tá no décimo... A Célia⁵⁸ num contou a época que foi, não? Faz muito tempo, desde que começou!

Dezenove Muxirão!

Só esse ano que eu não ajudei, por causa disso aqui (mostra sua cabeça) não podia abaixar né?

Mas sempre eu ajudava né? A Célia vinha cá, falava comigo, eu ia lá, ajudava um pouquinho. Mas, tomar conta? Dar conta? Não deu não! Esse ano, num deu, não! Mas, num foi por nada, foi isso aí! (Sr. Militino demonstra tristeza nesse momento)

“Era menino! Prestava pra nada!”

⁵⁸Atual coordenadora do Centro de Convivência dos Idosos (CCI) de Hidrolândia- GO.

A infância

(...)

Uai! Isso, ai foi a ideia, né? Eu nasci na roça, tocando roça (...). Meus pai era de roça. Quando eu peguei a idade de 10 ano, quando eu dei conta de tirar as canga de cóice dos boi. Ai, eu comecei a trabalha na minha vida né? Carreei muito carro de boi! Era menino! Prestava pra nada!

Agora, essas coisas, que faz. Tudo é mesmo idéia minha né?

Eu olhava... papai era meio carapina (...), também, né? Eu olhava aquilo, e falava: “eu faço! Fui indo e fui fazendo, né? E aprendi fazer, essas coisa!”

Mas, eu comprar as ferramenta, pra mim? E falar: “vou fazer essa roda!” Não. Isso, eu nunca inventei, não! Tem, (...) essa officininha. Coisinha à toa, mas dá pra quebra o galho, né?

Tem ferramenta que eu trabalhei na roça, acolá. Pendurada lá. Tem lá fora. Tudo tem. Minhas ferramenta ta tudo aí!

(...)

O trabalho/ saberes e ofícios

Apareceu uns cara lá, pra arrumar. Mais, num sabe nada, né?

É, mas, eu num ensino, também, não!

A Célia falou: “Seu Nenê, porque, o senhor tem que ensinar eles. Porque, um dia num dá pra fazer!”

Falei: “Não, eu... ‘ como diz o outro’: não precisou ninguém me ensinar! Deus me deu essa força e eu fui olhando. Eu fui observando e fiz! Mesma coisa é eles. Eles tem idéia também! Eles faz!”

Mais, eles num sabe nada!

Falei: “Eu num vou ensinar nada! Célia, eu num sei nem pra mim, e eu vou ensinar pros outros?”

Eu peguei e fiz! Eu pego (...) eu arrumo a roda. Aí, ponho ela trabalhar! Fio! Então, eu cardo algodão! Ruim, mais cardo!

Tear... esses ‘tiarlão’, aqueles tear. Tudo fui eu que armei pra Célia.

Tudo quanto há, ela vem atrás de mim... Amonto, amonto tudo! Montava né? Agora eu num dou conta! É. Capaz que eu dou conta,

né?

*Eu fiz o repouso. O doutor disse que eu preciso de repouso toda vida!
Agora... Serviço? Eu num dou conta de subir numa escada mais!
Passar um degrau assim, num tem força, as perna num vai!*

“Eu só quero da mamãe... essa panela!”

Família/Objeto Biográfico

(...)

*... (risos, quase um gargalhada) Tem! Da mamãe, né? Oia lá, aquela panelinha, ali ó!⁵⁹ Mamãe morreu e... Cê tá falando em herdar. Eu herdei da mamãe! Mamãe morreu e eu falei: “a panela eu quero! elas eram duas... Sempre ela usava. [o que] Mais ela punha, era água, né? Tinha duas panelas, falei: “eu só quero da mamãe... essa panela!” Peguei ela e trouxe! Tá ai, guardada, aí! A Tita [esposa]dana pra mim vender ela. Falei: “Não, deixa ela aí!” Eu tenho amor, nela, né? Eu tenho amor nela!⁶⁰ Eu tenho um negócio: se ocê me der um presente. Acaba comigo! Num tem negócio! Eu tenho amor de ter isso aí, que a pessoa me dá!
(...) Ela fazia sabão (risos)... Ela fazia sabão. É grande⁶¹...*

“Aprendi, aprendi sem ninguém me ensinar!”

O trabalho/ saberes e ofícios

(...)

*O moinho (...) moer o café. Eu conserto isso! Esse pilão é de fazer paçoca!
Eu tenho um ali, novinho, que eu fiz! Ah, tá ali!
É. Eu sou artista. Eu fiz! Ih! Eu trabalhei muito de carapina em casa. Cerca de arame? Fiz muito serviço fora! Fazia(...) eu fazia todo tipo que a pessoa pedia, eu fazia aquilo!
Aprendi... aprendi sem ninguém me ensinar! Papai, quer dizer, papai que me ensinou a trabalhar (...). Agora eu fui evoluindo, né? Fazendo*

⁵⁹ Aponta o objeto que está em um canto de sua ‘oficininha’, local da entrevista.

⁶⁰ Repete a frase em sussurro.

⁶¹ Risos e olhar demorado para a panela

aquelas coisinha, fazendo um estandarte daqui, dacolá...

(...)

Família/Filhos

Eu tenho cinco filhos, três mulher e dois homens.

Tenho um que faz tudo. Ele faz tudo! Faz a planta da casa e deixa a casa fechada. Tudo, tudo!

Eu arrumei pra ele (...) ele estudou, um pouco, daí num quis estudar mais, falou: “ah, agora...”

Passou pra esse serviço, de pedreiro. Ele levanta (...) faz a planta da casa e...

Mora, ali atrás. Numa casinha que tem uma gradinha em cima.

(...)

É vizinho. É bom né, sô? Mais tem vez que passa, até quinze dia, sem vim cá! Trabalhando (...) fica cansado.

(...)

O trabalho/ saberes e ofícios

Eu acho bom, tano mexendo com isso tá tudo bom! Mas não vem me amolar, não! (risos)

Não! Enchendo o saco! Aquilo é ruim, né? Eu gosto de fazer! E num sei!

O danado que eu num sei fazer, mais, atento e faço né? Ali, tem um pedaço da roda que eu trouxe pra arrumar. Que ver? (...) No mundo tudo acaba, né?

(...)

(...) eu saio dali! Eu saio dali... (risos) deixa quebrar a cabeça e aprender! Uai, tá mexendo, ele tá mexendo né? Pra que tá? Num sabe, num mexe! Eu fui num Muxirão aqui, eu tava lá (...) quando: “Ô... seu Zé vem cá!” Falei: “Pra quê?” “A roda num que engoli, nem!

“Uai, problema é seu! Cê tá mexendo, com ela. E agora cê que vai fazer ela engolir. Eu, que não tenho nada com isso!

Fui lá, dei uma olhadinha assim e falei: “troca a linha dela, põe uma linha mais arroxada!”

Sai de lá. (Risos)!

A Célia falou que eu tenho que ensinar. Falei: “Nem! Eu num sei nem pra mim, vou ensina os outros?”

Uai... cada um quebra sua cabeça, né?

(...)

Na terça sempre eu vou. Mas hoje é ruim, num vai homem nenhum, lá! Sempre dá só eu e aquele preto lá... que faz tapete, sabe?

Bastião Arruda. Aquele é artista! Aquele preto é artista!

ele faz, de taboca, faz tudo! Mas o que ele é sistemático.

Nossa senhora! Ele faz tudo! Só o defeito, que ele é surdo.

Ele quer ser sabido. Eu num tenho leitura nenhuma, né? Acho que ele não tem também não. Por causa da época nossa!

Num existia escola, né?

Nós somos bobos. Nós somos bobos.

(...)

A escola tá ensinando bobagem demais, sabe? Hoje não tem respeito com nada!

(...)

Infância

“Tempo de menino, a gente num esquece, né?”

É... aí, eu não dou conta não!

A gente tem um negócio: tempo de menino, a gente num esquece, né?

Mas eu nunca gravei tudo que meu pai fez comigo.

Eu lembro só duma vez que ele me bateu muito! Porque ele batia, né?

Eles era mal! Se nós tivesse conversando aqui. Não podia passar um menino, se passasse na hora que fosse embora... podia esperar né?

Apanhava!

Eu tenho essa bondade: papai me bateu, mais ele me ensinou muitas coisas!

Se ele num tivesse me ensinado, num ia... saber nada, né?

O que eu sei, também, foi pela idéia dele que ele me ensinou né? Não me ensinou! “faiz isso assim... e largava lá!

Aí se virava né? (risos)

Esse povo daquele tempo era bem... mas ensinava né?

Tocar roça! Eu toquei a roça muitos ano! Tanto que eu larguei de toca roça, depois que eu mudei pra cá.

(...)

Gostava, gostava de uma roça! Manhecia na roça. Colhia muito, muito mantimento. O melhor é pegar (...) a parte de cedo. De meio dia pra tarde é duro. Quanto mais cedo mio! É que Deus dá, né?(...)

Gostou, ou não?

2.1.1 “Eu só quero, da mamãe... essa panela!”

“Quer por o nome ou o apelido?” É assim, sem meias palavras, mas deixando claras as possibilidades de comunicação, em meio a uma conversa mansa, que ele nos pede para escolher entre nome, sobrenome ou apelido. Abrem-se possibilidades de conversação: as falas, os gestos, o ouvir atento... toda a rede comunicativa vai aos poucos permitindo conhecer algo mais do Sr. Militino Joaquim Bastos, 81 anos, o “Neném do Zacaria”. Esclarece logo: “Sou nascido e criado aqui no município. Sou goiano, mesmo!” A data de seu nascimento: “dia dois de março! esse eu nunca esqueci!” – diz com a alegria de quem guarda um tesouro na memória, no ano de 1927, em uma fazenda do município de Hidrolândia; e explica ao seu modo, o lugar exato: “eu sei que foi na beira do Rio Meia Ponte, lá em baixo, morava lá”. É o primeiro dos treze filhos de Zacarias Bastos e Maria Bastos: “Eu sou o mais velho. Minha mãe criou quatro meninas muié, daí foi sete home e daí foi mais duas muié que morreu.”

Casado com Dona Hilda Bastos há mais ou menos 56 anos, (o filho mais velho está com 53 anos). Até 1965, morava “*na roça, no Bom Sucesso*“. Depois desta época comprou a casa, na cidade de Hidrolândia, onde reside hoje em dia. O casal teve, ao todo, cinco filhos: três mulheres e dois homens. Tiveram, até o momento, sete netos. Um dos netos mais velhos mora com eles atualmente.

Quando cheguei, para entrevistá-lo, apesar de ter avisado com antecedência e estar indo à sua casa pela segunda vez, após convite meu e da coordenadora do CCI, para que participasse da pesquisa, Sr. Militino pediu-me que deixássemos para outro dia, pois estava muito ocupado consertando o galinheiro de seu quintal. Depois de rápida conversa, ressaltando a importância de seu depoimento e a promessa de tomar no máximo vinte minutos de seu tempo, concordou! E nem reclamou quando ultrapassamos este limite, embora ao primeiro sinal de cansaço, demonstrado por ele, a entrevista tenha sido encerrada. Uma ideia

que me vem à mente quando me reporto ao momento da entrevista é a importância que dá ao trabalho diário e a relação que estabelece com este desde a infância no meio rural⁶².

Orgulha-se do que sabe fazer e do fato de ter aprendido “(...) ‘sozinho’: *não precisou ninguém me ensinar! Deus me deu essa força e eu fui olhando, eu fui observando e fiz!*” Refere-se a ‘Deus’, força maior, entendido como autoridade máxima, para legitimar o aprendizado de seu saber fazer, aprendido da convivência familiar com seu pai. Um ato de sabedoria prática⁶³. Assim, a ‘ideia’ (ou inspiração) para realização de seu ofício é explicada por Sr. Militino, em sua narrativa, como atributo do sagrado, dom divino aproveitado por ele. Aproveita-se aqui de sua experiência de vida, aprendeu fazendo. E assim deseja ensinar, mesmo negando. Sua identificação com esse saber fazer é demonstrada em sua narrativa e nos relatos daqueles que falaram sobre o Sr. Militino em seus depoimentos.

Perguntado sobre a origem de seu interesse pelo ofício de consertar rodas de fiar, responde simplesmente: “*Uai, isso ai, foi ideia, né?*” Aqui ele parece desvelar a própria identidade como forma de ver a si mesmo, sujeito inteligente, criativo que não precisou ser ensinado. Seu ofício de consertar as rodas é reconhecido por todos os moradores. Baseado em vários depoimentos ouvidos durante as convivências em campo, ele representa para o grupo de fiandeiras e tecedeiras, e também para grande parte dos moradores da cidade, o artífice, aquele que faz com arte a manutenção de teares e rodas de fiar. Apontando para o sentido original da palavra *ofício* recuperado por Miguel Arroyo (2002)

Os ofícios se referem a um coletivo de trabalhadores qualificados, os mestres de um ofício que só eles sabem fazer, que lhes pertence, porque aprenderam seus segredos, seus saberes e suas artes. Uma identidade respeitada, reconhecida socialmente, de

⁶² O meio rural é entendido, neste trabalho, ou seja, “um espaço suporte de relações sociais específicas, que se constroem, se reproduzem ou se redefinem sobre este mesmo espaço e que, portanto, o conformam enquanto um singular espaço de vida. Para compreendê-lo, é preciso considerar sua dinâmica social interna, isto é, aquela que resulta da maior ou menor intensidade e complexidade da vida local e, por outro lado, as formas de sua inserção em uma dinâmica social ‘externa’.” (Wanderley, 2000,p.1, grifos no original). São idéias similares às concepções, também, apresentadas por Brandão e 1995; Wortmann, 1995.

⁶³ Ricoeur reafirma o ideal de pluralismo democrático como fundamento de nossas sociedades modernas. Assim “a sabedoria prática, como vimos, refere-se precisamente à ação empreendida num contexto político singular. E deve levar em conta a contingência que atinge a ação humana no seio deste contexto” (BARASH, 2002, p.103).

traços bem definidos. Os mestres de ofício carregavam o orgulho de sua maestria (ARROYO, 2002, p.18).

Como detentor dos segredos do ofício que exerce em Hidrolândia e em Mutirões de Fiandeiras da Região, a identidade de Sr. Militino poderia aproximar-se também da figura do *Gestor Nativo*⁶⁴, categoria nomeada e identificada por Jardim (2004), em estudo sobre *O Guardião da Memória*.

No decorrer da entrevista, Sr. Militino revela-nos o temor de não conseguir lembrar-se das “coisas”, pois havia feito uma cirurgia no cérebro há seis meses em consequência de um AVC. Possivelmente em função da cirurgia, seus olhos lacrimejam (involuntariamente) e ele demonstra sentir-se envergonhado quando isso acontece⁶⁵.

No quintal da casa onde reside desde 1965, cheio de frutas e verduras, Sr. Militino dispôs-se a interromper seu trabalho e, sentado em sua ‘oficininha’ de trabalho, como gosta de dizer, foi possível ouvi-lo. Falou sobre as lembranças da família, dos filhos e netos; a participação no grupo do CCI, enfim, de momentos de sua história de vida, sem preocupações com datas ou informações precisas. As interrupções foram mínimas, garantindo que o entrevistado falasse o que fosse surgindo em suas recordações. Na maioria das vezes, repetia suas falas, como se estivesse a pensar no que acabara de dizer ou a apreciar as imagens de suas recordações. Tudo indicava que ouvir atenta e respeitosamente seria, no momento, o melhor caminho a seguir durante o encontro.

Apresenta-se como um dos pioneiros na criação do CCI, remetendo-se a época de sua Fundação: *ai, quando eles afundaram, esse CCI, a primeira coisa que eles alembrou, alembrou foi de mim!* E logo em seguida deixa claro o motivo. *Veio cá, falou: “Ô, o senhor vai tomar conta das rodas, o senhor vai arrumar as rodas pra nós! Toda vez que nós vai fazer*

⁶⁴Segundo a autora, a categoria Gestor Nativo sempre existiu e órgãos como a UNESCO e o IPHAN a reconheceram, ainda que com outras denominações.

⁶⁵ Conforme informou-me com o gravador desligado.

o mutirão o senhor tá na frente!” – arrumar as roda, né? Arrumo tudo! – E qualquer coisinha, elas sai gritando eu, também, né? Arruma as rodas! Repetindo a fala de integrantes do grupo, no caso a atual coordenadora, revela o seu lugar no grupo, o que parece ser prazeroso para ele, pela repetição e pela ênfase que dá na necessidade/dependência que elas têm dele. Assim, colocando como *primeira lembrança* a época da fundação do CCI apresenta-se como um pioneiro, como foi confirmado pelo depoimento de muitos colegas. “Os pioneiros no sentido etimológico são os que já estavam e não os que chegaram (...)” (LIMA FILHO, 2001, p.119). Sr. Militino, resguardadas as diferenças do contexto pesquisado por Lima Filho, já estava ali na origem do grupo e identifica-se como um dos fundadores, reivindica essa identidade.

Apresenta também em seu relato, uma forma peculiar de marcar a época em que começou a trabalhar. A lembrança de um ritmo temporal, alheio à cronologia, em consonância com o trabalho que já conseguia realizar, em seu tempo de criança:

Meus pai era de roça... quando eu peguei a idade de 10 anos, quando eu dei conta de tirar as canga de cóice dos boi, aí eu comecei a trabalhar na minha vida, né? Carreei muito de carro de boi! Era menino! Prestava pra nada! Agora, essas coisas, que faz tudo, é mesmo idéia minha, né? (MILITINO- fragmento narrativo/2008).

Mais uma vez apresenta uma visão de si situando o aprendizado cotidiano na origem de seu ofício. Aproximando-se da dialética temporal, cujas ideias postuladas por Bachelard (1988, p.74) levam a refletir que é “impossível descrever a psicologia temporal sem conceder aos instantes decisivos sua causalidade maior”. Conseguir tirar as *cangas de cóice* dos bois pode representar um tempo de trabalho para este menino de 1937. O tempo dos seus dez anos de idade quando já conseguia realizar trabalhos mais complexos, motivo de orgulho para pais e filhos que realizavam em família todos os afazeres do cotidiano da vida rural.

Nesse contexto do universo vivido por Sr. Militino, não se trata de pensar a relação infância e trabalho nos termos atuais, mas observar que mesmo tendo se utilizado de

um dito popular daquela época “*menino não prestava pra nada*”, o fato de já carrear carro de boi, funcionava como um rito de passagem. Esse fato inseria o universo adulto em seu tempo e lugar de menino. O carro de boi⁶⁶ sempre foi uma figura extremamente forte na vida da família rural em função de seu uso no trabalho diário. Surge nas memórias de Sr. Militino como referência cultural de sua infância constituindo sua identidade social desde aqueles tempos.

No âmbito da família campestre goiana, desde muito cedo os filhos ajudam seus pais nos trabalhos da casa e na lavoura. A esse respeito, assim concluiu Brandão (1986)

Há duas razões para este uso precoce do trabalho infantil: 1º-o auto custo do trabalho assalariado para as atividades domésticas e principalmente para o trabalho agrícola; 2º-O fato de que boa parte do trabalho necessário, tanto em casa (cuidado de filhos menores, cozinha, limpeza), como na lavoura (plantio, limpeza do arroz, colheita) pode ser feito e ajudado por crianças e, com melhor rendimento por adolescentes (BRANDÃO: 1986a, p.45).

As relações de trabalho são entendidas como parte do processo educativo para se viver no campo, um aprendizado em família e para manutenção das necessidades básicas dos integrantes do grupo familiar, observando as relações de parentesco aliado-as ao trabalho coletivo e respeitando a hierarquia familiar inserida num processo dinâmico das relações deste núcleo social com seu espaço de vivência próxima. (BRANDÃO: 1986a p.41-45)

Chegamos ao ponto em que perguntei se haviam aparecido pessoas interessadas a aprenderem a lidar com as rodas de fiar, entre seus familiares ou nas proximidades, responde sem muito entusiasmo:

Apareceu uns cara lá, pra arruma, mas, não sabe nada, né? Mas, eu não ensino, também, não! A Célia falou: “Seu Nenê, porque, o senhor tem que ensinar eles. Porque, um dia num dá pra fazer...” Falei: “Não, eu, como diz o outro: não precisou ninguém me ensinar! Deus, me deu essa força e eu fui olhando, eu fui observando e fiz! Mesma coisa é eles, eles tem idéia também! Eles faz! Mas, eles

⁶⁶ Remeto o leitor ao estudo *O Carreiro, a Estrada e o Santo: Um Estudo Etnográfico Sobre a Romaria do Divino Pai Eterno*. Nele, Duarte (2004) versa sobre certos aspectos do sistema de representação, crenças, valores expressos não somente através dos discursos dos carreiros e diferentes grupos representados no santuário, mas principalmente através de suas ações rituais. Procura mostrar a relevância das expressões da cultura e como se articulam seus agentes no modo de construir, reforçar e renovar sua identidade religiosa e social.

num sabe nada! (MILITINO- fragmento narrativo/2008)

Estabelece uma clara relação entre ofício-ensino-dom. A terminologia “eles” parece significar todos aqueles que não fazem parte de seu saber fazer, que tem valor de bem adquirido por ele. Ou seja, um saber percebido como status social que o identifica como o guardião da memória de saber/ofício específico de consertar rodas de fiar naquelas redondezas. Mesmo se recusando a ensinar, depois de deixar que o candidato a aprendiz tente resolver sozinho, o Sr. Militino acaba ensinando de forma bem similar ao seu aprendizado com o pai. Atitude que remete ao que Bosi (1994) vê como um movimento característico à memória de pessoas idosas, a tendência em “adquirir, na hora da transmissão aos mais jovens, a *forma de ensino*, de conselho, de sabedoria, tão bem esclarecida na interpretação que Walter Benjamim fez da arte narrativa” (BOSI, 1994, p.481, grifos do original).

“*Ah, então o senhor é artista... inventa de fazer pilão também?*”, depois desta afirmação-questionamento, fiz uma autocrítica imediata pelo fato de ter empregado o termo artista, impondo um rótulo ao narrador, acreditando que isto poderia causar algum tipo de constrangimento, mas tudo indica que não; em suas falas seguintes; mantém o fluxo de suas lembranças: “*É. Eu sou artista. Eu fiz...*” O artesanato⁶⁷ feito por um colega de grupo do CCI, é reconhecidamente “arte” na concepção de Sr. Militino que faz questão de destacar o ponto comum entre ambos é o analfabetismo e o fato de não terem frequentado a escola.

Ao direcionar questionamento para um dos focos de interesse da pesquisa ligado aos objetos biográficos para “*alguma lembrança de família que o senhor poderia contar, tem algum objeto...*”, antes que concluísse, o entrevistado manifestou-se com riso solto, quase uma gargalhada. Prossegui com o questionamento: “*... que conta a história da família? Tem algum objeto aqui que o senhor herdou de alguém da família?*” “*Tem da mamãe, né?*” *Esta*

⁶⁷Utilizando-se de vários tipos de tramas da tecelagem artesanal, faz balaios, peneiras, esteiras, e coberturas para carro de boi. Feitas em palha de buriti (e outras). No CCI, Sr. Sebastião faz tapetes tecidos com fitas de malha de algodão.

resposta veio acompanhada de risos e um trecho bastante significativo, de sua história vivida, no que se refere ao campo afetivo das lembranças. Não só pelas palavras, mas por uma fala visivelmente emocionada, fica para o ouvinte a impressão de que, ao mesmo tempo em que fala do objeto que escolheu após a morte de sua mãe, elege um símbolo para representá-la: *Oia lá, aquela panelinha, ali ô!* (aponta o objeto que está em um canto, no local da entrevista):

... (risos, quase um gargalhada) Tem! Da mamãe, né? Oia lá, aquela panelinha, ali ô!⁶⁸ Mamãe morreu e... Cê tá falando em herdar. Eu herdei da mamãe! Mamãe morreu e eu falei: “a panela eu quero! elas eram duas... Sempre ela usava. [o que] Mais ela punha, era água, né? Tinha duas panelas, falei: “eu só quero da mamãe... essa panela!” Peguei ela e trouxe! Tá aí, guardada, aí! A Tita [esposa]dana pra mim vender ela. Falei: “Não, deixa ela aí!” Eu tenho amor, nela, né? Eu tenho amor nela! (repete a frase em sussurro) - (MILITINO- fragmento narrativo/2008)

Lembramos aqui do processo de interação que estabelecemos com o mundo que nos cerca e como este processo está repleto de mudanças e continuidades no que se refere às relações interpessoais. Dando sentido e demonstrando consciência de continuidade em si mesmo, na sua história, constrói suas identidades em interação com Outros:

Os acontecimentos da vida de cada pessoa geram sobre ela a formação de uma lenta imagem de si mesma, de uma viva imagem que aos poucos se constrói ao longo de experiências de trocas com os outros: a mãe, os pais, a família, a parentela, os amigos de infância e as sucessivas ampliações de outros círculos de *outros*: outros sujeitos investidos de seus sentimentos, outras pessoas investidas de seus nomes, posições e regras sociais de atuação (BRANDÃO, 1986b, p.37, grifos do original).

São outras vidas que circulam entre si levando todas as marcas do contexto social e cultural. Como uma roda da vida que, em movimentos ritmados por trajetórias e vivências, nunca perde de vista os pontos de convergência que temos necessidade de perpetuar nestas trajetórias. O olhar de Sr. Militino, para a panela, o pedido para que a deixem aí, como está, e o amor que diz sentir por este objeto ganham vida nova no instante da lembrança. Essa reconstituição da afetividade materna e filial, nos quadros sociais de sua memória familiar, via

⁶⁸ Aponta o objeto que está em um canto de sua ‘oficininha’, local da entrevista.

objeto biográfico, parece ir em direção a um desejo: “Se a mobilidade e a contingência acompanham nosso viver e nossas interações, há algo que desejamos que permaneça imóvel, ao menos na velhice: o conjunto dos objetos que nos rodeiam” (BOSI, 1994.p.441).

A imobilidade do objeto que dura é o que parece fazer perpetuar esta lembrança. Mais do que sua forma e utilidade, o que se faz presente no instante atual é a figura materna e todos os significados atribuídos pelo filho que a revisita com a sapiência de quem ouve uma cantiga que já conhece de cor. Mas o que será que dura? Gaston Bachelard (1988), citando do passado histórico Gaston Roupnel, nos esclarece que o que permanece o que dura é “apenas aquilo que tem razões para recomeçar” (BACHELARD, 1988, p.8).

Em direção a este recomeço, as lacunas entre o esquecimento e enquadramentos de memória vão dando ritmo e delineando a duração de cada detalhe lembrado ou esquecido. A duração é o instante em sua pluralidade de tempos.

Perguntado sobre as formas de utilização deste objeto por sua mãe, responde rápido e sente-se incomodado por não conseguir lembrar mais detalhadamente. Este conflito ou incômodo do esquecimento é experimentado em outras situações de sua narrativa. Mesmo quando empenhado em recuperar acontecimentos importantes da sua história de vida, o indivíduo como testemunha defronta-se com inúmeros desafios. Memória e esquecimento compõem os quadros de acontecimentos que envolvem lembranças de tempos e espaços em contínuo movimento e reestruturação; afinal:

Para localizar uma lembrança não basta um fio de Ariadne; é preciso desenrolar fios de meadas diversas, pois ela é um ponto de encontro de vários caminhos, é um ponto complexo de convergência dos muitos planos do nosso passado (BOSI, 1994. p. 413).

Ao esquecer detalhes que o ajudam a dar sentido a sua narrativa enquanto reconstrói sua trajetória, o Sr. Militino busca também reconstruir sua identidade social dando ritmo e sentido ao seu desempenho narrativo. Essa tentativa de fidelidade ao vivido no tempo

do ato narrativo, não surge por acaso. Uma vez que “o tempo torna-se humano na medida em que está articulado de modo narrativo: em compensação, a narrativa é significativa na medida em que esboça os traços da experiência temporal” (RICOUER, 1994, p.15 apud DEVOS, 2002, p.20).

Outro ponto interessante é o prazer que Sr. Militino diz sentir ao consertar os objetos que chegam até ele, desde que respeitem seu ritmo. Depois de demonstrar e dar explicações minuciosas sobre o conserto de uma peça da roda de fiar (ver fotos ao final dessa história) fez questão de ser ele o entrevistador: “*É interessante, né Clêidna?*”. E no mesmo dia da entrevista, já no CCI, me chamou e pediu que eu fotografasse seu trabalho, suas mãos consertando uma peça. Esse fato me deixou muito emocionada. Ali estava um convite claro para compartilhar mais de perto da sua memória de trabalho. A esse respeito, Bosi (1994) diz que todo e qualquer trabalho acaba por se incorporar à sensibilidade e ao sistema nervoso do trabalhador e, por isso, “ao recordá-lo na velhice, investirá na sua arte uma carga de significação e de valor talvez mais forte do que a atribuída no tempo de ação” (Ibidem, 1994, p.480). O Sr. Militino sorriu satisfeito ao final da sessão de fotos.

Na sequência, voltou a falar de seus motivos para não ensinar o que aprendeu, em relação às rodas de fiar, para outras pessoas.

Aquilo que se viu e se conheceu bem, aquilo que custou anos de aprendizado e que, afinal, sustentou uma existência, passa (ou deveria passar) a outra geração como um valor. As ideias de memória e conselhos são afins: *memini* e *meneo*, ‘eu me lembro’ e ‘eu advirto’, são verbos parentes próximos (BOSI, 1994, p.481, grifos do original).

Seu ofício é seu lugar de ação. Talvez por isso pareça demonstrar certeza de seu *saber fazer* e da origem de suas habilidades para desenvolvê-lo. Perguntado se sempre consertou as rodas de fiar ou se já fez algumas delas, explica: “*Não. Só conserto! Só conserto!*” E logo na sequência, começa a mostrar outros objetos fabricados por ele.

Já estávamos com o tempo que havia sido previamente determinado quase se

esgotando e o entrevistado demonstrava estar visivelmente cansado. Concluindo, perguntei sobre um aprendizado em família: “(...) *alguma história que os seus pais contavam e que o senhor acha que foi assim, que o senhor carrega pro resto da vida?*” Depois de ficar pensando durante um tempo, disse-me decepcionado: “*Tem... num dô conta, não!*” Procurei tranquilizá-lo, dizendo-lhe que existem certas coisas, “*que a gente lembra um tempo, depois esquece*”. E que não havia o menor problema se ele não conseguisse naquele momento.

Ainda assim, continuou fazendo grande esforço para lembrar-se; verbalizando baixinho, foi recuperando algumas imagens – o trabalho na roça, os castigos corporais na infância, o aprendizado no cotidiano da roça com o pai:

A gente tem um negócio: tempo de menino, a gente num esquece, né? Mais eu nunca gravei, tudo que meu pai fez comigo. Eu lembro só duma vez que ele me bateu muito! Porque eles batiam, né? Eles eram mal! Se nós tivesse conversando aqui num podia passá um minino, se passasse na hora que fosse embora... podia isperá, né? Apanhava. Eu tenho essa bondade, papai me bateu, mais ele me ensinou muitas coisas! Se ele num tivesse me ensinado, num ia... sabê nada, né? O que eu sei, também, foi pela ideia dele que ele me ensinou, né? Num me ensinou: “faiz isso assim... e largava lá! aí se virava né? (risos) Esse povo daquele tempo era bem... mais ensinava né? (MILITINO- fragmento narrativo/2008)

Mais uma vez, aponta para sua esperteza, sabedoria e criatividade. Talvez esteja aqui a explicação por que ele não quer ensinar. Este fragmento narrativo nos diz que o recordador não gravou tudo que viveu em companhia do pai, mas acaba (re)lembrando uma vez em que o pai lhe bateu muito.

Daquele “*tempo de menino*”, uma lembrança (re)construída, aparentemente pela experiência individual, vem por meio dos processos de mediação, carregada de outras vozes, lugares e situações familiares no fato acontecido e reavivado. “Na verdade, nossas primeiras lembranças não são nossas, estão ao alcance de nossa mão no relicário da família” (BOSI, 1994. p. 413). Quantas versões desse acontecimento ele terá ouvido de seus familiares? Quantas vivências semelhantes no mesmo lugar? Quantas outras crianças ele terá visto em situações semelhantes àquela de que acabou “se lembrando”? São vivências socioculturais

que compõem este quadro da memória de nosso narrador no instante de sua apreciação. Fica clara a importância da antecedência dos quadros sociais da memória, como construção do processo de conhecimento de si e do mundo. Conforme ressaltado por Santos (1998), “Halbwachs nos mostrou como um conjunto de marcas, objetos e fatos podem fazer parte e mesmo influenciar decisivamente nossas representações do passado.” (SANTOS, 1998, p.9)

Embora os conceitos de criança e infância apareçam por vezes, ainda hoje, envolvidos numa aura de ingenuidade quase angelical; é notório que escondem inúmeras complexidades. Na sociedade ocidental contemporânea, há certo respeito pelo “sentimento de infância” que ainda não existia até os anos sessenta. Em estudo sobre a antropologia da criança, a autora Clarice Cohn (2005) desafia-nos a pensar, não as diferenças entre adultos e crianças⁶⁹, impostas por nossa sociedade, e sim, as semelhanças entre crianças e adultos e a necessidade de aproximação destes dois universos.

Ainda em meio às recordações de seu tempo de menino, do pai e as lembranças de situações de trabalho, Sr. Militino faz questão de identificar-se como homem de roça, mesmo vivendo na cidade há muitos anos:

Tocar roça... Eu toquei a roça muitos ano! Tanto que eu larguei de toca roça, depois que eu mudei pra cá. Gostava, gostava de uma roça! Amanhecia na roça. Colhia muito, muito mantimento. O melhor é pegar a parte de cedo. De meio dia pra tarde é duro. Quanto mais cedo melhor!É o que Deus dá, né?(MILITINO-fragmento narrativo/2008)

Ao final de tudo, o entrevistado, aparentemente mais a vontade com o rumo da entrevista, questionou-me: “Gostou ou não?” Ao ouvir uma resposta afirmativa, sorriu satisfeito e continuamos a conversa e o passeio por seu quintal, agora com o gravador desligado, e a prosa boa continuou por mais um tempinho. A verdade é que ele próprio havia emitido um

⁶⁹ Em sua experiência com os Kayapó Xikrin, uma etnia de língua Jê (Pará), Cohn mostra que eles levam a sério a divisão dos indivíduos por categorias de idade deixando-a visível com a pintura e a ornamentação corporal. A criança só passa a ser definida como um adulto propriamente dito a partir do momento em que tem seus próprios filhos. E a velhice é definida “(...) quando seus filhos (e netos) passam a ter filhos por eles” (COHN, 2005, p.25-26).

juízo positivo de seu desempenho narrativo ou até mesmo de sua história vivida. Pois ali, ao narrar sua história, o Sr. Militino reencontrou-se consigo e com todos os outros que compõem os quadros sociais de suas memórias.

Imagem 7 - Mãos trabalhando: Senhor Militino



Hidrolândia - GO
Fotos - Marco Antonio 2008
Montagem - Esther Moreno
Acervo - Pesquisadora

Imagem 8 - Objeto biográfico: Dona Rita



Hidrolândia - GO
Fotos - Marco Antonio 2008
Montagem - Esther Moreno
Acervo - Pesquisadora

2.2 Fios da segunda história...

Objeto biográfico

“Bom... da máquina, começar da máquina. Né?

Minha mãe casou com treze anos com um sapateiro.

Meu pai, sapateiro.

Fazia sapato... cinto, arreio, coisa de sola, né? E tinha todas as máquinas de costura de sola. Só que ela... minha mãe fazia as roupas pra nós, ela mesma era costureira. Ela costurava nas máquinas da oficina. E bom... Com sete anos de casado, ela fica viúva. Morre...

Com quatro filhos. O mais velho ficou. E eu era a segunda. Mais dois mais novos. A caçulinha ficou com dois meses de nascido.

E aquela coisa! Teve que vender tudo! Porque a gente teve que sair da fazenda. Que era nossa, mas nós tivemos que sair!

Já foi pra fazenda alugada e minha mãe teve que vender tudo: gado... tudo que meu pai deixou pra nós, né?

Porque ele morreu e deixou pra nós: pra ela e pra nós quatro: filho.

Aí, vende a oficina, também! Ficou minha mãe sem máquina - isso aí eu tô pulando umas partes!

(...)

Herança /Objeto biográfico

Nós tudo pequenininho, porque o mais novo ficou com dois meses o mais velho com quatro anos, chegando cinco.

Então, nós tava tudo pequenininho, dentro de casa e ela...

No mundo atrás de negócio: de vender e comprar fazenda, correr atrás.

Mas ela resolveu por o dinheiro no banco pra quando nós habilitasse cada um pegava o seu. Porque o meu pai deixou uma parte e ela colocou lá. Deixou uma parte pra colocar, pra pegar depois o juro, pra manter nós, pra comer...

Aí, ela colocou esse dinheiro lá, botou esse dinheiro nessa poupança do banco e foi... até que foi ajeitando a vida: comida, roupa, tudo pra

nós.

Aí, ela pega e pensou: “gente, eu não posso ficar pagando pra costurar!” E o dinheiro já tava... na mão do juiz. Porque o juiz é que tomava conta.

Só, que minha mãe era tutora nossa. Ela podia pedir.

Só, ela! Ela com nós quatro.

Ai, ela pega... vai isso eu acho... depois de ano, sabe? Que meu pai já tinha morrido.

Ela vai e fala pro juiz que ela precisava comprar uma máquina! Só que ela num queria pegar o dinheiro que tava o juro “aparticulado” de compra outra fazenda. Ela vai... queria pegar do nosso, que tava lá no banco. Só que o juiz falou: “não, eu não posso tirar o dinheiro dos meninos, do órfão e passar pra senhora! A senhora vai, compra a máquina, traz o valor da máquina. Eu autorizo, e quando a menina habilitar, que ela precisar da máquina, cê entrega a máquina pra ela, que é dela a máquina!

(...)

Bom e foi... aí nós... os mais velhos... o mais velho e eu habilitou! Nós ficamos quieto: nem dinheiro e banco, nem nada! Aí, pegou e nós falamos: “ah! Nada! Nós num quer dinheiro não! Deixa. Quando o caçula, que já tava com 10 anos, 12, habilitar nós vai lá busca o dinheiro, no banco (risos)!

Minha mãe já tava com a máquina em casa, costurando pra nós!

Fazia: vestido, camisa, calça...

(...)

Ai, bom. Eu fui... casei. Com dezoito anos eu casei!

Aí, minha mãe: “ah! Minha filha cê que a máquina? E a dó? “D’eu” ir lá tirar a máquina dela, né? Que era o ganha-pão dela... assim pra família, pro marido. Porque ela casou segunda vez, já teve mais cinco filhos! Tinha nós, também, que ela fazia muita roupa pra nós.

Eu ficava olhando, eu ficava numa dó, sabe? De olhar a carinha (risos)

“Não mãe deixa isso ai! Num quero não! Mais eu tinha vontade de ter uma na minha casa, mais num tinha coragem de pega dela”! E

vai... Bom. Aí, nós esperamos o caçula que inteirou vinte e um anos pra nós ir lá pegar o dinheiro. Cadê o dinheiro? (risos) Num tinha um centavo, no banco (risos)! Nós fico com a máquina lá! O dinheiro que ficou “aparticionado” o segundo marido dela que... foi lá pegou o dinheiro comprou a fazenda e, pois no nome dele! E nois fico mamando no dedo, né? Nada! Sem dinheiro de Banco, sem dinheiro de fazenda... perdeu num perdeu? Tudo. Muito.

(...)

Arrumou advogado pra ir lá, pra dá uma vistoria lá no banco: nada! Nessa época, quem era gerente, quem era dono de banco tinha... acho que, até morrido, já! Sumido de lá!

Bom, então fica sem, né? Sem fazenda e sem...

Aí, nessa época, ela já tinha só três filhos, o mais velho, que eu, tinha morrido já. Mais na época que meu irmão morreu, com quatorze anos, o dinheiro ainda tava no banco. Tirou a parte dele pra fazer as despesas de enterro essas coisa. Aí, foi e tirou.

Quando nós fico esperando o caçula habilitar, nós foi lá e num tem nada!

(...)

Perdeu de novo!

Pensava: deixa, porque não é nosso mesmo! Deixa!

Aí, eu pensava assim na máquina: “gente porque que eu agora tenho que consertar uma roupa porque eu tenho uma máquina! A máquina é minha foi autorização do juiz pra mim!” Mais eu não tinha coragem de tirar da mãe, nunca que eu fazia isso!

(...)

Objeto biográfico

Difícil, demais! E ela cuidava dessa máquina e cuidava, cuidava, não aceitava ninguém por a mão! Aí, vai e meu irmão, que é só por parte de mãe, do outro marido dela, falou que até tem que me baté, porque a máquina era dele!

Aí, eu já tava casada já tinha dois filhos, ai eu falei: “agora quê que,

eu faço? Porque a máquina é minha, mais eu não tenho coragem de tomar da minha mãe, para levar pra minha casa! Pegar da minha mãe, não! Não, deixa um dia eu... o que tiver que ser será, né? Aí, eles falando que nem que ele me batia com porrete, que aí ele levava a máquina pra casa dele! Falei: “ah, deixa ver, né?” Aí, nós foi... deixou! Quando o meu marido... ex- marido, que é o pai deles aí, falava: “Cê é boba! Vai lá e busca! Eu: Num vou!” Isso não vai me levar pra frente, né? Aí... chega! (eu tô pulando muita coisa, muita coisa...)

E eu naquela coisa... pensava: “Ai, meu Deus! Como que eu vou pegar essa máquina? Porque minha mãe num fala que eu posso pegar, mais eu não tenho coragem de chegar nela e falar que eu preciso da máquina, que a máquina é minha, só pro “outro” num catar ela, num levar pra casa dele!” Porque eu não tava nem precisando da máquina.

Ai eu fui... minha mãe... pega e adoce. Ficou... Seis meses doente!

Aí, o que falou que me batia, pra pegar a máquina falando que ia levar a máquina pra ele! “Ai, meu Deus! Como é que eu vou fazer!” Né?

Porque essa vai dá briga! Porque é a única coisa que eu tenho certeza que é da herança, que meu pai deixou! Porque ele deixou nós rico, de comprar duas, três fazendas pra nós! Muito dinheiro, muita coisa!

Será que nem o que sobrou, que foi autorizado pelo juiz, eu não vou ficar com ele? É a única coisa que meu pai deixou! Que tá restando!

Fiquei sem nada! Aí, os outros dois irmãos, abaixo de mim, morre!

Vaai a tal das fazendas que ele comprou com o nosso dinheiro que era meu! Meu e dos outros dois mais novo O mais velho morreu com 14 anos. Minha mãe, na época das despesas do enterro, foi lá e pegou o dinheiro no Banco, que era a parte dele! Que, ainda, tava lá, então levou o atestado de “orbita” e o juiz autorizou a pegar o dinheiro! Eu acho que ela pegou da parte dele, tudo, e deu pro marido, porque o que ela fazia era isso, pegar o nosso e passar pra ele, no “caladin”.

Aí, eu fui pensar:

(...) “Ah, então deixa, sumiu mesmo!”

Objeto biográfico

Só que (...) é um pensamento nosso. Minha mãe foi lá pegou o dinheiro do Banco, que ela era tutora, ela tinha toda a autoridade e pegou o dinheiro que era de nós três, porque o primeiro já tinha pego, né? Que era a parte dele, sei lá a quantia, ou que deixou a outra parte dele lá, porque era muito dinheiro! Dinheiro de comprar duas, três fazendas! Nós não sabe se ela pegou tudo dele, ou se deixou lá.

(...)

Aí, ela vai... adoce, e o “outro” lá. O irmão mais velho, do marido segundo dela, que ia me bater pra pegar a máquina, que era a relíquia dele! “Será que minha mãe não vai me dar um socorro? Falar pra mim pegar essa máquina, ou falar pra ele que essa máquina é minha, e que foi autorização do juiz pra comprar pra mim? Nada. Ela não falava nada!

E vai... ai ela morre!

Só, que ela falou pro filho caçula! Porque aí ela tinha chácara, tinha casas, aqui dentro de Hidrolândia: “a máquina seja entregue pra ela! Porque dela é só a máquina!”

Herança/ fazenda

Sendo tudo que ela teve até hoje, não até hoje, não por agora. Acabou: fazenda, chácara, casa em Goiânia, casa aqui, não sei quantas casas aqui! Tudo era dinheiro do meu pai. Meu pai verdadeiro!

Na venda das coisas, ela fazia os negócio tudo escondido, me excluía,entendeu? Sendo que era a filha única dela, porque os outros morreu tudo, os legítimos! Me excluiu de tudo!

Quando ela vendeu chácara, casa em Goiânia, tudo! Ela chegou um dia que tinha muita galinha, muita coisa na chácara, sabe? “Chacrinha” boa! Ela chega... ainda,eu tinha, tenho apelido de Criola, fala assim: “Criola cê qué uma galinha com sete pintinhos?”

_” Uai mãe quero! ”(voz muito triste)

Ela foi, despejou a galinha lá com seus sete pintinhos!

Eu olhei assim... fiquei com coração doendo de saber que meu pai deixou quase uma fortuna pra nós se tornar numa galinha com sete pintinho! Soltou a galinha lá no quintal, porque tinha uma chácara ali, também, quase uma chacinha. Nunca vi essa galinha, com esses pinto, sumiu! Sumiu, (risos) nunca vi! Mais eu num...

Falei: “ah, a gente vai morrer... não vai levar nada...”

Ah... minha herança que meu pai deixou minhas coisas, que meu pai deixou tão bem, meu pai deixou tão bem, vim numa galinha com sete pintinhos!

Porque tudo ela fazia pro marido e prós filhos dele! Eu? Nada!

Foi assim... cada vez mais e mais... aceitei a galinha caladinha!

Ali, pensando aquela fita rodando assim na minha cabeça... “gente quê que virou né?”

Bom, ainda tinha chácara, mais chácara, mais casa... ela vai e morre!

Por conta da doença dela, que ela tinha chaga, deu derrame três vezes... morreu! Me passaram pra trás de novo! Da chácara, primeira que vendeu, ela vendeu escondido pra mim não saber.

(...)

Falei: Não preciso não. E era dinheiro meu. Era comprado com dinheiro meu, tudo, tudo! Ela casou com o marido dela, com esse rapaz, ele não tinha nada. Ele tinha: uma enxada, uma foice e uma capanga, que é dessa que tirou aqui de cima da mesa. Ele teve fazenda, ele teve tudo! Da onde que veio? Foi nosso dinheiro! Ele comprou tudo! Falei: “nada... isso não vai me pô rica e nem mais pobre do que eu sô, deixa pra lá!” No que ela morreu: Mais. Tomá mais de mim!

Do que ela deixou, sabe? Virou só briga só confusão, falei: “não deixa pra lá, num tem...”

Mas antes dela morrer, ela falou pra um dos irmãos, que quando ela morresse que me entregasse a máquina, que a máquina era minha!

Aí, o quê que eu fiz? O dia que enterrou ela, numa sexta-feira, na segunda-feira ele pegou a caminhonete, foi lá e pegou ela pra mim! Entendeu? Que é essa que eu tenho aí! Aí, também não peguei mais nada, nada, nada, nada! Só a máquina!

(...)

Família/herança

Uso, porque ela cuidou muito bem cuidada dela (máquina), sabe? Máquina dessas de pedal. Tá aqui no quarto! Se quiser tirar foto, até... tá aí...

E aí eu falei: “ah, nada, é porque não tem que ser meu!”

Ela deu valor mais no segundo marido, nos outros filhos do que ne mim! Porque ela não me considera como filha, porque eu acho que filho, pra mim... que filho tudo é igual! Aí, larguei... tá a máquina aí! Aí, vivo hoje com o suor do meu rosto. Que eu tenho minha casinha, que eu não pago aluguel! Com o suor do meu rosto! Não foi de herança, nem pai deixou, nem eles deram, sabe? Criei meus quatro filhos no maior sofrimento e ajudei a minha mãe em tudo que foi possível! Desde pequenininha eu ajudei no que eu pude, porque ela saía (que eu já disse). Ela ficou com quatro filhos pequenininhos, o mais velho tinha cinco anos.

Eu era a segunda, ela saía e fica o dia inteiro arrumando o negócio, ia pra Piracanjuba pras fazenda procurando fazenda pra compra mais não comprava nada! Vendendo gado e só negociando, igual homem mesmo, igual marido mesmo. E eu ficava em casa com os três irmãos. Ali, eu subia num toco lá, fazia um arroz pra eles, sei lá que jeito que saía, que eu nem lembro mais! Criança, cinco anos... fazia! Quando ela chegava, num tinha um garfo sujo! Pequeninha, pequenininha, terreiro tinha porta tudo bonitinho, As roupinha que eu dava banho nos menino... sei lá nem se lavava, mas eu molhava e punha lá, falava que tava lavado. Pra minha mãe chegar e achar limpinho. Pra mim tava limpo!

Família /infância

Dava (trabalho), mais aí, sofrendo, sofrendo, sofrendo junto, pelejando, ajudando! Completei quinze anos e... eu garrada, junto com ela, não abandonava de jeito nenhum! Ela me deu eu pra um fazendeiro! Tanto que ela gostava de mim, ela me deu pró fazendeiro! Eu tinha na faixa de uns seis anos, ela já tinha mais filho com o segundo marido. Ela não quis eu, me deu pro fazendeiro! Só que o fazendeiro era muito rico, muito rico... tinha me dado tudo! Só que eu fugi e voltei pra trás. Duma distância daqui até em Goiânia, ainda fui fugido da fazenda. Pra casa dela! Porque até, nessa época a gente sabia o quê que era gostar, o quê que não era gostar!

Só que eu num conformava de ficar sem meus três irmãos legítimos, porque o primeiro ainda não tinha morrido que era meu irmão mais velho, e nem os outros dois, que já era filho do outro marido, porque ela ficou viúva, dois anos depois casou de novo. Eu não conformava de ficá sem minha mãe e sem meus irmãozinhos! Sabe? Mais ela me deu, porque, certo, ela não gostava d'eu!

Eu acho que aonde cabe um, cabe dez, cabe vinte! Mais eu chorava demais, lá nessa fazenda! E muito. Se cê vê o tanto de coisa que esse homem me deu, pelejando pra me conquistá! Nada!

Quando foi um dia, cedo...

Cama? Eu nunca tinha visto daquele jeito! A cama que eu dormia! E nós naquela dificuldade! Porque o marido que ela casou, o homem muito "mulerão". Aquela coisa esquisita tomou tudo que era nosso! E o homem, o fazendeiro, me tratava como se fosse uma princesa. Mas nada me conquistou. Era a mãe e os irmãos!

Quando foi um dia, cedo... eu levantei e falei: "sabe de uma coisa..." andei o quintal todinho. O quintal? Se você vê que maravilha! A mansão lá era tipo um castelo, sabe? Lá nessa fazenda era tipo um castelo! Andei no quintal todinho. Aquele quintal mais lindo sabe? Porque se fechasse a porta da saída eu não saia, lá. Aí, eu peguei,

levantei cedinho mesmo, desci as escadarias, sabe? Coisa mais luxuosa! E fui dá a volta no quintal, e achei um buraco que me cabia, eu era fininha, magrinha, sabe?

(...)

Eu tinha uns seis anos, mais ou menos sete anos.

Porque, por isso que eles queria criar uma filha, filha adotiva e depois arrumar um outro menino- homem.

(...)

Falei: É mais de manhãzinha eu escapulo dela, da empregada lá, e saio naquele buraco. E lembrei de catar a caixinha de castanha pra mim... comer no caminho!

(...)

... não lembrei de comer nada, eu queria sai sem tomar café e nem nada! Num lembrava de comida, não! Eu queria era ver minha mãe e meus irmão! Pois eu consegui, saí sem eles vê e andei, e andei quase como daqui em Aparecida⁷⁰ (onde você passou) na estrada (era quase da largura desta área⁷¹). Hora que eu ouvia barulho de um carro eu amoitava, no mato, pró carro não me ver! E assim fui ino até chegar!

(...)

Tão pequenininha, mas eu cheguei! Deus foi tão bom que eu cheguei! Na fazenda onde ela tinha comprado mais o marido. Cheguei... ela num... num... me abraçou [voz embargada]... e só falou: “uai, qué que foi que sê veio?”

Quando eles descobriu que eu num tava mais lá na casa, pensando que eu já tava dormindo, eu já tava longe! Me procurou, aí, quando foi lá pra nove horas que eles conseguiu chegá lá, eu já tava lá... na casa, sabe? Porque eu corria, corria... por medo deles ir atrás de mim e me pegava de volta, pra trás!

Mais, cheguei na casa da minha mãe e nunca mais saí! Porque, pra mim, era tudo! A minha mãe e meus irmãos, eu não importava...

(...) Eu num importava de dinheiro, nem casa, nem fazenda! Não. Eu queria... nem mansão e nem castelo e nem gado (que foi separado pra

⁷⁰ Cidade vizinha a Hidrolândia distante aproximadamente 20 quilômetros.

⁷¹ A área da casa da entrevistada onde aconteceu a entrevista mede aproximadamente 3m².

mim, marcado pra mim, tudo no meu nome). Aquilo num me importava! Pra mim, era minha mãe e meus irmãos! Eu chorava, mais eu chorava... chorava,né? Aí... passo

Aí, falei: “Mãe, eu não volto mais pra ‘quele lugar! Não volto!” E era maravilhoso! Eu fico assim, pensando: ”gente, como a sorte foi prum lado e veio do outro?” Mais, eu não aceitei aquela sorte, sabe?

(...)

Casamento

Vim! Casei!

Mais, eu sofri demais, pra criar esses quatro filhos... meu marido...nossa senhora! Mais, cê precisa de vê, que sofrimento. Se eu falar procê, cê não acredita! Porque gasta dias e dias pra mim contá... foi com esse menino mais velho meu, eu sofri demais! Era época... eu dando mamá, no peito... ficava seis, oito dias sem comer, porque num tinha o que comê... eu comia folha, com sal!

Folha com sal! Pra poder criar ele, dá o leitinho pra ele mamá! E o marido entranhado no mundo, nas mulheizada! Aí, mais sofri! Sofri! Mais Sofri! Aguentei, até minha caçula completar dezenove, dezoito anos, eu falei: ”o dia que minha caçula completá dezoito anos, num sofro mais! Nem que eu more debaixo de um aramado! Mas num vou sofrê mais não!” Tudo veio na minha mão, tudo, tudo eu vivi e acabou em nada pra mim! Aí, ficou... vim... e nois separô! Quando ela completou dezoito anos, parece que Deus falou, AMÉM! Deu aquele negócio, que nós se-pa-rou!

Falei: “agora nós vamos separar!”

Ele era mal demais, pra mim com os quatro meninos, mau, mau mesmo! Só na cachaça e ruim demais e eu passava fome demais com os filhos, sabe?

(...)

Meus filhos são maravilhosos! Nós somos pobres, mas unidos! Unidos e honestos! Você não vê nenhum com cachaça, nenhum nunca foi preso, nunca fui chamada: “Oh, tá chamando a senhora ali porque um filho da senhora tá brigando!” Eu trouxe na... assim, na maneira

de mãe criar os filhos, são HOMENS e MULHERES, sabe? Nós somos pobres, mas, graças a Deus, são homens, tudo trabalhador e honestos! Não tem nenhum que drogou, nenhum que virou cachaceiro, nada! Tudo aí, normal!

(...)

Não, aí passa pra minha mãe: vendeu, catou meus trem e deu pros filho dela, me excluiu... E fiquei sem nada, nada, nada! (olhar... emocionado)... Lutando! Aí, eu fiz concurso, passei no concurso do estado! Vinte e oito anos de estado que eu tenho hoje, tô aposentando...

(...)

Mais, hoje a felicidade que eu tenho é essa, tô na minha minha casinha! Trabalho junto com meus filhos, aqui, não tenho receio de nada! Durmo tranquila! Eu não penso assim: “ô meu Deus, meu filho tá acolá!” Não... cada um na sua casa! Tem esse Neto (referindo-se ao filho mais velho) aí, que tem a mulher dele, eles moram em Anápolis, casal maravilhoso! Ele também mora aqui! (referindo-se ao filho mais novo) A Nora com a filha, maravilhosa, sabe? Não tenho preocupação com nada, durmo tranquila. Minha filha caçula mora em Inhumas, trabalha no frigorífico de lá, me ajuda, é uma pessoa ótima, não me dá trabalho! Essa daí criando a filhinha dela, com oito anos, junto! Então minha vida agora... como diz o outro: “eu tô no paraíso, do que eu passei!

(...)

Mas as braveza da vida já foi! Resumi muito, porque se for... é o dia todo! É... São dias e dias!

“... Parece que a modernidade foi chegando...”

Trabalho

Desde pequenininha eu “garrei!” Trabalhava! A minha mãe era assim: como ela casou pela segunda vez, então ela queria ser uma super mulher (dele) e dar uma de mandona, em tudo e em tudo. Tanto

negócio que depende... era dele, ela queria tá presente! E nós na frente. Fazendo o dela. Nós crescemo assim muito agarrado com ela, respeitava ela muito... então, ela tinha todo esse processo (instrumentos da tecelagem artesanal) na nossa casa!

(...)

Então, ela pegava um trabalho pra fazer, vamos supor assim: uma costura uma torração de farinha, uma panha de café,

(...)

E aí... não... e nós ia pra lavoura colhia o algodão, vinha e eu nunca falei assim: vou fica à toa, porque hoje eu quero ficar à toa porque eu quero ficá à toa. Não. Sempre do lado dela “garrado”! Vinha com aqueles...

Infância

Nunca brinquei!

Inclusive, hoje eu não gosto de boneca! Até hoje eu nunca gostei de boneca porque, eu não tinha tempo, eu não tinha tempo, eu não tinha... aquele entusiasmo de brincá, porque era só no serviço! Incentivava no serviço! Inclusive uma época que ela foi pra Goiânia, assim... no início de Goiânia praticamente. Só lá existia esse tipo de coisa, ela comprou um presentinho pra cada um dos filhos!

(...)

Eu não... a raiva em mim era tanta, da boneca, porque ela danava tanto com a gente pra poder fazer as coisa, pra lavar um prato, pra varrer uma porta, pra olhar o irmão... e eu não tinha nem entusiasmo de pegar na boneca de pano!

(...)

Aí, minha mãe fala: “Ah, minha filha, vamos terminar esse serviço, porque nós tem que fazer roupa pro seu pai, pros seus irmãos!” Aí, a gente vai... batalhava, corria, corria nessas “fazeção” de farinha, de soprar arroz, feijão, apanhar café! Aí... e eu já tô crescendo, tô

crescendo, doze anos, quinze anos...

(...)

Aquele tanto de algodão pra casa! “Não, nós vamos fiar esse saco de algodão porque a hora que termina esse, nós vamos arrumá um, pra fazê coberta pro' cê!”

(...)

A gente já ia nos mato buscar os ramos pra tingir as linhas

(...)

. Um raminho á toa dava uma cor linda de azul! Juntava os ferros de enxada velha, enxada, era foice, era prego, ferradura... punha pra fazer a ferrugem! Jogava dentro de uma lata, aqueles ferro chegava borbulhá. Soltando aquela ferrugem, sabe? Punha com decoada, sabe a decoada⁷², né?

(...)

Pensei: “agora, de certo já pode começá minhas coberta, né?” _ “Mãe então já pode começa a cata o algodão pra mim faze umas coberta pra mim?_ “Não, vamos faze mais cobertas porque as cobertas tá pouca!” Vai nós fazer mais cobertas! até eu “interar” dezoito anos saiu três cobertas

(...)

_ “Não vamos fazer a “panha” do café primeiro!” Nunca que chegava na minha vez, sabe? De começa, as minhas! Quando foi pra mim tê essas três, feiz a linha, ela pagou pra tecê! Porque ela já tinha desfeito dos trem tudo, vendeu as peças... Vendeu as peças tudo pros vizinhos!

(...)

E eu pensava assim, quando eu fui entendendo mais, que fiquei já de uns quinze anos, falei: “sabe de uma coisa? Eu não vou mexer com isso, não! O quê que eu quero fazer isso... se a gente já compra os tecidos prontos, bonito...” Aí, parece que a modernidade foi chegando, aquilo já não servia pra gente mais, aí eu... larguei! Minha

⁷²Decoada [diquada]: Lixívia ou álcali cáustico empregado no fabrico de sabão, no tingimento artesanal de fibras e para limpar garapa de cana. Obtém-se a decoada fazendo passar água por grossa camada de cinza de certos vegetais.

mãe vendeu aquelas coisas tudo e nós viemos pra cidade!
Eu casei, fiquei morando aqui, ela foi pra Goiânia. foi estudar os
filhos pra lá. Eu fiquei aqui.

2.2.1 “*Bom, da máquina, começar da máquina, né?*”

Esta história foi recontada por uma mãe (D. Rita) a três de seus quatro filhos e a mim (pesquisadora) durante a gravação de suas memórias de família. Os recursos para se contar uma boa história estavam todos com essa contadora de histórias nata: sua linguagem corporal (olhar, gestos, pausas, improvisação, entonações variadas), tudo aliado a um desejo de contar a sua versão de história só sua.

Quando cheguei, conforme combinado anteriormente, estavam todos na área da casa conversando e trabalhando. Antes de iniciar a entrevista, sugeri que fôssemos para um lugar mais reservado. Imaginando que assim D. Rita ficaria mais a vontade com suas lembranças. Mas a sugestão não foi acatada. Ela simplesmente limitou-se a dizer: “*Ah! Eles já ouviram tantas vezes...*” Isso me levou, mais tarde, a refletir sobre a intimidade de resguardar em sua privacidade as vivências de cada membro da família. A ‘vida na roça’ compõe-se de vivências comunitárias envolvendo a parentela e vizinhança. Na maioria das vezes, os afazeres não se desvinculam de um momento de prosa, mesmo que seja tema de maior reserva e intimidades. A estranha ali era a pesquisadora e o grupo familiar já havia compartilhado outras vezes aquela narrativa que eu iria ouvir.

Assim começamos a ouvi-la, ali mesmo enquanto a maior parte da família trabalhava, entre miniaturas de bonecas fiandeiras/tecedeiras. Ouvindo sua narrativa, fica a constatação de que as lembranças ao serem suscitadas não vêm em um fluxo contínuo obedecendo a uma ordem cronológica. O que tem sido defendido por alguns estudiosos da memória social como Bachelard (1988); Bosi (1994); Lima Filho (2001, 2007); Eckert e Rocha (1998, 2001, 2002); Pollak (1992). Ao fazer a apresentação da obra *Memória e Sociedade*, Marilena Chauí (1979, apud BOSI, 1994) destaca que ao descrever a substância

social da memória, ou seja, a matéria lembrada, deixa claro ao leitor que os fatos significativos conduzem o tempo da memória que é social:

O modo de lembrar é individual tanto quanto no social: o grupo transmite, retém reforça as lembranças, mas o recordador ao trabalhá-las, vai paulatinamente individualizando a memória comunitária e, no que lembra e no como lembra, faz com que fique o que signifique. (BOSI, 1994. p.31)

A história continua e o ouvinte vai sendo conduzido pela fala pausada da narradora ao tempo de meninice e, na palavra seguinte, já a encontra como mãe ou mesmo trabalhando, no tempo atual, como artesã, avó, educadora. Tempos e espaços/lugares de vivência vão sendo agregados aos gestos, pausa e tom de voz variado: quintais imensos, quarto de princesa, uma casa que parece um castelo, bonecas, morte do pai e depois dos irmãos, nascimentos de novos irmãos, outra família, outra fazenda. Fazendas, uma galinha com sete pintinhos, gados, plantações de algodão, fome e fartura.

Mas só a máquina resistiu e presenciou, representando a história de vida que sua herdeira e dona, essa senhora de 62 anos, propôs-se a compartilhar conosco. É provável que, olhando bem de perto, possamos perceber traços das brincadeiras de infância, de tudo que “nunca brincou” no seu tempo de criança. Costura na máquina, comprada com dinheiro deixado pelo pai. Veste as bonecas de seu artesanato. Tudo que não brincou, surge, hoje, entre seus afazeres da vida de artesã.

A contadora de uma história tão plural é Rita Alves da Silva, nasceu na Fazenda Mato da Égua, município de Piracanjuba, em 25 de agosto de 1946 (embora em seu registro conste a data de 26-09-1946). Filha de Valdivino Alves da Silva e Maria Firmina de Carvalho, pouco conviveu com seu pai, pois quando ele faleceu Dona Rita estava com três anos e oito meses de idade. Atualmente, vive em Hidrolândia. É mãe de quatro filhos (dois

homens e duas mulheres), tem quatro netos. Separada de seu esposo, mora com uma de suas filhas⁷³ e uma neta.

Em encontro anterior ao em que ocorreu a entrevista, havia pedido a D. Rita para escolher um objeto de sua casa que representasse a história de sua vida; trocando ideias com a filha (Dita) naquele momento já fez sua escolha e, no dia da entrevista, a qual originou o relato anteriormente apresentado, reafirmou sua escolha pela máquina de costura da marca Emerson. Depois deste primeiro encontro, soube que as artesãs vendiam também na feira do Cerrado⁷⁴ que acontece em Goiânia, aos domingos e em outros Mutirões. Todo o trabalho de costura, para confecção das roupas de bonecas, personagens de sua memória e de seu artesanato é realizado na mesma máquina que recebeu como herança do pai. Desejo da mãe no leito de morte. Dona Rita enobrece esse objeto com seu trabalho.

Durante a entrevista, na área da casa, dona Rita contava esta história na presença de seus três filhos que ouviam tudo em silêncio, sem nenhuma interferência enquanto trabalhavam confeccionando e montando as peças de seu artesanato, “*Noiz qui faz arte*”, em peças de madeira, tecido e bonecas de biscuit. São miniaturas de todas as etapas da cadeia operatória da Tecelagem Artesanal. Representação do processo do trabalho desenvolvido pelas Fiandeiras e Tecedeiras em várias regiões brasileiras e, inclusive, na cidade de Hidrolândia. Contaram-me algumas histórias de pessoas que se lembravam de vivências familiares ao se depararem com as miniaturas. Pessoas que, em um passeio pela feira, inesperadamente riam e choravam com saudades aparentemente adormecidas, tendo sempre

⁷³ Benedita é companheira de artesanato de sua mãe e uma das colaboradoras, também entrevistada, para essa pesquisa. Seu relato não consta no corpo desse trabalho por questões ligadas ao tempo para análise e escrita da dissertação.

⁷⁴ A “Feira do Cerrado - Culturas Tradicionais Preservadas”, tem como objetivos divulgar e comercializar os produtos feitos por artistas de todos os ramos de Estado de Goiás. Acontece aos domingos, na região Sul de Goiânia. Tendo atrações culturais como: música; dança; pratos típicos; artesanato e peças teatrais. Além disso, tem um portal com os mesmos objetivos da feira. Disponível em <<http://www.feiradocerrado.com/index.php>> Acesso em: 30 maio 2009.

como pano de fundo as imagens suscitadas pelas miniaturas do universo da tecelagem artesanal. Interessante indicar que, para Canclini (2003, p.181), “a reunião de miniaturas, quando a estratégia discursiva engrandece o significado, pode ser um modo de monumentalizar. Aproxima-nos da identidade abstrata ou invisível aludida, permite apreendê-la com um só olhar.”

“*Bom... da máquina, começar da máquina, né?* Com a primeira frase de sua narrativa, Dona Rita define claramente o ponto de partida para a sua versão de história familiar. Opta por iniciar a narrativa discorrendo sobre o “objeto de família” ligando-o ao ofício do pai: *sapateiro “meu pai sapateiro (...) e tinha todas as máquinas de costura de sola”*. Após falar do casamento dos pais, até mesmo a idade da mãe quando se casou, o que domina a cena é o processo de mudança que se inicia a partir da morte do pai. Até o momento em que recupera uma máquina, a morte do pai estará presente em toda sua narrativa, em consonância com o que diz Jeudy (1990) sobre acontecimentos traumáticos. Para ele, “a imagem do evento desestruturante permanece como portador de uma dinâmica da conservação, oscilando por sua vez em esquecimento voluntário” (JEUDY, 1990, p.80). Não só mudança da estrutura familiar, com um novo casamento da mãe, mas também uma mudança de condição social da família (D. Rita, seus irmãos e a mãe):

Teve que sair da fazenda, que era nossa! Mas nós teve que sair! Ai, já foi pra fazenda alugada e minha mãe teve que vender tudo: gado. Tudo que meu pai deixou pra nós!(...) (RITA - fragmento narrativo/2008)

O gado resume tudo que o pai deixou, aparecendo assim em alguns momentos de sua narrativa. Nesta, o gado é um elemento de grande valor simbólico e identifica seu modo de viver. Ou dito com Lima Filho (2001b, p.331):

“o sertanejo culturaliza o gado, faz dele um companheiro andarilho. O gado orienta simbolicamente uma conduta social. Ao fazer isto, o sertanejo dá sentido e diferencia o seu mundo, põe a funcionar a

contagem da cultura sobre o domínio da natureza⁷⁵”.

Outro aspecto que aparece no fragmento de D. Rita são as constantes mudanças para a fazenda alugada. Fato que vai ao encontro de uma das conclusões a que chega Brandão em Campesinato Goiano: “a população não proprietária de terras é o mais móvel, e as famílias agregadas às fazendas estão em permanente mudança de uma fazenda para outra” (BRANDÃO, 1986a, p 23). Pesquisando a respeito de diferentes categorias de trabalhadores da terra e diferentes situações de suas vidas, o autor procura rever estudos das relações intra e inter-parentais dentro e fora do exclusivo âmbito familiar.

Após a morte do pai, algumas agências socializadoras (banco/gerente; poder judiciário/ juiz) surgem como gestora dos bens materiais da família. Provavelmente substituindo a autoridade do pai, seja para guardar o dinheiro ou intermediando relações (quando a máquina entra na vida de Dona Rita) ou, legitimando sua posse, (quando a mãe de Dona Rita pede autorização ao juiz para mexer na herança deixada pelo pai, algum tempo depois de ele ter falecido. A resposta negativa dada pelo juiz é claramente lembrada nestes termos:

- Não. Eu não posso tirar o dinheiro dos meninos, dos órfãos e passar pra senhora! A senhora vai, compra a máquina, traz o valor da máquina. Eu autorizo. E quando a menina habilitar, que ela precisar da máquina, cê entrega a máquina pra ela. Porque é dela a máquina! (RITA - fragmento narrativo/2008)

A máquina comprada não é nenhuma daquelas que o pai usava em seu ofício de sapateiro, mas, desde o início, parece estar como objeto substituto ao instrumento usado no ofício de seu pai. De acordo com a história contada por Dona Rita, a máquina é necessária não só para a mãe voltar a costurar roupa para os filhos, mas como uma herança por direito de

⁷⁵ Roberto Da Matta, "Totemismo", In: Benedito Silva (coord.), *Dicionário de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1987. (Nota do original)

filha. Seu objeto biográfico narra sua história. “O objeto não é conservado enquanto tal é a história do valor que se vê consagrada. No marasmo da desencarnação dos valores um fato novo aparece: o valor pode ele próprio se fazer relato, história” (JEUDY, 1990, p.64). Em outros momentos de sua narrativa, recorre a essa mesma fala do Juiz. Assim parece acontecer uma *solidificação da memória* de Dona Rita, conforme interpretado por Pollak:

É como se, numa história de vida individual - mas isso acontece igualmente em memórias construídas coletivamente- houvesse elementos irreduzíveis, em que o trabalho de solidificação da memória foi tão importante que impossibilitou a ocorrência de mudanças. Em certo sentido, determinado número de elementos tornam-se realidade, passam a fazer parte da própria essência da pessoa, muito embora outros tantos acontecimentos e fatos possam se modificar em função dos interlocutores, ou em função do movimento da fala (POLLAK, 1992, p.201).

Ou seja, baseando-se em lembranças de sua infância e de várias outras fases de sua vida, Dona Rita recorda um acontecimento que já faz parte de sua essência. O momento inaugural de sua tomada de posse. Assim, reinventa a fala do Juiz, autoridade legal do ponto de vista jurídico e social. Na sequência de seu depoimento, complementa: “*é a única coisa que eu tenho certeza que é da herança, que meu pai deixou!*” Elegendo mais uma vez a máquina como representação de toda a herança deixada pelo pai. Constata-se imediatamente a quantidade de vezes em que se refere a esse objeto biográfico, máquina, procurando ou tentando mostrar a repercussão da imagem do pai em sua vida e as ressonâncias em sua memória desde menina. Nesse sentido, cabe focar a diferenciação entre repercussão e ressonância, feitas por Bachelard (1993, p.7), aplicando ambas as imagens marcantes que guardamos de nossa vida:

As ressonâncias dispersam-se nos diferentes planos de nossa vida no mundo; a repercussão convida-nos a um aprofundamento da nossa própria existência. (...) é depois da repercussão que podemos experimentar ressonâncias, repercussões sentimentais, recordações do nosso passado. Mas a imagem atingiu a profundidade antes de emocionar a superfície.

As imagens de um pai com o qual não conviveu repercutem em vários momentos da vida de Dona Rita, mesmo sentindo-o sempre ausente. Algumas vezes, durante seu discurso, reivindica a legitimidade de seu parentesco e nesta reivindicação fica evidente o reconhecimento de sua família nuclear, antes da morte do pai, como a única e verdadeira. Reivindica, sempre, o amor da mãe:

Tudo era dinheiro do meu pai. Meu pai verdadeiro! Na venda das coisas, ela fazia os negócios tudo escondido, me excluía, entendeu? Sendo que era a filha única dela, porque os outros morreu tudo, os legítimos! Me excluiu de tudo! (RITA, fragmento narrativo/2008)

A herança familiar reivindicada aqui, nesse fragmento, configura-se como um bem patrimonial de natureza moral, e por consequência imaterial. Ao narrar suas histórias reais e imaginárias, Dona Rita define quem ela está sendo naquele instante em que rememora. Há uma (re)conquista progressiva de seu passado e futuro individual. Tecido do mesmo fio que sustenta e configura a tecedura da memória coletiva. Concordando com a afirmação central dos estudos de Halbwachs sobre a memória:

(...) quaisquer que sejam as lembranças do passado que possamos ter – por mais que pareçam resultado de sentimentos, pensamentos e experiências exclusivamente pessoais –, elas só podem existir a partir dos “quadros sociais da memória (HALBWACHS, 1925,p.XVI, apud Santos, 1998).

Na vida de uma pessoa, o que ela recorda⁷⁶ e como recorda estará sempre sendo reconstituído sob a influência de outros e não só sob a ótica de um olhar singular a revisitar as inúmeras gavetas da memória. Talvez procurando entender como essa memória lembra-se do esquecimento⁷⁷. O que se busca? Organizar o caos? Compreender as origens de nossos sonhos e realizações? Nossa identidade? Todas são questões eternas, que aparecem na história de

⁷⁶ “A vida de uma pessoa não é o que lhe aconteceu, mas o que ela recorda e como o recorda” (MÁRQUEZ, 2004).

⁷⁷ Em sua obra *Confissões*, Santo Agostinho (354-430 d.C.) já falava do esquecimento como objeto da memória: “Se nós retemos na memória aquilo de que nos lembramos, e se nos é impossível, ao ouvir, a palavra *esquecimento* compreender o *que* ela significa, a não ser que dele nos lembremos, conclui-se que a memória retém o esquecimento” (SANTO AGOSTINHO, 1984, p. 233)

Dona Rita. Terá rancor dos familiares por causa da herança perdida? Motivos não lhe faltam, mas não são respostas simples. Vemos a superfície ou a profundidade de sentimentos (de exclusão, abandono, fome, medo) transformados em palavras? Os quadros sociais em que encontram esses acontecimentos também são marcados por tempos difíceis, para cada grupo familiar, em função da desagregação de seus integrantes, um dos reflexos da evasão rural.

Embora, durante seu relato, a narradora tenha referido-se à máquina como a única certeza de herança do pai, enquadra uma cena de acontecimento vivenciado com a mãe, quando ao vender uma chácara da família, chamando a filha pelo apelido, pergunta-lhe *“Criola cê quer uma galinha com sete pintinhos?”* Com tristeza e sem nenhum questionamento, aceitou, viu a mãe despejar a galinha com seus sete pintinhos, e em silêncio parece ter deixado gravado na tecedura de sua vida outra representação da falta que lhe faz a herança do pai: *“eu olhei assim... fiquei com coração doendo de saber que meu pai deixou quase uma fortuna pra nós se tornar numa galinha com sete pintinhos!”*

Para amenizar todos os sofrimentos que a lembrança deste acontecimento possa trazer, D. Rita logo se refere à morte que, sendo uma certeza na vida, iguala todos e aponta para a finitude: *“Nunca vi essa galinha, com esses pinto, sumiu! Sumiu, (risos) nunca vi! Mas eu num... falei: “ah, a gente vai morrer... não vai levar nada...”*; ou seja, a vida continua! Mesmo com toda falta daquilo que diz, em sua narrativa, ter perdido desde os três anos de idade. Que filme terá sido esse, rodado na cabeça de Dona Rita? Como terá sido sua identificação se o filme tocou no sofrimento do abandono, na perda de bens materiais, a exclusão e a dissolução de sua família com a morte do pai e dos três irmãos? No contexto em que se passou esse fato com Dona Rita, *“uma galinha e sete (número que carrega riqueza de simbologias) pintinhos”* poderia valer mais do que se imagina.

Por que a mãe resolve lhe dar exatamente aquela galinha? Algumas inferências poderiam ampliar a análise. Portanto, penso na frequência com que a humanização do

animal⁷⁸ aparece ou aparecia na vida da família do meio rural como a de Dona Rita. Contextualizando a história contada por Dona Rita “*numa galinha com sete pintinhos*” estiveram juntas ‘a criação’, uma família, a mãe e os irmãos tão próximos de sua terra. Um acontecimento símbolo na história de vida de Dona Rita, não só pela emoção e tristeza com que o relatou, mas, também pela força das metáforas que criou. Metáforas de sua vida sofrida; o raro afeto da mãe chamando-lhe por seu apelido; a morte como desaparecimento inevitável dos bens materiais que tanto tinha e pouco restou! Jamais saberei com certeza que filme ficou rodando na cabeça de Dona Rita nesse momento síntese de sua vida vivida. Narrando uma vez mais esse episódio, Dona Rita re-encontra um cenário constituinte de sua identidade, refaz trajetos de si ao mesmo tempo em que descobre outros. Situa-se no jogo de interpretação da memória e faz da linguagem simbólica seu principal instrumento de comunicação. Não se trata de uma lembrança tênue expressa por *imagens-vestígios* conforme conceituado por Eckert e Rocha (2001, p.2):

A memória compreendida como um *topos* espaço fantástico, lugar de extravasão e introversão de uma linguagem arbitrária de símbolos, e coordenada, no plano da imaginação criadora, por esquemas de pensamento, evocaria, portanto, os diferentes procedimentos interpretativos- narrativos que dão sentido aos arranjos entre vida e matéria, reunindo-as de forma inseparável.

A força interpretativa usada por Dona Rita é também reveladora de sua condição social, de seu lugar na história de sua família e do lugar onde vive. Suas tradições, valores, anseios e perspectivas de futuro estão também nesse episódio. Uma transposição que se enquadra com a imaginação simbólica permitindo-lhe tomar posse de seu bem mais precioso: suas memórias: “entre aquilo que o relato tem de mais solidificado e de mais variável, podemos encontrar aquilo que é mais importante para a pessoa” (POLLAK 1992, p.10).

Esta situação conflituosa vivenciada por nossa narradora em suas memórias de

⁷⁸ O “respeito pelos animais” é destacado por Alvaro Catelan (2005, p.40) No dizer do autor eles: (...) são parte essencial da vida no campo (...) “inúmeras composições ressaltam a amizade do homem com os animais, seja um cachorro, um cavalo ou um boi ”(Ibidem, p.41). Por isso está entre um dos grandes temas da música caipira, também um dos símbolos mais fortes da cultura brasileira.

família não acontece por acaso, pois, de acordo com Brandão (1986), nos estudos feitos em Diolândia sobre a família rural, “a herança é uma situação limite para a organização da família. Nela ficam evidenciados os pontos de convergências entre as relações efetivas dos integrantes da família e as condições de posse e uso da terra” (BRANDÃO, 1986, p. p.46).

No enterro da mãe, resgata finalmente parte, ou o todo, da herança deixada por seu pai. Em sua memória, evoca a força de quem fala ao leito de morte como um último pedido, pedido de mãe, que não pode deixar de ser atendido:

Mas antes dela morrer, ela falou pra um dos irmãos, que quando ela morresse que me entregasse a máquina, que a máquina era minha! Aí, o quê que eu fiz? O dia que enterrou ela, numa sexta-feira, na segunda-feira ele (ex- marido de Dona Rita) pegou a caminhonete, foi lá e pegou ela pra mim! Entendeu? Que é essa que eu tenho aí! Aí, também não peguei mais nada, nada, nada, nada! Só a máquina! (...)
(RITA - fragmento narrativo/2008)

Só a máquina! Era tudo! Tudo que D. Rita queria e esperara por longos anos. A autorização materna no momento em que se despede da vida é um certificado de propriedade inquestionável. Uma narrativa tecida pela sabedoria de uma vida vivida, por isto comunicação inadiável:

Ora, é no momento da morte que o saber e a sabedoria do homem e, sobretudo sua existência vivida – e é dessa substância que são feitas as histórias - assumem pela primeira vez uma forma transmissível. Assim como no interior do agonizante desfilam inúmeras imagens - visões de si mesmo, nas quais ele se havia encontrado sem se dar conta disso -, assim o inesquecível aflora de repente em seus gestos e olhares, conferindo a tudo o que lhe diz respeito aquela autoridade que mesmo um pobre-diabo possui ao morrer, para os vivos em seu redor (BENJAMIN, 1994, p. 207).

Depois de receber parte da herança do pai, para a narradora, a vida realmente continua. A moralidade e a honra dos que vivem do próprio trabalho, sobrevive em seu modo de ser. O esforço próprio, o *suor do rosto*, resultado de labuta, reveste o ato de trabalhar de positividade: “Aí, larguei... tá a máquina aí! Aí, vivo hoje com o suor do meu rosto. Que eu tenho minha casinha, que eu não pago aluguel! Com o suor do meu rosto! Não foi de

herança. Nem pai deixou. Nem eles deram, sabe? (RITA - fragmento narrativo/2008).

O pagamento e os bens conquistados com o “*suor do (...) rosto!*” são vistos por ela como uma conquista maior do que aquilo que é herdado. Assemelham-se às reflexões de Nei Lima (2003) acerca da honra do trabalho rural em relação à honra do garimpeiro; partindo das falas de um trabalhador rural a autora pontua: “Não há desse ponto de vista, nenhuma positividade na riqueza que não seja resultado de trabalho, labuta (...). Além disso, está implícita uma crítica à ambição que é um valor totalmente negativo no universo daqueles trabalhadores rurais (LIMA, 2003, p.214) ”.

A noção de honra, de trabalho honrado, contrapõe-se a honra de receber a herança tal qual deixada pelo pai. Na falta desta, Dona Rita ressalta o valor de seu esforço próprio.

Com relação às brincadeiras na infância o eixo de suas lembranças direciona-se para uma “não” vivência de brincadeiras com bonecas. Pois o trabalho com os afazeres domésticos roubava-lhe este tempo. E associa a isto o fato de “não” gostar de bonecas até hoje:

Nunca brinquei! (...) Inclusive, hoje eu não gosto de boneca! Até hoje eu nunca gostei de boneca. Porque, eu não tinha tempo, eu não tinha tempo! Eu não tinha... aquele entusiasmo de brincar, porque era só no serviço! Incentivava no serviço!
(RITA - fragmento narrativo/2008)

O curioso é que em seu artesanato⁷⁹ faz bonecas-fiandeiras com roupas e adereços miniaturizados. Bem ao estilo de uma criança a brincar de boneca, e esse “brincar” acontece numa brincadeira entre mãe e filhos. As bonecas não só a recolocam diante da máquina [pai], mas acrescentam à sua identidade uma possibilidade de *infância eterna*; no sentido dado por Bachelard (1988), definindo a *ritmanálise* em oposição à psicanálise, “como uma doutrina da

⁷⁹ O artesanato produzido por Dona Rita pode ser apreciado no Catálogo Artesanato Goyazes/2008. Uma Publicação da Casa Brasil de Cultura, em parceria com o Ministério do Turismo. Disponível em: <<http://www.icbc.org.br/site/index.php> e em <http://www.turismo.gov.br>> Acesso em 10 maio 2009.

infância reencontrada da infância possível, abrindo sempre diante de nossos olhos um porvir indefinido” (BACHELARD, 1988, p.134).

Ao evocar um tempo que *já não é nosso*, podemos estar falando tanto das primeiras horas deste dia, ou do momento em que se começou a ler estas palavras, quanto do tempo de infância de cada pessoa, mas certamente é do lugar presente que parte o questionamento.

Quando a memória de Dona Rita é presentificada fala de uma memória de infância que parece ter ficado distante, faltou uma imagem mais nítida da principal atividade do ser criança. O brincar parece esconder-se entre uma pausa e outra de sua narrativa. Mesmo subindo em um banquinho para alcançar as vasilhas e lavá-la ou cuidando dos irmãos menores até que a mãe chegue, brinca de ser adulto. Isso coincide com o tratamento que recebia no âmbito social de sua época. Uma mocinha! Uma miniatura de adulto. Em obra pioneira, anteriormente citada, Ariès⁸⁰ (1978) afirma certas características históricas da infância ao longo dos séculos, caracterizando-a como produto da história moderna. Para ele, a “aparição de um sentimento de infância” se dá a partir do Mercantilismo; a noção de infância como tempo separado da vida adulta altera o sentimento e as relações frente à infância, modificado conforme a própria estrutura social. Antes disso, a criança era vista ora como um “bibelô”, ora como um “adulto em miniatura”. Após esta diferenciação, a criança deixa de contribuir diretamente para o sistema produtivo e passa a merecer cuidados e educação diferenciada

⁸⁰ No prefácio da edição de 1973, da obra *História Social da Criança e da família*, primeira edição brasileira, Philippe Ariès faz um balanço das repercussões e críticas que seu trabalho despertou e aponta alguns dos princípios que norteiam sua interpretação da história da criança e da família: "A história das mentalidades é sempre, quer o admita ou não, uma história comparativa e regressiva. Partimos necessariamente do que sabemos sobre o comportamento do homem de hoje, como de um modelo ao qual comparamos os dados do passado - com a condição de, a seguir, considerar o modelo novo, construído com o auxílio de dados do passado, como uma, segunda origem, e descer novamente até o presente, modificando a imagem ingênua que tínhamos no início" (Ariès, 1978, p.26).

O abandono⁸¹ sofrido na infância é um tema que vem à tona quando Dona Rita fala do sentimento de sua mãe em relação a ela.

Ela me deu eu pra um fazendeiro! Tanto que ela gostava de mim, ela me deu pro fazendeiro! Eu tinha na faixa de uns seis anos, ela já tinha mais filho com o segundo marido. Ela não me quis, me deu pro fazendeiro!

(...)Porque até nessa época a gente sabia o quê que era gostar, quê que num era gostar, E o homem, o fazendeiro... mais... não... mais me tratava como se fosse uma princesa. Mais nada me conquistou. Era a mãe e os irmãos!

(...)

Pois eu consegui, saí sem eles vê e andei, e andei quase como daqui em Aparecida (...) Hora que eu ouvia barulho de um carro eu amoitava, no mato, pró carro não me ver! E assim fui indo até chegar!

Tão pequenininha, mas eu cheguei! Deus foi tão bom que eu cheguei! Na fazenda onde ela tinha comprado mais o marido. Cheguei... ela num... num... me abraçou [voz embargada]... e só falou: “uai, quê que foi que cê veio?” (RITA - fragmentos narrativos/2008)

Reconstrói o acontecimento em que foi doada ao fazendeiro. Ganhou outra família, aos seis anos de idade, e um pai que não queria. Na falta do seu pai verdadeiro, esse a tratava “*como se fosse uma princesa*”. O lugar é minuciosamente descrito com elementos dos contos maravilhosos. Mas a saudade dos irmãos e da mãe deixa marcas e em fuga, de aproximadamente 20 km, volta pra casa.

Ao não aceitar aquela sorte, a menina Rita contempla seu passado e futuro, com olhos do presente, reage, ainda menina, ao traçado de um destino que recusou e faz um pacto com a mãe: “*Mãe, eu não volto mais pra aquele lugar! Não volto!*” *E era maravilhoso! Eu fico assim, pensando: ‘gente, como a sorte foi prum lado e veio do outro?’ Mas, eu não aceitei aquela sorte, sabe?* Nesses trechos de sua narrativa, Dona Rita apresenta uma verdadeira saga. Ao ouvi-la não tive dúvidas de que ali estava um acontecimento certamente doloroso. Ao mesmo tempo envolto em castelos, escadarias, quintais sem fim, mordomo (versão feminina). Sugerindo um tipo de “memórias subterrâneas” conceituada por Pollak

⁸¹ “A história de crianças abandonadas não é recente. No decorrer da história, o abandono é uma constante, em diferentes sociedades e por diversos motivos (...). O costume de abandonar filhos chegou ao Brasil com o processo de colonização e já era uma prática comum na Europa. (...) não há nada que comprove o abandono de filhos por parte da sociedade indígena ou dos escravos provindos da África. No Brasil a ‘roda foi implementada no século XVIII e apesar de sua ineficácia foi desativada somente na década de 50 do século XX. Goiás não teve ‘roda dos expostos’ e o número de crianças abandonadas foi bem inferior ao do restante do país” (VALDEZ, 2003, p.40).

(1989, p.5) como aquelas lembranças que sobrevivem “durante dezenas de anos, (...) lembranças traumatizantes, lembranças que esperam o momento propício para serem expressas”. Complementando, pode-se dizer, ainda com Pollak (1989, p.4), sobre acontecimentos traumatizantes: “para poder relatar seus sofrimentos, uma pessoa precisa, antes de mais nada, encontrar uma escuta.” Dona Rita rompe o silêncio, reconstruindo a dor do abandono e o seu desejo de esquecimento “pela linguagem alegórica; conferem-lhes significação atual pelo discurso do encantamento que é, na mesma medida, um modo de transfigurá-los em uma sociologia poética” (LIMA, 2003, p.127). Assim torna-se suportável recontar e atravessar uma vez mais esse trecho de sua história.

As temporalidades individuais do vivido por Dona Rita são absorvidas *no* “compasso social do tempo” (Bosi, 1994. p.418). E olhando pra trás aprecia sua capacidade de resistência; comparando seu passado e seu presente, escolhe o momento atual:

Tem hora que eu sento aqui com os meninos e fico pensando assim, falando: como que eu resisti? Um ser aqui na terra passar o que eu passei! Eu fui pensar... eu não passava mais hoje, não! (RITA - fragmentos narrativos/2008)

Resistência é uma palavra que norteia a biografia de Dona Rita. É do seu lugar social que a construção de sua identidade reflete experiências, hábitos, afetos, burilados em sua trajetória. À medida que vai narrando, aproxima cada vez mais de “*Um ser aqui na terra.*” Identidade reivindicada por ela que se vê ainda mais resistente. Sua força para “*passar*” por tudo que passou vem de seu desejo em buscar sentidos e explicações. Uma motivação que atua tanto no presente quanto no passado e integra suas memórias às vivências atuais. Agora Dona Rita está no “paraíso!” Depois de tudo que passou: “*Mas, hoje a felicidade que eu tenho é essa! tô na minha casinha! Trabalho junto com meus filhos! Aqui, não tenho receio de nada! Durmo tranqüila! Eu tô no paraíso, do que eu passei!*” (RITA - fragmentos narrativos/2008)

Imagem 8 - Objetos biográficos: Dona Maria de Lurdes



Hidrolândia - GO
Fotos - Marco Antonio 2008
Montagem - Esther Moreno
Acervo - Pesquisadora

2.3 Fios da terceira história...

Família/saberes e ofícios

Nós tava falando a respeito de fiação, de roda. Eu fui criada assim: a minha mãe fiava. Naquele tempo era difícil. A gente, num tinha assim igual tem hoje, tem os armazém, tem açúcar, tem tudo, né? Então a gente comprava açúcar de engenho. Num sei se você já ouviu falar. Então minha mãe fiava pra comprar açúcar, pra comprar assim... um litro de manteiga, pra fazer comida pra nós.

E ela fiava aquelas “pencona”. E e os fazendeiro , então dava algodão pras mulher fiar, né? E ela tinha que fiar, fiava aquelas...

Era por quilo, por libra, os novelos de linha. Então eles falavam que era libra. Outras falavam era quilo.

(...)

E ela, também, fiava pro meu pai vestir porque não tinha assim roupa, era tudo de algodão! “Nós”, eu fui criada, desde menina, com roupa de algodão, então aí, eu tava com doze anos! Aí eu fiz as minhas roupinhas, também. Pegava e, fazia assim branquinho, bordava ele, fazia ponto de marca, vestia. A gente ia nas festas, era aquele trem mais lindo, cê precisa ver!

(...)

A gente fiava, tecia... primeiro a gente plantava o algodão. A gente começava com a semente, né? Plantava, aí colhia ele e descaroçava... catava ele primeiro, catava, aí descaroçava (tem descaroçador, você sabe né?)

(...)

Num precisava tá batendo, a gente abria ele só na mão assim (gesto com as duas mãos), a gente cardava ele. Aí fiava ia pra dobradeira, fazia meada e tingia no anil, era azulinho, aquela coisa mais linda! Tingia de azul, tingia também... assim, na ferrugem e aí fazia a

roupa. Fazia de repasso aquela roupa mais bonita: calça fazia camisa assim de xadrez, ficava aquele trem mais bonito! Meu pai vestiu muito esse tipo de roupa e nós também, fazia aqueles vestidos, fazia saia xadrez de algodão e era bonito!

Objetos biográficos/Saberes e ofício

Eu comecei cá minha mãe! Minha mãe me ensinou e minha vó, também! Aí, minha mãe quase num ia, assim, nos Muxirão. Minha vó ia em todos e ela me levava.

(...)

Era todo sábado tinha um Muxirão. Numa fazenda, na outra. E minha vó não deixava nós de jeito nenhum! Ai, então eu levava minha roda. Minha vó não deixava a gente ficar à toa não! Tinha que fiar! Aí, eu pegava e fiava. Ela comprou uma roda pras netas ‘tudinho’! Cada uma ganhou uma roda. A gente fiava... aí levava as netas tudo! Quando já era de tarde a gente fazia aquelas penquinha juntava pra ela e ela dava pra mulher. Era o trem mais bonito! Precisava de vê, o tanto que era bom! Ai, eu casei, né? E continuei, fazendo roupa para o meu marido. Depois vieram os filhos, continuei fazendo roupas prós filhos. E eu também vestindo roupa de algodão, agora por...

(...)

Infância/trabalho

Doze, treze anos assim... eu trabalhava, mexia com algodão, e ajudava em casa. Fazia as coisas de casa. Lavava roupa, fazia as coisas! Nós ajudava minha mãe e ajudava minha vó. Porque morava pertinho, né? Minha vó era boa demais pra nós! Nossa menina... eu tenho uma saudade dela, ‘tadinha’! Ela era boa! Levava a gente pras festa, mais ela punha nós pra trabalha, num ficava a toa, não! Tinha

uns dias que nós brincava, eu brinquei até a idade de, treze anos, quatorze anos, eu brinquei. Nós brincava com boneca, brincava assim... nós juntava aquela turma, né? Pra brincar, mais tinha uns dias. Tinha uns dias pra trabalhar...

(...)

Era no final de semana, sábado, sexta-feira assim de noite, domingo. Nós morava na roça, né? Num tinha assim... num é que nem hoje assim... que tem muitas coisas pra gente fazer.

Então não tinha lugar, sem ser nos Muxirão que a gente ia. Dia de domingo a gente tava em casa de primo e... mas brincava! Ai juntava os primos os vizinhos lá. Era muito vizinho, ia brincar, brincava até mesmo! (...) Então, a gente ajudava a criar os irmãozinhos mais novos. Ajudava assim... que nem meio de semana a gente levava comida na roça pros pião, ajudava lá na roça também, ajudava meu pai plantar. Naquele tempo 'covava' era com a enxada, né? E a gente tinha uma cuia (...) e punha trem e a gente plantava ia jogando de grão em grão, nas covas. A gente ajudava na roça.

Família

E eu trabalhei até poucos anos. Tem uns dezoito anos que eu larguei de trabalhar na roça. Mais eu trabalhava na roça, ajudando! Ajudava meu pai, ajudava meus tios. Porque (...) meu avô morreu muito novo e minha avó ficou com os meus tios assim, pequenos. Aí, minha mãe era das irmãs mais velhas. Então nós ficamos assim. Tudo pertinho e a gente ajudava, levava comida na roça pra eles, (...). E era uma união tão bonita, menina, cê precisava ver! Num tinha briga, num tinha assim má querença. Era uma irmandade mesmo, sadia!

Casamento

Eu casei, (...) continuei... ajudava meu marido. Ia pra roça com ele, levava comida pra ele, chegava lá ele tava apurado. Eu ajudava. Ajudei muito, e meus filhos também continuaram ajudando... O mesmo serviço É, e até hoje eu fio! Fio! Eu tenho, lá em casa, um

escaroador, os trem todinho né?

(...)

Nossa, eu tenho saudade! Hoje em dia as coisas tá mais fácil... mais muitas coisas tá mais difícil. Naquele tempo era mais difícil, (...) num tinha as coisa 'custosas' que tem hoje. Tanta violência, tanta... Cê confiava, cê podia deixar os filhos sozinhos. Eu deixava os meus filhos sozinhos, em casa. A roça era perto assim. E eu ia lá levar comida pro meu marido e os piões que tava na roça. Voltava e eles tava lá brincando! Aí, eu arrumava a cozinha e ia pro tear, tecer! Agora, em casa, eu parei (de tecer), porque eu fiquei doente demais, entrei na depressão.

Teve uma época que aconteceu 'umas coisas' comigo, lá e eu fiquei assim... muito... sei lá. Parece que eu não conformava com aquilo, né? Aí, eu peguei e entrei na depressão, braba demais! Ai, eu larguei. Costurava pra fora, costurava confecção. Eu costurava em casa, depois eu fui largando, bordava... eu fazia de tudo, de tudo mesmo! Aí, muitas coisas eu deixei e não faço, ainda!

(...)

Eu nunca deixei assim... eu não faço igual eu fazia. (...)

Parece que eu pegava naquela vontade e fazia o bordado, tecia. Fazia crochê... eu ainda faço. Mais, num tenho aquela vontade de fazer... igual eu tinha, mais, né?

(...)

É... as festas, as treição! Tinha aquelas treição, aqueles mutirões né? Então era um povo muito alegre. A gente era uma família... muito alegre, assim! Então eu lembro e tenho saudade! A gente tem saudade de tudo, né?

(...)

Aí, eu mudei cá prá cidade prá por meus filhos na escola. (...)

Na roça, não tinha lugar, né? Pra eles estudar.

(...)

Aí, eu arranjei essa mulher pra dar escola pro meu menino mais velho, e aprendi um pouquinho também! (...) Mas meu marido continuou na roça sempre trabalhando e sempre que sobrava uma folguinha nós tava tudo indo ajudar ele. Nós morava no Bonito do Meio.

(...)

Objetos biográficos/Casamento

É uma roda. Eu tenho a roda que era da minha mãe, que essa... eu num vendo ela por dinheiro nenhum. Num dou...

Porque sempre eu falo: “gente, minha mãe matou muito a nossa fome com a roda” Então, tem gente que: “não, mas pra que cê ficar com outra?” Eu tenho a minha roda, que a minha vó me deu e tem a da minha mãe, né? Ai, eu falo assim: “Nem. Mas isso aqui num tem preço.” Porque eu lembro assim: que a minha mãe comprava as coisas, né? Pra ajudar meu pai a alimentar nós. Porque naquele tempo plantava, Assim colhia: arroz, feijão, as vez engordava um porco

E, eu tenho lá em casa a roda tem os escaroador de algodão. Porque o tear eu vendi. A dobradeira ainda tá lá, também.

(...)

É, porque a gente, quando a gente casava a gente levava tudo, né? A gente levava a roda, a carda... a gente levava tudo! E eu levei! Meu enxoval foi todinho de algodão. Eu fiz coberta, lençol, fronha. Fiz o colchão, naquele tempo era colchão assim... a gente fazia. (...) E a gente enchia da palha, palha de milho. Eu levei limpinho, tudo. Lençol de algodão branquinho. (...) A gente punha assim, em cima do pé de goiaba, chovia (...) clareava roupa era assim.

(...)

Eu tenho um ferro de passar roupa também. Um ferro assim... de brasa. Porque a gente passava roupa era na brasa. Naquele tempo

num usava assim... passa roupa não.

(...)

A roda foi minha vó que me deu. Mãe da minha mãe. Ela chamava: Maria Rita de Jesus. Ela falou assim: “isso aqui é pro cê levar pros Muxirão... e fazer muitas roupas bonitas!” (risos).

(...)

Eu tô com 64. Eu tinha mais ou menos, uns... vamos supor que era uns... quinze anos. Uns quatorze anos quando ela me deu, porque eu fiava na roda da minha mãe. A roda dela, nós ficava trocando assim.

(...)

É. Eu acho que eu tinha uns nove, dez anos, quando eu aprendi a fiar. Nove anos! Era muito pequeninha. Eles até achava graça d’eu fiar no Muxirão! (...)

E sentava lá e fiava mesmo! Não gostava de ficar no meio de menino, assim no Muxirão não! Gostava de ficar no meio das pessoas maiores. Escutava contar história, né? Elas contavam tanta história!

(...)

Às vezes a gente tá assim no Muxirão, (...)

Essas idosas assim que fiava né? Tá com saudade, ai às vezes fala: “Deixa eu fiar um pouquinho na sua roda?” Eu falo: “Uai, pode fiar!” (...)

Uma fia um pouquinho... quando é fé vem, aparece outra: “Deixa eu fiar um pouquinho na sua roda?” Porque a minha roda, essa aqui eu carrego. (...)

Agora tá sendo só puros Muxirão. Em casa... eu num mais não! Eu fiava com as duas, eu fiava numa e punha o menino pra tirar linha pra mim (...)

Foram aprendendo.

(...)

Eu criei meus filhos tudo assim. Tudo me ajudando, né? Eles sabem

arrumar casa, sabe lava roupa, passar roupa. Faz comida...

Ontem, mesmo, ainda tava lá... eles foram tudo lá pra casa. Que sempre tem um... dois que folga na segunda, ai eles foram lá pra casa e ficaram lá. Sentado num bancão antigo que eu tenho lá. Foi meu primeiro banco que eu possuí, na minha casa. Sofazinho que eu tive. Aí, eles sentava: Ô... mais esse banquinho velho num pode acaba com ele! E falando: Nossa, eu tenho uma saudade do tempo que a gente trabalhava, sentava nesse banco. Assistia televisão era sempre deitado nesse banco, sentado nesse banco, né? Aí, eles tava falando... tinha saudade demais no tempo que eles... porque agora já casou todo mundo. Mudou todo mundo, né? De vez em quando eles chegam lá... deita lá no banco, lá. Aí fala: “Ôoo... Tenho uma saudade desse... daquele tempo!”

2.3.1 “Minha mãe matou muito a nossa fome com a roda (...)”

“*O que te vier à memória!*” Essa era a senha revelada logo no início da entrevista. Um jeito de preannunciar a sugestão de rota e deixar Dona Lurdes mais a vontade para um início de conversa. Para falar e calar sobre sua história de vida.

Seu relato é como tem de ser. Cheio de brechas, esquecimento e lembranças caminham lado a lado. As pausas em que parece pensar bem antes de falar, dão esta impressão. “*Só as coisas boa cê que saber?*”, um questionamento feito logo no início. Sabendo que a decisão seria sua, preferiu falar de acontecimentos mais traumáticos somente com o gravador desligado. Sobre lembranças difíceis, limitou-se a dizer: “*Ih, não... já passei por cada trecho... já sofri muito, muito! Trabalhando, né? Já aguentei muita coisa, muita humilhação!*”

No seu ritmo, aos poucos, esta senhora de 64 anos, fala lenta e olhar meio triste, vai contando fragmentos de suas memórias. Nasceu em Bela Vista de Goiás, em 11/01/1944, embora conste 1945 na certidão de nascimento. Relembrando suas origens, uma pequena retrospectiva:

Sou natural de Bela Vista. (...) Eu mudei pra cá, tava pequena. Porque meu pai mudou pra cá⁸² minha mãe tinha umas terrinhas de cá. Ele tinha de lá. Aí, meu pai vendeu as terras dele. E passou cá pras terras da minha mãe e eu cresci aqui no Bonito do Meio. Fiquei até casar! Aí, de lá vim pra Hidrolândia. (LURDES-fragmento narrativo/2008)

Hoje D. Maria de Lurdes prefere ser chamada de Lurdes. Filha de Geraldo Evangelista Telles e Ana Telles. “*Irmã mulher é só uma. Eu tenho mais seis. Seis irmãos homens.*” – diz, fazendo as contas em voz alta sobre a quantidade de irmãos. Sua narrativa fala de ajuda mútua em família, da presença dos tios e da avó materna nos tempos de infância

⁸² Refere-se ao município de Hidrolândia-GO.

e adolescência. Ainda pequenina, foi morar em “Bonito do Meio” (fazenda da avó materna), ali ficou até se casar.

Casou-se, aos dezoito anos, mãe de quatro filhos (três homens e uma mulher) dos quais vieram cinco netos (mais uma neta entrou na família aos dois anos de idade em função do casamento de um dos filhos).

Passou grande parte de sua vida morando na roça. Quando resolveu mudar para a cidade, prevendo o estudo do filho mais velho, a família ficou dividida, ou seja, morando em dois lugares, parte do tempo na fazenda e outra parte na cidade, em Hidrolândia. Seu esposo nunca deixou o trabalho na roça e até hoje continua sua lida no campo: plantado e colhendo.

No quarteirão em que se localiza sua residência moram também seus filhos. São vizinhos. Um tipo de família extensa, o que demonstra claramente um sinal de resistência à organização do espaço urbano no modelo individualista, separando a família. Ter os filhos como vizinhos, uma forma de manter a família sempre próxima, favorece a convivência diária e as situações de ajuda mútua comuns ao ritmo da vida de Lurdes no espaço rural.

As duas rodas de fiar foram os objetos biográficos escolhidos por ela. Guardadas como relíquia, uma dada pela avó materna e a outra que foi presente de sua mãe. A primeira é própria para uma criança de nove anos de idade (quase uma miniatura). Na sessão de fotos, contou a seguinte história sobre a roda de fiar, presente de sua avó materna:

Uma vez a gente tava num Muxirão e ali as rodas eram poucas e ela falou: “Não. Vou te dar uma roda!” Aí, apareceu uma amiga dela. Essa roda já era usada. Essa roda muito antiga, sabe? Aí ela falou assim: “Eu quero vender essa roda.” Minha avó falou: ‘então eu vou comprar ela! Eu lembro direitinho. Ela deu meia quarta de feijão pra pagar essa roda! Deu pra mulher. A dona da roda chamava dona Geralda. (...) Eu lembro direitinho: eles cantando, chegando com a ‘treição’ e eu com a rodinha pra fiar! (...) Era um valor alto. Porque nessa época, foi uma época que faltou muito dinheiro. Então era muito pouca gente que tinha. E essa mulher tava precisando de alimento pros filhos dela. Aí minha vó comprou a roda e me deu. Mas eu fiquei feliz demais! Menina de Deus! (LURDES- fragmento narrativo/2008)

Com relação à outra roda, aquela em que aprendeu a fiar, e mantém até hoje, Lurdes afirma:

Minha mãe morreu e eles não deram valor. Deixou a roda lá no quintal. Aí eu fui lá e peguei. Toda 'espatifada': rodeira pra uma banda, perna pra outra, banco pra outro. Eu juntei tudo e: 'Gente como é que vocês fazem um trem desses! O tanto que a minha mãe fiou pra matar nossa fome! E ocês fazer um trem desses!' Juntei e mandei arrumar! Até foi o Seu nenê [Sr. Militino] que ajeitou pra mim umas peças que tava faltando. Tá aí. Completinha! De vez em quando eles aparecem pra comprar. Falo: Não, num vendo não! Não tenho coragem!(...) Deixa ela aí! (LURDES- fragmento narrativo/2008)

Complementa o relato relacionando claramente essa roda à presença da mãe. Visivelmente emocionada e com um olhar longínquo: *“Eu recordo tudinho! Eu vejo minha mãe! Represento minha mãe, direitinho... fiando nela!”* Ficamos um tempo no silêncio da emoção. Uma emoção que precisava fluir. Lurdes continuou: *“Recordo assim... olha! (aponta para a roda) Como quem que eu estou vendo ela sentada aqui! E faz muitos anos isso!”*

Imagem 10 - Objetos biográficos: Dona Zilmar



Hidrolândia - GO
 Fotos - Marco Antonio 2008
 Montagem - Esther Moreno
 Acervo - Pesquisadora

2.4 Fios da quarta história...

Infância

“Eu me lembro disso como hoje...”

A minha infância foi muito gostosa, foi muito boa. Eu brinquei bastante, as brincadeiras de antigamente eram diferente de hoje, né? A gente, assim... cantava. Nós subíamos em cima do pé de manga, mais alto. Quem pudesse ficar mais alto, era a melhor cantora. Então ali a gente cantava essas músicas mais do passado de 70, 80, que hoje em dia a gente quase nem houve mais. E... andava também nove quilômetros pra estudar, eu me preparei no grupo escolar modelo onde eu fiz meu primário. Eu morava perto de Goiânia, hoje é Bairro Hilda, antigamente era fazenda. Eram vinte e oito alqueires de terra. Então papai criava gado, cavalo, porco. De tudo a gente tinha, era uma fazenda tão bonita, tão boa, cheia de árvore, cheia de frutas!

(...)

Então, a gente foi criada com muita fartura. Um ambiente muito bom! Eu tenho saudade da minha infância, onde que eu passei, onde que eu brincava com minhas colegas! A gente cavalgava, também, andava a cavalo, andava a pé. Acompanhando aquele gado⁸³, que passava, assim... uma multidão de gado que ia pra São Paulo, Barretos. A gente achava bom subir num pé de pequi muito alto e ficava lá, vendo o gado passar. Então, minha infância foi muito boa!

(...) a gente morava na roça, mas estudava na cidade. Aí pra ginásio, fiz uma parte no (como que chama o colégio meu Deus!) perto da Rodoviária, Rodoviária não, da Praça da Bíblia... Instituto de

⁸³ Essa memória afetiva de Zilmar apresenta uma forte simbologia com sua identidade ligada aos elementos de uma paisagem social: “Berrante e boiada são símbolos e referências de sertão. As composições em torno desse tema são inúmeras e sempre densas de saudade, reverência, como a coloca as comitivas de boiadas como o próprio retrato do sertão” (CATELAN e COUTO, 2005, p. 28). Esclareço que não há intenção em conceituar a categoria sertão entre os limites geográficos de uma região. Portanto, à luz dos estudos de Lima Filho (2001a), é uma categoria que tende a ser manipulada para “constituir o perfil do ‘pioneiro’ desbravador e herói (...)” (Ibidem, p.23, grifos do original). Ideologicamente utilizada com idéias de caráter e sentidos negativos. “A categoria criou força por ser diametralmente oposta e, ao mesmo tempo, complementar ao litoral: enquanto este era o lugar da civilização e da cristandade por excelência, o sertão era o lugar do desconhecido, da barbárie, do perigo e dos lugares inacessíveis” (Ibidem, p.64).

Educação!

(...)

(...) eu fui pro Pedro Gomes, em Campinas, e morando na chácara, era mais de nove quilômetros que nós andávamos todo dia. Eu lembro disso como hoje... mamãe fazia uma sacolinha escrito: pão. Mas ela punha assim “sapato” pra saber que era de carregar o tênis. Porque lá no Pedro Gomes não aceitava o uniforme que tinha uma prega, que não era certinho e nem o sapato sujo. A gente vinha de chinelinho, lá que calçava a meia e o tênis pra chegar no colégio limpinho. Minha mãe era muito caprichosa! Lembro disso como hoje!

Um dia eu tive uma disciplina muito grande! Meu tênis, tava sujo de barro e a porteira não deixou entrar. Fiquei sem assistir aula neste dia! Chorei por causa, até! E minha mãe: “vou fazer uma sacolinha e cada uma leva o tênis na sacolinha.... calça meia (vai uns dez minutos na frente) calça meia e põe o tênis.”

(...)

Então, tenho saudades disso tudo que passa, né?

Tenho saudades da professora que chamava Elesilda. Uma ótima professora, mas muito brava.

(...)

A família

Agora meu tempo de juventude também foi muito bom. Foi em fazenda também, a gente passeava muito. Até esse novembro, tá aproximando dezembro eu lembro. Tenho muita saudade da minha mãe! Porque natal, pra ela, era tudo! Então, mês de novembro já começava a catar pedra: pra fazer o presépio; santinho: pra enfeitar o presépio; samambaia: pra enfeitar o presépio. E minha mãe começava a comprar os presentinhos, também. E cada presente tinha um nome: “isso aqui é fulano; isso aqui é de sicrano; aqui é do meu afilhado; isso aqui é de minha comadre...” então, assim por diante, até chegar o dia vinte e quatro!

Porque aí, tinha as novenas, tinha o presépio... aquele presépio muito, muito bem arrumado! Era fresquinho, ela punha aguinha pra correr. Enfeitava, punha rodinha d'água, monjolo. Era tanta coisinha que mamãe fazia! Punha coisinhas de ferro também. Diferentes coisas antigas, ela enfeitava todinho o presépio dela assim! (...) Era um presépio grande, uma sala assim... um cômodo. A casa era muito grande, então ela tirou um cômodo mesmo, pra fazer o presépio. Vinha muitas pessoas mesmo, pra visitar o presépio de minha mãe! Então, dia vinte quatro reunia a minha vó ,que também tinha um presépio muito grande na casa dela, pra gente rezar o terço, né? Pra noite de natal!

Então, hoje a gente... natal, assim... parece uma coisa tão simples, né? Enquanto naquele tempo, pra mim era tão importante! Pra mim, era a coisa mais bonita do mundo!

Então, mamãe fazia vestidinho novo, comprava sapatinho novo! Tinha que ganhar o presentinho? Era na noite de natal! Depois que era a ceia. Então a gente tem muitas saudades disso! Hoje quando entra dezembro que eu penso assim: “não tenho mais a minha mãe...” já perdi vovó, também... então, aquilo traz muita saudade, pra gente, mas pelas boas lembranças, né? Porque foram os momentos bons que eu passei junto com ela, com papai com as minhas irmãs! Então a gente tem muita saudade! Mas lembro meu passado com bastante alegria, não tristeza! Ela começava durante o mês de novembro, ela... bom, muitas coisas ela preparava até antes, né? Mas o mês de novembro, ela dedicava já o Natal. Todos os dias do mês de novembro era uma coisa que ela fazia!

Quando eu peguei entendimento de gente, ela já fazia. E dizia que a minha vó (mãe dela) já fazia também, que lembrava quando era menina já via minha avó preparando essas coisas.

(..)

Minha vó morava na cidade, ali naquele Setor Ferroviário. Ali era bem simples, setor ainda bem atrasado. Então, minha avó foi a primeira pessoa que teve uma televisão. Televisão, não, primeiro uma radiola. No setor, então, todo mundo reunia na casa da minha vó pra

ouvir as músicas. (...) minha vó tinha aquele discos muito bons: Luiz Gonzaga (era sucesso naquele tempo) (...) Martinho da Vila. Não (...) tinha aqueles discos bons, antigos, ia dançar...

(...)

Casamento

Casei mês de fevereiro, quando foi março eu comecei aula já na minha casa, aí era debaixo de um pé de manga! Coisa mais gostosa! Não tinha carteira não. Eram umas tábuas pregadas. Então, ali todo mundo sentava. Trazia mesa, da minha casa, porque não tinha. Na prefeitura: não tinha mesa, não tinha quadro negro, não tinha giz. Então, a gente pegava aquela turma de menino que queria estudar, e a gente queria um emprego também

(...) Quando tinha chuva passava pra dentro da minha casa. Até que eu fiz um galpão da minha casa, lá assim... aí veio quadro negro.

(...)

...Conversando a gente esquece um pouquinho!

Trabalho

Foi assim: depois que eu parei de dar aula, que eu aposentei... Ficou um tempo assim vazio. Vazio! Eu até não aposentei por tempo de serviço ainda não! Dezenove anos e oito meses de trabalho. Aí, eu tive um problema sério, uma dor de cabeça.

(...)

Aí, esse período veio a minha aposentadoria. Então, eu me sentia muito vazio. Sempre eu ia ao colégio, trazer meus meninos pra eles estudar.

(...)

Não sei, ainda, muito bem fiar. Aprendi, aqui [CCI]. Cardar eu, tô aprendendo, também. Mas fiar, eu tô aprendendo melhor! Eu gosto de fazer crochê, gosto de conversar com as colegas, gosto de contar piadinha, ouvir versinhos que elas falam. Tem aqueles versinhos rimados, acho muito bonito, aquilo, porque eu não tenho esse dom

pra fazer aqueles versos rimados, só se tiver com uma lista de papel na frente pra poder ir lendo.

(...)

Eu me sinto bem! Hora que você tá, assim... com problema, uma perturbação ou uma preocupação muito grande em casa, com o dia a dia da vida, aqui você esquece. Porque a gente tá ali conversando com as colegas, brincando, conversando a gente esquece um pouquinho!

(...)

“A melhor herança que um pai pode deixar...”

Família/herança

(...) papai dizia... que ele perdeu o pai dele muito cedo! Então, ele foi criado com os tios dele, porque era menino de uns treze, quatorze anos, era um dos mais velhos da minha avó. Ele foi criado com um mundo de tias, ele não podia estudar, enquanto os filhos da tia eram tudo estudante, ele não tinha essa oportunidade. Então, ele dizia, assim, que era muito triste não... não ter estudo. Ele tinha vontade de ler um jornal, saber assinar bem bonito o nome dele! Ele não sabia por que não teve oportunidade. Na época dele estudar, ele não teve oportunidade. E depois ele ficou rapazinho, trabalhando serviço pesado... porque meu pai foi um dos primeiros de Goiânia. Ajudou a construir Goiânia... o Palácio de Goiânia... ele ajudou! E ele casou muito novo, também, não teve oportunidade! Então ele dizia: “a melhor herança que um pai pode deixar pra um filho é o estudo”!

Então enquanto ele pudesse e tivesse força e a gente quisesse ele tava sempre ajudando. E ele foi um pai muito bom. Ele fez tudo por nós! Deixava de comprar um calçado pra ele, uma camisa, uma calça bonita pra não faltar o material escolar!

(...) Parece que, aquilo, pra ele, era um sonho! A coisa mais boa era chegar o final do ano e ele ir assinar o boletim! Porque hoje são poucos pais que fazem isso. Naquele tempo, os pais eram rígidos a

gente ia com todo fervor né? Assinar aquele boletim era um dia de glória pra eles, de muito entusiasmo! E meu pai era um desses! Ele era o primeiro da fila, chamavam: Zilmar; Maria de Lurdes; Hilda... seu pai tá presente? Era um da fileira, faltava de jeito nenhum! E minha mãe, também, tadinha! Também não teve oportunidade. Porque ela casou muito nova, não teve a oportunidade que a gente tem hoje em dia com os filhos da gente, com os netos né? Naquele tempo era difícil condução.

(...)

Ele falava assim: “eu tenho de ajudar minha tia pra mim sobreviver. Porque, eu não posso ficar sozinho, eu perdi meu pai. Minha mãe tem bastante filho, também, tudo pequeno!” E elas, diziam assim: “ah, Joãozinho, tem que trabalhar meu filho! Quem sabe mais tarde você pode estudar?” Foi seguindo a vida assim sem estudar! Era sem estudo, mas era uma pessoa tão inteligente! Parecia que tinha muito estudo, mas não tinha! Era inteligente na vida! É... com a vida... verdade muito triste! A pessoa ter vontade de estudar e não teve oportunidade. É, ele falava isso! (risos)

“Não, essa aqui eu não posso vender...”

Objeto Biográfico

(...) a minha relíquia! ...essa idade minha avó morava no Setor Ferroviário, naquele tempo lá era só mato, hoje é tudo asfalto, e lá só tinha trilha, barro, lama porque lá era brejo. Não sei se você conhece lá o Setor? (...)

Eu ia da roça pra cidade. (...) lá as professoras reunia as turma de alunas pra fazer piquenique. (...) e eu ficava doidinha pra ir: “Ah, cê num vai não. Pra quê, o que vai fazer lá? Não tem nada pra levar. O quê que você vai fazer lá?” Eu pensava: “Que material, será que é esse, que elas falam? Era assim: panelinha, caldeirãozinho (mas que tivesse asa). Aí, um dia elas falaram assim: “você não vai não. Porque você não tem mesmo material pra levar. Você não pode mesmo participar com nós!” Elas eram tudo menina assim de uns

treze, quatorze anos e eu era a menor.

(...)

Cada uma levava, assim: couve, outra levava cebola, cebolinha de folha, pimenta... Ih! (...) eu voltei chorando porque elas não queriam deixar eu ir! Encontrei a minha vó na porta e ela falou assim: porque você chora, minha filha? Eu falei: não, vovó, eu queria tanto ir com aquelas meninas pró cozinhadinho delas e elas não deixaram, porque eu não tenho o vasilhame de levar! Ela falou: não minha filha, no próximo, você vai! Hoje mesmo já dá pra, você, ir! Cê volta lá na cozinha da vovó e ela fez um feijão nessa panelinha e ela tá suja de feijão. Cê pega ela, passa uma aguinha nela, lava bem lavadinho. Ela é pretinha de asinha. Passa na venda (porque meu avô tinha uma vendinha, hoje é armazém né? Naquele tempo era venda.) cê passa lá e pede seu avô pra te dar as coisinhas pra você levar! Ele já sabe!

Aí, fui na venda com a panelinha. Toda contente com essa panela na mão, que ninguém servia pra segurar essa panela pra mim! Passei na venda, meu avô me deu: farinha me deu carne de jabá (que eles falam né?) carne seca, me deu cebola, me deu batatinha, me deu tomate... eu, sem poder nem carregar o tanto de coisa que meu avô me deu! Corri e ainda alcancei as meninas ainda: “Olha, eu posso ir com vocês, eu tenho minhas coisinhas agora!” Elas todas pararam, e a professora: “Que gracinha, ela tem panela! Panela de arquinho. Olha que amor, ela pode participar com nós. Tudo isso é que você vai levar para o cozinhadinho?” Falei assim: “É meu avô que trouxe, deu pra mim! Serve pra levar?” “Nossa, tem mais do que nós aqui, todas reunidas. Você tem mais! Vamos embora, agora você participa com, nós!”

Então, isso pra mim... essa panelinha é uma relíquia, tenho ela até hoje na minha casa. Lavo ela, lembro da minha vó (que já é falecida). Então essa é uma lembrança que minha vó me deu... eu era menina ainda!

Era menina ainda, não tinha começado a estudar, ainda não, não sabia nem o que significava piquenique, nem cozinhadinho, quer dizer, eu tava ainda... naquele tempo entrava na escola com sete, né?

Eu tinha menos que essa idade. Então, essa panelinha eu ainda conservo até hoje, lá na minha casa. É minha relíquia! E ela é bonitinha... Pretinha, eu cozinho arroz nela. De vez em quando faço feijão. Tem dia que frito carne nela, e todo mundo fica: “Dona Zilmar, me vende essa panelinha?” Falo assim: “não, essa aqui eu não posso vender, essa aqui é uma lembrança da minha avó, ela que me deu!”

2.4.1 “Uma lembrança que minha avó me deu, era menina ainda”

A mulher, que naquela época, ainda menina, recebia alegremente uma lembrança da avó; mora atualmente na chácara Santa Rita há cerca de trinta e três anos. A residência anterior, também era no meio rural quando o atual Bairro Hilda era fazenda. Ali foi onde passou toda sua infância e parte da juventude (mais de 18 anos).

Nasceu em 22 -10- 45, filha do casal João Rodrigues do Santos e Maria Madalena Santos. A respeito de seu grupo familiar, diz satisfeita: *“Sou mãe de três filhos sendo dois homens e uma mulher. São dois casados (um casal) o qual já tenho um netinho de sete anos tenho um genro e uma nora maravilhosos!”*

Desde os primeiros encontros, no CCI, manifestou interesse em participar desta Pesquisa. Integrante do coral das Fiandeiras, faz questão de deixar claro o motivo: *“porque eu gosto muito de cantar!”*

Tentou dividir seu relato separando-o em algumas fases de desenvolvimento (infância, juventude...), procurando organizar seu relato de forma racional, mas a memória afetiva favoreceu um ir e vir de lembranças sem prender-se a esses detalhes.

Fala do carinho dos pais, das brincadeiras e longas caminhadas para chegar à escola. Do relacionamento intenso e amoroso com avó materna de quem ganhava roupas, presentes, dentre estes, a panelinha de ferro escolhida como seu objeto biográfico. Relíquia em sua história de vida.

Em seu relato, o pai marca presença. Zilmar lembra-se que ele conversava longamente com ela e suas irmãs. Contava causos e ouvia as histórias das filhas. Enquanto isso, os cavalos descansavam e bebiam água em uma fonte situada no centro da cidade de Goiânia, na Rua Quatro, mesmo local onde atualmente foi construído⁸⁴ e funciona um prédio

⁸⁴As antropólogas Rocha e Eckert (2005) propõem um olhar interpretativo para o caráter fenomenológico da cidade. Acredito também que essa fala de Zilmar comunica traços fundantes de sua identidade e de expressões do vivido na cidade de Goiânia. “(...) Em decorrência, os espaços urbanos construídos e vividos, como objeto etnográfico, vão se revelando não como meros reflexos de políticas urbanísticas, mas como suportes de tradições

comercial (Parthenon Center). Lembranças de conversas entre seu pai e filhas remetem o ouvinte de sua narrativa, à época da Fundação de Goiânia:

Porque meu pai foi um dos primeiros de Goiânia, ajudou a construir Goiânia, o Palácio de Goiânia... ele ajudou! E ele casou muito novo, também, não teve oportunidade! Então ele dizia: “a melhor herança que um pai pode deixar pra um filho é o estudo”! Então, enquanto ele pudesse e tivesse força e a gente quisesse, ele tava sempre ajudando. E ele foi um pai muito bom, ele fez tudo por nós! (ZILMAR-fragmento narrativo/2008).

Ao que parece, o status dado por seu pai ao estudo escolarizado é de patrimônio imaterial, uma herança que ninguém poderá tirar. Ao reconstruir a fala (memória de empréstimo) do pai, Zilmar fala também de seu lugar de filha, professora, mãe e avó, sempre ligada ao universo do ensino formal. Fica-nos a ideia de que este “valor” foi repassado pela vivência do pai e por cada atitude que tomou em direção à crença na escola como lugar privilegiado de aprendizado e possibilidade de ascensão social. Mas na narrativa de Zilmar fica evidente a existência de redes e estruturas sociais de transferências de saber envolvendo as várias gerações de sua família, companheiros da caminhada para a escola e muitas outras situações em que redes de “ensinança” e aprendizado na convivência familiar. Isso reforça a certeza de que:

A educação existe onde não há escola e por toda parte pode haver redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra onde ainda não foi sequer criada a sombra de algum modelo de ensino formal e centralizado (BRANDÃO, 2006, p.13).

A figura paterna reconstruída na memória de Zilmar vem acompanhada da satisfação que ele e esposa sentiam ao vê-las participando ativamente do ensino formal já que com ele não foi possível: “Assinar aquele boletim era um dia de glória pra eles, de muito entusiasmo! E meu pai era um desses!” No contexto apresentado nessa narrativa, o processo

e biografias de seus habitantes cujas narrativas expressam uma linguagem coletiva que comunica uma pluralidade de identidades e memórias, remetendo seus territórios aos pretextos e às manipulações humanas” (Ibidem, p. 87).

de socialização vivenciado entre irmãs, amigos, parentes, adultos, crianças e idosos, envolve toda uma rede de situações pedagógicas interpessoais onde muito se aprende na convivência.

Na sessão de fotos, fez questão de mostrar vários objetos de sua cozinha dentre esses vasilhas de cobre e ferro, mostrou também uma chaleira de ferro e falou de como chegou até a sua cozinha. Um presente de sua mãe na época em que se casou. O mesmo tipo de presente também foi dado a sua irmã quando se casou.

Ao final da narrativa, deixa clara sua opção por revisitar acontecimentos, lugares e pessoas sem rememorar tristezas. Dito com suas palavras, lembrar “*é um momento que a gente recorda o passado, mas não com tristeza, né? Recorda o passado com saudades!*” É perceptível sua determinação em esquecer tristezas, uma vez que isto justifica até sua participação no CCI:

Eu me sinto bem! E assim... hora que você tá, assim... com problema, uma perturbação ou uma preocupação muito grande em casa, com o dia a dia da vida, então aqui você esquece, porque a gente tá ali conversando com as colegas, brincando, conversando a gente esquece um pouquinho! Então... bom! (ZILMAR-fragmento narrativo/2008)

2.5. Tramas: do terceiro e do segundo fios

Passarei a analisar as duas últimas narrativas orais, paralelamente. Ressalto, porém, a singularidade de cada história e a importância dada aos elementos constitutivos de cada memória narrativa. Acontecimentos lugares, épocas e personagens que envolvem o discurso narrativo de ambas.

Uma aproximação das tramas de Lurdes e Zilmar é o fato de as famílias, representadas pelas narradoras ainda hoje morarem na fazenda estando ao mesmo tempo inseridas em várias atividades do cotidiano urbano (trabalho, estudos e mesmo a participação semanal das atividades no CCI).

Outra analogia está na passagem de toda infância e adolescência na zona rural, o que poderia indicar uma possibilidade de analisá-las, também, como memórias de família campesina. Dentro da compreensão de memória como processo de reconstrução proposta por Halbwachs (2006), as narrativas de Zilmar e Lurdes, recantos de imagens vividas, matéria da imaginação criadora de cada recordador, podem também ser reveladoras de alguns *lugares de memória*⁸⁵. Refletindo sobre suas narrativas de vida e os relatos vindos das reminiscências da infância, somos, a cada novo detalhe contado, conduzidos pelas duas narradoras, cada uma em seu momento, aos vários lugares das brincadeiras de criança, ecoando sempre de forma indissociável família, trabalho e lazer:

Tinha uns dias que nós brincava, eu brinquei até a idade de, treze anos, quatorze anos, eu brinquei. Nós brincava com boneca, brincava assim... nós juntava aquela turma, né? Pra brincar, mais tinha uns dias. (LURDES- fragmento narrativo/2008)

Então, a gente ajudava a criar os irmãozinho mais novo. Ajudava assim... que nem meio de semana a gente levava comida na roça pros pião, ajudava lá na roça também, ajudava meu pai plantar. (LURDES- fragmento narrativo/2008)

⁸⁵ “Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não naturais. É por isso a defesa pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória” (NORA, 1993, p. 13).

A minha infância foi muito gostosa, foi muito boa... Igual... eu brinquei bastante, as brincadeiras de antigamente era diferente de hoje, né? (ZILMAR- fragmento narrativo/2008)

(...)

Eu morava perto de Goiânia, hoje é Setor... hoje lá é bairro Hilda, antigamente era fazenda, era vinte e oito alqueire de terra, então papai criava gado, cavalo, porco. De tudo a gente tinha, era uma fazenda tão bonita, tão boa, cheia de árvore, cheia de frutas! (ZILMAR- fragmento narrativo/2008)

(...)

Então, a gente foi criada com muita fartura assim, muito... um ambiente muito bom!... eu tenho saudade da minha infância, onde que eu passei, onde que eu brincava com minhas colegas! (Zilmar- fragmento narrativo/2008)

É... a gente morava na roça, mas estudava na cidade. (ZILMAR- fragmento narrativo/2008)

Para Woortmann, (apud LIMA, 2003, p.216), categorias como trabalho, família e liberdade compõem a noção de campesinidade utilizada para se pensar o campesinato como ordem moral. Desse ponto de vista, essas categorias encontram-se intrinsecamente relacionadas e, além disso, a elas se agregam valores como honra e hierarquia, de modo que a ordem econômica não pode ser concebida separadamente da ordem moral.

A idéia de infância vivida na roça aparece associada à liberdade espacial em que os limites da casa ampliam-se e ultrapassam o pomar, reconstruídas no ato de recordar, de duas meninas daquela época, seja subindo no galho mais alto da árvore, caminhando longas distâncias, em grupo, para ir à escola, com tempo de passar na casa da madrinha ou mesmo mais tarde participando da infância dos filhos, de forma a garantir-lhes segurança, tanto na fazenda quanto na cidade:

Tinha uns dias que nós brincava, eu brinquei até a idade de, treze anos, quatorze anos, eu brinquei. Nós brincava com boneca, brincava assim... nós juntava aquela turma, né? Pra brincar, mais tinha uns dias. Tinha uns dias pra trabalhar...

(...)

Era no final de semana, sábado, sexta-feira assim de noite, domingo. Nós morava na roça, né? Num tinha assim... num é que nem hoje assim... que tem muitas coisas pra gente fazer.

Então não tinha lugar, sem ser nos Muxirão que a gente ia. Dia de domingo a gente tava em casa de primo e... mas brincava! Ai juntava os primos os vizinhos lá. Era muito vizinho, ia brincar, brincava até mesmo! (...)

(...)

Tem outra passagem também nesse período de escola, a gente andava assim quase uma quarta de chão na beira de um abacaxizal. E esse rapaz que tomava conta desse abacaxizal...Tinha um filho e um pai, esse rapaz era filho do meu padrinho, já era de idade já tinha 70 e tantos anos.

(...)

Ai, a gente ficava muito feliz chupando abacaxi! Quando a gente via um córrego, passava na beira d'água (gente, lembro disso como hoje) tinha que tirá o sapato, muitas vezes a gente brincava um pouco, bebia um pouco de água. (ZILMAR-fragmentos narrativos/2008)

Ao longo da história através de sua prática como tecelã e fiandeira, a mulher foi se constituindo como a primeira fornecedora de produtos para os antigos mercados de troca de mercadorias. Associado aos afazeres domésticos, muitas contribuíam significativamente com o sustento da família, como fica claro no depoimento de Lurdes ao lembrar-se que sua mãe ao tecer “matava a fome da família” ou, ainda, que vestia toda a família com roupa de algodão:

Naquele tempo era difícil a gente, num tinha assim igual tem hoje, tem os armazém, tem açúcar, tem tudo, né? Então a gente comprava açúcar de engenho, num sei se você já ouviu falar.Então minha mãe fiava pra comprar açúcar”, pra comprar assim... um litro de manteiga, pra fazer comida pra nois.

(...)

e ela, também, fiava pro meu pai vestir por que não tinha assim roupa, era tudo de algodão! “Nois”, eu fui criada, desde menina, com roupa de algodão, então ai, eu aprendi a fiar, eu tava com doze anos! (LURDES- fragmentos narrativos/2008)

De acordo com Machado (2001, p.181), este espaço feminino associava a criação de têxteis e textos, ao mesmo tempo em que cuidavam dos filhos envolvendo-os nas tarefas mais simples: “passavam o dia reunidas, tecendo juntas, separadas dos homens, contando histórias, propondo adivinhas, brincando com a linguagem, narrando e explorando as palavras, com poder sobre sua própria produtividade e autonomia de criação”.

Na região pesquisada, a tecelagem artesanal é uma atividade que possui função e significado para as pessoas que já viveram e vivem deste trabalho executado no âmbito familiar, com mão de obra familiar, destinado a uso próprio ou para venda, às vezes tecidos sob encomenda. Baseando-se em dados coletados na região em 1979 Garcia (1981) destaca a importância desta atividade para as relações sociais tanto no ambiente doméstico quando para

a coletividade: “(...) visando complementar o orçamento familiar; ocorrem, quando se fazem necessárias, reuniões de ajuda mútua, quando fiandeiras e tecedeiras se reúnem para o trabalho, o repasto e o lazer coletivos” (GARCIA; 1981 p. 177). Há uma volta saudosa aos artigos feitos no tear, encontram-se ainda pessoas que tecem sob encomenda, mas não para custear as despesas da casa, pois a tecelagem industrial oferece atrativos como preço, variedades e rapidez de entrega. Um paradoxo da modernidade que traz à tona vários questionamentos em torno do processo de construção de identidades. Para que continuar tecendo? O que revela e onde repercute esse saber e fazer nos modos de vida dessa pequena cidade⁸⁶?

O casamento foi um acontecimento presente em todas as narrativas. Marcando como um rito de passagem para um novo ritmo de vida, às vezes acelerando os mesmos afazeres domésticos já aprendidos na preparação para o casamento (habilidades domésticas para as mulheres) ou iniciando uma vida profissional paralela aos afazeres domésticos. É interessante ressaltar que, no caso das narradoras ouvidas, este acontecimento deixou marcas que elas fazem questão de verbalizar. Muitas vezes com gravador desligado, é uma situação de convivência e conflito vivida com intensidade, como uma das colunas mestras de suas histórias, quando falam dos filhos e do casamento parecem usar estes acontecimentos como um divisor de etapas de vida; em suas memórias:

Ai, eu fui... casei né? E continuei, fazendo roupa para o meu marido. Depois veio os filhos, continuei fazendo roupas prós filhos e eu também vestindo roupa de algodão, agora por...

(...)

Naquele tempo todo mundo, toda casa, quase toda casa tinha tear, tinha roda, tinha carda, tinha “escaroçador”.Então, a gente fazia...era um trabaio das muiê mesmo, né? Parece que era uma obrigação a gente vestí o marido... Né? E vestí os fio!

(...)

⁸⁶ É preciso considerar, portanto, que o “urbano” em questão é, nestes casos, constituído pelas pequenas cidades. Assim, o contato intermitente ou permanente dos “rurais” com cidades deste tipo, nem sempre significa o acesso a uma efetiva e profunda experiência urbana, que se diferencie ou mesmo se oponha ao seu modo de vida rural, mas pode significar simplesmente, a reiteração de uma experiência de vida rural menos precária, que, por sinal, nem toda pequena cidade brasileira consegue assegurar a seus moradores, urbanos ou rurais (WANDERLEY, 2005, p.4).

É, porque a gente, quando a gente casava a gente levava tudo, né? A gente levava a roda, a carda... a gente, levava tudo. E eu levei... meu enxoval foi todinho de algodão.

(...)

Eu criei meus fio assim és tudo me ajudano, né? És sabe arrumá casa, sabe lava roupa, passa roupa, faiz comida

(LURDES- fragmentos narrativos/2008)

Casei mês de Fevereiro, quando foi Março eu comecei aula já na minha casa, aí era debaixo de um pé de manga! Coisa mais gostosa! É, as carteirona, num tinha carteira, não, era umas tábuas pregadas, né?

(ZILMAR - fragmento narrativo/2008)

As festas organizadas em família surgiram como um elemento importante dentro do quadro de acontecimentos significativos narrados pelos colaboradores. Sejam aquelas que representam situações de ajuda mútua, como os mutirões ou ligadas ao calendário anual, espelhado na prática cristã como o Natal:

É... as festas... é as festa, as treição, tinha aqués treição⁸⁷, aqués mutirão né?

Então era um povo muito alegre, a gente era uma famia ... muito alegre, assim!

Então eu lembro e tenho sodade! A gente tem sodade de tudo, né?(LURDES- fragmentos narrativos/2008)

Agora meu tempo de juventude, também foi muito boa. Foi em fazenda também, a gente passeava muito... até esse Novembro, tá aproximando Dezembro eu lembro, tenho muita saudade da minha mãe! Porque natal, pra ela, era tudo! (ZILMAR- fragmentos narrativos/2008)

(...)

Quando eu peguei entendimento de gente, ela já fazia e dizia que a minha vó (que é a mãe dela) já fazia também, que lembrava quando era menina já via minha vó preparando essas coisas. (ZILMAR- fragmentos narrativos/2008)

(...)

Então, hoje a gente... natal, assim... parece uma coisa tão simples, né? Enquanto naquele tempo, pra mim era tão importante! Pra mim, era a coisa mais bonita do mundo! (ZILMAR- fragmentos narrativos/2008)

Hoje quando entra Dezembro que eu penso assim: “não tenho mais a minha mãe...

⁸⁷ *Mutirão, Muxirão, Traição e Treição* são as formas de ajuda mútua no município de Hidrolândia-GO, durante as atividades de campo dessa pesquisa a referência a essas formas de ajuda foram frequentemente lembradas. Nas entrevistas realizadas em 1979, por Garcia (1981) encontram-se descrições etnográficas sobre esse tema (por exemplo, um Mutirão na fazenda Bonito do Meio, p.154). A autora assim conceitua - *Mutirão, Muxirão, Traição e Treição*: “São soluções para o problema da escassez de mão de obra, constituindo, também, oportunidade e possibilidade de a população reafirmar pública e socialmente laços de amizade e compadrio; podem, também, ser observados aspectos ligados ao lazer” (GARCIA 1981, p. 150).

“ já perdi vovó, também... então, aquilo traga muita saudade, pra gente, mas pelas boas lembranças,né? (ZILMAR- fragmentos narrativos/2008)

Existe nestas lembranças um som de muitas vozes em festas, no ritual da preparação sempre na mesma época do ano, na alegria de re-encontrar os mesmos objetos no presépio. São vozes que, no caso do mutirão, embalam o algodão sendo manuseado por muitas mãos num ritual milenar até ser convertido em pano de fundo para a memória de todos que direta ou indiretamente participaram destas relações grupais.

A força dessas lembranças se beneficia dessa vivência grupal para se manter viva. Não é por acaso que: “As festas de que toda a família participa como o Natal, são mais recordadas do que as que têm importância mais individual: formaturas, aniversários”(BOSI,1988,p.). Ao referir se àquele tempo de natal vivenciado em família, Zilmar ressalta, ou quem sabe constata novamente, a ausência da mãe e da avó materna, personagens principais, sempre presentes no ritual natalino, enraizadas naquele lugar de memória. Cada grupo familiar tem seu ritual de natal. Será por isso uma certa nostalgia em época de natal. Época de culto aos que estão ausentes. No ritual reconstruído por Zilmar, memória e esquecimento são essenciais. Como diria o poeta⁸⁸:

Para isso fomos feitos:
 Para lembrar e ser lembrados
 Para chorar e fazer chorar
 Para enterrar os nossos mortos —
 Por isso temos braços longos para os adeuses
 Mãos para colher o que foi dado
 Dedos para cavar a terra.
 Assim será nossa vida:
 Uma tarde sempre a esquecer
 Uma estrela a se apagar na treva
 Um caminho entre dois túmulos —
 Por isso precisamos velar
 Falar baixo, pisar leve, ver
 A noite dormir em silêncio.
 Não há muito o que dizer:
 Uma canção sobre um berço
 Um verso, talvez de amor

⁸⁸ Poema de Natal. Vinicius de Moraes (GONÇALVES, et alii (orgs.) 1995).

Uma prece por quem se vai —
Mas que essa hora não esqueça
E por ela os nossos corações
Se deixem, graves e simples.
Pois para isso fomos feitos:
Para a esperança no milagre
Para a participação da poesia
Para ver a face da morte —
De repente nunca mais esperaremos...
Hoje a noite é jovem; da morte, apenas
Nascemos, imensamente.

No próximo capítulo, busco estabelecer diálogo com obras etnográficas e literárias que possibilitem a obtenção de novas percepções e reflexões sobre o grupo, a região ou a cidade de Hidrolândia- GO. Sobretudo aquelas produções ligadas à memória social e referências identitárias e culturais; saberes e fazeres e as suas configurações nas histórias de vida narradas. Privilegiando as narrativas de cada uma dessas pessoas - produtora de bens culturais – e suas interconexões com as identidades coletivas. Portanto, configuradas em patrimônios culturais de natureza imaterial.

Imagem 11 – Mosaico de objetos biográficos: histórias vividas



Hidrolândia - GO
Fotos - Marco Antonio 2008
Montagem - Esther Moreno
Acervo - Pesquisadora

CAPÍTULO 3 – ENTRE O ALGODÃO E O TEAR: HISTÓRIAS TECIDAS PARA SEREM OUVIDAS

Pai e mãe não queriam que eu viesse. É esquisito moça solteira e menor ir sozinha pra cidade grande. Não concordo com esses usos de hoje em dia. Moça tem é que aprender a cozinhar bem, costurar, fiar fazer sabão e farinha e arranjar um bom casamento. Não é isso que eu quero meu pai. Vou desmanchar meu noivado com o Zé. Só tenho dezessete anos, vou pra cidade morar na casa da madrinha e estudar. Arranjar um bom emprego e depois casar com um moço da cidade. Não, não vou ficar aqui no interior, nessa vidinha de casar, parir filho e trabalhar feito uma escrava. O mundo de hoje é outro. É isso o que dá mulher ficar estudando demais, dizia meu pai. Então fique aqui, vai ser professora. Professora? A gente nunca consegue nada, só os protegidos do Coronel Fulgêncio.

Vim. Pai e mãe ficaram tristes, mas me abençoaram. No começo a cidade me dava uma zonzeira, principalmente a rua 4, coalhada de lojas, com roupas coloridas dependuradas nas portas, malas, bolsas de plástico, bugigangas, tecidos esvoaçando-se ao vento. Eu me encantava e me atrapalhava com tanta gente passando, buzina de carro, os empregados das lojas olhando as pernas das mulheres, homens de pastas apressados, moços bonitos, lindos, iguais àqueles do cinema e da TV, que passavam mexendo comigo (dizem que eu sou bonita), eu envergonhada sem entender direito as coisas.

Minha madrinha me recebeu amável, mas sem muito entusiasmo. Era pobre e morava num bairro muito longe. Eu representava mais uma boca e um canto de menos na sua casinha. Madrinha é pra essas coisas, para ajudar os afilhados, eu pensava.

Depois de uns dias, ela começou a ficar aflita, com medo de que eu não arranjasse serviço e nem lugar pra estudar. Dinheiro, meu pai não podia mandar, porque somos dez irmãos. Ele cria lá seus porquinhos, suas vaquinhas e suas galinhas num pedaço de terra. Mais a vida da roça é dura, muito trabalho e pouca renda. Emprego de doméstica eu não queria. Isso, lá no interior eu arranjava. Sei ler e escrever bem. Aprendi tudo o que eu podia na escola rural. Dizem que eu sou inteligente. Daí a madrinha se lembrou de Dirce, a filha da vizinha, que trabalhava no comércio. Dirce é uma moça saída esperta, ganha bem. Quem sabe se ela ajuda você a arranjar um serviço? Não demorou muito Dirce me arranhou uma vaga no Bazar flor do Líbano, de um tal de Seu Feliz. Ele me olhou de baixo em cima, é bem bonitinha disse, e me perguntou se eu sabia ler e escrever. Muito bem, moça bonita ajuda a vender. Tire sua carteira de trabalho, pago meio salário pra começar, se for boa empregada, eu aumento depois. Olhe, na carteira, consta o salário, se fiscal aparecer, bico calado. Feiz ganha pouco, não pode pagar muito. É pra entrar às sete e meia. Uma hora para o almoço. Mora longe? Come por aqui mesmo. No começo vai estranhar, depois acostuma. A saída é às seis da tarde. Nos dias de bom movimento, sai mais tarde. É preciso deixar a loja arrumada para o dia seguinte.

Comecei minha vida de levantar às cinco da manhã, porque a linha de coletivo de meu bairro é uma lástima.

(...) *Narrativas do cotidiano*⁸⁹ (MACHADO, 1994, p.60)

Durante o período dessa experiência etnográfica nas etapas de observação, gravação e registro fotográfico das imagens do campo, na cidade de Hidrolândia, ouvi muitas

⁸⁹ O conto “Mergulhada na Urbe”, em que consta o fragmento apresentado, foi publicado, por Marieta Telles Machado, originalmente na obra *Narrativas do cotidiano*. (contos). Goiânia: Oriente. 1978. (Ver ANEXO F)

histórias contendo argumentos bem similares a estes que compõem o enredo do conto de Marieta Telles Machado (1935-1987), escritora goiana⁹⁰, nascida em Hidrolândia no ano de 1935, de uma família de sete irmãos. Os moradores da cidade, em grande parte, demonstram respeito e orgulho por serem conterrâneos da escritora que é presença certa na Antologia do Conto Goiano e na Literatura Brasileira.

Começo aqui um diálogo com o repertório deste conto e das narrativas orais, já apresentadas no capítulo segundo. Entre os que narraram suas memórias de vida, existe uma “Telles”, Dona Maria de Lurdes, e quando tivemos nosso primeiro contato ao anotar seu sobrenome, perguntei-lhe se era parente de Marieta Telles. Ao que ela respondeu: “Ah! Aqui tem muito Telles. Essa ‘Tellaida’ é tudo parente!” Não confirmou e nem negou o parentesco. Mudamos de assunto. Mas demonstrou sentir orgulho por compartilhar da memória coletiva construída em torno da autora, reconhecida na cidade como uma ilustre figura, e sua obra. É possível que, como elemento constitutivo da memória individual ou coletiva, este diálogo com Dona Lurdes e seus desdobramentos se ajuste ao que Pollak (1992,) denomina de acontecimento “vivido por tabela”, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade “dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não” (POLLAK, 1992, p.201). No imaginário local, a autora ampliou as fronteiras levando o nome da cidade a outras paragens. Nesse sentido, é vista como pioneira. De acordo com Lima Filho (2001), a memória é a matéria prima que tem papel fundamental no processo de construção da categoria pioneiro⁹¹; configurando-se como “preciosa fonte simbólica maleável dos interesses reais, dos homens que compõem a comunidade de memória, demarcando seus

⁹⁰ Sua produção se vincula basicamente à narrativa de ficção, com algumas incursões pelo teatro. Participou do movimento renovador na literatura goiana dos anos 60 - e da União Brasileira de Escritores, entidade em que ocupou o cargo de Vice-Presidente (SILVA e TURCHI, 1994, p. 54).

⁹¹ Essa categoria é construída em meio a negociações com o Outro. Portanto, é um constitutivo de identidade uma vez que existe a possibilidade de escolhas entre negando o Outro ou incorporando-o numa leitura própria.

lugares nas relações sociais, (...)” (LIMA FILHO, 2001, p.176).

Ressalto que a opção de trazer ao leitor o conto “Mergulhado na Urbe” (ANEXO F) deve-se ao interesse em delinear e (re)pensar o universo cultural vivenciado pelos narradores de Hidrolândia-GO, aproximadamente, no mesmo período histórico descrito no conto de Telles (1978), como testemunha de passagem gradativa dos valores rurais às manifestações de uma urbanidade cada vez mais complexa.

Os elementos dessa rede vivencial dos novos tempos estão presentes no plano de discurso histórico da autora influenciando seus códigos narrativos. O que faz com que sua narrativa literária esteja situada “na dualidade daqueles planos geográficos, numa oscilação constante da imagem pendular, entre o Rural-Urbano-Rural. Isso denotará interceptado, numa equivalência e numa perda” (MAGALHÃES 1994, p.54).

Os quatro narradores (Militino, Rita, Maria de Lurdes e Zilmar) contaram em suas histórias a ligação efetiva e afetiva com a zona rural e semelhante oscilação entre o rural e urbano. Nunca se desligaram da vida na roça. Zilmar continua morando na chácara e participando das atividades semanais no CC.I, tanto da fiação e tecelagem quanto no coral das fiandeiras⁹². Não tenho intenção de discutir o saudosismo de se viver somente na zona rural, mas demarcar que a vida acontece também nas intersecções, nas formas de lidar com as mudanças de hábitos e de habitat. Talvez exatamente aí seja mais intensa.

Sobre os processos de mudanças e continuidades, Bachelard (1988.p.8) questiona: “Do passado histórico, o que é que permanece, o que é que dura?” e responde em, referindo-se a um ensinamento de Gaston Roupnel: o que dura e o que permanece é “apenas aquilo que tem razões para recomeçar” (Idem, 1988.p.8).

No caso das lembranças de Dona Rita quando a família sai definitivamente da “fazenda alugada” e vai para a cidade de Hidrolândia, ela atribui o fato à chegada da

⁹² O Coral das Fiandeiras de Hidrolândia-GO é composto por integrantes do CCI. As músicas de raiz são tocadas pelos violeiros e acompanhadas pelas fiandeiras. Apresentam-se em diversos municípios goianos, como também fora do Estado.

modernidade. “*Aí, parece que a modernidade foi chegando, aquilo já não servia pra gente mais! Ai eu... larguei! Minha mãe vendeu aquelas coisas tudo e nós viemos pra cidade!*”. A modernidade é vista por ela como um marco temporal em sua vida e principalmente na relação com sua mãe. A modernidade foi chegando como uma força que impõe caminhos diferentes para a família, como por exemplo, vender todos os objetos ligados a fiação e tecelagem e mudar-se para a cidade.

“Quais são nos anos 90, as estratégias para entrar na modernidade e sair dela?” (CANCLINI, 2003, p.17). Referindo-se às últimas décadas do século XX, Néstor Canclini diz colocar a questão dessa forma por acreditar que “na América Latina as tradições ainda não se foram e a modernidade não terminou de chegar” (Idem, 2003, p.17). O autor afirma não estar convicto de que o principal objetivo deva ser a modernização dos atores sociais assim como é apregoado por políticos, economistas e a publicidade de novas tecnologias. Um conceito fundamental para continuar essa reflexão e que irrompe com força no vocabulário dos estudos culturais é o termo *hibridação*⁹³. Mesmo considerando ser esta uma característica antiga do desenvolvimento histórico, suscita um diálogo fértil. Ao introduzir a temática “As Culturas Híbridas em Tempos de Globalização”, Canclini, propõe-se a discorrer sobre as modificações adivindas do processo *hibridação*:

Vou ocupar-me de como os estudos sobre *hibridação* modificaram o modo de falar sobre identidade, cultura, diferença, desigualdade, multiculturalismo e sobre pares organizadores dos conflitos nas ciências sociais; tradição-modernidade, norte-sul, local-global (Ibid., XVIII).

Isso faz com que, mesmo em meio a lutas para defender a autonomia regional ou nacional, todos reformulem seus capitais simbólicos em meio a cruzamentos e intercâmbios, o que para esse autor denomina-se *sociabilidade híbrida*. Essa *sociabilidade* é induzida pelas cidades contemporâneas por nos levar a participar “de forma intermitente de grupos cultos e

⁹³ “Entendo por *hibridação* processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (CANCLINI, 2003, introdução XIX).

populares, tradicionais e modernos” (Ibid. 354). Viver a transição de mudar-se com a família da roça para cidade impôs a Lurdes cuidados especiais para com a educação e segurança dos filhos:

Eu tinha um medo deles saí pra rua! Eu mudei pra cá, e eu pensava assim: “Gente, se eu deixar esse menino assim com os outros amigo saí pra lá, depois eu não dou conta, não! Aí, eu dava serviço pra eles. Deixava eles brincar! Mais eu dava tarefinha pra eles, aí eles fazia... “agora nós pode brincá?” Aí, eu falava: “pode! Mas, brinca na porta”. Aí eles juntava os coleguinhas e brincava até! (LURDES - fragmento narrativo/2008)

A conquista de novos amigos, as brincadeiras de rua, sempre vigiadas pela mãe, vão possibilitando aos filhos de dona Lurdes a descoberta de novos espaços urbanos. Um processo de interação com o novo meio sociocultural em um exercício de sociabilidade híbrida.

Para Zilmar, sempre em trânsito entre a sua casa na fazenda e a casa da avó na cidade, as reuniões para ouvir disco na “radiola” ou para assistir à televisão, continuam representando em sua memória a proximidade de laços afetivos e familiares. Os sons e gestos desses laços surgem em suas lembranças como uma festa. Para Zilmar não parece haver contraposição entre rural/urbano e sim entre as formas de comunicação tomadas pela oralidade naquele tempo (de sua infância/adolescência), e o tempo virtual, solidão da internet, nos dias de hoje.

Minha vó gostava muito de receber na casa dela. Ia ouvir, ia cantar, ia dançar, ia comer. Então, fazia uma festa! Ela tinha aquele prazer de receber todo mundo. Quando em Goiânia... surgiu a antena de televisão, a minha vó, também, foi uma das primeiras que teve a televisão em casa. Então, reunia todo mundo pra vê os programa de televisão, as novela, reunia todo mundo na área da minha vó, no terreiro e ela tinha aquela imagem que dava pra todo mundo. Televisão zona antiga era muito boa! Ali também era a melhor festa que a gente achava, porque reunia todo dia. O cafezinho não faltava e as novela era comentada, era uma coisa boa, né? Não é como hoje em dia que a pessoa ‘enterte’ com a Internet... fica vagando sozinha. Naquele tempo era todo mundo junto, participava todo mundo junto! (ZILMAR - fragmento narrativo/2008).

A revolução tecnológica (radiola, fotonovela, televisão) é comemorada por Zilmar

em toda a sua narrativa de vida. Talvez tenha provocado, em outras pessoas contemporâneas de sua infância, a mesma polêmica suscitada por ela no fragmento acima, entendendo a chegada da internet como um provável fim das relações de oralidade, da participação conjunta no cotidiano e nas comemorações coletivas. Falando da Revolução das Revoluções, Roger Chartier (1999) reflete sobre outra revolução ligada a reorganização do mundo da escrita após o advento da internet. Considero-a oportuna, também, para refletir sobre esse tema. Diz o autor: “apresentam-nos o texto eletrônico como uma revolução. A história do livro já viu outras! De fato, a primeira tentação é comparar a revolução de Gutenberg” (CHARTIER, 1999, p.7). Não há dúvidas de que as relações sociais se (re)configuram de acordo com as mudanças contextuais ao mesmo tempo em que provocam essas mudanças. Assim como surgem novas configurações familiares surgem, também, novos suportes para as narrativas orais e textuais.

A linguagem é decisivamente o instrumento socializador da memória. “Ela reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural a imagem do sonho, a imagem lembrada e as imagens da vigília atual” (BOSI, 1994, p. 54). Retomamos um questionamento inicial dessa investigação científica, ou seja, como a memória social e os objetos biográficos se fazem presentes na constituição das referências culturais e identitárias do sujeito narrador? Depois de ver, ouvir e sentir e escrever⁹⁴ o universo narrativo das narrativas orais de Militino, Rita, Zilmar e Lurdes, reforça-se a proposição de que os objetos biográficos estão intimamente vinculados às histórias de vida, e, por isso, remetem-nos a toda uma rede de pessoas justamente quando (re) assumem, pela linguagem, a função de ser um *lugar de*

⁹⁴ Para Cardoso de Oliveira, (2006) Essas “faculdades” do espírito têm características bem precisas quando exercitadas na trajetória das ciências sociais e em especial na antropologia. “Se o olhar e o ouvir constituem a nossa percepção da realidade focalizada na pesquisa empírica, o escrever passa a ser parte quase indissociável do nosso pensamento uma vez que o ato de escrever é simultâneo ao ato de pensar” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2006, p.31).

*palavra*⁹⁵.

Por meio desse movimento de palavras dadas, apropriadas, recuperadas ou conquistadas, em uma versão polifônica, os objetos biográficos retomam seu lugar de portadores de ressonâncias identitárias, culturais e patrimoniais. Em concordância com a idéia de que “na medida em que associamos idéias e valores a determinados espaços ou objetos, estes assumem o poder de evocar visualmente, sensivelmente, aquelas idéias e valores” (GONÇALVES, 1988).

Na leitura e interpretação dos estudos relacionados aos temas desta investigação, buscou-se nos aportes teóricos possibilidades de reflexões e leituras que pudessem ampliar a compreensão, análise e interpretação advindas do campo etnográfico, sendo o universo da tecelagem artesanal o pano de fundo em que a memória dos narradores de Hidrolândia se desenrola. Um dos principais ofícios que ocupam o tempo livre das tardes passadas em companhia de amigos no CCI, entre rezas, cantigas e danças, É, acima de tudo, a vivência coletiva de um saber-fazer gravado na memória familiar. Entrelaçado a outros acontecimentos rememorados, este universo do algodão retira da ponta dos dedos e de gestos incorporados a imagem corporal do vivido, o tecido rústico, única vestimenta de muitos antepassados dessas pessoas. A rede de relações sociais apresentadas em cada uma das narrativas reinventa o sentido e as funções sociais dos objetos biográficos que circulam por um universo marcado pela lida com o algodão:

Todo objeto traz em si o segredo do mundo dos objetos. Sua inscrição num sistema de signos distintivos, a designação de sua função, a representação de sua aura e a consagração de seu poder simbólico não são mais que infinitas descobertas que não esgotam jamais (JEUDY, 1990, p.72).

Alguns dos narradores apresentaram outros objetos biográficos (fotos no início de

⁹⁵ “Uma cidade respira quando nela existem *lugares de palavra*, pouco importa sua função oficial- o café da esquina, a praça do mercado, a fila de espera nos correios, a banca do jornaleiro, o portão da escola na hora da saída” (CERTEAU, 2008, p.338).

cada história) e contaram fatos marcantes de suas vidas, intimamente relacionadas a eles, embora sempre voltassem ao objeto eleito. É interessante como todos estão associados a memórias de seus ofícios. Presente na memória de cada um daqueles com quem conversei, estes refletem as relações afetivas e comerciais da região estudada.

Em estudo das técnicas tradicionais utilizadas pelas fiandeiras e tecedeiras de Hidrolândia, Bueno (2005) aborda aspectos da cultura, da identidade e do patrimônio cultural. A dissertação de mestrado em Gestão do Patrimônio Cultural⁹⁶ discute a relação entre a materialidade e a imaterialidade do saber fazer técnico. Compreendidas no âmbito da área de arqueologia *As Técnicas Tradicionais das Fiandeiras e Tecedeiras de Hidrolândia* – são analisadas em torno da cadeia operatória que envolve o fazer e o saber das fiandeiras e tecedeiras. Embora tenha contribuído muito para esse estudo como fonte de consulta sobre a região pesquisada, como já foi colocado, o foco aqui é para as narrativas orais associadas aos objetos biográficos. Não cabe entrar em detalhes sobre as técnicas corporais da cadeia operatória durante a tecelagem artesanal⁹⁷.

Em sua tese de Doutorado *As Tecedeiras de Goiás “Estudo Lingüístico, Etnológico e Folclórico”*, Mirandola (1993) descreve o aspecto material da tecelagem e alguns aspectos sociais a ela relacionados. Focaliza mais especificamente a matéria prima, tanto a usada na tecelagem propriamente dita, quanto a empregada na tintura dos fios. Todo percurso produtivo com o algodão é etnografado minuciosamente. Os instrumentos e seu uso, nas diversas fases do trabalho, e as formas de ajuda mútua que ocorrem entre as tecedeiras. Norma Simão Adad Mirandola, (1993) faz interessante constatação no que se refere a essa atividade no âmbito das relações familiares: “Pelo ofício da tecelagem artesanal a tecedeira

⁹⁶ Cito outros trabalhos na área de gestão do Patrimônio Cultural que foram significativos na construção desse estudo: Família Almeida: A Construção de um Patrimônio Imaterial, Oliveira (2005); Família Almeida: A Construção de um Patrimônio Imaterial, Oliveira (2005); O Guardião da Memória, Jardim (2004).

⁹⁷ Destaco, ainda no universo de fiação e tecelagem manual, o estudo *Tecelagem Artesanal Em Minaçú: Idéias Para Um Projeto de Gestão*, Virgens, (2005) que toma como objetivo identificar, documentar e discutir um projeto de gestão para a arte da tecelagem nesse município.

participa de uma economia fechada, em que suas atividades artesanais se articulam com seus afazeres domésticos, procurando garantir a subsistência de seu grupo familiar.” (ibidem, p.57)

O aprendizado do ofício se dava em concomitância com todos os afazeres domésticos, com a ida à escola e os serviços da roça. Isto fica evidente no depoimento de D. Lurdes e é significativo que ela consagre como principal valor agregado ao seu objeto biográfico (a roda herdada da mãe) a lembrança do trabalho da mãe a contribuir para subsistência da família: “(...) *minha mãe matou muito a nossa fome com a roda, né? (...) Porque eu lembro assim... a minha mãe comprava as coisas, né? Pra ajudar meu pai a alimentar nois.*” (fragmento narrativo de Maria de Lurdes).

No livro *Tecelagem Artesanal - Estudo Etnográfico em Hidrolândia-Goiás*⁹⁸, Garcia (1981) apresenta um estudo etnográfico elaborado originalmente à guisa de dissertação para o Mestrado na área de Antropologia Social, no departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.. No dizer de Saul Martins prefaciador do estudo etnográfico, a pesquisa:

(...) abrange aspectos econômico-sociais das artesãs, bem como a escolha de matéria-prima adequada, implementos e utensílios, corantes naturais e fixadores de tinta. Nem omitiu o trabalho solidário ou de ajuda mútua. Ao final, indica as mudanças ocorridas e as formas renitentes ou estagnadas (MARTINS, In: GARCIA, 1981, p.16).

O percurso histórico, em que se deu o referido estudo, século XIX e mais metade do século XX, compreende o início, o desenvolvimento, o apogeu e também o declínio da tecelagem artesanal em Goiás. Uma parte desse período é também vivenciado pelos colaboradores da presente pesquisa. Conforme datas de nascimento no quadro abaixo:

⁹⁸ “Além de ser objeto da dissertação de mestrado da autora: ”Este trabalho é resultado de uma pesquisa concebida como parte de uma série de estudos vinculados ao projeto 04/74 intitulado ‘Tecelagem Artesanal no Estado de Goiás’ Um dos projetos de pesquisa do Museu Antropológico da UFG” (GARCIA, 1981, p.22).

Tabela 1- Colaboradores da pesquisa - Datas de nascimento.

COLABORADOR (A)	DATA DE NASCIMENTO	OBJETO BIOGRÁFICO ESCOLHIDO
- Militino	02/03/1927	A panela
- Rita	25/08/1946	A máquina
- Lurdes	11/01/1944	As duas rodas de fiar
- Zilmar	22/10/1945	A panelinha de ferro

Fonte: Dados obtidos e organizados pela pesquisadora/ ficha etnográfica.

Pelo fato de ter sido realizado há cerca de 30 anos, o estudo etnográfico feito por Garcia em Hidrolândia, dá margem a comparações e reflexões sobre a região comparando opiniões e impressões dos moradores em diferentes épocas ou descobrindo distintas dimensões temporais, contribuindo para compreensão das categorias sociais⁹⁹ presentes nos depoimentos analisados no capítulo anterior.

De acordo com Marcolina Garcia (1981), os registros mais consistentes sobre a tecelagem artesanal em Goiás datam do início do século XIX, baseando se nos relatos escritos de viajantes estrangeiros e em relatórios de presidentes das Províncias, que se estendem até o século XX. A autora apresenta uma bibliografia onde é possível encontrar registros da tecelagem em Goiás¹⁰⁰. Na opinião de Garcia (1981, p.165), no século XX, o principal documento é um romance autobiográfico: *Terra Prometida*, escrito por uma ex-artista da Broadway, Joan Lowel que, em 1935, vem para o Brasil e embrenha-se no interior do País, percorre o estado de Goiás e fixa sua moradia em Anápolis. A convivência da autora com os

⁹⁹ Infância; Trabalho/ Saberes e Ofícios; Herança; Família; Casamento; Fazenda/terra.

¹⁰⁰ Alguns exemplos podem ser citados: Memórias sobre a viagem do Porto de Santos à cidade de Cuiabá (Luiz d'Alincourt, 1818); Viagem ao Interior do Brasil (Johan Emanuel Pohl, 1819); Viagem a Província de Goiás (Augusto de Saint-Hilaire, 1819); Viagem ao Interior do Brasil (George Gardner, por volta de 1837); Chorografia Histórica da Província de Goyaz (Raimundo José da Cunha Matos, 1874); Goiaz – Usos, Costumes, Riquezas Naturais – Estudos e Impressões Pessoais (Victor Coelho de Almeida, 1944); Terra Prometida (romance autobiográfico de Joan Lowel, 1935); Geografia Econômica, Histórica e Descritiva do Estado de Goiás (Zoroastro Artiaga, 1951).

moradores do sertão goiano permite-lhe detalhar o estilo de vida, a visão de mundo, a vida em família, a família, a educação dos filhos etc. E isso tornou o romance densamente etnográfico, possibilitando que Garcia pudesse encontrar coincidências entre a obra e os depoimentos ouvidos por ela em campo em fevereiro de 1979.

Pretendendo estabelecer diálogo com as duas autoras, destaco dois fragmentos de narradoras desse estudo, ligados ao fato de ser atribuída à mulher a obrigação de tecer para o marido e os filhos. De acordo com Garcia, Joan Lowel deixa bem claro o valor de algumas atividades desenvolvidas pela mulher entre os habitantes locais:

“Não sei tecer. Nunca teci coisa alguma em toda minha vida”, as mulheres retrucavam: “Como é que pode prender seu homem, se não é útil?...” Suas qualidades como saber dirigir, cantar, cuidar de pele etc., não faziam nenhum sentido nem tinham utilidade naqueles sertões. (JOAN LOWEL, p. 90 In: GARCIA, 1981, p. 166)

Em vários depoimentos ouvidos e gravados em 2008, mesmo transcorridos todos esses anos, algumas ideias semelhantes compõem o enquadramento da memória individual e coletiva dessas pessoas na construção de suas narrativas biográficas:

Ô Clêidna, eu não sei se você lembra que toda moça... Porque eu fui criada na roça também, né? Minha mãe fiava e tecia e toda moça pra casar tinha que saber fiar, né? E eu pelevava porque eu achava que eu tinha que saber fiar pra 'mim' casar (Risos) Depois que nós fomos para a cidade, que eu fui para estudar, é que eu vi que não precisava nada! As minhas irmãs mais velhas aprenderam. Todas elas sabem fiar e tecer! Quando chegou em mim é que parou. (CÉLIA - fragmento narrativo/2008)

Eu tinha uns dezesseis anos quando eu aprendi tecer. Ai, a gente tinha que fiar e tecer, porque a gente num dava conta de pagar a tecedeira. Todo mundo tinha que aprender! Naquele tempo todo mundo, toda casa, quase toda casa tinha tear. Tinha roda, tinha carda, tinha 'escaroçador'. Então, a gente fazia era um trabalho das mulher mesmo, né? Parece que era uma obrigação a gente vestir o marido... né? E vestir os filhos! Aí, eu casei já com dezoito anos. Eu continuei a mesma coisa. Vestindo meu marido, depois veio os filhos... eu fazia roupinha de algodão pros meus filho. Ficava bonitinho eles vestidinho de algodão! (LURDES - fragmento narrativo/2008)

Os dois últimos depoimentos acima falam também de um sentido de identidade. No sentido em que é tomado por Pollak (1992), ou seja, no seu sentido mais superficial.

Entendida como a imagem que uma pessoa constrói ao longo da vida, para si e para os outros. “(...) para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros” (POLLAK, 1992, p.204). Na reconstrução de si a importância do contexto sociocultural de Hidrolândia faz com que as lembranças dessas recordadoras (Célia e D. Lurdes) mantenham fortes traços de valores preciosos do grupo, ao longo dos tempos. Reconstruindo pela memória também o sentimento de continuidade e de coerência tanto do grupo quantas dessas pessoas.

(...) a tecelagem artesanal é uma atividade que tem função e significado na região pesquisada, uma vez que há pessoas que vivem desse trabalho executado em âmbito doméstico com mão de obra familiar, e o produto do trabalho é para uso próprio ou para venda; outras sob encomendas, visando completamente o orçamento familiar; (GARCIA, 1981, p. 177)

Muitas vezes, as famílias recebiam ajuda de vizinhos e amigos como reforço para realização do trabalho doméstico ou para plantação e colheita da roça. “As formas de ajuda mútua no Município de Hidrolândia são: mutirão ou muxirão e tração e treição, que podem ser predominantemente masculinas mistas e essencialmente femininas” (GARCIA, 1981, p. 150). A importância desses encontros de ajuda mútua se fez presente nos quatro depoimentos. Tal informação científica, minuciosamente descrita na obra etnográfica de Garcia, está, sobretudo no depoimento de D. Lurdes, presente durante toda sua infância. E ela diz que até hoje não gosta de faltar a nenhum dos mutirões anuais da cidade de Hidrolândia e para sua participação e de outras pessoas leva as duas rodas de fiar. “*Uma foi presente da mãe da minha mãe e outra foi da minha mãe*”. Gosta sempre de lembrar. Os Mutirões são, para Dona Lurdes, acontecimentos situados em pontos de *solidificação* de sua *memória* individual, reforçada e (re)construída, também, pela coletividade em seu redor. Ao tratar das formas de ajuda mútua, na região Garcia observa:

Mutirão e treição são soluções para o problema da escassez de mão-de-obra, constituindo, também, oportunidade e possibilidade de a população reafirmar pública e socialmente laços de amizade e compadrio; podem, também, ser observados aspectos ligados ao lazer. (GARCIA, 1981, p.150)

Ao escolher um lugar em Hidrolândia para realizar uma descrição minuciosa de um Mutirão, Garcia o faz na fazenda Bonito do Meio. “Presenciamos no dia 15 de Janeiro de 1977, na fazenda Bonito do Meio, uma reunião surpresa organizada por um casal vizinho e pela família do Proprietário da fazenda” (Idem, p.154). Mesmo local em que D. Lurdes passou a infância e a maior parte de sua vida até se casar.

Recorrendo a idéias de tecedeiras daquela época, Garcia (1981) fala sobre as “Transformações Sofridas Pela Tecelagem Artesanal.” Aqui o interesse maior, para essa pesquisa vincula-se às formas de composição desse quadro de transformações, restritas não só ao desaparecimento das técnicas e matérias primas utilizadas nessa atividade, mas principalmente aos encaminhamentos feitos no seio familiar e no contexto sociocultural mais amplo.

De acordo com a autora, em um período de 23 anos não foi encontrada nenhuma referência à temática da tecelagem artesanal no Estado de Goiás. “A partir de 1974, todas as informações são de jornais e revistas, contemporâneas da pesquisa de campo em Hidrolândia.” (Idem, p.167). O teor de tais artigos assinalava, com certo saudosismo, para uma tentativa de retorno às origens. O interesse crescente pela valorização do artesanato, como se a tecelagem estivesse adormecida, ressalta Garcia (Idem, p.154), “anunciavam seu desaparecimento e ao mesmo tempo ressurgindo das cinzas passasse de uma ocupação feminina para ser a partir dali vivida como profissão”.

Evidencia-se naquele período a continuidade da tecelagem das pessoas mais velhas como único trabalho que sabiam realizar concomitantemente às atividades domésticas. As mais jovens se mostram pouco interessadas em aprender o ofício materno. “Mas a maioria das mães aspira um futuro melhor para suas filhas: que sejam costureiras ou empregadas domésticas” (Idem, p.178). Atualmente, os mutirões organizados por órgãos governamentais e organizações não governamentais (ONGs), objetivam incentivar e reavivar esse *saber fazer*,

tema presente em todas as entrevistas e mesmo no repertório do enredo narrativo envolvendo a trajetória dos objetos biográficos e seus possuidores. Em certo sentido, a morte anunciada ainda não se consumou e os discursos em torno do tema continuam referindo-se à perda de costumes e valores importantes para quem sempre teve proximidade com um ofício intimamente relacionado à vida rural.

Acrescento a essas considerações os estudos ligados ao destino das oralidades. Mais especificamente a um possível desaparecimento da arte de narrar, fadada à extinção em função de um novo ritmo de vida imposto pelo mundo moderno. Walter Benjamim (1994) um dos principais defensores da narração da experiência vivida, conceituando-a como substância viva da existência, anuncia a morte e o esquecimento da arte narrativa:

É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências. Uma das causas desse fenômeno é óbvia: as ações da experiência estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que seu valor desapareça de todo. (BENJAMIM, 1994 p. 197-198).

Tantas vezes revisitada, a obra *O Narrador* configura-se em uma defesa explícita da comunicação face a face. Muitos estudos relacionados ao tema da oralidade demonstram concordância com os argumentos apresentados na obra de Benjamim (1994) no que se refere ao valor da narração como instrumento essencial para o intercâmbio de experiências e a dinamização da memória. Uma consequência do mundo moderno ameaça as tradições e a narrativa, mas, para o presente estudo, cabe considerar os argumentos propostos por Eckert e Rocha (2001) em menção sobre *A mística da morte da narrativa nos jogos da memória*:

Ao longo das imensas rupturas e discontinuidades provocadas por revoluções tecnológicas e científicas do séc. XX, não é ao acaso, portanto, que se constata, hoje, que os estudos da memória, ao encaminharem-se para uma reflexão sobre a vida e a matéria, retornam ao ato de narrar um valor simbólico de construção de sentido de uma história vivida entre tantas outras para serem vividas. (ECKERT; ROCHA, 2001, p.3)

Segundo as autoras, o grande desafio agora é a aceitação de um tempo múltiplo sugerido pelos jogos de memória a todos os seus participantes, direcionando todos que deles participam para uma relação reflexiva dos processos históricos que envolvem tanto o sujeito quanto o coletivo.

Durante as observações em campo, mesmo em conversas informais, foram ouvidos muitos relatos sobre um sentimento de bem estar pelo simples fato de poder compartilhar lembranças de músicas cantadas em outros tempos, acontecimentos vivenciados num mesmo espaço físico e tudo aquilo que denotasse traços de pertencimento a uma história de intimidades e compartilhamento de emoções:

Eu me sinto bem! Na hora que você tá, assim... com um problema, uma perturbação ou uma preocupação muito grande em casa, com o dia a dia da vida. Então aqui você esquece. Porque a gente tá ali conversando com as colegas. Brincando, conversando a gente esquece um pouquinho! (ZILMAR-fragmento narrativo/2008)

Pode parecer um paradoxo que Zilmar busque a companhia de seu grupo para esquecer algumas coisas e que ao mesmo tempo, goste tanto de ali estar para lembrar-se em companhia dos Outros. O par: memória e esquecimento sempre estiveram agindo concomitantemente no processo histórico de lembrar e esquecer tão natural na trajetória de vida da humanidade.

Sendo os conceitos de memória e identidade construídos coletivamente e constituídos de pessoas, personagens, acontecimentos e lugares, é natural que estejam também submetidos a flutuações, transformações e mudanças constantes. Nesse sentido, pode ser esclarecedor refletir sobre o discurso da perda sempre justificando as ações voltadas para a manutenção de alguns marcos da memória coletiva e a legitimação de alguns fatos históricos. A memória organizadíssima, como “é a memória nacional constitui um objeto de disputa importante, e são comuns os conflitos para determinar que datas e que acontecimentos vão ser gravados na memória de um povo” (POLLAK, 1992, p.204).

Muitas vezes essa manipulação das memórias é reforçada por ações e discursos que podem até alcançar seu objetivo, mas sem dúvida desconsideram que a memória tem necessidade de basear-se em outros princípios e não na ordem temporal.

Outra vez mais, Bachelard (1988, p. 39), recorrendo à psicologia dos fenômenos temporais de Pierre Janet, esclarece sobre o que é possível entender por ‘nosso passado’: ele é “o que tínhamos desencadeado no tempo ou aquilo que nos feriu”. Nos depoimentos feitos em 2008, os narradores de Hidrolândia pouco se referiram aos marcos cronológicos, mas falaram de suas ações diante da vida, daquilo que os marcou profundamente. E, mesmo no que calaram, a vida vivida faz-se presente em forma de desejo do esquecimento. Desejo evidente na lembrança de dona Rita que tantas vezes fala do silêncio em família: Porque *tudo ela fazia pro marido e pros filhos dele! Eu? Nada! Foi assim... cada vez mais e mais... aceitei a galinha caladinha! Ali, passando aquela fita rodando assim na minha cabeça! “Gente, quê que virou né?”* (RITA - fragmento narrativo/2008).

Mesmo procurando relevar tais acontecimentos, a identidade de Dona Rita está incondicionalmente vinculada aos acontecimentos menos agradáveis e ressoa com toda intensidade do vivido ao recordá-los no momento atual. A narrativa desses momentos associados a um objeto que os representa pode tornar-se um movimento de autoconhecimento, concordando que “conhecer-nos é reencontrar-nos nessa poeira de acontecimentos pessoais. É num grupo de decisões experimentadas que repousa nossa pessoa (BACHELARD, loc.cit.).

Tomando como ponto de partida o pressuposto antropológico segundo o qual “os indivíduos, assim como seus propósitos, ações e contextos, são culturalmente moldados” (GONÇALVES, 1996, p. 14), Gonçalves reflete sobre a noção polissêmica inerente a categoria de pensamento “de patrimônio” na contemporaneidade.

Em sua obra *Retórica da Perda*, o autor faz uma leitura crítica das estruturas narrativas que concebem os patrimônios nacionais, em especial o caso brasileiro. Reflete

sobre o enredo criado por historiadores e antropólogos para a “criação” de patrimônios nacionais, e a utilização que fazem da ideologia da perda, num processo de ‘invenção’ das culturas que também pode ser entendido como contraditório, porque a perda também ocorre através de seus discursos (através da homogeneização das culturas e do passado). “No entanto, este discurso, que se opõe vigorosamente àquele processo de destruição, é o mesmo que, paradoxalmente, o produz. (...) (GONÇALVES, op.cit. p. 25).”

Ainda segundo este autor, a análise crítica de terminologias como alegoria, objetificação¹⁰¹, apropriação e autenticidade, aplicadas no contexto brasileiro, advindas de discursos extra-nacionais, poderiam contribuir para a compreensão do processo de ‘brasilidade’. Análise feita através dos discursos institucionais e na atuação de dois historiadores do SPHAN, Rodrigo Melo Franco de Andrade e Aloísio Magalhães:

“No discurso de cada um deles o Brasil é objetificado de certo modo e segundo determinados propósitos. Exploro contrasticamente as estratégias através das quais esses intelectuais, por meio de narrativas diversas, inventam o patrimônio cultural, a nação brasileira e a eles próprios, enquanto guardiões desse patrimônio.” (GONÇALVES, 1996, p. 33)

Sem dúvida, tais discursos, em diferentes épocas e contexto históricos, desencadearam ações significativas no que se refere à leitura de patrimônios culturais. Penso que as narrativas ligadas ao cotidiano podem trazer à tona outros pontos de vista sobre os bens patrimoniais e a ressonância desses como parte integrante da vida cotidiana em distintos seguimentos da sociedade.

Assim, dando mais uma versão de uma história tantas vezes (re)contada, em

¹⁰¹ O que Barthes vai chamar de “ilusão referencial” ou “efeito de real”. (...) o “detalhe concreto” na narrativa realista, assim como nas narrativas nacionais sobre patrimônio culturais, desempenha estruturalmente a função de realizar uma mediação simbólica entre linguagem e experiência, entre o passado e ou a identidade nacional e os indivíduos que compõem a nação (Gonçalves, 1996 p. 29).

Contos destes e de outros tempos, Pereira¹⁰² (2003) descreve a cidade de Hidrolândia:

Encravada num vasto e promissor chapadão, cujas fertilíssimas terras margeiam o leito venturoso do ribeirão que lhe legara o nome; na rota dos viajantes que percorriam os caminhos para São Paulo, Minas Gerais e até mesmo para outros cafundós de Goiás, Santo Antônio converteu-se em parada obrigatória de tropeiros e demais condutores de manadas. Povo gentil e hospitaleiro acolhia tão afetuosamente viajantes, que estes acabavam levando consigo um pedacinho do doce lugarejo pelo resto de suas andanças. Pousada de tropeiros e condutores de boiadas, Santo Antônio das Grimpas assistiu até perder a conta a passagem de grandes rebanhos que cruzavam seu território e levantando poeira no horizonte ganhavam destinos adversos. E assim enquanto se intensificava o vai-e-vem dos viajantes, a cidade tomava forma e tamanho. E foi assim, no meio de grande rebuliço da manada, que Nicodemos era como ave de arribação!... Homem largado no mundo, sem raízes que o prendesse a lugar algum vivia perambulando por estes gerais sem limites, sem ter paradeiro certo. Fazia de tudo nessa vida que estivesse diretamente ligado com as suas andanças. Era tropeiro, condutor de boiadas e às vezes quando era preciso, atrelava os bois ao carro e se punha na estrada para Roncador ou Araguari. (PEREIRA, 2003. p. 12)

O fragmento acima fala da gente da região, suas venturas e desventuras. Nico Valente é uma personagem regional, protagonista de várias histórias de jacunçagem. Confirmadas pelos rumores entre os moradores da cidade.

De acordo com Nei Clara de Lima, prefaciadora da obra, a estratégia narrativa do autor, faz com que cada conto tenha seu enredo e ao mesmo tempo suscite outras histórias, remetendo-nos a imagem da roda de contadores de causos: “São desses rumores, desse contar causos que o autor se nutre para mesclar história oficial e histórias orais compondo quadros da vida sertaneja com maestria e sensibilidade.” (LIMA, IN: PEREIRA, 2003. p.7-10). O cenário descrito no conto “Nico Valente (uma história das Grimpas)”, é bem semelhante àquele avistado por Zilmar – menina do galho mais alto do pequizeiro:

A gente cavalgava, também. Andava a cavalo andava a pé. Acompanhando aquele gado, que passava, assim... uma multidão de gado que ia pra São Paulo, Barreto, a gente achava bom subir num pé de Pequi muito alto e ficava lá vendo o gado passar. Até um dia, os boiadeiros chegou e falou assim: “meninas, cês ta fazendo o que aí em cima? E eu: “Nós ta vendo o gado passar!” “ Cês num sabe o perigo faz isso minhas filhas! E se o gado estourar? Aí tem mil e quatrocentas cabeças de gado! Cês num tem uma noção, o que é isso?” Mas pra nós era a mesma coisa! Então, minha infância foi muito boa! (ZILMAR- fragmento narrativo)

¹⁰² Escritor Goiano, nascido em 1951 na Fazenda Morro Feio, município de Hidrolândia. Historiador e Funcionário da prefeitura da cidade.

Os acontecimentos de épocas diferentes têm como um dos pontos em comum passarem-se no mesmo solo, tanto no caso re-escrito por Pereira (2003), quanto na história de Zilmar. Tal constatação aponta para os estudos de Halbwachs (2006, p.167) especificamente ao afirmar a ligação das lembranças às diversas partes do solo: “Se as lembranças se conservam no pensamento do grupo, é porque ele permanece estabelecido no solo, é porque a imagem do solo perdura materialmente fora dele e ele pode retomá-la a qualquer instante.”

Os objetos biográficos, eleitos por cada narrador dessa pesquisa, continuam fazendo parte de suas atividades cotidianas. Estão também inseridos na categoria de objetos utilitários sem deixarem de ter uma função simbólica muito forte na vida dessas pessoas. Continuam circulando entre o tempo vivido e o presente. As quatro narrativas falam de uma memória dos ofícios: cozinhar, costurar, fiar. Mas também falam do que ficou, a sobra de outras ações: herdar, alimentar, amar, vestir, proteger, morrer viver, trabalhar. Como dito por Bosi (1994), temos aí “a fusão do trabalho com a própria substância da vida (...)”. A função social da memória do trabalho é reavivada pelas narrativas orais de cada biografia. Todas as narrativas falam da continuidade, do presente e do futuro em companhia de suas relíquias familiares. Talvez não seja um mero acaso a importância, cada vez mais crescente, que tem sido atribuída a essas narrativas da intimidade:

Há na antropologia um interesse renovado em objetos, consumo e coleções de modo mais geral¹⁰³. O que se evidencia a partir da literatura referente a esse tema é: que os objetos nas coleções criam um diálogo complexo entre os interesses classificatórios dos especialistas e as políticas auto-reflexivas das comunidades; que a presença dos objetos nos museus representa um estágio nas biografias culturais dos objetos (Kopytoff, 1986); e que tais objetos classificados podem constituir pontos críticos do ‘marketing do patrimônio’ (Dominguez, 1986). Neste ponto, somos lembrados de que os significados dos objetos sempre refletiram um acordo negociado entre o significado cultural de longa duração e os interesses e objetivos mais voláteis dos grupos (APPADURAI, 2004, p. 11).

Mostrando as panelas de ferro, na cozinha de sua casa, e calculando

¹⁰³ Conforme nota do autor: ver Appadurai, 1986; Benedict1983; Clifford1988; Dominguez, 1986; e Graburn, 1976.

aproximadamente o tempo de vida decada uma delas, Zilmar relata: “*Já recebi proposta pra levar umas pra exposição. Mas eu quero elas aqui. comigo!*”. Diante dos argumentos de Appadurai (2004), penso que talvez todos esses objetos biográficos, aos cuidados de seus possuidores, estejam em apenas um dos estágios de suas biografias culturais.

No último e quarto capítulo, procuro destacar alguns pontos a serem mais bem averiguados em estudos futuros e a proeminência deste tipo de abordagem científica no Âmbito da Gestão do Patrimônio Cultural. No sentido de colaborar com projetos culturais desenvolvidos no contexto social estudado, proponho reflexões sobre a necessidade de maior atenção aos objetos biográficos enquanto suportes de uma memória social. Reconheço as narrativas orais como instrumento de intercâmbio cultural entre mundos, pois compõem o fato comunicativo, intercultural, em linguagens variadas.

CAPÍTULO 4 – DOS FIOS AOS PONTOS

(VÍDEO EM ANEXO- DVD ROOM)

Imagem 12 - XIX Mutirão das Fiandeiras-2008



Hidrolândia - GO
 Fotos - Marco Antonio
 Montagem - Esther Moreno
 Acervo - Pesquisadora

CAPÍTULO 5 – TECENDO CONSIDERAÇÕES

O trabalho que ora se encerra não aceita ponto final. Pretendo trazer pontos de reflexão acerca dos instrumentos e estratégias do “como” e “por que” a memória social e os objetos biográficos se fazem presentes na constituição das referências culturais e identitárias do sujeito narrador. Sem dúvida, omiti alguns pontos relevantes sobre as temáticas a que me propus a investigar, mas o que é o processo de construção do conhecimento científico senão uma convergente interconexão de pontos de pauta e motivação para outras pesquisas? Tanto aquelas que as antecederam e ao mesmo tempo contemporiza rumos para futuras investigações. Memória e esquecimento são indispensáveis nesse processo:

Sem experiência histórica como segurança contra surpresas desagradáveis de toda sorte, as ciências humanas e sociais não podem operar. Por isso, ainda que sem recair no memorialismo da ciência antiga, precisamos fazer pactos com a memória. Mas por outro lado as ciências humanas e sociais, tendo que andar lado a lado com o tempo, são submetidas às regras de jogo e de linguagem do *oblivionismo*¹⁰⁴ científico. (WENRICH, 2001, p.296)

Considero que o presente trabalho, respeitadas as limitações, apoia sua relevância na vocação em contribuir com o fomento de novos elementos para melhor compreensão da dimensão e do papel dos objetos biográficos associados às histórias de vida e histórias ou vice-versa. Pensar em uma memória construída coletivamente em estreita ligação com os lugares que percorremos, os acontecimentos que nos atingiram, aquelas e aqueles com quem convivemos sugere a importância do sentimento de pertencimento e identidade ao compartilhar narrativas de vida. De certa forma, “A história de cada indivíduo na cidade é a história das situações que ele enfrentou em seus territórios e é a ação desse sujeito nesses espaços que faz de um episódio banal uma situação, para ele, de reinvenção de suas tradições”

¹⁰⁴Ao discorrer sobre a busca (campo) o escrever (publicação) e o armazenar (disponível pela documentação), fases inerentes as funções de pesquisador, Wenrich 2001 reflete sobre o par: memória e esquecimento. Assim definindo o *oblivionismo científico*: “É exatamente essa arte do esquecimento que o cientista precisa dominar se não quiser que essa crônica superinformação o paralise na sua atividade de pesquisador. Passaremos a chamar essa competência para a rejeição sensata de informações de oblivionismo da ciência” (Ibid., p.292/293).

(ECKERT e ROCHA, 2005 p.30). As narrativas da história de vida ouvidas durante esse trabalho apresentaram situações de vivências urbanas e vivências rurais envolvendo as categorias de representação social: *infância; família; trabalho/ saberes e ofícios; fazenda/terra e herança*. A vida adivinhada em suas lacunas e narrada a partir do próprio ritmo pode revelar-se extremamente surpreendente. A compreensão de ações vividas no dia-a-dia pode levar a descobertas de algumas atitudes-símbolo que, fora do contexto pesquisado, não nos diriam muito. Ouvi muitas histórias de família durante esse período e a velha frase: “(...) *é de família*” soou em meus ouvidos por algumas vezes.

Há episódios antigos que todos gostam de repetir, pois a atuação de um parente parece definir a natureza íntima da família, fica sendo uma atitude símbolo. Reconstruir o episódio é transmitir a moral do grupo e inspirar os menores (...) tocamos sem querer na história, nos quadros sociais do passado: moradia, roupas, costumes, linguagem, sentimentos (...) - (BOSI, 1994, p.424)

Assim também fizeram os narradores de Hidrolândia-GO. Nesse sentido, acredito que esta investigação poderá constituir-se em fonte de consulta para estudiosos sobre os bens culturais de natureza imaterial, contribuir para o registro do patrimônio cultural regional por reunir informações que possibilitarão conhecimento de referências culturais e identitárias das diversas formas de expressão presentes no processo de construção da memória coletiva, para além de classificações “excepcionais”.

No contexto de histórias de vida, os objetos biográficos foram sendo (re)significados pela narrativa de seus possuidores em torno da memória familiar. A tecelagem em Hidrolândia esteve sempre associada à intimidade de cada grupo de convivência próxima. Nossas primeiras narrativas ouvidas e relatadas provavelmente se deram em condições semelhantes, ligadas ao aconchego dos acalantos, primeiras histórias cantadas de outros lugares. A presença feminina associada a essas lembranças é quase uma constante. Ao longo dos tempos, nem sempre as escolhas de vida foram privilégio desse ambiente doméstico, principalmente das mulheres. A odisséia de Homero apresenta Penélope

como “a primeira mulher na história da literatura que está numa posição de livre escolha quanto à história que quer para sua vida¹⁰⁵” (MACHADO, 2001, p.40). Uma (re)leitura pode ter repercussões interessantes para a tecedura de considerações a respeito dessa pesquisa:

Deixemos Ulisses, já enfasiado da hospedagem na deliciosa ilha do deus Calipso, e transportemo-nos para o seu palácio em Ítaca, que ele abandonara há quase vinte anos para ir guerrear em Tróia.

Do sucedido com quantos outros chefes gregos que também foram pelear nas plagas troianas, todo mundo estava a par. Alguns haviam perecido durante o assédio, outros depois de regressarem à pátria; o chefe supremo fora perversamente assassinado pela esposa, um fugira do pai e fundara uma cidade em terras longínquas e vários, mais cedo ou mais tarde, tornaram são e salvos e vivos ainda estavam. Mas de Ulisses ninguém sabia notícias e muita gente acreditava até que já tivesse morrido.

Não é para se estranhar, portanto, que muitos nobres de Ítaca e das ilhas vizinhas tentassem persuadir Penélope a se casar novamente, na convicção de que ela era viúva. A fiel esposa, porém, a todos dissuadia. Acreditava piamente que o marido ainda vivia e, de uma hora para outra, pisaria a porta do lar. E embalada por tal esperança, embora tristonha, via escorrer os dias. Mas o povo de Ítaca insistentemente vinha à sua presença pedir que ela contraísse novo matrimônio, alegando estar mal governado sem um rei; acrescentava ainda que um novo marido, mesmo sem muitas virtudes, era preferível à multidão de pretendentes que afluía ao palácio, comendo, bebendo, jogando e assim dilapidando os haveres do rei desaparecido. De tal forma assediada, Penélope tratou de ganhar tempo, engendrando uma desculpa:

-Todos sabem que o pai do meu marido é um ancião e seria desprimoroso para mim se ele morresse e não tivesse vestes à altura para ser enterrado. Não ignoram que ele era rei e que deve ser sepultado com honras. Deixem-me, pois, tecer uma mortalha para meu sogro. Quando terminá-la, escolherei um dos pretendentes para esposo.

Povo e pretendentes, todos ficaram satisfeitos com a decisão – a tarefa não poderia durar muito tempo. E, menos impacientes, esperaram o dia do noivado. Mas acontecia que o trabalho não rendia. É que Penélope, arditosamente, desfazia de noite o que fizera de dia.

Largo tempo durou o embuste, até que uma serva da rainha, descobrindo a tramóia, contou tudo a um amigo que figurava ente os pretendentes, e, na mesma noite, três postulantes, guiados pela denunciadora, penetraram nos aposentos reais e surpreenderam Penélope desfazendo a obra que executara de dia. Assim, com o mesmo artil, ela não pôde afastar os pretendentes por mais tempo; acabou de tecer a mortalha e não atinava com uma saída para a situação (HOMERO. s/d. p. 38).

Na verdade, Penélope deve parte da sua fama ao estratagema do tear. Passa a ser considerada modelo de fidelidade conjugal, esperando Ulisses por dezoito anos sem admitir substituí-lo. Mas há quem diga que Penélope foi fiel a ela mesma. Às suas escolhas.

Nesse sentido, gostaria de destacar que em todas as quatro narrativas apresentadas

¹⁰⁵ De acordo com Machado (2001), esse aspecto é enfatizado por Carolyn Heilbrun, da Universidade de Columbia, em ensaio premiado. Nesse estudo, “a autora examina a situação dessa tecelã tão famosa, que ficou mais célebre por desmanchar o que fazia do que propriamente pelo tecido que criava. A primeira coisa que chama atenção é que Penélope, na *Odisséia*, vive ‘uma situação única para uma mulher de sua cultura: ela tem uma escolha’” (Ibid, p.39, grifos do original.)

no capítulo segundo, os objetos biográficos foram também escolhas de fragmentos de vida e nessa seleção outras escolhas foram sendo reveladas à medida que cada narrativa avançava.

O Sr. Militino escolheu ensinar o que aprendeu repetindo a mesma estratégia de seu pai. “*deixa quebrar a cabeça*”, ele sempre fez questão de frisar. Confiando em sua história de vida, devolve aos seus aprendizes os ensinamentos paternos associados à lida diária.

D. Rita escolheu não aceitar o abandono, negar aquela ‘sorte’, casar, sim, e aceitar o sofrimento sem reagir, não. Escolheu narrar o lamento da perda de toda fortuna deixada pelo pai. Principalmente a falta que sua figura lhe fez pela vida afora. Escolheu reagir à exclusão familiar diante da ausência do pai. Escolheu lutar pela máquina *objeto-sujeito*¹⁰⁶ de sua história.

Zilmar escolheu esquecer “*as coisas tristes*” do viver. Melhor seria dizer que pensou ter feito sua escolha, pois como já foi ressaltado, nesse e em outros estudos, *a memória é seletiva*. Queria contar e lembrar só boas lembranças. A infância vivida na fazenda, como demorou! Como durou! Mas, diante do ritual de Natal vivido por várias gerações de sua família, e sem que suspeitasse, o rico imaginário de vozes, cores, sabores, imagens e romarias, trazem sutilmente à memória, “*coisas tristes*”, lembranças da morte da mãe e da avó materna.

D. Lurdes escolheu o gravador desligado para não ‘armazenar’ dores de humilhações sofridas, traições, morte ou qualquer tipo de violência doméstica. Tanto fez em

¹⁰⁶ Provavelmente a intimidade forjada, de relatar suas memórias vividas, tenha possibilitado aos colaboradores e, a mim, a pesquisadora, momentos de sintonia em torno de memórias que embora construídas no e pelo coletivo, narrem também espaços totalmente desconhecidos. Como os móveis de uma casa guardam lugares inimagináveis. Dito por Gaston Bachelard (1993): “armário e suas prateleiras, a escrivaninha e suas gavetas, o cofre e seu fundo falso são verdadeiros órgãos da vida psicológica secreta. Sem esses “objetos” e alguns outros igualmente valorizados, nossa vida íntima não teria um modelo de intimidade. São objetos mistos, objetos-sujeitos. Tem como nós, por nós e para nós, uma intimidade” (Ibid, p. 91.)

busca de esquecimento¹⁰⁷ que mesmo tendo escolhido um só objeto, na sessão de fotos, muitos outros objetos surgiram, trazidos por ela, como testemunhas silenciosas de tempos mais ou menos felizes: a vida e o trabalho na roça¹⁰⁸. Um ferro a brasa marcando a espera do primeiro filho, enquanto lavava roupas e passava “... pra fora”, preparava os pequenos trajes de quem chegaria em breve. E até a vinda dos netos Lurdes repetiu as mesmas ações inúmeras vezes. Sempre uma nova Lurdes. Sempre o mesmo ferro?

A relação que acho importante deixar clara entre essa fração de vida de Penélope e a vida narrada pelos narradores de Hidrolândia-GO é a possibilidade que cada ser tem de fazer suas escolhas. Outro ponto é a riqueza que se descortina quando a opção de desmanchar o que já se encontrava tecido pode ser uma forma de construir sentidos em busca de fidelidade a si mesmo. Desconstruir e destruir podem ser momentos de descobertas. Dona Rita relatou-me, com o gravador desligado, que, ao ganhar uma boneca de presente de sua mãe, quando esta retornava de mais uma de suas viagens, afastou-se de todos foi para uma bica d’gua e bateu a boneca nas pedras até que esta estivesse completamente destruída. “*Eu tinha muita raiva dessa boneca! Não tinha tempo de brincar*”. (Rita - *fragmento narrativo/2008*). Este seria um fértil acontecimento para o campo das abordagens psicológicas. O que me interessa, no entanto, é observar que esse momento de desconstrução de sua boneca na infância possibilitou a Dona Rita uma relação intensa com as bonecas fiandeiras, construídas em sua atividade de artesã. Tais processos de desconstrução, esquecimento e reconstrução dão-se em movimentos que podem ser ponto de reflexão para

¹⁰⁷ No filme *Brilho Eterno de uma Mente sem Lembrança*, o casal Joel (Jim Carrey) e Clementine (Kate Winslet) é daquele clássico tipo em que os opostos se atraem. Clementine decide se submeter a um procedimento inventado pelo doutor Howard em que parte da memória pode ser apagada. Durante o procedimento, no entanto, ele redescobre o amor pela namorada ao entrar novamente em contato com os momentos especiais vividos com ela, que ficaram registrados em sua mente.

¹⁰⁸ Uma vez mais remeto o leitor às idéias de Bachelard (1988) ao refletir sobre a dialética da duração: “São (...) os largos ritmos marcam a vida humana. Será preciso, por exemplo, lembrar o interesse que encontra uma vida sábia e pensativa ao regular-se pelo dia, pela marcha regular das horas? Será preciso descrever a duração bem ritmada do homem do campo, vivendo de acordo com as estações, formando sua terra sobre o ritmo de seu esforço?” (Ibdem, p.131-132).

negociações em torno de identidades, memória coletiva e maneiras de inserir e legitimar a pluralidade de narrativas do vivido na gestão e interpretação de bens patrimoniais. O dito e o não dito por palavras encontra-se presente nessas narrativas pois, “nesses jogos perceptivos, são colocadas em destaque as formas sensíveis que movem os habitantes em suas lógicas de viver os espaços e tempos culturais” (ECKERT, 2007, p. 1). Exatamente aí onde estão essas pessoas, de corpo e alma, seja em espaços rurais ou urbanos e suas escolhas.

Embora tenham sido apresentadas e destacadas as categorias *infância; família; trabalho/ saberes e ofícios; fazenda/terra e herança*, sem dúvida existem muitos outros pontos nodais que constituem essas memórias de vida. A figura materna, por exemplo, citada por todos os entrevistados, várias vezes e em diferentes fases de vida, é reconstituída pela lembrança. A **mãe** aparece em suas memórias como um ponto de convergência nessas narrativas, associado aos objetos biográficos. A **mãe** arquetípica. A representação simbólica da figura materna pode assim ser considerada elemento constitutivo da memória familiar e coletiva. “A busca da origem manifesta-se sempre como retorno à inocência, a infância” (JEUDY, 1990, p.58). Associadas à **mãe**, figura presente quando se busca o sentido originário da vida, as narrativas ouvidas trazem também outros elementos ligados aos fios da vida e a circularidade presente no cotidiano pesquisado: os novelos, a roda de fiar; a terra-mãe; o círculo dos mutirões. Há uma “superabundância de signos” e o “jogo social intersubjetivo das origens e dos traços (...) também coloca em cena esse movimento da decomposição” (Idem, p.64), considerando temporalidades diferenciadas como são também os ritmos da vida.

Para Bachelard (1988), nossos ritmos não são fundados numa base temporal uniforme e regular. Quanto à continuidade, os fenômenos temporais têm um caráter essencialmente metafórico: “para durarmos é preciso que confiemos em ritmos, ou seja, em sistemas de instantes. Os acontecimentos excepcionais devem encontrar ressonâncias em nós para marcar-nos profundamente.” (idem, p.9). O filósofo acrescenta que, sem dialética, sem

ritmo, nenhuma vida, nenhum pensamento, pode estabilizar-se e ser seguro.

No esforço de demonstrar os ganhos advindos das descobertas técnicas e científicas dessas formas de conhecer o outro – a antropologia com palavras e a fotografia e o cinema com imagens -, os pesquisadores esqueceram-se de considerar um elemento fundamental que permeia a ação de ambos: a imaginação. (BARBOSA e CUNHA p. 14)

Guardo algumas imagens de Hidrolândia-GO, algumas no acervo fotográfico da pesquisa outras em minha memória. Muitas delas apreciadas no museu imaginário.¹⁰⁹ Posso afirmar que acontece nesse pequeno centro urbano muitos ritos que simbolizam o “viver na roça”. O turismo local (ver artigos jornalísticos nos anexos) se beneficia dessa imagem. Os narradores que entrevistei viveram e ainda continuam vivendo e trabalhando no meio rural, especialmente em suas memórias afetivas.

Carlos Brandão (1995) constatou em pesquisa sobre o município de São Luis de Paraitinga, um pequeno centro urbano, em São Paulo, algo semelhante: como aquela cidade “tornou-se um ponto de referência muito próximo, incorporado mesmo aos símbolos da vida e à rotina dos dias do cotidiano da ‘gente da roça’” (BRANDÃO. 1995.78). As identidades coletivas também são constituídas por esse (e nesse) mundo rural. Os objetos biográficos escolhidos e apresentados por desse mundo vivido por eles falam de sua memória de trabalho; definem os referenciais culturais de uma memória coletiva. São eles os verdadeiros narradores, aceitam versões de histórias, do contexto social de D. Rita, Sr. Militino, Zilmar e D. Lurdes e continuam com seus possuidores, assim como muitos objetos estiveram com seus possuidores em outros tempos e agora estão nos museus¹¹⁰ narrando biografias. Os narradores

¹⁰⁹ O conceito *musée imaginaire*, de André Malraux (1901-1976), possui mais de um sentido em sua obra. Traduz inicialmente a idéia de um museu de imagens para depois vir a significar, sobretudo um museu do imaginário.

¹¹⁰ Remeto o leitor ao estudo realizado por Roseli Barreto (2001) sobre um museu biográfico. O Museu Pedro Ludovico Teixeira em Goiânia-GO. A autora estabelece alguns eixos para reflexão em torno da memória familiar e memória coletiva, para ela a criação do museu “representou uma etapa fundamental para que a memória do ludoviquismo, já consagrada pela historiografia, ganhasse um espaço capaz de evocar, por meio da cultura material, as etapas de um tempo vivido: as fotografias, as poses, a casa, o escritório e a família. A memória familiar se transubstanciou em história da região” (BARRETO, 2001, p.107/108).

entrevistados não demonstraram nenhum interesse em compartilhar fotografias (que, em minha opinião, também enquadram-se como objeto biográfico) e quando questionados diziam não ter mais as fotos (estavam com alguns membro da família, não existiam mais, ou desconversavam). Considero oportuno investigar melhor esse aspecto.

Encaminhando para a finalização desse estudo recorro às memórias da linguagem cinematográfica e ao filme citado na introdução dessa investigação, um encontro (etnográfico) entre o carteiro e o poeta, como tantos outros momentos de relações sociais e humanas que vivemos no dia-a-dia.

Convido o leitor(a) para avançar, pelo viés da memória, em direção à última mensagem enviada pelo carteiro ao poeta. Fica claro nessas cenas que ele já sabia fazer metáforas. Com o gravador, nas mãos, Mário (o carteiro) olha, ouve e sente a ilha com seus sons, seus movimentos, cores e beleza. Extasiado, decide enviar uma mensagem ao poeta – já de volta ao seu país, grava, então, o barulho das ondas do mar, o vento nos rochedos, nos arbustos, as redes tristes do pai pescador, a noite estrelada na ilha e o sorriso de seu filho! Ao receber a mensagem, Pablo Neruda (o poeta) emociona-se, chora e vai ao encontro do amigo, mas (...).

Espero que este trabalho desperte nos leitores o desejo de ir ao encontro das referências culturais¹¹¹ deixadas pelas memórias individuais e coletivas suscitadas pelo “encontro” com essas pessoas. Acredito que as políticas públicas direcionadas para a gestão de memórias como bens patrimoniais precisa ouvir outras vozes. Impossível não sintonizar com as idéias de Eckert (2007) sabendo que os narradores estão usando linguagens variadas para ressignificar o tempo vivido tanto nos pequenos quanto nos grandes centros urbanos:

¹¹¹Considerando uma vez mais que: “As culturas não são desiguais, não há uma hierarquia, as culturas indígenas não são culturas rústicas, ou sertanejas, empobrecidas e as culturas rústicas e sertanejas não são culturas civilizadas empobrecidas. Elas são culturas diferenciadas, a relação entre elas é uma relação entre diferenças. (BRANDÃO, 2006) Entrevista disponível em <http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/entrevistas/carlos_brandao.htm>. Acesso 14 junho 2009.

Os habitantes investem nas formas de continuar na vida social do interagir cotidiano em suas memórias e trajetórias, perscrutando paisagens, arranjando as imagens em constelações em que podem acomodar as sensibilidades e desejar a continuidade da experiência de jogar o social. (ECKERT, 2007, p. 1)

Entendo as memórias de histórias de vida¹¹² como Patrimônio de natureza imaterial (ver anexo H - Decreto n. 3.551, de 4 de agosto de 2000). As memórias são a garantia de continuidade, de cada pessoa e dos que compõem sua história, no tempo. Em todas as memórias de vida narradas, um universo de sentidos se revela. A materialidade dos objetos, dos espaços, lugares e acontecimentos que nos cercam e nos afetam é indissociável dos sentimentos que lhes depositamos:

Como tudo se torna concreto no mundo de uma alma quando um objeto, quando uma simples porta vem proporcionar as imagens da hesitação, da tentação, do desejo, da segurança, da livre acolhida, do respeito! Narraríamos toda nossa vida se fizéssemos a narrativa de todas as portas que fechamos, que abrimos, de todas as portas que gostaríamos de reabrir. Mas aquele que abre uma porta e aquele que a fecha será o mesmo? A que profundidade do ser podem descer os gestos que dão consciência da segurança ou da liberdade? Não será devido a essa 'profundidade' que eles se tornam tão normalmente simbólicos? (BACHELARD, 1993, p. 226, grifos no original).

Os gestos corporais, os objetos, os narradores e as suas ressonâncias patrimoniais, cada pessoa à sua maneira, tem alguns papéis a desempenhar como agentes de transformação cultural no cotidiano, a fim de ampliar e garantir a continuidade do processo de construção da memória social.

Como destaca a Declaração Universal da UNESCO sobre a Diversidade Cultural, aprovada pela Conferência, em novembro de 2001, em Paris, cada indivíduo deve reconhecer não apenas a condição de ser outro, ou seja, alteridade em todas as suas configurações, mas também a pluralidade de sua própria identidade no âmbito de sociedades também plurais.

¹¹² 2008 foi o Ano Internacional dos Idiomas, proclamado em 16 de maio de 2007 pela Assembléia Geral das Nações Unidas. Neste contexto, a UNESCO lança, em parceria com o Museu da Pessoa, a campanha "Cada pessoa uma história, cada história uma língua". A campanha busca, por meio do registro e disseminação de histórias de vida, reconhecer e valorizar o papel desempenhado pela língua como elemento constituinte da identidade de cada um.

Ouvir contar é conhecer possibilidades de viver e escolher. O documento Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural¹¹³, no item Identidade, Diversidade, e Pluralismo, destaca em seu Artigo 1 – A diversidade cultural, patrimônio comum da humanidade:

A cultura adquire formas diversas através do tempo e do espaço. Essa diversidade se manifesta na originalidade e na pluralidade de identidades que caracterizam os grupos e as sociedades que compõem a humanidade. Fonte de intercâmbios, de inovações e de criatividade, a diversidade cultural é, para o gênero humano, tão necessária como a diversidade biológica para a natureza. Nesse sentido, constitui o patrimônio comum da humanidade e deve ser reconhecida e consolidada em benefício das gerações presentes e futuras.

Evidenciar algumas formas de manifestação da pluralidade de identidades encaminha para o possível diálogo das diferenças. George Marcus (1991) ressalta a proeminência de estudos sobre o “eu” e de categorias compartilhadas de experiências. Ao discorrer sobre *Identidades passadas, presentes e emergentes*, sugere três requisitos que tratarão da construção dos sujeitos: a problematização da construção do espaço, do tempo e da construção da perspectiva da voz. Vozes que são entendidas em seu caráter polifônico “como produtos de conjuntos complexos das associações e experiências que as constituem” (MARCUS, 1991, p.202). Acredito que o diálogo em torno das experiências de vida pode viabilizar a aproximação entre os diferentes e valorizar as marcas de sua identidade cultural. Ao direcionar tais reflexões para a Gestão do Patrimônio Cultural, atentando para as possibilidades de trajetos (portas a serem fechadas, abertas e à reabrir), uma atitude reveladora e promissora poderia ser deixar as portas entreabertas.

¹¹³Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural. Disponível em: <http://www.comotepaz.org.br/Dec_DiversiCult.htm>. Acesso em 04 julho 2009.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. Chicletes eu misturo com bananas? Acerca da relação entre teoria e pesquisa em memória social. In: GONDAR, Jô; DODEBEI Vera (orgs.). *O que é memória social?* Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2005. p.27-42.

ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV.2004a.

_____. *Ouvir Contar Ouvir*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV.2004b.

ALMEIDA, Victor Coelho de. *Goiaz: usos, costumes, riquezas naturais – estudos e impressões pessoais*. São Paulo, “Revista dos Tribunais”, 1944.

ALINCOURT, Luiz d’. *Memória sobre a viagem do porto de Santos à Cidade de Cuiabá*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975

APPADURAI, Arjun. *The Social Life of Things: commodities in cultural perspective*. New York: Cambridge University Press, 1986.

_____. Museus são bons para pensar: *Musas - Revista Brasileira de Museus e Museologia*, n.3, 2007. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centros Culturais, 2004. 201p.V.II

ARANTES NETO, Antonio Augusto. *Patrimônio Cultural: Desafios e Perspectivas Atuais*. XXV Reunião Brasileira Antropologia. Goiânia, 2006.

ARIÈIS, Philippe. *A história social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

ARROYO, Miguel. *Ofício de Mestre. Imagens e auto-imagens*. Petrópolis: Editora Vozes. (2002)

ARTIAGA, Zoroastro. *Geografia economia, histórica e descritiva do estado de Goiaz*. Uberaba: Tip. Triângulo, 1951. 2 v.

BACHELARD, Gaston. *A Dialética da duração*. Trad. de Marcelo Coelho. São Paulo: Ática, 1988.

_____. *A poética do Espaço*. Col. Tópicos. Tradução Antonio de Pádua Danesi. Revisão da tradução Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BAKHITIN, Mikhail, (VOLOCHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1981.

BARASH, Jeffrey Andrew. Por uma política da memória, a partir de uma interpretação da sabedoria Prática em Paul Ricoeur. In: CÉSAR, Constança Marcondes. (org). *A Hermenêutica Francesa: Paul Ricoeur*. Porto Alegre: EDIPUC, 2002.

BARBOSA, Andréa; CUNHA, Edgar Teodoro da. *Antropologia e Imagem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

BARROS, Myriam Lins de. *Autoridade & Afeto Avós, filhos e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

BARRETO, Roseli de Fátima Brito Netto. *As estratégias memória em Goiás: Política Cultura e a criação do museu Pedro Ludovico*. 2001.119p. Dissertação (Mestrado em História das sociedades agrárias). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2001.

BELL, Vikki. *Memória histórica, movimentos globais e violência*. Uma conversa entre Paul Gilroy e Arjun Appadurai. Cadernos Pagu n. 16 Campinas: 2001. p. 289-318. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo>> acesso 26 maio 2009.

BENJAMIN, Walter. *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

_____. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a cultura*. Campinas: Summus, 1984.

BERGSON, H. *Matéria e memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BOAS, Franz. *The limitation of comparative method of anthropology*. Science, N.S., vol.4. 1896.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade*. São Paulo. Companhia das Letras. 1994.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 10ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

BUENO, Luçany Silva. *As Técnicas Tradicionais Das Fiandeiras e Tecedeiras de Hidrolândia – Goiás*. 2005. 114 p. Dissertação (Mestrado em Gestão do Patrimônio Cultural) Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. 1995. *Cultura, culturas, cultura popular e educação - Entrevista com Carlos Rodrigues Brandão*. Disponível em <www.bibvirt.futuro.usp.br/.../cultura_popular_e_educacao> acesso 26 maio 2009.

_____. Carlos Rodrigues. *Campesinato Goiano; três estudos/ por/ Carlos Rodrigues Brandão e José Ricardo Ramalho*. Goiânia: Ed. UFG, 1986a.

_____. *Identidade e etnia: construção da pessoa e identidade cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1986b

_____. *O trabalho de saber: cultura camponesa e escola rural*. Porto Alegre: Sulina, 1999. 163p.

_____. *O que é Educação*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

BRILHO ETERNO de uma Mente Sem Lembranças (Título original: Eternal Sunshine of the Spotless Mind) Direção: Michel Gondry. Comédia Romântica EUA, Blue Ruin / This Is That Productions / Focus Features / Anonymous Content.. 2004, 108 minutos.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Heloísa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. 4ª ed. São Paulo: Edusp, 2003.

CANINI, Aline Sapiezinskas Kras Borges. *De Bonecas, Flores e Bordados: investigações antropológicas no campo do artesanato em Brasília*. 2008. 302p. Tese (Doutorado. em Antropologia. Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

CARDOSO, de Oliveira. *O trabalho do antropólogo*. 2ª. ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Unesp, 2006.

CARDOSO. Ruth C. L. *Aventuras de Antropólogos em Campo ou Como Escapar das Armadilhas do Método*. In: DURHAM. Eunice R. (org). 'et al.'; *Aventura Antropológica. Teoria e Pesquisa* – Rio de Janeiro: Paz e terra, 1986.

CASCUDO, Luis da Câmara. *Rede de dormir: uma pesquisa etnográfica*. 2. Ed. São Paulo: Global, 2003.

CATELAN, Álvaro; COUTO, Ladislau. *De repente, a viola - os grandes temas da música caipira*. Goiânia: Kelps, UCG, 2005.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar/ Michel de Certeau, Luce Giard, Pierre Mayol; tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth*. 7ª. Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008

COHN, Clarice. *Antropologia da criança*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CORALINA Cora. *Melhores Poemas*. Darcy França Denófrío (org). São Paulo: Global, 2004.

CORRÊA, Ronaldo de Oliveira. Estratégias biográficas da produção artesanal em mercados urbanos: esboço de biografias e de coisas. Sumários biográficos do sistema de objetos artesanais: mercantilização e/ou desmercantilização das coisas. In: _____ *Narrativa sobre o processo de modernizar-se: uma investigação sobre a economia política e simbólica do artesanato recente em Florianópolis, Santa Catarina, BR*. 2008.p.175-181. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

COSTA, Cléria Botelho. *Memórias Compartilhadas: os contadores de história*. In: Contar história, fazer história- História, cultura e memória. COSTA, Cléria Botelho e MAGALHÃES, Nancy Aléssio, p.73-84, Brasília: Paralelo 15, 2001.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador; conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: UNESP/IMESP, 1999.

CHAUL, Nasr N. Fayad. *A construção de Goiânia e a transferência da capital*. Goiânia: Cegraf, 1988.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade: Ed. UNESP, 2001.

DA MATTA, Roberto. *Relativizando: uma Introdução á Antropologia Social*, Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

DEVOS, Rafael, *A Arte de Dizer e a Arte De Crer: Estudo Antropológico de Narrativa Oral e Sistemas de Crença na Ilha Grande dos Marinheiros Porto Alegre*. Revista *Illuminuras* número 09. Porto Alegre: BIEV/PPGAS/UFRGS, 2002 (Illuminuras, Série do Banco Imagens e Efeitos Visuais; 2002;

DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. São Paulo: Cultrix; Editora da USP, 1988.

_____. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. Trad. Helder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

DURKHEIM, E. Representações individuais e representações coletivas. In: *Sociologia e Filosofia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1970. p. 15-49.

ECKERT, Cornelia; *As variações “paisageiras” na cidade e os jogos da memória*. In: II FÓRUM TEMÁTICO PAISAGEM E CULTURA: DINÂMICAS DO PATRIMÔNIO E DA MEMÓRIA NA ATUALIDADE. Mesa Redonda: Paisagens, Patrimônios e Dinâmicas da Memória. Belém. 2007. p. 1-12.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da, *A interioridade da experiência temporal do antropólogo como condição da produção etnográfica* Rev. Antropol. vol.41 n.2 São Paulo. 1998.

_____. *Memória, narrativa e as histórias do mundo*. Revista *Illuminuras* Etnografia visual conceitual número 03, ano de 2001 – Porto Alegre. Editada pelo programa PPGAS/UFRGS.

_____. *O tempo e a cidade*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2005.

_____. *Etnografia: Saberes e Práticas*. In: PINTO, Céli Regina Jardim; GUAZZELLI, César Augusto Barcellos *Ciências Humanas: pesquisa e método*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008.

_____. *A narrativa e a captura do movimento da vida vivida*. Revista *Illuminuras* número 09. Porto Alegre: BIEV/PPGAS/UFRGS, 2002 (Illuminuras, Série do Banco Imagens e Efeitos Visuais; 2002.

FIGUEIREDO, Luciano. *Mulher e família na América portuguesa* / Luciano Figueiredo: coordenação Maria Helena Capelato, Maria Lígia Prado. São Paulo: Atual, 2004.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. 51ª ed. São Paulo: Global Editora, 2006.

FONSECA, Mª Cecília Londres. *O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; MinC – IPHAN, 2005.

_____. *Construção das políticas internacionais de referência para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial*. Rio de Janeiro: Ed.UFRJ, 2008.

GARCIA, Marcolina Martins. *Tecelagem Artesanal – um estudo etnográfico em Hidrolândia-Goiás*. Goiânia: Ed. da UFG, 1981.

GARDNER, George. *Viagem ao interior do Brasil (1836-1841)*. Trad. De Milton Armando. Apres. de Mário Guimares Ferri. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975

GEERTZ, Clifford, *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

_____. *O Saber Local*. Petrópolis: Vozes, 1997.

GONÇALVES, José Reginaldo. *Autenticidade, Memórias e Ideologias Nacionais: o problema dos patrimônios culturais*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, 1988, p. 264-275.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *A Retórica da Perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; IPHAN, 1996.

GONÇALVES, Magaly Trindade et al. (orgs). *Antologia de antologias: 101 poetas brasileiros “revisitados”*. São Paulo: Musa, 1995.

_____. *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônio*. Rio de Janeiro: Departamento de Museus e Centro Culturais, 2007.

KUPER, Adam. *Cultura, a visão dos antropólogos*. Bauru: EDUSC, 2002.

KRAMER, S. A infância e sua singularidade. In: BRASIL. Ministério da Educação. *Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de 6 anos de idade*. Brasília, DF, 2006. p. 19-21.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

HERBERT S. Klein. *Migração Internacional na História das Américas* In FAUSTO, Boris, Fazer a América. Edusp. São Paulo. 2000.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

HOBSBAWM, Eric J. e RANGER, Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997

HOMERO. *Odisséia*. Trad. Marques Rebelo. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

IANNI, Octavio. Tipos e Mitos do Pensamento Brasileiro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, v.17, n.49, p.1-6. jun. 2002.

JARDIM, Mara Publio de Souza Veiga. *O Guardião da Memória* Mestrado (Mestrado em Gestão do Patrimônio Cultural) 2004. 100 p. Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2004.

JEUDY, Henri-Pierre, 1945-*Memórias do social*/ Henri-Pierre Jeudy. Trad. Márcia Cavalcanti. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

LARAIA, R. B. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

LEFEVRE, Fernandi. *Depoimentos e Discursos: uma proposta de análise em pesquisa social*/ Fernando Lefevre, Ana Maria Cavalcanti Lefevre. Brasília: Liber Livro, 2005.

LE GOFF, Jacques. *Memória*. In: *Memória/História*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, [1984]. Enciclopédia Einaudi. Vol 1, p. 11-50.

_____. *O imaginário medieval*. Portugal: Editorial Estampa 1994.

LÉVI-STRAUSS, Claude *O Pensamento Selvagem*. Trad. Tânia Pellegrini. 4. ed. Campinas São Paulo. Papyrus, 2004.

LIMA, Cléidna Aparecida de. *Memória familiar: nos objetos biográficos e nas obras literárias*. *Revista História&Ensino*, Londrina, v. 7.p.33-45, out.2001.

_____. *Memória: de onde contamos histórias? - Expo – educação – Anais da 54ª Reunião Anual da SBPC*. 2002.

LIMA FILHO, Manuel Ferreira. *O Desencanto do Oeste* Goiânia: Ed. da UCG, 2001a .

_____. *Memória e identidade social no médio Araguaia*. In: COSTA, Cléria Botelho; MAGALHÃES, Nancy Aléssio. *Contar história, fazer história- História, cultura e memória*. Brasília: Paralelo 15, 2001b. p.73-84,

LIMA FILHO, Manuel Ferreira; MACHADO Lais Aparecida (Org.) *Formas e tempos da cidade*. Goiânia: Cãnone; Ed. UCG, 2007

LIMA, Nei Clara de. *Narrativas orais: uma poética da vida social*. Brasília: Ed. da UNB, 2003.

LOWEL, Joan. *Terra Prometida*. Trad. Ligia Junqueira. São Paulo: Melhoramentos, s.d

LUSTOSA, Isabel *Conversa com Roger Chartier*. São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://pphp.uol.com.br/tropico/html>>. Acesso em 10 fev. 2009.

MACHADO, Ana Maria. *Texturas: sobre leituras e escritos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MACHADO, Marieta Telles. Mergulhada na Urbe. In: SILVA, Vera M. T. e TURCHI, Maria Zaira (org.). *Antologia do conto goiano II: o conto contemporâneo*. 2ª. ed. Goiânia: UFG, 1994. p.60-66.

MAGALHÃES, Carlos Fernando. In: SILVA, Vera M. T. e TURCHI, Maria Zaira (org.). *Antologia do conto goiano II: o conto contemporâneo*. 2ª. ed. Goiânia: UFG, 1994. p.54

MALINOWSKI, B. *Argonautas do pacífico ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, Ática, 1978.

MARCUS, George. *Identidades passadas, presentes e emergentes: requisitos para etnografias sobre a modernidade no final do século XX ao nível mundial*. *Revista de antropologia*, São Paulo, USP, v34, 1991.

MÁRQUEZ, Gabriel García *Memória de mis putas tristes*. Barcelona e Bogotá: Editorial Norma, 2004.

MATTOS, Raymundo Jose da Cunha. Chorografia Historica da Provincia de Goyaz. *Revista Trimestral do instituto Historico, Geografico e Ethnographico do Brasil*, Rio de Janeiro, 37:213-398, 1874

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Edusp, 1974. vols. I e II.

MIRANDOLA, Norma Simão Adad. As tecedeiras de Goiás: estudo lingüístico, etnográfico e folclórico. Goiânia: CEGRAF/UFG, 1993.

NARRADORES de Javé. direção: Eliane Caffé. gênero drama, Brasil, Bananeira Filmes.2003, 85 minutos.

NORA, Pierre. *Entre a memória e a história: a problemática dos lugares*. *Revista Projeto de História*. São Paulo, PUC/SP, n. 10, 1993.

O CARTEIRO e o Poeta (Título Original: Il Postino) Direção: Michael Radford. Drama, romance, Itália, Miramax Films1994, 109 minutos.

OLIVEIRA, Manuel de Jesus. Família Almeida: a construção de um patrimônio imaterial. *Goiânia*, 2005. 110 p. Dissertação (Gestão do Patrimônio Cultural). Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2005.

OLIVEIRA Vianna, Francisco J. *Populações Meridionais do Brasil*. 3. ed. Niterói: Eduff, 1987.

O SEGREDO de Brokeback Mountain. Direção: Ang Lee. Drama / romance / western. Estados Unidos; Canadá, Focus Features / Europa Filmes 2005, 130 minutos.

PEREIRA, José Alves. Contos destes e de outros tempos. Goiânia: Nova Página, 2003.

PESSOA, Jadir de Moraes. Saberes em festa: gestos de ensinar e aprender na cultura popular. Goiânia: Ed. UCG; Ed. Kelps. 2005. p.59-75.

POHL, Johan E. *Viagem no interior do Brasil*. Trad. de Milton Amado e Eugênio Amado. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1976

POLLAK, Michael, Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: vol.2, n. 3, 1989, p. 3-15.

_____. Memória e identidade social, *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da et al. Entrevista com Martine Segalen. Qual é a Antropologia do parentesco e da família no século XXI? Um diálogo franco e brasileiro com Martine Segalen. *Horiz. antropol.* vol.7 no.16 Porto Alegre Dec. 2001

ROCHA, Everardo. *O que é etnocentrismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

REDDING, Amalhe Baesso; LEITE, Maria Isabel. *O Lugar Da Infância Nos Museus*. In: MUSAS - Revista Brasileira de Museus e Museologia. p.32-41. n.3, 2007. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

RICOUER, Paul. *Tempo e Narrativa. Tomo I*. Campinas: Papyrus, 1994

ROLNIK, S. Uma Viagem Insólita à subjetividade- fronteiras com a ética e a cultura. In: LINS, Daniel S. (org.). *Cultura e Subjetividade: Saberes Nômades*. Campinas: Papyrus, 1997.

RODRIGUES, Juciano Martins, *População, Sociedade e Território: Tempo de Urbanização em Goiás*. Rio de Janeiro, 2006. 131 p. Dissertação (Programa de Mestrado em Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais) ENCE/IBGE. Rio de Janeiro, 2006

SAINT-HILAIRE, Augusto de. *Viagem à Província de Goiás*. Trad. de Regina R. Junqueira. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975

SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Nova Cultural, 1984.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. *Sobre a autonomia das novas identidades coletivas: alguns problemas teóricos*. *Rev. bras. Ci. Soc.*, Out 1998, vol.13, no. 38.

SARAMAGO, José. *A Bagagem do Viajante. – Crônicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SILVA, Sandro Dutra E. *Um outro olhar sobre o lugar: a Cang no tempo da fronteira*. *Sociedade e Cultura*, V. 5, N. 1, JAN./JUN. 2002, P. 65-79

SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu da and LIMA FILHO, Manuel Ferreira. *Por uma antropologia do objeto documental: entre a "a alma nas coisas" e a coisificação do objeto*. *Horiz. antropol.*, Jun 2005, vol.11, no.23, p.37-50.

SOUZA, Julio Seabra Inglez. *Enciclopédia agrícola brasileira: I-M*. vol. 4. São Paulo: Edusp, 2004.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. *A Memória em Questão: Uma Perspectiva Histórico-cultural*. Educação e Sociedade – v.21 – n.71 – 2000.

STALLYBRAS, Peter. *O casaco de Marx. Roupas, memória e dor*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

THOMPSON, Paul. Conversa com Paul Thompson. - Todo Ouvido – Revista Vida Simples. Edição 12. Abril, 2003

TURCHI, M.Z. *Literatura e antropologia do imaginário*. Brasília: Editora da UNB, 2003.

VALDEZ, Diane. *História da infância em Goiás: séculos XVIII e XIX* – Goiânia: Editora Alternativa, 2003.

VELHO, Gilberto. *Ciências Sociais e biografia individual*. FGV Estudos Históricos, Rio de Janeiro, nº 38, julho-dezembro de 2006.

VIRGENS, Rosaura Oliveira Vargas das. *Tecelagem artesanal em Minaçu: idéias para um projeto de gestão*. Goiânia, 2005. 180 p. Dissertação (Gestão do Patrimônio Cultural)- Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2005.

VYGOTSKY, L. 1989. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. *A valorização da agricultura familiar e a reivindicação da ruralidade no Brasil*. In: XXIX ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 2005, Caxambu, MG.

_____. *A valorização da agricultura familiar e a reivindicação da ruralidade no Brasil*. In: XXIX ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS. Petrópolis RJ, 2000. Disponível em <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/>> Acesso em 22 junho 2009.

WARNIER, Jean – Pierre. *Construir a cultura Material: O homem que pensava com seus dedos*. Tradução: Emílio Fogaça. Paris: Presses Universitaires de France, 1999.

WENRICH, Harald. *Lete:Arte e Crítica do Esquecimento*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2001.

WOORTMANN, Ellen. *Herdeiros, parentes e compadres; colonos do Sul e sitiante do Nordeste*. S. Paulo, Hucitec, 1995, 336 p.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Documento de anuência dos responsáveis pela instituição onde se desenvolverá a observação e/ou coleta de dados da pesquisa.

DECLARAÇÃO

Declaro ter conhecimento do Projeto de Pesquisa: *Fiandeiras e Tecedeiras de Hidrolândia – Goiás - Objetos Biográficos e Narrativas Orais* –, tendo como pesquisadora responsável Clêidna Aparecida de Lima, Mestranda em Gestão do Patrimônio Cultural UCG, e como colaboradores integrantes do Grupo de *Fiandeiras e Tecedeiras de Hidrolândia – Goiás*.

A pesquisa de campo, análise e construção de dados, será realizada durante os meses de outubro, novembro e dezembro de 2008 (conforme cronograma do Projeto de Pesquisa). Após a aprovação deste Projeto pelo CEP (Comitê de Ética em Pesquisa) /UFG.

Representando o grupo, na função de coordenadora, fui devidamente informada e esclarecida pela pesquisadora sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da participação do grupo. Foi-me garantido que qualquer um dos colaboradores poderá retirar seu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade ou interrupção de seu acompanhamento/ assistência/tratamento.

Hidrolândia: __/__/__

Nome e Assinatura da responsável pela instituição
(coordenadora do Grupo de *Fiandeiras e Tecedeiras de Hidrolândia – Goiás*)

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa ou desistência você não será penalizado (a) de forma alguma. Em caso de dúvida você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás pelo telefone 3521-1075 ou 3521-1076; a pesquisadora responsável pelo projeto, do qual você participa, Clêidna Aparecida de Lima para maiores esclarecimentos sobre a pesquisa.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Título do Projeto:

Objetos Biográficos e Narradores de Hidrolândia – GO - Ressonâncias Patrimoniais

Pesquisadora Responsável: Clêidna Aparecida de Lima

Telefone para contato: (62) 38-773743 e (62) 96615644

Descrição dos procedimentos de pesquisa:

Esta pesquisa estará focalizada na investigação da *Memória e da Identidade Social das fiandeiras e tecedeiras de Hidrolândia – Goiás* –, utilizando as histórias contadas por estas pessoas e os objetos de família que os acompanham ao longo do tempo. Tem sua justificativa baseada na necessidade de fortalecer as reflexões sobre a leitura e releitura de objetos biográficos¹¹⁴, relíquias de família e as histórias que estes objetos trazem em forma de lembrança, valores repassados de uma geração à outra. Busca ainda explorar a presença destes objetos e memórias em representações artísticas e culturais que favoreçam esta releitura.

A intervenção desta investigação será realizada com aproximadamente 5 a 10 adultos, contadores de histórias (pessoas que mantêm o envolvimento com narrativas orais - contação de histórias - há mais de cinco anos) integrantes do Grupo de *Fiandeiras e Tecedeiras* de Hidrolândia – GO. Ao (a) entrevistado (a) será solicitado que conte a história de sua vida – entrevista auto biográfica- ou fato que julgar significativo.

O objetivo das entrevistas será colher *histórias de vida* das pessoas que estarão se utilizando da narrativa oral, apoiando-se em um *objeto biográfico*, e se por ventura não estiverem contando com a materialidade de tais

¹¹⁴ Para Violette Morin (apud BOSI,1994) conceitua como objetos biográficos aqueles que envelhecem com o possuidor por representar uma experiência de vida, mais que um sentimento estético ou de utilidade posicionam e identificam o seu possuidor.

objetos, avaliar-se a as referências que fazem dos *suportes materiais* (objetos biográficos *versus* objetos de consumo, fotos, casas da infância; etc.) em que se apoiam sua memória e de sua família.

Terminado este período a pesquisadora estará envolvida na transcrição das entrevistas gravadas transformando-as em textos sobre os colaboradores, ou seja, textualizadas, serão transformadas em *texto biográfico* e este será lido e aprovado pelos entrevistados para posterior publicação. No estudo destes dados e na produção dos *textos biográficos* não estando previsto outros momentos de aproximação com os envolvidos após apresentação das análises conclusivas da pesquisa.

A divulgação dos resultados da pesquisa será realizada, independente das conclusões finais, na dissertação de mestrado da pesquisadora e em artigos a serem publicados em revistas de Antropologia e educação.

Em nenhum momento a identidade dos colaboradores da presente investigação será revelada, pois já no momento das transcrições seus nomes serão substituídos por pseudônimos. As imagens (fotos ou filmagens), só serão utilizadas para a descrição de ambiente e/ou situações individuais e coletivas, referentes a esta pesquisa. Ao serem usadas far-se a referência a nomes fictícios (em suas legendas ou citações) e só serão feitas quando autorizadas pelo (a) participante-colaborador da pesquisa.

FORMA DE ACOMPANHAMENTO

A pesquisadora é professora do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação – Colégio de Aplicação – CEPAE – UFG desde 1994, atuando em projetos de Ensino, Pesquisa, Extensão e Formação de Professores, tem muito tempo de experiência na convivência com alunos e suas famílias em situações de relacionamento escola X família; integra o corpo docente do Ensino Fundamental, Área de Ciências Humanas e Filosofia na subárea de História.

Desde 2007 é Mestranda do programa de Pós Graduação em Gestão do Patrimônio Cultural – UCG, paralelamente, em 2008, o curso Patrimônio *Imaterial: Políticas e Instrumentos de Identificação, Documentação e Salvaguarda* (realização da UNESCO, coordenação geral da Comuna S.A - como apoio IPHAN e SID - Secretaria da Identidade e da Diversidade Culturais e o Ministério da Cultura.), pretende agregar a esta pesquisa elementos técnicos e científicos que favoreçam, o desempenho de ações mais efetivas e conscientes, que tenham como foco o patrimônio cultural de natureza imaterial. Sendo assim, ciente dos desafios do tema proposto, a pesquisadora e se compromete com o bom andamento da pesquisa tomando medidas de proteção que garantam o sigilo e confidencialidade das informações prestadas para prover a segurança dos indivíduos participantes da pesquisa.

Durante todas as etapas desta investigação a pesquisadora responsável- Clêidna Aparecida de Lima, estará sob a orientação do prof. Dr. Manuel Ferreira Lima Filho, UCG podendo também receber acompanhamento, voluntário de professores do CEPAE/UFG e Programa do Mestrado em Gestão do Patrimônio Cultural/UCG, que desejarem fazê-lo.

Se por qualquer motivo algum dos participantes da pesquisa, não desejar não mais participar da pesquisa poderá dela se desligar, não mais participando dos encontros, sem nenhuma responsabilidade ou constrangimento.

OS BENEFÍCIOS DECORRENTES DA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA

Os benefícios desta pesquisa poderão ser considerados em duas instâncias:

Para o Grupo de Fiandeiras e Tecedeiras de Hidrolândia – Goiás – resultará em textos de reflexão sobre o *repertório simbólico (histórias contadas)* dos integrantes do grupo social pesquisado, que poderão vir a reavivar o diálogo entre os diferentes sujeitos e as diferentes gerações ao ressaltar as manifestações deste Patrimônio Imaterial validando sentidos e valores coletivos que inspiram sentimentos de pertencimento dos indivíduos ao grupo com qual estão convivendo.

Para os 10 integrantes de Fiandeiras e Tecedeiras (contadores de histórias) – estarão participando de encontros, cautelosamente, preparados de acordo com a temática- contação de histórias e objetos de família em forma de lembrança-. Terão a possibilidade de (re) constituir sua história de vida a partir de suas memórias definindo o que deseja preservar ou compartilhar, dando lhes a possibilidade de construir o próprio sentido de sua identidade social ao associar elementos e acontecimentos de sua realidade concreta.

Asseguramos que ato de recordar, contemplar instantes marcantes, experiências prazerosas ou difíceis, elementos de transformação e descobertas; envolve “ emoções fortes “ (como por exemplo: dor, tristeza, saudades, alegrias) para quem está recordando o que causar incômodos e/ou tormento emocional. Neste sentido, os participantes-colaboradores, serão abordados e ouvidos pela pesquisadora em atitude atenciosa e prudente e só continuarão a relatar e rememorar acontecimentos significativos de sua vida se assim o desejarem.

No caso de mau estar físico ou emocional a pesquisadora compromete-se a interromper o procedimento investigativo no intuito de proteger e minimizar possíveis incômodos ou riscos psicológicos para os envolvidos na pesquisa.

PERÍODO DA INTERVENÇÃO

A intervenção desta pesquisa terá duração de três meses e se dará em 6 (seis) encontros de 3 (três) horas relógio em 6 (seis) terças-feiras distintas em intervalos de 15 (quinze) dias. Terminado este período a pesquisadora estará envolvida na transcrição das entrevistas gravadas transformando-as em textos sobre os colaboradores, ou seja, textualizadas, serão transformadas em *texto biográfico* e este será lido e aprovado pelos entrevistados para posterior publicação. No estudo destes dados e na produção dos *textos biográficos* não estando previsto outros momentos de aproximação com os envolvidos.

Eu, Clêidna Aparecida de Lima, comprometo-me a honrar com o exposto acima.

Nome e Assinatura do pesquisador _____

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____, RG/ CPF/ n.º de prontuário/ n.º de matrícula _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo “*Memória e Identidade Social – Fiandeiras e Tecedeiras de Hidrolândia – Goiás. - Entre Objetos Biográficos e Narrativas Orais*”, como sujeito. Fui devidamente informado (a) e esclarecido(a) pela pesquisadora Clêidna Aparecida de Lima, sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade ou interrupção de meu acompanhamento/ assistência/tratamento.

Local e data

Nome e Assinatura do sujeito: _____

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do sujeito em participar

Testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome: _____

Assinatura: _____

Nome: _____

Assinatura: _____

Observações complementares:

APÊNDICE C - FICHA ETNOGRÁFICA

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU – CPGSS
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL

Projeto de pesquisa: Objetos Biográficos e Narradores de Hidrolândia – GO - Ressonâncias Patrimoniais

FICHA ETNOGRÁFICA

I – INFORMAÇÕES PESSOAIS

1. NOME COMPLETO: _____
2. FILIAÇÃO: _____
3. DATA DE NASCIMENTO _____ NATURALIDADE _____
_____ NACIONALIDADE; _____
4. RESIDÊNCIA ATUAL: _____
5. RESIDÊNCIA ANTERIOR: _____
6. ESTADO CIVIL: () SOLTEIRO () CASADO () VIÚVO (A) () OUTROS

II – RELAÇÕES SOCIAIS E FAMILIARES, ANTEPASSADOS, PARENTESCO

1. Constituição familiar: _____

- 2- Participação no CCI (Centro de Convivência dos Idosos):

APÊNDICE D - ROTEIRO GERAL – ENTREVISTA

Projeto de pesquisa “*Memória e Identidade Social das fiandeiras e tecedeiras de Hidrolândia – Goiás. - Entre objetos biográficos e narrativas orais*”

ENTREVISTADO (A):	
LUGAR:	
DATA:	
PARTICIPANTES:	
RESUMO:	
CATEGORIAS:	
Palavras-chaves:	OBSERVAÇÕES:

Roteiro Geral¹¹⁵

Conte-me a história de sua vida ou fato que julgar significativo.

- Onde o senhor(a) morava quando era criança? Como era a sua casa?
- Por que o senhor(a) decidiu participar do grupo de fiandeiras e tecedeiras de hidrolândia? Como é sua participação?

¹¹⁵ Este roteiro será utilizado apenas como um ponto de partida. No decorrer da entrevista serão observados temas relevantes aos objetivos da pesquisa e para os colaboradores; temas que podem ser omitidos ou ressaltados.

APÊNDICE – E - ROL DE COLABORADORES -ENTREVISTAS REALIZADAS-

Pesquisa “*Memória e Identidade Social das fiandeiras e tecedeiras de Hidrolândia – Goiás. - Entre objetos biográficos e narrativas orais*”

Nº	ENTREVISTADO (A):	ARQUIVO E DURAÇÃO
1	Zilmar dos Santos Paiva	Arquivos M -nº 1 (31 minutos e 20 segundos)
2	Rita Alves da Silva,	Arquivo C – nº 4 Parte I – 43 minutos e 54 segundos (D. Rita) Parte II – de 44 minutos até 1 hora e 18 minutos – (D. Rita, Dita)
3	Militino Joaquim Bastos	Arquivo M – nº 3 (34 minutos e 14 segundos)
4	Maria Genesi	Arquivos C -nº 1 (17 minutos) e nº 2 (16 minutos e 56 segundos)
5	Crisolita Ferreira Teles	Arquivos S -nº 1 nº 2 (20 minutos e 51 segundos)
6	Maria de Lurdes Teles	Arquivos A -nº 3 (33-minutos e 15 segundos) A -nº 5 – (6 minutos) e nº 6 (34 minutos e 25 segundos)
7	Célia Rosa Tolentino	Arquivos B- nº 2 (25 minutos e 15 segundos)

APÊNDICE F - FICHAS PARA A COLETA DE INFORMAÇÕES SOBRE AS FOTOS (IMAGENS), E OBJETOS BIOGRÁFICOS DOS COLABORADORES DA PESQUISA

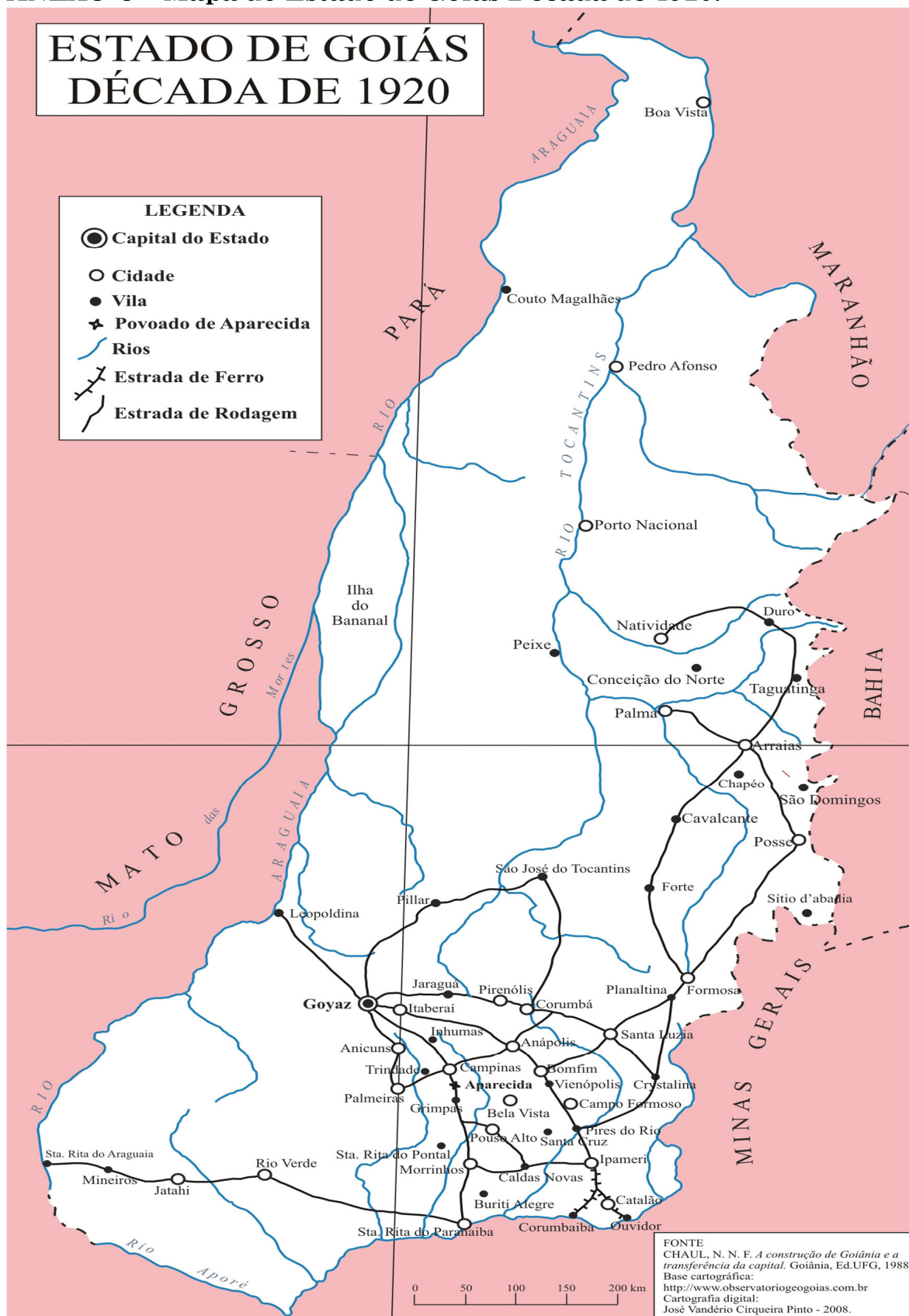
Projeto de pesquisa Objetos Biográficos e Narradores de Hidrolândia – GO - Ressonâncias Patrimoniais.

ENTREVISTADO (A):	
DATA:	
OBJETO BIOGRÁFICO:	
RESUMO:	
<ul style="list-style-type: none"> ✓ ORIGEM ✓ HÁ QUANTO TEMPO ESTÁ COM O POSSUIDOR? 	
PALAVRAS-CHAVES:	DESCRIÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS FÍSICAS DO OBJETO:

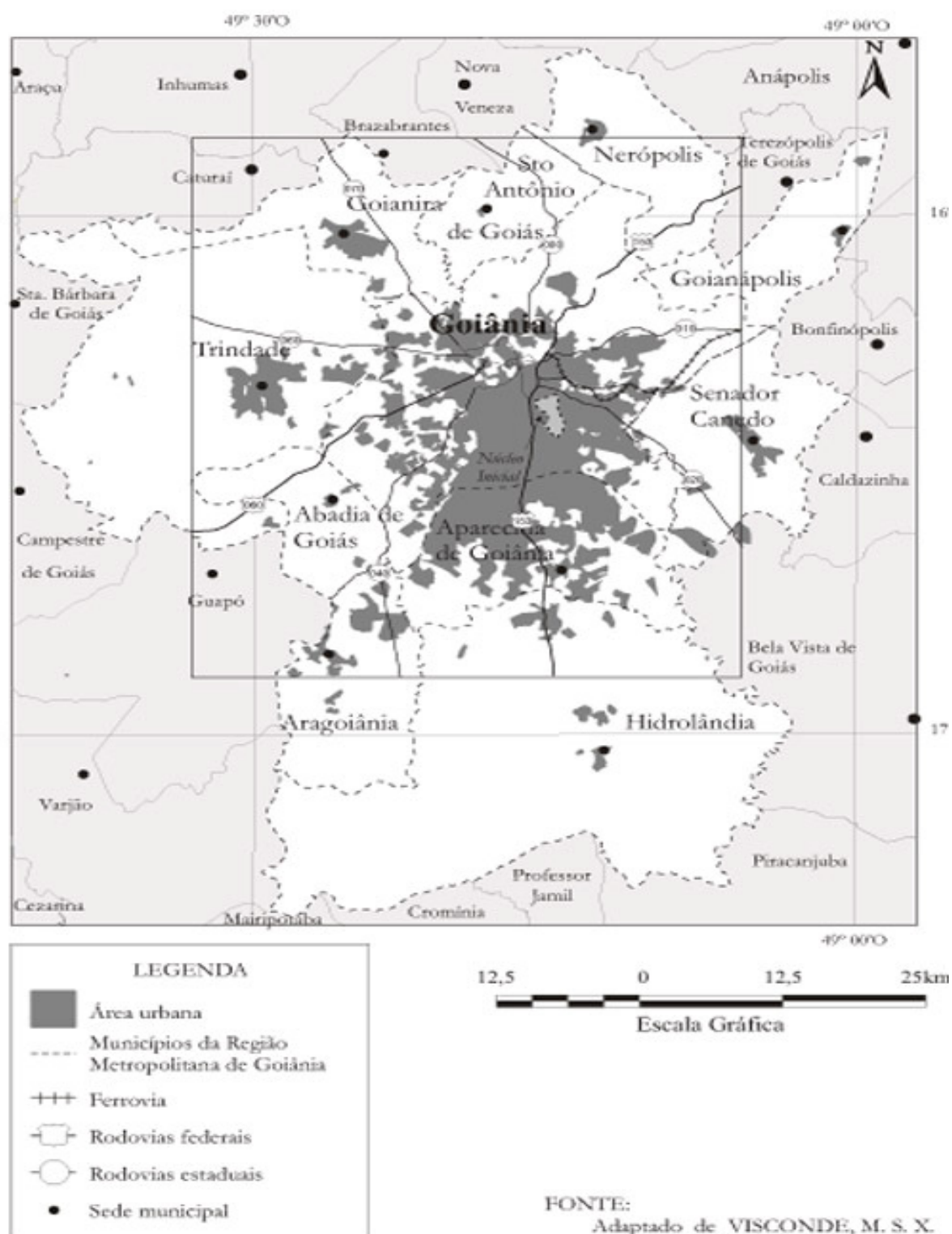
APÊNDICE G - CRONOGRAMA DE GRAVAÇÃO DAS ENTREVISTAS				
Projeto de pesquisa “Memória e Identidade Social das fiandeiras e tecedeiras de Hidrolândia – Goiás. - Entre objetos biográficos e narrativas orais				
23/09/08	REUNIÃO COM GRUPO DE FIANDEIRAS E TECEDERAS – APRESENTAÇÃO DO PROJETO			
Data	Entrevistados (as)	Local	Agendamentos	
07/10/08	Crisolita (1ª entrevista) Célia (2ª entrevista) Maria Genesi (1ª entrevista)	C.C.I.		
21/10/08	<u>Desmarcado pela pesquisadora</u>			
28/10/08	<i>Feriado Funcionário Público</i>			
04/11/08	✓ D.Zilmar (1ª entrevista) ✓ D. Rita e Dita (esclarecimento sobre a pesquisa)	C.C.I		
11/11/08	✓ Mª Genesi (2ª entrevista)			
12/11/08 manhã e tarde	Sr. Militino (esclarecimento sobre a pesquisa) a) Mª Genesi (3ª entrevista)	-Residência de cada colaborador(a) -Biblioteca da cidade		
18/11/08	Lurdes	-Residência da colaboradora		
25/11/08	Sr. Militino (1ª entrevista)	-Residência do colaborador		
02/12/08				
11/12/08	<i>Festa de Confraternização – final de ano – CCI</i>			

ANEXOS

ANEXO C – Mapa do Estado de Goiás Década de 1920.



ANEXO D – Região Metropolitana de Goiânia Expansão Urbana (2000)



ANEXO E –Crônicas- As terras – José Saramago

Como um ser vivo, as cidades crescem à custa do que as rodeia. O grande alimento das cidades é a terra, que, tomada no seu imediato sentido de superfície limitada, ganha o nome de terreno, no qual, feita esta operação linguística, passa a ser possível construir. E enquanto nós vamos ali comparar um jornal, a terra desaparece, e em seu lugar surge o imóvel.

Houve um tempo em que esta cidade cresceu devagar. Qualquer prédio da periferia tinha tempo para perder a flor da novidade antes outro viesse fazer-lhe companhia. E as ruas dava directamente para o campo aberto, para o baldio, para as quintas abandonadas, onde pastavam autênticos rebanhos de carneiros, guardados por autênticos pastores. Esse país diferente, salpicado de oliveiras anãs, de figueiras agchadas, de toscos muros em ruína, e, de quando em vez, com portões solitários, escancarados para o vazio – era as terras.

As terras não se cultivavam. Faziam, inertes as suas despedidas da fertilidade, suportavam aquela pausa intermédia entre a morte e a inumação. A sua grande vegetação, o seu grande truífio de flora, era o cardo. Se lhe davam folga, o cardo cobria de verde-cinzento a paisagem. E dos andares naus aktos dos prédios, a vista era melancólica, uniforme, como se em tudo aquilo houvesse uma grande injustiça e um remorso vago.

Mas as terras eram também o paraíso das crianças suburbanas, o lugar da acção por excelência: ali se faziam descobertas e invenções, ali se traçavam planos, ali a humanidade de calções se dividia já, por imitação dos adultos. E havia rapazes imaginosos que davam nomes aos acidentes topográficos, e outros muito sensíveis, que ficavam tristes quando, um dia homens tocos calados começavam a abrir caboucos no sitio onde ardera a fogueira ritual do grupo, o fogo á roda do qual se dispunham, em grava deliberação, rostos atentos e joelhos esfolados. Os grupos tinha chefes autoritários, alguns pequenos tiranos que, um dia, inexplicavelmente, eram destituídos, postos a margem, e iam tentar a sorte noutros grupos, onde nunca ganhavam raízes. Mas a grande desgraça era quando um rapaz mudava de bairro. O grupo cicatrizava-se depressa, mas o garoto, com a alma pesada, andava quilómetros para tornar a ver os seus amigos, os ligares felizes, e de cada vez era mais difícil reconstituir a antiga comunhão, ate que vinham a indiferença e a hostilidade e o rapaza desaparecia definitivamente, talvez ajudado por amizade novas e novas terras

Hoje a cidade cresce tão rapidamente que deixa pra tras, sem remedio, as infâncias. Quando a criança se prepara para descobrir as terras, elas já estão longe, e é uma cidade inteira que se interpõe, áspera e ameaçadora. Os paraísos vão-se astando cada vez mais. Adeus fraternidade. Cada um por si. Mas é sina dos homens, ao que parece contrariar as forças dispersivas que eles próprios põem em movimento ou dentro deles se insurgem. (...) E que a fraternidade renasce. E que os homens... recomeçam a aprendizagem dos nomes das pessoas e dos lugares e outra vez sentam em redor da fogueira, falando do futuro do que a todos importa. Para que nenhum deles morra em vão (SARAMAGO, 1992,p. 70).

ANEXO F – Mergulhada na Urbe

Pai e mãe não queriam que eu viesse. É esquisito moça solteira e menor ir sozinha pra cidade grande. Não concordo com esses usos de hoje em dia. Moça tem é que aprender a cozinhar bem, costurar, fiar fazer sabão e farinha e arranjar um bom casamento. Não é isso que eu quero meu pai. Vou desmanchar meu noivado com o Zé. Só tenho dezessete anos, vou pra cidade morar na casa da madrinha e estudar. Arranjar um bom emprego e depois casar com um moço da cidade. Não, não vou ficar aqui no interior, nessa vidinha de casar, parir filho e trabalhar feito uma escrava. O mundo de hoje é outro. É isso o que dá mulher ficar estudando demais, dizia meu pai. Então fique aqui, vai ser professora. Professora? A gente nunca consegue nada, só os protegidos do Coronel Fulgêncio.

Vim. Pai e mãe ficaram tristes, mas me abençoaram. No começo a cidade me dava uma zonzeira, principalmente a rua 4, coalhada de lojas, com roupas coloridas dependuradas nas portas, malas, bolsas de plástico, bugigangas, tecidos esvoaçando-se ao vento. Eu me encantava e me atrapalhava com tanta gente passando, buzina de carro, os empregados das lojas olhando as pernas das mulheres, homens de pastas apressados, moços bonitos, lindos, iguais àqueles do cinema e da TV, que passavam mexendo comigo (dizem que eu sou bonita), eu envergonhada sem entender direito as coisas.

Minha madrinha me recebeu amável, mas sem muito entusiasmo. Era pobre e morava num bairro muito longe. Eu representava mais uma boca e um canto de menos na sua casinha. Madrinha é pra essas coisas, para ajudar os afilhados, eu pensava.

Depois de uns dias, ela começou a ficar aflita, com medo de que eu não arranjasse serviço e nem lugar pra estudar. Dinheiro, meu pai não podia mandar, porque somos dez irmãos. Ele cria lá seus porquinhos, suas vaquinhas e suas galinhas num pedaço de terra. Mais a vida da roça é dura, muito trabalho e pouca renda. Emprego de doméstica eu não

queria. Isso, lá no interior eu arranjava. Sei ler e escrever bem. Aprendi tudo o que eu podia na escola rural. Dizem que eu sou inteligente. Daí a madrinha se lembrou de Dirce, a filha da vizinha, que trabalhava no comércio. Dirce é uma moça saída esperta, ganha bem. Quem sabe se ela ajuda você a arranjar um serviço? Não demorou muito Dirce me arranjou uma vaga no Bazar flor do Líbano, de um tal de Seu Feliz. Ele me olhou de baixo em cima, é bem bonitinha disse, e me perguntou se eu sabia ler e escrever. Muito bem, moça bonita ajuda a vender. Tire sua carteira de trabalho, pago meio salário pra começar, se for boa empregada, eu aumento depois. Olhe, na carteira, consta o salário, se fiscal aparecer, bico calado. Feiz ganha pouco, não pode pagar muito. É pra entrar às sete e meia. Uma hora para o almoço. Mora longe? Come por aqui mesmo. No começo vai estranhar, depois acostuma. A saída é às seis da tarde. Nos dias de bom movimento, sai mais tarde. É preciso deixar a loja arrumada para o dia seguinte. Comecei minha vida de levantar às cinco da manhã, porque a linha de coletivo de meu bairro é uma lástima. Mesmo assim, tinha dia que eu chegava atrasada e Seu Feiz me olhava com cara ruim, com aquele bigodão feio na cara. No começo, meu almoço era um pastel encharcado, uma coxinha massuda e um refresco no mercado. Pra variar, às vezes eu trazia um sanduíche de cada e inteira com um copo de leite. Depois passei pra marmitta. Seu Feiz me deixava esquentar a comida. Até me acostumar, eu me sentia trêmula, fraca, lembrando do arroz quentinho de mãe, a mandioca bem cozida, o torresmo, o feijão amarelinho e cheiroso. O leite de lá nem se compara com essa daqui, ralo e sem gosto. Também não faltavam ovos e queijo. Lá eu não dava muito valor, agora é que sei. Aqui tudo é comprado, a água, até a bucha pra lavar os pés. No princípio, eu tossia com a poeirada das caixinhas e me cansava dobrando blusas, roupas, guardando coisas que os fregueses olhavam aos montões pra não comprar nada. E tinha de fazer cara boa, porque se vendia mal, Seu Feliz ficava de mau humor, quando não branqueava bruto, a culpa é sua, não sabe agradar os fregueses. Se eu conversava um pouquinho com a Dirce, porque a loja onde ela trabalhava

ficava quase vizinha, o patrão se zangava. Não pago empregada para conversar fiado. De noite eu estava moída, meu corpo caía na cama eu dormia como uma pedra. Eu era corada, sabe. Agora ando branca parecendo barata descascada, como dizem na minha terra. Lá eu andava muito ao sol. Aos domingos, eu não podia me divertir muito, porque dinheiro não sobrava para extras. Era só condução e comida. Minhas roupas foram ficando descoradas e minha únicas sandálias esta numa feiura de dar vergonha. A Dirce andava num chique danado. Decerto ganha bem, porque tinha mais tempo de serviço. Quando Seu Feiz saía, eu aproveitava para dar uma conversadinha com os colegas da redondeza. Fui arranjando uns amigos. Conheci o João, de uma loja de electrodomésticos, e namorei com ele. Era um namorinho inocente, porque João viera do interior era estudante e não tinha muito tempo. Ele mesmo me aconselhava: porque você não estuda, Margarida? É o único jeito de sair dessa escravidão. Como estudar, se moro longe, se dinheiro não dá pra nada, se estou sempre nesse cansaço?

Num dia, esquentando minha comida nos fundos da loja, reparei um retrato de mulher dependurado na parede. Era uma mulher bonita, de olhos muito negros, cabelos presos ao alto, roupas escuras. É minha mulher, disse o patrão. Esta longe, na minha terra, com meus três filhos. Um dia vou mandar buscá-los, quando o dinheiro der. Ela espera por mim, enquanto isso, vivo sozinho, é uma vida dura, Margarida

Eu andava, triste, pensando nos desencontros e nas dificuldades da vida. Algum domingo João ia ver-me. Madrinha não o olhava com bons olhos. Não quero saber de namoro, você nova, menor, tem é que trabalhar e estudar. Pra que saiu de casa, pra ficar aí de namorico sem futuro? Eu aguentava calada, porque esta morando na casa dela e ela estava no lugar de minha mãe. O João, coitado, fazia um sacrifício danado pra ver-me: os tostões contados pra pagar ônibus, um guaraná que me oferecia, o tempo roubado dos estudos. A madrinha deu pra falar, pra implicar com tudo, pra jogar indiretas. A vida anda dura, se todo

mundo não ajudar a gene não dá conta nem de comer. Chegou até a perguntar-me quando eu ganhava, o que fazia do dinheiro, se eu andava com umas roupas tão feias e sandália tão estragadas. Perguntou também se eu mandava dinheiro pra família. Outro dia quis saber se eu ia a minha terra ver pai, mãe e meus irmos. Vão pensar que você se esqueceu deles so porque está morando na capital. Eu tinha razão de ficar triste

Uma tarde eu estava arrumando as mercadorias para guardar, roupas feitas, bolsas, aviamentos, tudo numa desordem, o movimento fora grande, mas as vendas não muito, porque os tempos andam de crise e o dinheiro cada vez mais difícil. Eu arranjava as mercadorias com capricho e paciência e Seu Feiz ali olhando. Menina, se você quiser levar essa blusa e essa saia, eu faço pelo custo. Você vai me pagando devagar. Fiquei tão feliz que me deu vontade de dar um abraço no patrão.

Sorri animada e feliz. Seu Feiz ficou muito contente e ofereceu pra levar-me em casa. Eu agradei e disse que não precisava esse trabalho, mas no fundo eu desejava, pois estava mais cansada do que nunca. O carro do patrão era velho mais servia pra rodar. Ele foi conversando muito e a assobiava alegre. Eu achei engraçado o assobio saindo por entre a bigodeira dele.

No domingo eu vesti a roupa nova para esperar o João. Estava com vergonha da sandália velha e esperava que ele não olhasse pra meus pés. Ele veio e disse que eu estava muito bonita. Saímos pra passear, tomamos um guaraná, comemos pipoca e ríamos como duas crianças felizes. Pela primeira vez o João me beijou e foi com o sol quente mesmo, ele muito sem jeito e vermelho de emoção

Madrinha continua reclamando da carestia da vida e comentou: hum, até enfim comprou roupa nova! No meio da semana Seu Feiz disse que se eu quisesse uma sandália nova, faria um vale. Eu podia ir à sapataria da esquina, que era de um amigo dele, podia comprar mais em conta. Naquele dia, ele me convidou pra ir a um restaurante que

servia comidas da terra dele. Eu aceitei encantada, porque estava mesmo precisando de uma comida mais reforçada. Comi tanto, que por pouco sentia mal. Depois, ele chamou pra ir ao cinema. Eu achei que ficava meio feio não aceitar, já que ele estava sendo tão gentil comigo. Eu levarei você pra casa, a madrinha não vai se importar, vai? Você está com o patrão. Diga que é serviço. Balanço. No cinema, ele chegava seu rosto muito perto do meu e eu sentia uma quentura esquisita no corpo, nem sei explicar. Houve uma hora, numa cena emocionante, ele perdeu a minha mão e apertou com força. Eu me assustei, fiquei sem jeito, se o João soubesse, ele não ia gostar. Seu Feiz até que era um homem bonito, moreno, fortão. À porta de casa, ele disse que moça bonita não precisa trabalhar tanto. Era só pensar um pouco. Eu entrei sem entender e custei a pegar no sono.

Eu nunca contei pro João que saíra com Seu Feiz. Pra que? Só pra dar briga? João era educado e muito respeitador, mas nessas coisas de ciúme todo homem fica violento. No mês seguinte, oito de Novembro, dia de meu aniversário, o patrão deu-me uma calça comprida de presente. Disse que moça bonita tem que andar na moda. Nunca pensei que o patrão fosse ficar tão bonzinho comigo. Ora, também acho que eu merecia. Estava cada vez mais eficiente no serviço. Até de mexer com banco eu estava dando conta

A madrinha continuava a reclamar do custo de vida. Parece que ela nem tinha outro assunto, quando me via. Chegou até a dizer que uma boca a mais sempre pesava numa família. Fazia falta até um canto onde se põe uma cama. Fiquei chateada e amanheci calada e triste. Seu Feiz notou, perguntou o que era, não gostava de me ver daquele jeito, disse. Eu não devia ter essas intimidades de contar coisas de minha vida pra ele, mas eu não tinha com quem desabafar. Minha única amiga era a Dirce, mas nunca vi ninguém mais estonteada. Gostava de falar muito e pouco escutava. Só cuidava de sua vida, andava bem vestida, estudava, divertia-se, queria la saber dos problemas dos outros. Para o João eu não contava as minhas coisas, a gente se encontrava tão pouco e porque aborrece-lo com as

minhas contrariedades? Ele sempre me perguntava se eu ia bem de serviço, se estava satisfeita, Eu respondia que sim. Pode deixar, disse o patrão, deixe essa tristeza. Eu aumento cem cruzeiros, hoje você leva eles pra sua madrinha.

Na sexta-feira, o patrão disse que se a madrinha convidasse, ele ia almoçar lá. Levaria carne, trigo, ensinaria a fazer comidas de seu gosto. Cerveja também tenho de levar, para alegrar a reunião. Domingo era o dia de meu encontro com João. Eu mesma não entendi. Decerto é porque se eu me ocupasse com ele, não poderia dar atenção a Seu Feiz.

Madrinha ficou muito entusiasmada com a história do almoço, o patrão em sua casa pobre e humilde, uma honra, comida farta sem despesa, era muito bom. No domingo bem cedo, chegou Seu Feiz com um mundão de coisas. Parece que levou o mercado pra nossa casa. Desde que eu vim pra capital, a não ser o dia do restaurante, nunca vira tanta fartura. Eu nunca tinha bebido, mas nesse domingo estava tão alegre, bebi uns dois copos de cerveja e me vi solta no ar, meio sonhando, meio confusa. Lá dentro só sentia uma pontinha de tristeza. Saudade da minha gente que estava longe e que eu não sabia quando ia rever. Não me lembro bem das coisas, só sei que uma hora eu estava com Seu Feiz no fundo do quintal, atrás de umas plantações, quando seu Feiz me abraçou com força, passou as mãos pelos meus seios, muito agitado, meio doido dizendo que eu era uma maravilha de menina. Corri pra dentro assustada, o pessoal riu e me perguntou se eu tinha visto o lobisomem no fundo do quintal. Muito atordoada, nem sei o que respondi Mas estava todo mundo meio alegre e ninguém ligou. Madrinha e padrinho gostaram muito de seu Feiz e disseram que era um prazer se ele voltasse outro domingo para almoçar.

O patrão estava cada vez mais atencioso e amigo e já me pagava o salário mínimo. Um dia perguntou-me se havia alguma coisa que eu desejasse muito. Estudar, respondi. Por que você não arranja um quarto com uma colega e não vem morar mais perto? Ia facilitar muito. Morando longe daquele jeito, era difícil. Sua madrinha? Ah, ela está é louca

pra ver uma boca de menos e um cantinho desocupado. Você visita-a nos domingos e feriados. Difícil arranjar quarto? Pode deixar que eu cuido. Conheço a namorada de um amigo meu. Ela quer arranjar uma companheira de quarto

Assim eu me mudei para o centro e fui estudar na escola da Dirce. Tinha medo de que meu dinheiro não desse, mas o patrão disse que não me preocupasse, que tudo ia dar certo. Agora eu raramente via o João. Ele estava cada vez mais ocupado com seus estudos e com problemas de família. Eu de vez em quando ia ver a madrinha com seu Feiz. Ela me recebia educada, mas pouco expansiva. Não sei o que lhe estava passando pela cabeça. Podia ter sido fraca comigo. Não sei porque as pessoas têm tanto medo de dizer o que pensam.

Num sábado o patrão estava alegre, cantava aquelas músicas esquisitas lá de sua terra, de mistura com samba, com música sertaneja, de que dizia gostar muito. Viu o passarinho verde, patrão? Perguntei rindo. Ele não entendeu e me pediu explicação de minha pergunta. Sim, vi o passarinho verde. Nunca mais vou voltar para minha terra, nem vou trazer minha mulher. Já estou rico sabe, menina? Posso mandar muito dinheiro pra ela. A vida é assim, cada um tem que seguir o seu destino. O meu é aqui, o dela é lá. Escute, Margarida, escolha o conjunto mais bonito pra você, se aqui não tiver, vá comprar em outro lugar. Eu sei que aqui só tem bugiganga, coisa cafona. Você é bonita, merece o melhor. Vamos a uma festa hoje à noite. Ah, por falar nisso, eu tenho uma pulseira escrava de ouro pesado, menina, eu trouxe de minha terra. Se quiser, pode usá-la. Quero você uma rainha nessa noite. Não está direito? Que bobagem, menina, direito não está você namorando esse moleque do João, que não tem um tostão furado. Direito não está você morrendo de trabalhar e de estudar, sendo tão nova e tão linda. Vamos nos divertir, você vai adorar. Está com medo de min? Mas que bobinha, minha pombinha tola!

Eu nunca tinha ido numa boate. E não sabia bem que casa era aquela, que a gente era aquela, que ria, dançava agarrado, um vozeiro, som berrado, escuro, os dentes, as

roupas, os olhos das pessoas brilhando muito, como se fosse tudo de prata. Era luz negra, explicou ele. Você nunca viu, sua roceirinha, brincou e me beijou a face. Os garçons circulavam trazendo bebidas e tira-gostos variados. Ele falou com o garçom, eu nem entendi, sentia-me sufocada com o barulho, a fumaceira dos cigarros, as mulheres decotadas e muito pintadas, cheiro forte de perfume e bebidas. Tome, disse ele me apresentando um copo com um liquido avermelhado, onde eu distingui pedaços de fêlo e Lião boiando. A bebida desceu queimando-me a garganta, eu não estava acostumada, senti meus olhos ardendo. Ele bebia rápido. Aproximou-se de mim, passou o braço nos meus ombros, você está linda, querida. Tome mais, não tenha medo. Depois fomos dançar, dançamos nem sei quanto tempo, nem sei que música, meu corpo colado ao dele, seus lábios colados no meus. Que isso, seu Feiz, não esta direito, tentava eu dizer, mas as palavras me morriam na garganta, eu não dizia nada, nada, nem ele, nem tinha coragem de olhar para os olhos dele, que deviam brilhar como olhos de demônio, como os olhos de outros homens. Tome mais um pouquinho, meu corpo se grudava ao dele, sentia repulsa e prazer, alegria e dor. Depois ele me levou para um pequeno quarto, lá era tudo vermelho, não me lembro bem, tinha espelho e flores, eu bebera quase um copo, virou tudo uma névoa, suas mãos foram desabotoando meu vestido, tirando com pressa todas as peças de meu corpo e desceu sobre mim como um demônio, eu não fiz resistência, meu corpo também era de fogo. Quando a névoa passou, devia ser madrugada lá fora. Já não havia tanto ruído. Em minha cabeça havia passarinho e galo cantando, Veludo latindo no curra, mãe ajuntado as galinhas no terreiro para o milho, quiri... qui... qui... Vi o João me beijando num sol quente de domingo, atrás dos arbustos da praça, sua boca tinha gosto de pipoca. Então eu me agarrei ao corpo adormecido de Seu Feiz e chorei desamparada

(Narrativas do cotidiano)

ANEXOS G – TEXTOS JORNALÍSTICOS SOBRE HIDROLÂNDIA-GO

ANEXO G – Hidrolândia - Capela dá origem à cidade. Capital das águas começou com doações de Terras no Fim do Século 19 para santuário

12/11/2006

Hidrolândia

Capela dá origem à cidade

Capital das águas começou com doações de terras no fim do século 19 para santuário

Silvio Sousa

Da editoria de Ecologia e Turismo

Tudo começou com algumas doações de terras para a construção de um santuário católico, em meados de 1896. Depois de erguida a Capela de Santo Antônio, o lugar passou a ser ponto de parada para boiadeiros e tropeiros que buscavam ouro nas proximidades. Iniciava-se Hidrolândia, mais conhecida hoje como capital das águas e das jabuticabas (36km de Goiânia). O município, mesmo próximo a uma metrópole, conserva valores históricos e culturais. A prática de fiar algodão e o Mutirão da Fiandeiras são fortes tradições mantidas pelos moradores.

A pequena aglomeração de residentes em volta da capelinha herdou, por aglutinação do nome do padroeiro local com o córrego Grimpas, o título de Santo Antônio de Grimpas. Não demorou muito e transformou-se em pequeno distrito pertencente ao município de Pouso Alto (atual Piracanjuba, localizada a 87 km da Capital).

A emancipação política ocorreu por duas vezes. Na primeira fase, aconteceu em 1930, ocasião em que recebeu a denominação Hidrolândia. Contudo, por capricho do destino, seis anos depois, sua autonomia foi perdida. O fato se deu com a criação da nova capital do Estado de Goiás Goiânia. Com isso, retornou à condição de distrito das Grimpas, mas pertencendo a Goiânia.

Em 5 de novembro de 1948 o povo contava novamente com vitória, a emancipação política da cidade e a recuperação do nome.

Pesquisadores locais dizem que o título Cidade das Águas se deve ao desembargador Mario de Alencastro Caiado, que teria feito campanha em favor da autonomia do município com a condição de nomear a cidade.

Local é berço de fiandeiras

Hidrolândia poderia se chamar Berço das Fiandeiras. A arte de fiar é uma tradição forte mantida por moradores locais e é destaque em todo o Brasil, conta a coordenadora Célia Rosa Tolentino, 48, do Centro de Convivência de Idosos de Hidrolândia (CCI). O costume deu lugar ao Mutirão das Fiandeiras, organizado em 1991 por Maria Onézia, a conhecida Dona Filhinha, então primeira dama da época. A festa se consolidou e agora é realizada anualmente no mês de julho.

Para as fiandeiras, o que era dever e obrigação hoje é um prazer cultural. Conta a tradição dos moradores que moça para casar tinha que saber fiar. Era requisito básico, indispensável, exigido pelo pai e pelo próprio noivo, explica. Mas atualmente quando chega o pôr-do-sol, no CCI, as mulheres da melhor idade praticam o que mais gostam de fazer: fiar e tecer no tear. Não é só o costume, mas também a forma agradável de diversão que segura tantas mulheres, resgatando a história local. Todo enxoval da família era feito por nós mulheres. Até a roupa dos nossos maridos, comentam.

As atividades intensificam cada vez mais o comércio e despertam a vitalidade nas idosas. Elas são persistentes e firmes. Os homens também freqüentam as reuniões para ajudar no trabalho, e isso é muito bom, diz.

De acordo com Célia Rosa Tolentino, são 250 senhoras cadastradas e 150 com freqüência regular. As reuniões acontecem terças e quintas-feiras no CCI, e na quarta-feira, na Casa do Idoso. A Ação Social do município vende os produtos e reverte a receita aos membros em forma de excursões, bailes locais, churrascos, almoços, carnavais e outros eventos. Célia afirma que os idosos não têm do que reclamar. Opção é o que não falta para todos, finaliza.

Escritora é um dos orgulhos da cidade

Marieta Telles Machado é o maior orgulho dos hidrolandenses. Professora e escritora, nasceu em 25 de setembro de 1934. Era menina tímida, romântica e sonhadora. Depois do ensino primário, transferiu-se para Goiânia, ao Colégio Santa Clara, na antiga Campininha. Formou-se em Direito e Letras Vernáculas (UFG). Com especialização em Biblioteconomia em Salvador, Rio de Janeiro, Colômbia, Espanha e França, destacou-se pelo esforço e trabalho em benefício das bibliotecas em Goiás e outros Estados.

Uma das mais importantes conquistas de Marieta foi a criação da Biblioteca Central da UFG, em 1973. A

Biblioteca Municipal, localizada na Praça Universitária, em Goiânia, recebe o nome de Marieta Telles Machado.

Ligações históricas com Brasil

José Alves Pereira é historiador e mais um escritor de origem hidrolandense. Contar causos e histórias dá sabor especial à sua vida, ainda mais quando diz respeito ao lugar onde nasceu e foi criado. Os Guerreiros da Natureza/Colégio COC, na direção de Antônio Carlos Volpone, juntamente com o historiador, visitaram quase todas as casas históricas e se mostraram entusiasmados com o momento agradável, considerado por eles.

Em conversa com a ONG, José afirmou que Hidrolândia está ligada intimamente à Inconfidência Mineira. Segundo ele, aconteceu em 1789 a fuga dos inconfidentes para a capitania de Goiás. Chegaram, fixaram residência e deixaram descendentes que mais tarde foram os doadores de terras para a formação do arraial, explica.

Ainda de acordo com José Pereira, Hidrolândia era rota de passagem em 1833. Nesta época, padre Marinho, residente em Campininha (hoje Campinas, bairro de Goiânia), fazia suas viagens por uma estrada que ligava Goiás a Minas. O padre com sua comitiva apenas dormia aqui, ou seja, aqui era apenas um lugar para os viajantes dormirem. Mas estas e outras histórias, diz José Pereira, só serão reveladas no segundo livro, sem data prevista para lançamento.

Disponível em [http: < //www.marconiperillo.com.br/site/iframe/noticias.>](http://www.marconiperillo.com.br/site/iframe/noticias.) acesso 12 de março de 2009

ANEXO G – Fórum do Artesanato Brasileiro – A vida de Fiandeira.



A VIDA DE FIANDEIRA

"O único trabalho que aprendi a fazer, em 66 anos, foi fiar algodão", declarou a mineira de Lagoa Formosa, Maria Benedita dos Reis. Ela tece desde os 6 anos de idade, quando ainda morava na Fazenda do Bonito, município de Hidrolândia, no interior de Goiás. Hoje, Maria Benedita faz sua arte em algodão, com um grupo de cem fiandeiras, na cidade. "Essa arte é milenar e tem tradição na região", ressaltou o secretário de turismo da cidade, Armando Leão. Ele destacou a importância de programas de incentivo ao artesanato.

As fiandeiras dão continuidade à herança deixada pelos seus antepassados seguindo passo-a-passo o trabalho de descaroçar, cardar, transformar o algodão em pastas, em fios e levá-lo ao tear para ser transformado em colchas, cobertores, toalhas, tapetes e peças do vestuário.

Os produtos artesanais produzidos pelo grupo são comercializados em toda a região. Os principais clientes são os turistas de várias nacionalidades que ficam encantados com a beleza dessa arte. Uma vez por ano, há uma grande festa na cidade para comemorar a tradição desse trabalho.

O grupo tece peças de algodão no Centro de Convivência e Integração da cidade.

Trabalha cantando, um cantarolar que deu origem ao "Coral das Fiandeiras", arte milenar mantida em Hidrolândia.

(Alice Rosas Maciel)

Artesanato: Tecelagem

Caso de sucesso em Hidrolândia - GO

Contato: Maria Benedita dos Reis - (62) 553-2073

Disponível em <http://pab.desenvolvimento.gov.br/> acesso 12 de março de 2009

ANEXO G – Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Goiás. XIX Mutirão de Fiandeiras de Hidrolândia.

ANO VII - N° 59 FEDERAÇÃO DOS TRABALHADORES NA AGRICULTURA DO ESTADO DE GOIÁS Agosto/2008

XIX mutirão de fiandeiras de Hidrolândia

Como já é tradição, a prefeitura municipal de Hidrolândia realizou no mês de junho o XIX mutirão das fiandeiras. E o mutirão deste ano contou com a presença do coral das fiandeiras de Hidrolândia, José Fernandes presidente do Sindicato dos trabalhadores rurais de Hidrolândia, faz parte do Coral, como violeiro e esteve lá prestigiando a apresentação do coral. Por sinal Coral das Fiandeiras.

ANEXO G – Entrevista Prefeito de Hidrolândia - Programa Bom dia Goiás.

HIDROLÂNDIA



08/01/2009 HIDROLÂNDIA

Transporte e emprego são os principais problemas da cidade. Cidade é conhecida pelo mutirão das fiandeiras e pela produção de jabuticaba, que atraem turistas ao município, mas falta emprego.

O prefeito José Lima Cruvinel foi reeleito por mais quatro anos e tem pela frente o desafio de melhorar o transporte, principalmente criando novas linhas para a capital, além de aumentar as vagas de emprego no município. Cruvinel disse que vai criar um parque industrial na cidade, mas que o empreendimento deve respeitar o meio ambiente.

Hidrolândia também é conhecida como a cidade das águas, possui, segundo o prefeito, 14 balneários. A produção de Jabuticaba e a realização anual do mutirão das fiandeiras são as atrações turísticas do município, que Cruvinel pretende explorar, também pensando na geração de novos empregos para os moradores.

Cruvinel quer investir ainda na construção de moradia. Ele afirmou que em 4 anos de governo conseguiu construir 900 casas com a ajuda de parceiros da própria comunidade, como escolas, igrejas e ongs. O uso do cheque moradia também ajudou nas obras.

O prefeito de Hidrolândia considera difícil fazer parcerias com cidades da região metropolitana e com a capital, porque, segundo ele, o município possui características muito diferentes que não facilitam essas trocas. Entrevista a Márcio Venício e Sirlene Mendonça.

Disponível em: < <http://www.tvanhanguera.com.br/programacao/bomdiagoias>.>
acesso 12 de março de 2009.

ANEXO G – A Mãe da História.

A mãe da história



Thursday, 25.06.2009 (GMT-3)

O Mutirão das Fiandeiras de Hidrolândia completou 20 anos de existência. A maior festa do gênero em Goiás e possivelmente a mais antiga aconteceu na Praça da Matriz, no último dia 20. O evento reuniu cerca de seis mil visitantes entre fiandeiras, autoridades e populares. Munidas de rodas, cardadores e outros instrumentos utilizados na arte de transformar o algodão em fios, cerca de 1.800 fiandeiras compareceram e perpetuaram a

tradição. Ao todo 22 grupos de idosos de diversos municípios prestigiaram a festa.

Elas continuam a tecer a história iniciada por um grupo de hidrolandeses coordenadas pela ex-primeira-dama do município, Maria Onésia de Araújo, 70. “Tudo começou devido a problemas financeiros para realizarmos a campanha do agasalho”, conta a pioneira. De acordo com ela, as pessoas da cidade queriam ajudar, mas não tinham cobertores para fazer a doação para a campanha. “Mas, tem todas as casas que nós batíamos, principalmente naquelas que tinham pessoas mais idosas, nos ofereciam uma coberta algodão. Foi aí que alguém teve a idéia de fazermos um mutirão de fiandeiras”, lembra a ex-primeira-dama.

Aliada ao fato de poder aquecer quem tinha frio, a idéia de criar um mutirão ganhou força porque, de acordo com dona Maria Onésia, já existia uma vocação do município para esse tipo de trabalho. “O fiar e o tecer não tinha morrido no nosso meio. A minha sogra mesmo, gostava de fazer isso. Ela era doente com isso”, relembra a história com carinho. A ex-primeira dama afirma que a criação do Mutirão das Fiandeiras também foi fruto do trabalho social em parceria com o trabalho de atenção ao idoso que fora desenvolvido naquela época da fundação do evento.

O que dona Maria Onésia não esperava é que o Mutirão de Fiandeiras tomasse a dimensão que a festa ganhou em todo o estado de Goiás. “Nunca acreditei que a nossa iniciativa fosse completar 20 anos de existência. Temos de agradecer as demais administrações que nos sucederam por continuar mantendo viva a tradição do mutirão”, elogia. A ex-primeira-dama compareceu a festa e não escondia a felicidade de ver as mulheres reunidas para celebrar uma arte que atravessa gerações.

A maioria das fiandeiras aprendera o ofício de fiar e tecer com suas avós e mães, que outrora mantinha a família vestida com roupas produzidas por elas mesmas. Num passado não muito distante, plantar o algodão, descaroçar o fruto, prepará-lo e transformá-lo em fios fazia parte da rotina das mulheres goianas. Sobretudo, daquelas que moravam na zona rural. Agora, a roda, o tear e os demais instrumentos, é parte da história de vida das fiandeiras. E porque não dizer, das lembranças de um tempo que não volta mais. A maioria das idosas lembra os ensinamentos recebidos ainda no período da infância e tentam no meio de tanta tecnologia, manter viva a tradição do fiar e do tecer ao transmitir o ofício para as novas gerações.

Um dia inteiro de festa

Com o tema: “Mãos sábias”. Mãos fiandeiras Hidrolândia agradece!, a prefeitura municipal de Hidrolândia realizou a XX edição do Mutirão das Fiandeiras. O reuniu cerca de seis mil pessoas que das 8 às 17 horas participaram de diversas atividades realizadas na Praça da Matriz. Na entrada do salão, o prefeito José Lima e a primeira-dama e secretária de Ação Social, Ana Maria, receberam os 22 grupos de idosos que participaram da festa. Cada grupo teve um ‘anfitrião’ – um voluntário que recebeu os convidados – que ficou responsável para servir o café da manhã e o almoço para os integrantes daquele grupo.

A abertura oficial aconteceu por volta das 8h30. Num palco montado dentro do salão paroquial, o prefeito e a primeira-dama receberam as autoridades presentes no evento. Entre elas, o deputado federal Roberto Balestra (PP), a primeira-dama e secretária de Ação Social de Aparecida de Goiânia, Carmem Sílvia, o reitor da Universidade Católica de Goiás (UCG), Wolmir Amado, os deputados estaduais Ozair José (PP), Marlúcio Pereira (PTB), entre outras. Os convidados assistiram a uma apresentação da banda do PETI, receberam as boas vindas do casal anfitrião e fizeram uma oração comandada pelo Frei João. Logo após, assistiram a uma apresentação do coral das fiandeiras de Hidrolândia.

Após a abertura oficial, as fiandeiras passaram a tecer a história, preservando e valorizando as raízes culturais goianas. Embaladas pelo ritmo forró e música de raiz, as fiandeiras de cada grupo passaram a demonstrar a sua arte. Com movimentos rápidos, com as mãos e os pés junto a roda, elas transformam o algodão em fios. A alegria e a satisfação estampavam os rostos daquelas que se orgulham de ter aprendido o ofício.

O grupo de idosos de Bela Vista se destacou. Cada integrante saiu do ônibus levantando sua roda tal como um troféu ao som da fanfarra. Um verdadeiro desfile. De acordo com a coordenadora Maria Cecília da Silva Souza, 64, foi necessário dois ônibus para levar os mais de 70 idosos que participam uma vez por mês do grupo da cidade. “Nossa fiandeiras se reúne uma vez por mês para participarem dessa festa. Isso acontece há muitos anos”, conta Maria Cecília.

O grupo de Aparecida de Goiânia marcou presença na festa com mais de 151 pessoas. A primeira-dama e secretária municipal de Ação Social, Carmem Sílvia, afirmou que todos os integrantes da comitiva fiam. “Nós vamos intensificar o trabalho com as fiandeiras de Aparecida e implantar o curso de tear nos grupos de terceira idade e nos Centro de Referência em Assistência Social (CRAS)”, disse.

O grupo da Associação Brasileira dos Idosos (AIB), de Goiânia, foi animado pela banda AIB, composta pelo sanfoneiro Geraldo Mariano, 72, Joaquim Alves, 67, na timba, dona Ana Gonçalves, 68, no chocalho, José Alves, 58, no triângulo e Lena Cordeiro, 70.

Mãos sábias que tecem a história

Dona Euclezina Maria dos Santos, 70, fazia parte do grupo de Senador Canedo. Ela batia o algodão e lembrava de sua avó e de sua mãe. “Elas me ensinaram quando eu morava na roça”, conta Euclezina, que tem seis filhos. Quando jovem, a funcionária pública que está prestes a se aposentar, conta que fazia roupas de algodão para os filhos e para a casa. “Tudo era muito difícil demais. A gente só comprava roupa fina para ir na missa em Trindade”, sorri.

Para quem fiar já foi uma atividade de economia doméstica, dona Euclezina revela que hoje, a atividade é feita apenas para o lazer e para lembrar os tempos da fazenda em Caldazinha. “Tive de mudar a cidade para que os filhos pudessem

estudar. Mas, tudo de roça sei fazer”, orgulha-se a funcionária pública.

A lembrança da sua finada mãe é um dos motivos que faz com que dona Ozana Batista Barbosa, 68, participe do mutirão com mais afinco. “Aos 10 anos, ela (sua mãe) me ensinou a fiar. Todos os anos, enquanto esteve viva, ela veio”, lembra. Há três anos, dona Ozana perdeu sua mãe, que morreu aos 86 anos.

A dona Alexina Maria Santana, 61, de Nova Fátima conta que aprendeu a fiar com cinco anos e que tentou passar o ensinamento para os filhos, mas não obteve sucesso. “Nem um se interessou”, conta. Todavia, Alexina contribui para a perpetuação da tradição: as netas Hillary, 12 e Jéssica, 10, acompanham a avó no grupo de fiandeiras e prometem continuar a arte na família. O senhor Ariel Tomaz de Oliveira, 77, cardava o algodão. Ele foi um dos poucos homens a participar da fiação. Juntamente com esposa Inês Pires Missias, 72, ele afirma que gosta de fiar porque lembra do tempo em que ele era menino. “Trabalhei muito com a minha finada mãe. Mas o melhor vem depois, que é a dança”, sorrir.

Talvane Garcia

Disponível em <http://www.onzedemaio.com.br/> - acesso 04 de julho 2009.

ANEXO H - DECRETO Nº 3.551, DE 4 DE AGOSTO DE 2000.

Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, inciso IV, e tendo em vista o disposto no art. 14 da Lei nº 9.649, de 27 de maio de 1998,

DECRETA :

Art. 1º Fica instituído o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro.

§ 1º Esse registro se fará em um dos seguintes livros:

I - Livro de Registro dos Saberes, onde serão inscritos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades;

II - Livro de Registro das Celebrações, onde serão inscritos rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social;

III - Livro de Registro das Formas de Expressão, onde serão inscritas manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas;

IV - Livro de Registro dos Lugares, onde serão inscritos mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas.

§ 2º A inscrição num dos livros de registro terá sempre como referência a continuidade histórica do bem e sua relevância nacional para a memória, a identidade e a formação da sociedade brasileira.

§ 3º Outros livros de registro poderão ser abertos para a inscrição de bens culturais de natureza imaterial que constituam patrimônio cultural brasileiro e não se enquadrem nos livros definidos no parágrafo primeiro deste artigo.

Art. 2º São partes legítimas para provocar a instauração do processo de registro:

I - o Ministro de Estado da Cultura;

II - instituições vinculadas ao Ministério da Cultura;

III - Secretarias de Estado, de Município e do Distrito Federal;

IV - sociedades ou associações civis.

Art. 3º As propostas para registro, acompanhadas de sua documentação técnica, serão dirigidas ao Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, que as submeterá ao Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural.

§ 1º A instrução dos processos de registro será supervisionada pelo IPHAN.

§ 2º A instrução constará de descrição pormenorizada do bem a ser registrado, acompanhada da documentação correspondente, e deverá mencionar todos os elementos que lhe sejam culturalmente relevantes.

§ 3º A instrução dos processos poderá ser feita por outros órgãos do Ministério da Cultura, pelas unidades do IPHAN ou por entidade, pública ou privada, que detenha conhecimentos específicos sobre a matéria, nos termos do regulamento a ser expedido pelo Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural.

§ 4º Ultimada a instrução, o IPHAN emitirá parecer acerca da proposta de registro e enviará o processo ao Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, para deliberação.

§ 5º O parecer de que trata o parágrafo anterior será publicado no Diário Oficial da União, para eventuais manifestações sobre o registro, que deverão ser apresentadas ao Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural no prazo de até trinta dias, contados da data de publicação do parecer.

Art. 4º O processo de registro, já instruído com as eventuais manifestações apresentadas, será levado à decisão do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural.

Art. 5º Em caso de decisão favorável do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, o bem será inscrito no livro correspondente e receberá o título de "Patrimônio Cultural do Brasil".

Parágrafo único. Caberá ao Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural determinar a abertura, quando for o caso, de novo Livro de Registro, em atendimento ao disposto nos termos do § 3º do art. 1º deste Decreto.

Art. 6º Ao Ministério da Cultura cabe assegurar ao bem registrado:

I - documentação por todos os meios técnicos admitidos, cabendo ao IPHAN manter banco de dados com o material produzido durante a instrução do processo.

II - ampla divulgação e promoção.

Art. 7º O IPHAN fará a reavaliação dos bens culturais registrados, pelo menos a cada dez anos, e a encaminhará ao Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural para decidir sobre a revalidação do título de "Patrimônio Cultural do Brasil".

Parágrafo único. Negada a revalidação, será mantido apenas o registro, como referência cultural de seu tempo.

Art. 8º Fica instituído, no âmbito do Ministério da Cultura, o "Programa Nacional do Patrimônio Imaterial", visando à implementação de política específica de inventário, referenciamento e valorização desse patrimônio.

Parágrafo único. O Ministério da Cultura estabelecerá, no prazo de noventa dias, as bases para o desenvolvimento do Programa de que trata este artigo.

Art. 9º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 4 de agosto de 2000; 179º da Independência e 112º da República.

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO
Francisco Weffort